UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

EM BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DO REPÓRTER

Compreensão das mediações presentes no processo comunicacional dos jornalistas

Janis Shirley Gelves Pena

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências da Comunicação, área de concentração Jornalismo, sob a orientação da Profª Drª. Cremilda Celeste de Araújo Medina.

São Paulo, julho de 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

EM BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DO REPÓRTER

Compreensão das mediações presentes no processo comunicacional dos jornalistas

Janis Shirley Gelves Peña

São Paulo, julho de 2006

Ao meu grande amigo
Rev. Padre Francisco Acosta Garcia – in memorian
Pelos largos momentos de diálogo, amor e sabedoria.

Ao meu querido filho
Gabriel Osorio Gelves
Pelos momentos de luz que engrandeceram minha alma.
E pela sua ternura e paciência.

AGRADECIMENTOS

Seria impossível concluir esta tese sem antes agradecer aos céus com todo meu coração. Dou graças a meu Deus por esta grande oportunidade em minha vida de poder crescer na profissão e como pessoa. Agradeço também a todas aquelas almas especiais que me ajudaram em todo este processo de pesquisa, e peço desculpas por minhas eventuais traições da memória.

À minha querida mamãe Cremilda Medina, não só por sua orientação e dedicação, se não também por sua compreensão, ternura e ensinamentos no decorrer deste caminho.
Ao meu querido amor Raul Hernando Osorio, pelos momentos de cumplicidade, ternura, compreensão, paciência nesta trilha, e por me ouvir e me ajudar a "segurar a barra" em muitos momentos.
Aos professores da ECA, ao pessoal do Departamento de Jornalismo e da Biblioteca.
A Paulo César Bontempi pelos momentos de apoio e orientação em estes anos acadêmicos.
Também a Miriam, Flor, Elaine e Márcia da pós-gradução pelo apoio e paciência.
A todos os professores com os quais compartilhei este mergulhar do conhecimento complexo, obrigada pelas orientações e dicas.
Aos 54 jornalistas que interromperam suas atividades profissionais para dedicar 15 minutos a responder o questionário de pesquisa.
Ao Sindicato de Jornalistas de Minas Gerais pela ajuda na divulgação do instrumento de pesquisa.
A Celi Camargo, Cíntia Cerqueira Cunha, Francisco Marcos Reis e Sergio Vilas Boas, por ter dedicado minutos preciosos de seu tempo para dar o seu depoimento.
A André Azevedo, Cíntia Cerqueira Cunha, Marcia Blasques e Márcia Beatriz da Silva, pelas correções do texto em geral.
A minha irmã Denny e minha mãe Fabíola que, apesar da distância, estiveram sempre presentes nos momentos mais difíceis deste doutorado.
À minha família que sempre marcou momentos decisivos neste caminhar.
A Velina Encarnação pelos momentos de apoio em casa e procura da nana.
À Nana Vera Luzia Santos por sua dedicação com Gabo e grande ajuda.
A Isabelita Zamora, por suas lembranças e orações.
A todos meus amigos e companheiros que foram privados de minha presença, mas acreditaram no que faço e não me esqueceram.
Ao Brasil, por seu acolhimento e solidariedade.

Não existem palavras para expressar minha gratidão, e onde quer que estejam, que este sentimento alcance a cada um de vocês. Obrigada!

Janis Shirley Gelves Peña

EM BUSCA DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DO REPÓRTER

Compreensão das mediações presentes no processo comunicacional dos jornalistas

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Cremilda Celeste de Araújo Medina

Profª. Drª. Ana Cristina Limongi

Prof. Dr. Joel de Souza Dutra

Prof. Dr. José Luis Proença

Profª. Drª. Alice Mitika Koshiyama

USP – SÃO PAULO, 20 de outubro de 2006

RESUMO

Esta tese de doutorado pesquisa a Qualidade de Vida Individual do Repórter, recolocando a relação dialética entre indivíduo e as empresas, tentando compreender as mediações presentes no processo comunicacional dos jornalistas. A pesquisa através de uma plurimetodologia tenta construir uma combinatória ensaística entre as análises qualitativa e quantitativa. Num primeiro momento, se aplicou um questionário com perguntas abertas e fechadas a 100 jornalistas em Minas Gerais, obtendo-se um retorno de 54 formulários, os quais foram analisados quanti-qualitativamente, definindo a percepção diante da QVI e descrevendo a vivência social, profissional e pessoal do ser repórter. Além dessa amostra de 54 jornalistas, como uma segunda opção foram realizadas quatro entrevistas de aprofundamento a repórteres veteranos, que relatam vivências pessoais e profissionais. Da amostra participaram 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino, na faixa de 21 a 52 anos, com experiência profissional entre 5 meses e mais de 25 anos. Do instrumento de pesquisa, foram analisados 50 itens de crescimento e/ou deterioração, distribuídos em três grupos de índices: *incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas*. *Precisão do crescimento da QVI por gênero*. E por último, *crescimento e realização da QVI dos jornalistas*, consolidando um total de 102 variáveis. A pesquisa não chega a ser conclusiva, pois se percebeu, ao mesmo tempo, crescimento e obstáculos para o melhoramento da QVI. A intenção não era esgotar o assunto, haja vista que é quase impossível exaurir um tema tão transcendental para a vida contemporânea do jornalista. A tese abre um campo de pesquisa e coloca a proposta da QVI como cenário principal das mediações presentes no processo comunicacional dos repórteres. Acreditamos que a proposta sirva para iluminar os estudos sobre a QVI de outros profissionais.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida Individual – Repórteres – Criatividade – Jornalismo – Mudança interna

ABSTRACT

The present doctorate investigates the Individual Quality of Life in a Reporter, discussing the dialectic relation between the person and the enterprises, in an attempt to understand the mediations which are present in the communicational process of the journalists. By means of a pluri-methodology, the research tries to build an essayist combination between the qualitative and quantitative analysis. At a first moment, a questionnaire with open and closed questions was applied to 100 journalists in Minas Gerais, obtaining a return of 54 forms which were analyzed quantitative and qualitatively, defining their perception facing IQL and describing the social, professional and personal experience of the reporter-being. Apart from this sample of 54 journalists, as a second option, four senior journalists were interviewed more deeply, telling about their personal and professional experiences. 52% of the participants of the sample were males and 48% were females, between 21 and 52 years old, with professional experience between 5 months and more than 25 years. Fifty items relating to growth and/or deterioration were analyzed from the research tool, and were distributed into three index groups: *doubt about growth and carrying out of journalists' IQL. Precision about IQL growth, per gender*. And lastly, *growth and carrying out of the journalists' IQL*, reaching a total of 102 variables. The research is not conclusive, for, at the same time growth and obstacles in relation to the development of IQL were perceived. The intention was not to dry out the subject, taking into consideration that it is almost impossible to say everything about a subject so transcendental to the journalist's contemporaneous way of life. This thesis opens up a field of research and puts forth the IQL proposal in the main scene of the mediations which are present in the communicational process of the reporters. We believe that the proposal may serve to light up the studies concerning IQL in other professions.

Key words: Individual Quality of Life – Reporters – Creativity – Journalists – Interior of Change.

RESÚMEN

Esta tesis de doctorado investiga la Calidad de Vida Individual del Reportero, recolocando la relación dialéctica entre el individuo y las empresas, intentando comprender las mediaciones presentes en el proceso comunicacional de los periodistas. La investigación por medio de una plurimetodología intenta construir una combinación ensayística entre los análisis cualitativo y cuantitativo. En un primer momento, se aplicó un cuestionario con preguntas abiertas y cerradas a 100 periodistas en Minas Gerais, obteniendo un retorno de 54 formularios, los cuales fueron analizados cuanti-cualitativamente, definiendo la percepción referente a la CVI y describiendo la vivencia social, profesional y personal del ser reportero. Además de esta muestra de 54 periodistas, como una segunda opción fueron realizadas cuatro entrevistas en profundidad a reporteros veteranos, que relatan sus vivencias personales y profesionales. De la muestra participaron 52% del sexo masculino y 48% del sexo femenino, en la banda de 21 a 52 años, con experiencia profesional entre 5 meses y 25 años. Del instrumento de investigación, fueron analizados 50 ítems de crecimiento y/o deterioración, distribuidos en tres grupos de índices: *Incertidumbre en el crecimiento y realización de la CVI de los periodistas. Precisión del crecimiento de la CVI por género.* Y por último, *crecimiento y realización de la CVI de los periodistas*, consolidando un total de 102 variables. La investigación no llegó a ser conclusiva, pues se percibió, al mismo tiempo, crecimiento y obstáculos para el mejoramiento de la CVI. La intención no era agotar el asunto, ya que es casi imposible concluir un tema tan trascendental para la vida contemporánea del periodista. La tesis abre un campo de investigación y coloca la propuesta de la CVI como escenario principal de las mediaciones presentes en el proceso comunicacional de los reporteros. Creemos que la propuesta sirve para iluminar los estudios sobre la CVI de otros profesionales.

Palabras-Clave: Calidad de Vida Individual – Reporteros – Creatividad – Periodismo – Mudanza interna.

SUMÁRIO

Proêmio 15
Capítulo 1 19
1. Qualidade de Vida no Trabalho – QVT 20
1.1. A noção de QVT 23
1.2. A QVT como mediação 26
1.3. A visão da satisfação do trabalho 30
1.4. A pesquisa do mestrado 31
Capítulo 2 35
2. Empresa jornalística tradicional 36
2.1. Ausência de QVT x repórter cidadão 43
Capítulo 3 57
3. Identidade do repórter na crise contemporânea 58
Capítulo 4 71
4. A proposta de qualidade de vida individual – QVI 72
Atividade 76
Criatividade 76
Tempo 77
Consciência 79
Identidade 81
4.1. Ser humano e Projeto de Vida 83
Capítulo 5 91
5. Visão plurimetodológica da QVI 92
5.1. Instrumento de pesquisa 93
5.2. Percepção dos jornalistas 100
5.3. Processamento dos dados 106
5.3.1. Hipóteses 107
5.3.2. A análise dos dados 107
Capítulo 6 114
6. Noções que compõem o universo da QVI do repórter 115
6.1. Noção de atividade da QVI 116
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas nas artes e janelas 116
b) Precisão do crescimento da QVI por gênero nas janelas e artes 118
c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas 122
6.2. Noção de criatividade da QVI 126
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas 127

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero 128
c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas 131
6.3. Noção de tempo da QVI 134
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas 135
b) Precisão do crescimento da QVI por gênero 137
c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas 141
6.4. Noção da consciência da QVI 144
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas 144
b) Precisão do crescimento da QVI por gênero 146
c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas 151
6.5. Noção de identidade da QVI 155
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas 155
b) Precisão do crescimento da QVI por gênero 157
c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas 161
Capítulo 7 165
7. Considerações finais 166
7.1. Análise das noções de QVI 166
7.1.1. Resposta às hipóteses 166
7.2. Interiores 171
Vida de repórter pelas redações Brasil afora: uma crônica sobre as idas e vindas de quem abraça o jornalismo como profissão 171
E fui tentar ser eu mesmo 180
Sonhos vão, sonhos vêm... Transitando pelo desconhecido 182
Sobre o tempo e o fazer 186
FINAL EM ABERTO 190
O mundo das mutações 191
Jornalismo socialmente responsável 196
Vida do ser ou vida de repórter? 198

QUADROS

1. Composição de indicadores de QVT 31
2. Orientações para uma qualidade de vida 74
3. Composição do crescimento ou deterioração das noções de QVI 112

FIGURAS

1. O crescimento para uma qualidade de vida plena 74

GRÁFICOS

1. Freqüência dos jornalistas por faixa etária 94
2. Freqüência dos jornalistas por estado civil 95
3. Freqüência dos jornalistas no aspecto educacional 95
4. Freqüência dos jornalistas por tempo no cargo 97
5. Freqüência dos jornalistas por tempo de casa 98
6. Freqüência dos jornalistas por funções 98
7. Freqüência dos jornalistas por remuneração 99
8. Freqüência do sentir dos jornalistas sobre o seu trabalho 103
9. Índice de incerteza na noção de atividade 117
10. Índice de precisão do crescimento na noção de atividade nos homens .. 120
11. Índice de precisão do crescimento na noção de atividade nas mulheres 121
12. Índice geral do crescimento da QVI na noção de atividade dos jornalistas 123
13. Crescimento ou deterioração da noção de atividade na QVI dos jornalistas 125
14. Índice de incerteza na noção de criatividade 126
15. Índice de precisão do crescimento na noção de criatividade nos homens 128
16. Índice de precisão do crescimento na noção de criatividade nas mulheres 129
17. Índice geral do crescimento da QVI na noção de criatividade dos jornalistas 133
18. Crescimento ou deterioração da noção de criatividade na QVI dos jornalistas 134
19. Índice de incerteza na noção de tempo 135
20. Índice de precisão do crescimento na noção de tempo nos homens 138
21. Índice de precisão do crescimento na noção de tempo nas mulheres 139
22. Índice geral do crescimento da QVI na noção de tempo dos jornalistas 141
23. Crescimento ou deterioração da noção de tempo na QVI dos jornalistas 143
24. Índice de incerteza na noção da consciência 145
25. Índice de precisão do crescimento na noção da consciência nos homens 148
26. Índice de precisão do crescimento na noção da consciência nas mulheres 150
27. Índice geral do crescimento da QVI na noção de consciência dos jornalistas 153
28. Crescimento ou deterioração da noção de consciência na QVI dos jornalistas 154

29. Índice de incerteza na noção de identidade 156
30. Índice de precisão do crescimento na noção de identidade nos homens 159
31. Índice de precisão do crescimento na noção de identidade nas mulheres 160
32. Índice geral do crescimento da QVI na noção de identidade dos jornalistas 163
33. Crescimento ou deterioração da noção de identidade na QVI dos jornalistas 164

TABELAS

1. Freqüência dos jornalistas por faixa etária 94
2. Freqüência dos jornalistas por gênero 95
3. Freqüência dos jornalistas por área de formação ou outros estudos 96
4. Freqüência de opiniões dos jornalistas na noção de QVI 100
5. Freqüência do sentir dos jornalistas para driblar a ansiedade 101
6. Freqüência de opiniões dos jornalistas para diminuir a tensão do dia-a-dia 102
7. Freqüência do sentir dos jornalistas com a profissão 104
8. Freqüência de opiniões dos jornalistas sobre como melhorar a QVI 105
9. Freqüência do sentir dos jornalistas: fato marcante na profissão 106
10. Índice de incerteza dos jornalistas na noção de atividade 115
11. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade 116
12. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade dos homens 119
13. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade das mulheres 119
14. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de atividade dos jornalistas 122
15. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade 127
16. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade dos homens 130
17. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade das mulheres 130
18. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de criatividade dos jornalistas 132
19. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo .. 136

20. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo dos homens 137
21. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo das mulheres 137
22. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de tempo dos jornalistas 142
23. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência 144
24. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência dos homens 147
25. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência das mulheres 147
26. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção da consciência dos jornalistas 151
27. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade 155
28. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade dos homens 157
29. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade das mulheres 158
30. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de identidade dos jornalistas 162

BIBLIOGRAFIA 202

ANEXOS 210
1. Questionário de Qualidade de Vida Individual 211
2. Freqüência dos jornalistas por faixa etária 220
3. Freqüência dos jornalistas por estado civil e aspecto educacional 221
4. Freqüência dos jornalistas por tempo no cargo e tempo de casa 222
5. Freqüência dos jornalistas por cargo que ocupa e remuneração 223
6. Freqüência das variáveis em suas respectivas noções, "*missing*" e percentual geral 225
   1) Noção de atividade 225
   2) Noção de criatividade 228
   3) Noção de tempo 231
   4) Noção de consciência 234
   5) Noção de identidade 238

7. Porcentagem de freqüências das variáveis em suas respectivas noções por gênero 243
8. Índice no nível baixo e alto das freqüências em percentual por gênero .. 245
9. Índice de incerteza (nível baixo) das freqüências da QVI dos jornalistas 250
10. Índice de certeza (nível alto) das freqüências da QVI dos jornalistas... 251
11. Precisão do crescimento da QVI por gênero 253
12. Verificação da precisão do crescimento da QVI dos jornalistas 257
13. Probabilidade do peso das freqüências por gênero 259
14. Índice geral de crescimento e realização da QVI dos jornalistas 263

PROÊMIO

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura, essa intimidade perfeita com o silêncio. Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo – Perdoai-os! Porque eles não têm culpa de ter nascido... Resta esse antigo respeito pela noite, esse falar baixo, essa mão que tateia antes de ter, esse medo de ferir tocando, essa forte mão de homem cheia de mansidão para tudo quanto existe. Resta essa mobilidade, essa economia de gestos, essa inércia cada vez maior diante do infinito, essa gagueira infantil de quem quer exprimir o inexpressível, essa irredutível recusa à poesia não vivida. Resta essa comunhão com os sons, esse sentimento da matéria em repouso, essa angústia da simultaneidade do tempo, essa lenta decomposição poética em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinícius. Resta esse coração queimado como um círio numa catedral em ruínas, essa tristeza diante do cotidiano; ou essa súbita alegria ao ouvir passos na noite que se perdem sem história... Resta essa vontade de chorar diante da beleza, essa cólera em face da injustiça e do mal-entendido, essa imensa piedade de si mesmo, e de sua força inútil. Resta esse sentimento de infância subitamente desentranhado de pequenos absurdos, essa capacidade de rir à toa, esse ridículo desejo de ser útil e essa coragem para comprometer-se sem necessidade. Resta essa distração, essa disponibilidade, essa vagueza de quem sabe que tudo já foi como será no vir-a-ser e ao mesmo tempo essa vontade de servir, essa contemporaneidade com o amanhã dos que não tiveram ontem nem hoje. Resta essa faculdade incoercível de sonhar de transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é, e essa visão ampla dos acontecimentos, e essa impressionante e desnecessária presciência, e essa memória anterior de mundos inexistentes, e esse heroísmo estático, e essa pequena luz indecifrável a que às vezes os poetas dão o nome de esperança. Resta esse desejo de sentir-se igual a todos de refletir-se em olhares sem curiosidade e sem memória. Resta essa pobreza intrínseca, essa vaidade de não querer ser príncipe senão do seu reino. Resta esse diálogo cotidiano com a morte, essa curiosidade pelo momento a vir, quando, apressada ela virá me entreabrir a porta como uma velha amante, mas recuará em véus ao ver-me junto à bem-amada... Resta esse constante esforço para caminhar dentro do labirinto, esse eterno levantar-se depois de cada queda, essa busca de equilíbrio no fio da navalha, essa terrível coragem diante do grande medo, e esse medo infantil de ter pequenas coragens.

“O haver”

Vinícius de Moraes

Usar a sensibilidade compreensivamente constitui o método para pesquisar as linhas da QVI que se cruzam na mediação do trabalho.

Esta tese – Em Busca da Qualidade de Vida Individual (QVI) do Repórter – propõe revisitar a noção de trabalho como processo profundo de mediação e de mensagem econômica. Recoloca a relação dialética entre indivíduo, repórter e as empresas, e tenta compreender as mediações presentes no processo comunicacional dos jornalistas. Eis a epistemologia da complexidade que permite o resgate da crítica social, da problemática do trabalho como comunicação e da análise da subjetividade para a compreensão da alma do repórter, a partir de mediações que compõem o universo da QVI.

Trabalhou-se a Epistemologia da Qualidade de Vida Individual na busca permanente da percepção vivida, da recriação de experiências. Saberes que estão inseridos de forma concreta e imediata no cotidiano dos repórteres e abrem caminhos para mudar suas condições de viver. É que o trabalho comunicacional revela as diversas relações que se estabelecem a partir dele como mediações privilegiadas, e essas relações são estudadas através das noções de atividade, criatividade, tempo, consciência e identidade. Assim, o trabalho constituiu-se em um espaço de reconhecimento geral do ser humano com alma de repórter. As visões de mundo são estruturas abertas de compreensão da realidade, que nos possibilitam pensar, atuar e sentir os acontecimentos de nossas vidas. O lugar de produção de sentido é articulado pelas mediações como o cotidiano e a subjetividade, e reconstruído empiricamente por uma prática na epistemologia do sujeito narrador e o sujeito narrado. Nesta proposta epistemológica, antes de qualquer outra coisa, o mais importante é divisar o bem-estar dos seres repórteres. Não existe nenhum saber que se justifique por si mesmo e não reverta em um melhoramento da qualidade de vida das pessoas.

Esta visão de mundo está no interior e não é outra coisa do que nossa prática humana, a experiência vivida. Na proposta da QVI, são muito importantes a sensibilização, o desenvolvimento da intuição e da criatividade como indivíduos, como grupos ou como organizações. O uso do método do diálogo, em todos os níveis, reflete sobre os aconteceres da vida, identifica os empecilhos e permite construir propostas de modificação nos estados de estagnação.

Na pesquisa se fez um recorte de estudo experimental em profissionais que atuam no Estado de Minas Gerais. Julgamos a escolha pertinente, uma vez que os jornalistas mineiros vivem a mesma complexidade da vida do trabalho enfrentada

por seus colegas de outros estados. Dispensando a preocupação com a "representatividade", abria-se um vazio imenso diante da vastidão geral que chegaria, em termos do Brasil. Foi assim que num primeiro momento, se aplicou um questionário com perguntas abertas e fechadas a 100 jornalistas, obtendo-se um retorno de 54 formulários, os quais foram analisados quantiqualitativamente, definindo a percepção diante da QVI e descrevendo a vivência social, profissional e pessoal do ser repórter. Além dessa amostra de 54 jornalistas, como uma segunda opção foram realizadas quatro entrevistas de aprofundamento a repórteres veteranos, que relatam vivências pessoais e profissionais. Da amostra participaram 52% do sexo masculino e 48% do sexo feminino, na faixa de 21 a 52 anos, com experiência profissional entre 5 meses e mais de 25 anos.

No primeiro capítulo se apresenta a contextualização da QVT (Qualidade de Vida no Trabalho) propondo que o trabalho seja compreendido como processo mediador, acompanhado de saúde, autonomia, lazer e criatividade. No segundo capítulo, entramos na empresa jornalística tradicional e encontramos a ausência da qualidade de vida. Os depoimentos dos repórteres e algumas pesquisas nos permitem documentar a carência da QVI. O terceiro capítulo retrata a identidade do repórter na crise contemporânea, trazendo à tona o dia-a-dia da profissão, ou seja, o saber fazer no cotidiano. No quarto capítulo, se desenvolve a proposta de QVI. No quinto capítulo, através da visão plurimetodológica da QVI, produz-se a análise geral do perfil do grupo pesquisado e são apresentados os diferentes momentos da coleta de dados e processamento dos mesmos. O sexto capítulo apresenta a análise quantiqualitativa das noções que compõem o universo da QVI na essência do ser repórter, consolidadas em itens de crescimento nomeados *Artes* e em itens de bloqueio ou celas nomeados *Janelas*, proposta que permitiu uma análise mais aprofundada das variáveis. Foram analisados 50 itens de crescimento ou bloqueio, distribuídos em três grupos de índices: *incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas*, *precisão do crescimento da QVI por gênero*, e, por último, *crescimento e realização da QVI dos jornalistas*, consolidando um total de 102 variáveis, da amostra. Essa análise quantiqualitativa das profundezas ou interiores do ser repórter, parte das descrições detalhadas da vivência social e profissional com o objetivo de compreender os jornalistas, participantes da pesquisa, em seus processos sociais. No sétimo capítulo, se apresentam as entrevistas de aprofundamento. Finalmente, seguem as conclusões, contribuições e considerações finais.

As hipóteses levantam potencialidades de realização e crescimento da QVI ou bloqueios que indicam que não existe uma QVI. No entanto, a pesquisa trabalhou com planos pessoais, sociais, profissionais e não chega a ser conclusiva nas

hipóteses trabalhadas, pois percebeu-se, ao mesmo tempo, crescimento e obstáculo, bloqueios encontrados nas diferentes mediações que compõem a QVI e que não foram superados. Em decorrência, artes de crescimento negativas ou com pouco crescimento. Mas, a intenção não era esgotar o assunto, até porque é quase impossível exaurir um tema tão transcendental para a vida contemporânea do jornalista. Ao contrário: a tese abre um campo de pesquisa e coloca a proposta da QVI, tendo como cenário principal as mediações presentes no processo comunicacional dos repórteres. Acreditamos que, talvez, a proposta sirva para que se desenvolvam estudos sobre a QVI de outros profissionais, esperando que, feitas as ditas panorâmicas cheguemos um dia a traçar o perfil de profissionais mais criativos, reflexivos e transformadores de si mesmos. Eis a pesquisa em prol de uma vida melhor.

MASSACRE DE SEM TERRAS!
VOU COBRIR!
DESABOU UM PRÉDIO!
VOU COBRIR!
REBELIÃO NO PRESÍDIO!
VOU COBRIR!
NOSSO SALDO TÁ NO VERMELHO!
NÃO POSSO COBRIR!

CAPÍTULO 1

QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO – QVT

Muito mais do que mercado, produto, organização e competência técnica, é o comportamento das pessoas o grande fator de sucesso empresarial. Num futuro não muito distante, comportamentos saudáveis também serão aspectos a serem avaliados na ascensão profissional. Isto porque está mais do que provado que nossos hábitos afetam diretamente nossa saúde e qualidade de vida.

Ricardo de Marchi, M.D[1]

Para falar de QVT, é preciso criar espaços de diálogo onde as tensões sociais sejam negociadas. Mas é impossível construir esses caminhos sem pensar no indivíduo que, como adulto, estabelece contato com a vida emocional dos grupos em que vive. O desenvolvimento do indivíduo sempre estará associado ao meio social, ainda que o sentimento de solidão nunca desapareça. Por isso, sempre precisaremos dos outros, e nas atividades dos "grupos de trabalho" temos o atributo de poderosos impulsos emocionais que, à primeira vista caóticos, recebem certa coesão, se partirmos do princípio que se derivam de três fases básicas comuns.

Uma primeira fase, chamada de dependência, é quando o grupo se reúne a fim de ser sustentado por um líder, do qual depende para sua proteção e manutenção material e espiritual. Uma segunda fase, chamada de acasalamento, é o propósito que leva o grupo a se reunir: seja qual for o motivo, sempre terá um. E uma terceira fase, chamada de combate e fuga, que é quando o grupo se reúne para *lutar* contra alguma coisa ou *fugir* dela. Acreditamos que, atravessando estas etapas, é que chegaremos a uma maturidade de grupo, a um nível elevado de compreensão humana. Isto é o que o ser humano deveria passar para se sentir parte de um grupo que pensasse a QVT como um saber que enxerga o outro: com amor, respeito e tolerância, para chegar a um patamar de transformação. Nesta perspectiva, Edgar Morin nos propõe quebrar as verdades calcificadas e assumir o mundo complexo, contraditório e mutável:

> (...) A possessão de uma idéia, uma fé, que dá a convicção absoluta de sua verdade, aniquila qualquer possibilidade de compreensão de outra idéia, de outra fé, de outra pessoa. Assim, os obstáculos à compreensão são múltiplos e multiformes: os mais graves são constituídos pela cadeia egocentrismo/autojustificação/*self-deception*, pelas possessões e pelas reduções (...). A conjugação das incompreensões, a intelectual e a humana, a individual e a coletiva, constitui obstáculos maiores para a melhoria

> das relações entre os indivíduos, grupos, povos, nações. Não são somente as vias econômicas, jurídicas, sociais, culturais que facilitarão as vias da compreensão; é preciso também recorrer a vias intelectuais e éticas, que poderão desenvolver a dupla compreensão, intelectual e humana. [2]

Para chegar a uma QVT é preciso criar espaços de diálogo onde as tensões sociais sejam negociadas porque, do contrário, produzirão comoção emocional e mental no ser humano. Representações como as de vida/trabalho manifestam de forma específica as concepções de uma sociedade como um todo. A vida/trabalho transcreve as situações de convivência do indivíduo nas relações sociais. Cada sociedade tem um discurso sobre vida/trabalho e sobre o corpo que corresponde à coerência ou às contradições de sua visão de mundo e de sua organização social. Assim que o tema QVT, além de ter sua própria explicação interna, é como uma janela aberta para a compreensão das relações entre indivíduos/sociedade e vice-versa, das instituições e de seus mecanismos de direção e controle.

No mundo contemporâneo, enquanto ator social, o ser humano, através das diversas ciências, se ocupa dos significados do inconsciente coletivo. Visão que fortalece o ser interior no ser social, ressaltando questões não percebidas antes. Na dissertação do mestrado, conclui que não é possível a QVT, sem trabalhar o ser social individualmente:

> Quando falamos de Qualidade de Vida no Trabalho, estamos falando de um *bem-estar* interno e de uma realização individual, que é projetada externamente na empresa, na família e, em geral, no meio social em que se desenvolve o indivíduo. (...) Aqui falamos da essência do ser, de como ele transforma sua própria energia para um melhor *bem-estar*. Falamos de um *bem-estar* que nasce do interior, ou seja: físico (do corpo), social (estar bem com os demais) e psicológico (estar bem consigo mesmo), isto é, ter saúde na alma. E não nos referimos a um *bem-estar* consumista, supérfluo e materialista. [3]

Enxergar a transformação em cada indivíduo é superar a cultura míope e fechada de preconceitos que se associam aos estereótipos e que atrapalham o caminho para o *diálogo de saberes*[4], noção que trabalhei no mestrado, como um dos indicadores que compõem a QVT. Indicadores que, agora, prefiro de chamar de mediações sociais (inspirando-me na proposta do pesquisador Jesús Martín-Barbero[5]), já que permitem estudar a graduação dos níveis de intensidade dos diálogos, durante a execução de projetos de QVT, quer em progressão mais ou menos lenta, quer em instauração rápida. A noção de mediação pode-se aplicar a universos

diversos: indivíduos, movimentos sociais, grupos populares, produtores, trabalhadores, etc.

As mediações, segundo Martín-Barbero, são esse lugar desde onde é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção. Nesta perspectiva, a produção da QVT não responderia somente aos requerimentos do sistema industrial e às estratégias comerciais, mas também às exigências vindas dos modos de ver do ser-trabalhador. A mediação seria a raiz inserida nas relações sociais cotidianas das pessoas. Como se pode ver, a noção de mediação está muito próxima da noção de relações sociais. Como as mediações estão cheias de significados mediadores, o diálogo em processo, a comunicação se torna um espaço, uma encruzilhada onde os diversos atores sociais e ciências humanas se encontram e se fundem para atravessar as fases, descritas acima, e chegar a um nível elevado de compreensão humana.

Desta forma, a QVT resgata a noção de trabalho como um processo acompanhado de saúde, autonomia, lazer e criatividade, ou seja, sem doenças biopsicossociais. Processo de trabalho pelo qual matérias-primas ou outros insumos são transformados em produtos de valor de uso. Nesse processo intervêm o trabalho (força de trabalho), o objeto (matérias-primas, insumos) e os meios ou instrumentos de trabalho (ferramentas, máquinas, equipamentos). Eis a condição de trabalhador, atividade que reúne e separa os seres humanos em grupos, criando sua identidade social, e não só o modo de ganhar-se a vida, mas condição a partir da qual os indivíduos estão distribuídos no espaço social. Enfim, trabalho como processo de mediação no cenário social.

Assim, a utopia da QVT transpassa necessariamente a utopia da comunicação. É bem sabido que a formação da identidade do sujeito se produz no meio do reconhecimento recíproco que preside o processo de socialização. Nesse sentido, a QVT não é um pressuposto, mas um resultado que se consegue através do acordo comunicativo entre sujeitos opostos, sobre a base do reconhecimento recíproco. Com Jesús Martín-Barbero, podemos dizer que “a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos mas de re-conhecimentos”.[6] Na minha dissertação, defino QVT como uma estratégia de gestão de pessoas que integra as dimensões ambientais, tecnológicas, econômicas e sociais, potencializando a organização, criando uma melhor *performance biopsicossocial* do ser humano, e estabelecendo um equilíbrio entre as empresas e o indivíduo. QVT é um novo espaço social que atua como mediador para compreender as condições de produção e poder, neste século, e atravessar sem sufocarmos o oceano da globalização. QVT, como cenário, ou seja, como mediação e não como ferramenta. No dizer de Barbero, Walter

Benjamin foi o pioneiro a vislumbrar a mediação fundamental que permite pensar historicamente a relação da transformação nas condições de produção com as mudanças no espaço da cultura, isto é, as transformações do *sensorium* dos modos de percepção, da experiência social. “Mas para a razão ilustrada a experiência é o obscuro, o constitutivamente opaco, o impensável. Para Benjamin, pelo contrário, *pensar a experiência* é o modo de alcançar o que irrompe na história com as massas e a técnica”.[7]

1.1. A noção da QVT

Antes do aparecimento da QVT, criaram-se diferentes caminhos que eram voltados ao comportamento humano e à satisfação no trabalho. Para muitos pesquisadores da área organizacional, a preocupação pelo indivíduo levava a um repensar nas organizações e a uma transformação da própria cultura organizacional. Mas para esta transformação era preciso começar por nós. Assim, organizações e líderes empregaram estudos para o crescimento pessoal, criando, assim, um ambiente mais humano na cultura organizacional.

Para outros pesquisadores, da área administrativa, a QVT era encontrada no Taylorismo[8] e no Fordismo[9]. No entanto, ambos levaram o trabalhador a um desgaste físico e quase desumano. O interesse pelo indivíduo como pessoa não existe nos pensamentos de Taylor e de Ford. Eles se concentravam mais na acomodação física necessária, para que seus operários produzissem mais. Na verdade, se eles realmente tivessem se importado com o trabalhador como pessoa, como ser humano, teriam motivado a criatividade e a participação. Teriam cultivado a essência dos trabalhadores e não procurado convertê-los em máquinas. Portanto, como não proporcionaram nenhum caminho para a QVT, proporcionaram deterioração desta. Dejours[10] explica como, com a divisão fordista do trabalho, se cria um esgotamento no ser humano, criando alergia ao trabalho. Morgan[11] explica como o taylorismo anula a existência da pessoa, sua participação e sua criatividade. Taylor gostava de dizer aos trabalhadores: “Não se espera que vocês pensem, há outras pessoas por perto pagas para pensar”. Com a padronização das atividades, muitas das empresas jornalísticas implantaram o modelo taylorista, de onde surgem a fadiga e os problemas psicossomáticos. Dejours faz uma crítica à administração científica por ela criar esse tipo de divisão entre os homens:

> O trabalho taylorizado engendra, definitivamente, mais divisões entre os indivíduos do que pontos de união. Mesmo se eles partilham coletivamente da vivência, do local de trabalho, do barulho, da cadência e da disciplina, o fato é que, pela própria estrutura

> desta organização do trabalho, os operários são confrontados um por um, individualmente e na solidão, às violências da produtividade. *Tal é o paradoxo do sistema que dilui as diferenças, cria o anonimato e o intercâmbio enquanto individualiza os homens frente ao sofrimento.*[12]

Na Organização Científica do Trabalho (OCT), de Taylor e seus sucessores, o trabalho estudado é apenas a atividade motora. O estudo dessa administração "científica" é sobre a melhoria da produção e não **da vida** dos trabalhadores. Essa visão da administração tem sido influente, embora de forma maligna. Os aumentos da produção criam altos custos humanos, reduzindo os trabalhadores a autômatos, desprovidos de história. Taylor deixa o carimbo da mecanização da vida. Ele nos invade em nosso dia-a-dia, na medida em que treinamos e desenvolvemos capacidades especializadas de pensamento e ação. Estamos propensos a tratar a nós mesmos e aos demais como máquinas artificiais. Assim, cientes deste fato, podemos quebrar um pouco nossas ações repetitivas e fazê-las com consciência, deixando aos poucos de atuar mecanicamente em nosso cotidiano.

No sentido inverso ao da administração científica, outros cientistas passaram a estudar fatores que interferem no trabalho, preocupados pela crescente alienação, apatia e desinteresse observados na classe trabalhadora. Esta linha de pensamento dá origem ao movimento de *Relações Humanas* que pretende enfrentar não apenas os problemas de produção, mas também os acidentes, a fadiga, a psicopatologia do trabalho, a criatividade, etc. Delamotte & Takezawa[13] analisam que estes estudos da Escola de Relações Humanas foram utilizados em outras áreas do conhecimento, mas não se falava ainda em QVT. Depois da primeira guerra mundial, cientistas sociais expuseram o interesse nos problemas psicológicos das pessoas no trabalho (incluindo os estudos famosos de Hawthorne) e suas recomendações práticas, mas jamais mencionaram mudanças na organização do trabalho.

Essa ideologia não era nada nova. Limongi-França descreve esta abordagem como uma representação de antítese que foi idealizada por esses estudos. A autora nos explica que a psicologia aplicada esteve presente muito mais como técnica de manipulação, ocasionando um psicologismo extremo.

> Unilateralidade psicologizante é muito semelhante aos defensores da prática da administração científica, concentrando-se em um dos pólos da relação trabalho-pessoa, deixando de lado a análise da própria relação. Nesta forma de conceber a organização acentuaram-se os valores afetivos intragrupos. As relações informais expandiram-se de tal forma que os assuntos profissionais eram temperados pela ótica da relação pessoal.[14]

Já na metade da década de 1950 e no decorrer da década de 1960 surgiu a Escola Comportamental, preocupada em desenvolver estudos sobre *motivação humana,* para explicar o comportamento individual das pessoas. Nesta época não se falava ainda de QVT. Os psicólogos Abraham Maslow e Frederick Herzberg, pertencentes a esta escola, realizaram várias pesquisas que serviram de apoio para outros cientistas sociais, como Douglas McGregor que, em 1957, fez uma análise das condições de vida e necessidades do indivíduo. O autor elaborou uma convincente argumentação de satisfação no trabalho para ações gerenciais. A idéia era que "*a filosofia da administração controlava a prática*".[15]

Existem criticas também a esse respeito: os pesquisadores Delamotte & Takezawa[16] aclaram que as mudanças introduzidas em algumas organizações não se deram pelos esforços das pesquisas da escola de Herzberg, chamada de *neo-taylorismo,* senão pelas políticas nas organizações. Apesar feitas não para, mas com e através dos trabalhadores). Neste caso, a participação dos trabalhadores foi encorajada, e a união entre as mudanças organizacionais e a democracia industrial tornou-se mais visível. Os autores nos relatam como este fato adquiriu um valor importante no crescimento das empresas. Nenhum dos pesquisadores da Escola Comportamental, com suas grandes experiências e práticas, aportaram reflexões e escritos tão interessantes sobre caminhos de mudanças que deveriam ser introduzidos nas organizações empresariais.

Delamotte & Takezawa lembram como nos Estados Unidos, impulsionados por Stanley Seashore da Universidade de Michigan, foram identificadas ferramentas metodológicas estabelecidas por mudanças que avaliavam as atitudes dos trabalhadores como absenteísmo e rotatividade. Embora a Escola Comportamental não tenha desenvolvido programas mais participativos e criativos para os trabalhadores, ela deixou algumas heranças, como administrar e pensar na organização das pessoas no trabalho. A pesquisadora Limongi-França expressa: "O indivíduo é considerado sob o aspecto da motivação, da liderança e distribuição de poder. Preocupação articulada nas possibilidades de controle, regularidade de comportamentos, previsão de expectativas e obtenção da produtividade".[17]

O ideal era atingir a produtividade de forma direta ou indireta. Mas a saúde físico-metal não foi incorporada no contexto dos pressupostos das escolas tradicionais. Incorporaram-se aspectos trabalhados em saúde ocupacional, referências ergonômicas das condições de segurança do trabalho, como procedimentos da análise de acidentes e de doenças ocupacionais, mas só de ordem física. Embora sejam programas de manipulação, para muitos pesquisadores da área comportamental todas estas escolas trouxeram elementos que foram incorporados na QVT.

Limongi-França sintetiza os primeiros passos da QVT:

> As demandas de qualidade de vida no trabalho surgiram há mais de duas décadas. Da França, veio a idéia de criação do espaço coletivo, conscientização e participação nas decisões da empresa sobre condições ergonômicas e de gestão participativa. Na Suécia, mais precisamente na empresa *Volvo*, estudou-se a valorização do ambiente mais humano de trabalho, levando em conta autodeterminação *versus* controle, monotonia *versus* variabilidade e demanda qualificada. Depois tivemos, mais recentemente, os estudos de comportamento organizacional, promoção de saúde, patologia do trabalho e ainda os programas de qualidade total nas empresas que estão levando a Qualidade de Vida no Trabalho em conta.[18]

A pesquisadora adverte que, por pressão, falta de técnicas comportamentais ou estilo de gestão, o foco dos sistemas de qualidade tem sido os processos de produção. Mas é um fato que o ser humano, em condições favoráveis, gera resultados visíveis na organização. Assim, no novo paradigma da QVT, as políticas internas das empresas deveriam criar as condições favoráveis.

1.2. A QVT como mediação

Na verdade, a QVT iniciou-se com ações assistencialistas e soltas que eram ignoradas nas políticas das empresas. Além do mais, pouco se tinha construído na cultura organizacional sobre a valorização de *bem-estar* no trabalho. Atualmente, várias organizações têm inserido a QVT, construindo a satisfação de muitos trabalhadores. Mas quais seriam esses indicadores de QVT, que hoje eu prefiro chamar de mediações sociais, que trariam para os trabalhadores, as organizações e a sociedade, melhores condições de vida?

Seria a aplicação concreta de uma epistemologia humanista e complexa, pela introdução de métodos participativos que visassem ao atendimento de necessidades e aspirações humanas com relação ao trabalho e o crescimento pessoal, procurando tornar os cargos mais produtivos e satisfatórios. Com sistemas abertos para a avaliação qualitativa da qualidade relativa das condições de vida, incluindo-se atenção aos agentes poluidores, barulho e estética; mediante análise de elementos organizacionais, ambientais e comportamentais; através da classificação dos programas de orientação familiar, saúde, ambiente, contato, convívio, evolução/ desenvolvimento e cultura. O foco motivacional estaria ligado à sobrevivência com dignidade, segurança, participação, auto-realização e perspectiva de futuro. Ou seja, humanização e responsabilidade social da empresa, não só interna, mas com

participação nos movimentos sociais, culturais e políticos. Enfim uma mudança sobre a maneira de pensar a respeito das pessoas e sua participação na resolução dos problemas e situações do trabalho, com reflexos na produtividade. Esta epistemologia do atendimento das expectativas quanto a se pensar a respeito de pessoas, trabalho e organização, de forma simultânea e abrangente, está impregnada de uma visão holística do processo do trabalho, ou melhor, da mediação do trabalho como espaço, tempo, atividade, consciência e identidade; mediações fundamentais para ultrapassar o reducionismo e a fragmentação do real.

Mudança a partir da pessoa em si. Por exemplo: começar pela cúpula gerencial para construir a humanização com seus trabalhadores e desenvolver uma visão holística. Não adianta falar em generalidades se não se tem consciência da própria mudança, partindo das organizações, espaços de mediação, onde a QVT desvendará o *potencial criativo* dos seres-trabalhadores. Tópico importante para o desenvolvimento da pessoa que, ligada à participação como "*tomada de decisões*", desencadearia essa epistemologia holística e de responsabilidade social.

Esse *diálogo de saberes* se concretizaria em salários, horas e ambientes de trabalho, benefícios, serviços, perspectivas de carreira e relações humanas, que são relevantes para a satisfação e motivação do trabalhador e crescimento das organizações. Delamotte & Takezawa,[19] em seus estudos de diferentes experiências, mostram como esse processo é possível. O trabalho é um foco primordial na vida do ser humano, mas a *qualidade de vida no trabalho* é um termo complexo e não pode ser entendido de forma fechada, pela importância que tem a vivência do ser humano fora do trabalho, ou seja, o lado extrínseco do trabalho e não só o intrínseco.

A visão intrínseca da QVT não é nova, tem sido do interesse de filósofos, teólogos, cientistas sociais, trabalhadores e administradores. A QVT é uma noção ampla que pode abranger a ética, a medição objetiva das condições de trabalho, as expressões de satisfação e insatisfação dos trabalhadores, as considerações acerca da eficiência da produção e as considerações amplas da coesão e estabilidade social. Não obstante, mesmo tendo a vantagem de ser pensada universalmente, ela acontece de forma específica e individual.

Em muitas sociedades, a estrutura do problema da consciência para a avaliação da experiência do trabalho tem mudado. Esta nova consciência é geralmente atribuída às elevadas aspirações dos trabalhadores, com respeito à vida do trabalho que, por sua vez, tem sido afetada por melhoras dos padrões de vida e dos níveis educacionais superiores. Novos problemas estão afetando a QVT, sendo ocasionados por quedas em diversas categorias. Seja pelo resultado de novos

desenvolvimentos tecnológicos e sociais ou por mudanças aceleradas. Aqui, vemos claramente a QVT com uma projeção extrínseca do trabalho. Mas, para alguns autores, o plano de atenção tem tendência a ser focalizado, em alguns casos, em melhorias óbvias que geralmente são publicadas. Demandas para mudanças não são normalmente restringidas para um ou dois aspectos de vida no trabalho. De fato, a extensão de assuntos relacionados à QVT é tão abrangente quanto o alcance de problemas do trabalho. Embora opiniões permaneçam divididas, há provas que exigências sem realizações podem conduzir não só à insatisfação do trabalhador, mas também para o absenteísmo no trabalho, pouca produtividade e instabilidade social. Por isso, *medidas de avaliação*, entre os "desenvolvimentos de tecnologia", têm sido introduzidas em cooperativas e níveis sociais, mostrando que a definição de QVT representa outro importante desenvolvimento. E, finalmente, desde a existência de condições econômicas, políticas, sociais e culturais, que diferem nas sociedades, resultam variados problemas de consciência e de medidas de avaliação, que pretendem responder às necessidades mais urgentes, dos trabalhadores. Experiências comuns são compartilhadas, porém, em circunstâncias semelhantes por sociedades completamente diferentes, e estas são suficientes para garantir comparações internacionais.

De todo este saber, revisão epistemológica, observamos uma abrangência da noção, ao nos referirmos à QVT em sua totalidade, porque existe um equilíbrio em todos os aspectos que integram o indivíduo biopsicossocial. E se falarmos de sua qualidade é porque já avaliamos o conjunto de necessidades extrínsecas e intrínsecas do trabalhador, fazendo a noção de QVT específica. Para os pesquisadores do tema, podem existir então dois extremos de definições apropriadas de "Qualidade de Vida no Trabalho": uma definição ampla e geral, e outra particular e íntima. Eis aqui de novo a relação dialética e mediadora sujeito-objeto-sujeito: será quimera pensar em uma sociedade que reconcilie o ato individual vivo e a criação da comunidade?

Para compreender melhor a complexidade epistemológica da noção de QVT, em companhia de Stanley E. Seashore[20], vejamos as duas possibilidades fundamentais que se devem ter em conta antes de chegar à sua definição: a primeira, refere-se à QVT que aborda a possibilidade de ter um emprego e, depois, o valor das vantagens materiais e de proteção extrínseca para quem o emprego é adequado. Aqui, o trabalhador se sente seguro com seu trabalho, mas até onde essa segurança lhe dará prazer? Uma tranqüilidade de crescimento interno? Ou uma tranqüilidade confortável para viver o dia-a-dia? A segunda refere-se à QVT percebida pelos trabalhadores nas vantagens intrínsecas das potencialidades da vida, que resultam da natureza do emprego, e a adequação destas vantagens, aliadas às necessidades da pessoa. Neste nível, o trabalhador sente seu crescimento profissional e individual,

e sua criatividade flui livremente, fazendo que sua performace seja, cada vez, melhor.

No primeiro tópico, nos centramos essencialmente em uma concepção econômica ou de consumo. Os desejos do que o trabalhador poderia adquirir materialmente. Isto é, chamar a atenção nas qualidades "objetivas", sob a forma de um potencial de vantagens do trabalho e do ambiente de trabalho. O segundo tópico se centra numa concepção essencialmente psicosociológica, não totalmente abstrata às vantagens materiais provenientes do ambiente de trabalho da pessoa. Ou seja, chama a atenção interiormente para o bem-estar biológico, psicológico e sociológico, totalmente incorporados, na pessoa.

Desmembrando a definição anterior, Seashore explica, através de uma progressão continuum, a evolução das concepções da QVT em cada país, na medida em que estas conduzem a outras definições e a outros indicadores possíveis de ser representados. Mesmo que esta progressão não esteja decomposta em períodos distintos e mesmo que eles não tenham o mesmo ritmo em cada um dos países, ainda assim devem, pelo menos, compreender:

1. Ação da empresa: onde a QVT se fundamenta na possibilidade da pessoa exercer uma atividade remunerada correspondente a suas capacidades.[21]

2. Ação homogênea econômica: onde a QVT se fundamenta na possibilidade de fornecer aos trabalhadores, sob o ponto de vista econômico, um emprego que lhes proporcione um salário relativamente elevado e um adequado prêmio incentivo.[22]

3. Ações no bem-estar social: estas precedem a QVT, sob custos de produto resultado de um emprego.[23]

4. Ação na captação do pessoal: precede também a QVT nas características não econômicas dos empregos e o meio em que se pode ver afetado o trabalho, influencia: a capacidade de atrair e reter as qualidades dos trabalhadores; e a capacidade de conseguir trabalhadores para a execução de tarefas determinadas segundo o rol profissional.[24]

5. *Ação na valorização da vida*: precede a QVT e é produzida sob o emprego que influencia na qualidade global da vida do indivíduo.[25]

Desta análise, chegamos a duas definições complementares de QVT:
1) A QVT em sociedades desenvolvidas, que procuram aqueles que desejam uma atividade remunerada. Utilizando por inteiro e progressivamente o crescimento das capacidades do trabalhador, nas ações da empresa; exercendo captação de pessoal e assumindo a mudança de emprego, o sustento econômico e a segurança material,

suficiente à manutenção da mão-de-obra.
2) A QVT em sociedades desenvolvidas, que procuram oferecer às pessoas a possibilidade de ser livres em trabalhos produtivos, com as seguintes condições:

- Remuneração justa e apropriada.
- Condições de trabalho saudáveis e isentas de perigo.
- Possibilidade de empregar e desenvolver as capacidades individuais.
- Possibilidade de beneficiar a segurança do emprego e/ou de avançar na carreira.
- Integração social na organização do trabalho.
- Direitos e garantias, da organização do trabalho, concernentes à vida privada, à liberdade de expreção, à eqüidade e à capacidade de examinar publicamente os diferentes direitos das pessoas.
- Compatibilidade entre o papel do profissional e as outras performances do indivíduo.
- Contribuição a produtos ou serviços que causam valor social.

Concluí, em minha dissertação de mestrado, que Stanley E. Seashore sintetiza os saberes dos pesquisadores da QVT. Em sua primeira definição, parte do contexto das tradições estabelecidas pelas estatísticas sociais relativas à disponibilidade e aos diversos custos da mão-de-obra nas economias nacionais. Assim como da divisão social das vantagens e recursos, entre os diferentes segmentos da população. A segunda definição concerne à otimização da Qualidade de Vida com seus elementos de satisfação: no trabalho, na saúde, na dignidade humana, no desenvolvimento pessoal e no estilo de vida. Nesta segunda definição, apontei a falta de uma *transformação do indivíduo em sua essência interior para chegar à expressão humana* e propiciar uma maior congruência no espaço da vida total.

1.3. A visão da satisfação do trabalho

Com Seashore, podemos afirmar que a satisfação do trabalho deve ser tratada como causa e não unicamente como conseqüência da QVT. A satisfação no trabalho é uma noção que envolve aspectos emocionais associados a sentimentos e não a um determinado tipo ou padrão de comportamento. É um conjunto de sentimentos favoráveis que caracterizam um estado de prazer emocional resultante da avaliação que um profissional faz sobre até que ponto seu trabalho apresenta a capacidade de facilitar ou permitir o atendimento de seus objetivos, necessidades, aspirações e valores.

Davis & Newstrom[26] explicam que as atitudes são sentimentos e crenças que determinam fundamentalmente como os empregados irão perceber o ambiente onde se encontram. Estas são "um conjunto de indicadores mentais que afetam a visão de uma pessoa em relação a alguma coisa". As atitudes são as diferentes formas de ver o mundo. Cada pessoa percebe de forma diferente as situações. Por exemplo: quando uma festa termina, cada indivíduo fala como se sentiu. Para um o evento pode ter sido ótimo e, para outro, ruim. Mas também influencia o estado de ânimo em que se encontra a pessoa. É importante observar que as atitudes podem mostrar o nível de satisfação existente no ser humano, mas estas, não necessariamente, definem a totalidade da satisfação. Você não pode dizer para alguém: "Olhe, isto que está sentindo é proibido aqui na empresa". O administrador pode planejar, programar a aprendizagem dentro da organização e criar formas para aumentar a satisfação dos empregados, dar o respeito e a liberdade no trabalho, mas não controlar a satisfação. Há duas relações da QVT: as características ambientais do trabalho, que existem objetivamente, e que são subjetivamente sentidas pelo indivíduo. Estas duas representações são mostradas como um agrupamento que determina a *Satisfação no Trabalho*, o que contribui substancialmente à qualidade de vida, global, do indivíduo. A insatisfação reflete claramente uma QVT lamentável, mas a satisfação não necessariamente representa um critério de excelência da QVT.

1.4. A pesquisa do mestrado

Minha dissertação de mestrado concebe a QVT como uma nova experiência de investir no trabalhador desenvolvendo atitudes pró-ativas das organizações frente à evolução social da classe trabalhadora, constituindo-se em um desafio para a gerência na gestão de pessoas. Essa QVT apropria-se de vários indicadores das *dinâmicas sociais* que se vivem no ambiente de trabalho, como: gestão de pessoas, atendimento em saúde, participação, gestão social interativa e diálogo de saberes. A pesquisa levantou outros indicadores de *qualidade de vida* (QV), integrados nos indicadores de QVT que esclarecem a análise da *psique* no ambiente de trabalho: alimentação, saúde, lazer e harmonia. De uma listagem de 71 indicadores, foram extraídos 40, que delinearam o questionário semi-aberto, com afirmações negativas e positivas e com perguntas agrupadas em 17 categorias.

QUADRO 1. Composição de indicadores de QVT

GESTÃO DE PESSOAS	ATENDIMENTO EM SAÚDE	PARTICIPAÇÃO	GESTÃO SOCIAL INTERATIVA	DIÁLOGO DE SABERES
Condições de trabalho	Autoconhecimento	Ausência de burocracia	Integração social	Perspectivas de crescimento
Valorização do trabalho	Controle da Saúde	Horizontalidade	Atividades esportivas	Treinamento
Mérito – Remuneração	Autonomia no trabalho	Tomada de decisões	Atividades culturais	Percepção de QVT
Alimentação		Harmonia	Atividades de lazer	

O questionário mediu o índice de satisfação dos trabalhadores do Hospital de Juquery. Mas foi na análise qualitativa que surgiu a proposta de trabalhar nas profundezas do *ser humano*, porque é de nós que partimos para a verdadeira transformação do *self*. Os resultados da pesquisa mostraram que existe valorização só no discurso e pouco comprometimento no cotidiano por parte de muitas empresas e organizações. Isso me levou a pensar em diferentes saídas para as relações de trabalho nas empresas contemporâneas. O convívio, com os estudos epistemológicos e as crises de paradigmas, me sinalizaram as novas visões de mundo.

Hoje, vivemos momentos de transformações profundas. Temos passado pelas tecnologias fragmentárias e mecânicas, pelas tecnologias elétricas, e ingressado na era da automação, onde supostamente estamos abraçados pelo *sensorium* do mundo globalizado. Porém, com Edgar Morin, podemos dizer que hoje o quadrimotor constituído por ciência, técnica, economia e lucro, supostamente produtor de progresso, impulsiona a nave espacial Terra, mas não há piloto. E, no caso, o piloto é fundamental: o ser humano. O pesquisador Milton Greco[27] propõe buscar o entendimento desideologizado da situação atual, a partir de referências que partam da realidade e que resgatem a importância do *trabalho humano* enquanto realização fundamental da própria pessoa humana, e não como um mero elo de cadeia produtiva, conduzido mecanicamente pela aleatoriedade da evolução da tecnologia ou do mercado. Sobre essa decadência da concepção luminosa da racionalidade, Edgar Morin nos adverte:

> Precisamos abandonar a idéia abstrata do humano contida no humanismo. Idéia abstrata por reduzir o humano a *homo sapiens*, a *homo faber*, a *homo economicus*. O ser humano também é *demens*, *faber e mithologicus*, *economicus e ludens*, prosaico e poético, natural e metanatural. Precisamos saber que o universalismo se tornou concreto na era planetária em que se pode descobrir que todos os seres humanos têm não apenas uma comunidade de origem, mas também uma comunidade natural na diversidade, assim como uma comunidade de destino. O humanismo abstrato, então, pode torna-se concreto. [28]

Humanismo atravessado pela revolução epistemológica, visões de saberes em diálogo, superando a cegueira dos fragmentos separados, mudança a partir da pessoa em si ligada ao seu contexto. Visões mais abrangentes (holísticas) do ser-trabalhador, da empresa, da era planetária e dos indicadores da QVT que estão localizados nas dinâmicas sociais. Indicadores não só como dados estatísticos relativos à situação da administração do trabalho, mas como medições das dinâmicas sociais.

[1] MARCHI, Ricardo de. *Gestão pessoal de saúde – realidades e desafios*. Documento apresentado no 1º Encontro Internacional de Gestão de Competências em QVT, 1998. [mimeógrafo]

[2] MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2000, p.98.

[3] GELVES-PEÑA, Janis Shirley. *O âmago de um espinho adormecido: Análise da gestão de qualidade de vida no trabalho em um hospital psiquiátrico público*. Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade (FEA), Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 de outubro de 2000, p.70. [mudanças feitas pela autora].

[4] GELVES-PEÑA, Janis Shirley. Idem nota 3, p. 129.

[5] MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

[6] MARTÍN-BARBERO, Jesús. Idem nota 5, 2001, p. 28.

[7] MARTÍN-BARBERO, Jesús. Idem nota 5, 2001, p. 84.

[8] Sistema de organização do trabalho derivado das idéias de Frederck W. Taylor, que recomendava a adoção de métodos e normas visando à maximização do rendimento da mão-de-obra, com base numa análise minuciosa de cada tarefa a ser executada.

[9] Henry Ford era adepto de Taylor, acreditava que uma das necessidades básicas para a "prosperidade" do trabalho era o aspecto físico do local de trabalho. Assim, se unia o máximo rendimento na produção dispondo de acomodações amplas, limpas e devidamente ventiladas, para produzir em série e a menor custo.

[10] DEJOURS, Christophe. *A Loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: 3ª edição, Cortes Editora - Oboré, 1988, p. 23.

[11] MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. Tradução: Bergamini Cecília W. & Coda Roberto. São Paulo, Editora ATLAS, 1996, p. 236.

[12] DEJOURS, Christophe. Idem nota 10, 1988, p. 39.

[13] DELAMOTTE, Yves & TAKEZAWA Shin-ichi. *Quality of working life in international perspective*. Switzarland, International Labour Office Geneva, 1984, p. 22.

[14] LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Era uma vez um certo LAMBARI*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, São Paulo, 1989, p.46.

[15] DAVIS, Louis & CHERNS, A. Goal for enhancing the quality of working life. **In**: *The quality of working life*. New York, Ed. Free Press, 1975, pp.159-160.

[16] DELAMOTTE, Yves & TAKEZAWA Shin-ichi. Idem nota 13, 1984, p. 23.

[17] LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Idem nota 14, 1989, p. 48.

[18] LAGÔA, Ana. "Ana C. Limongi F. dedica-se à qualidade de vida no trabalho". **Em**: *O impacto das mudanças*. JORNAL do Brasil, [Econômica, domingo 14 de março de 1999].

[19] DELAMOTTE, Yves & TAKEZAWA Shin-ichi. Idem nota 13, 1984.

[20] SEASHORE, Stanley E. Indicateurs de la qualité de i'environnement et de la qualité de la vie. **In**: *Rapports et documents de sciences socíles*. Nº38. Publications de L'UNESCO: Agents Génëraux, 1976.

[21] Indicadores sociais concernentes à possibilidade de encontrar um emprego, às distribuições de empregos entre segmentos da população, à existência de reservas das ações da empresa, às qualificações profissionais, da eficiente ação de empresa, à estrutura profissional e os tipos de empregos disponíveis, às taxas de mobilidade nos empregos e nos setores da economia.

[22] Indicadores concernentes às faixas de salários, à segurança do emprego, à existência de um seguro contra acidentes de trabalho e às vantagens de custos, como: licença, aposentadoria e diversos serviços oferecidos com seus respectivos salários, segundo o contrato de trabalho.

[23] Indicadores pertinentes à forma de compreender o custo (valorização do trabalho), mantendo um orçamento específico para investir nos trabalhadores: para diminuir as taxas de fadiga e estresse no trabalho, doenças profissionais causadas por diferentes acidentes de trabalho; também se deve manter um salário mínimo no mercado, uma duração de trabalho aceitável, e uma eqüidade entre as diferentes categorias da população para manter vantagens de acesso aos trabalhadores.

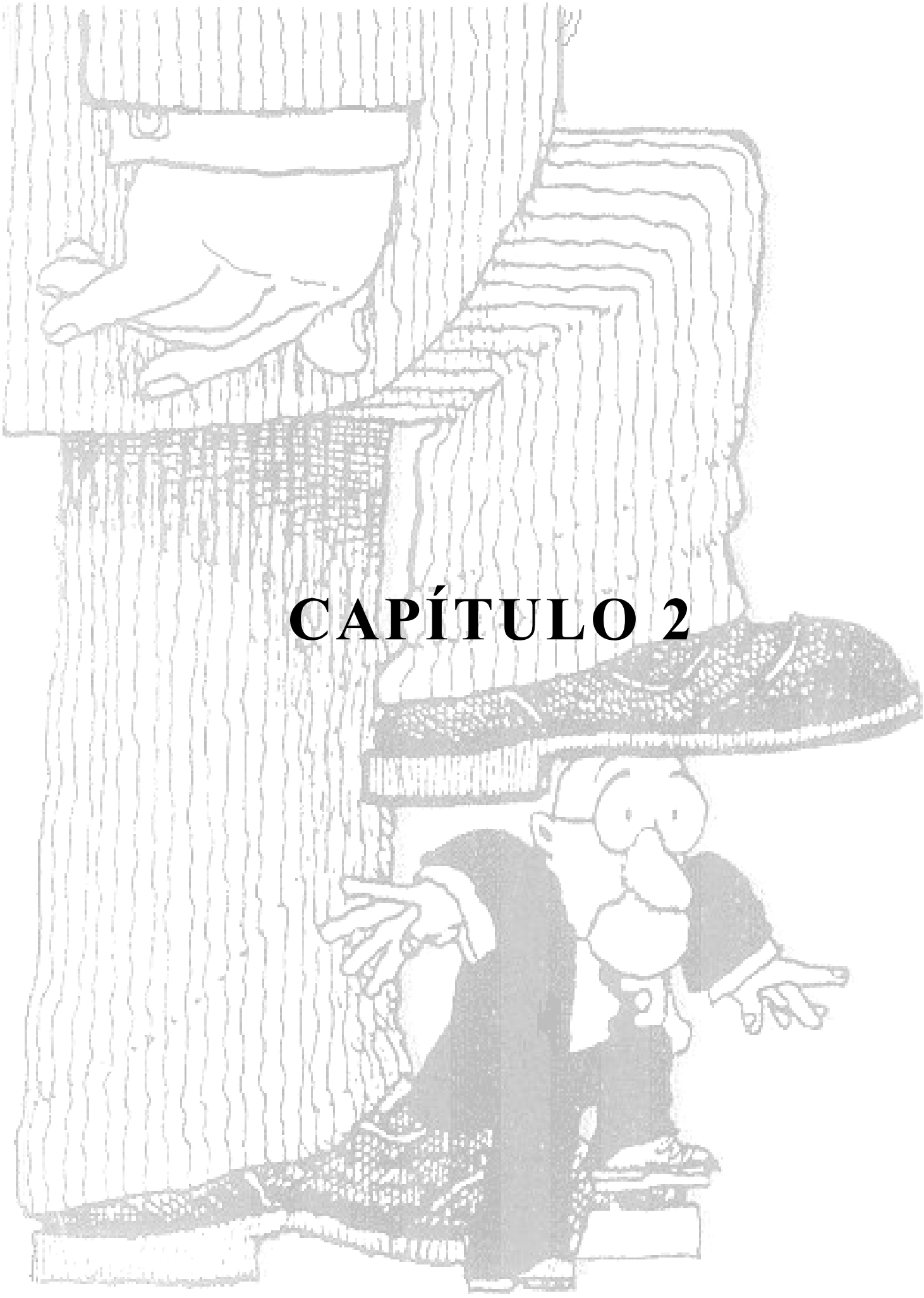
[24] Indicadores pertinentes ao tratamento eqüitativo entre salários, procedimentos de regulamentos dos litígios, iniciativa e autonomia na execução do trabalho. Simplicidade e humildade nas relações autoritárias e hierárquicas tradicionais (mudança destes paradigmas), possibilidades de melhoramento por si mesmo e de crescimento, um ambiente psíquico de trabalho agradável e confortável e, outras vantagens, a curto prazo, de natureza não-econômica.

[25] Indicadores pertinentes ao prejuízo ou à vantagem tardia, segundo o interesse do indivíduo, compatibilidade das características do emprego, como as necessidades de papéis sociais independentes do trabalho, contribuições do emprego à instrução (treinamento, desenvolvimento, crescimento) e o medo de participar (tomada de decisões, descontração no ambiente de trabalho, lazer), possibilidade de expressão do indivíduo na mudança e na criação (criatividade).

[26] DAVIS, Keith & NEWSTROM, Jhon W. *Comportamento humano no trabalho: uma abordagem psicológica*. Tradução: CODA, Roberto & BERGAMINI, Cecília W., V.1, São Paulo, Pioneira Editora, 1992, p. 22.

[27] GRECO, Milton. Fronteiras abertas da produção. **In**: *Projeto Plural - Novo Pacto da Ciência Nº 4: Sobre vivências no mundo do trabalho*. Organizadores: Cremilda Medina & Milton Greco. São Paulo, ECA/USP: CNPq, 1995, p. 183.

[28] MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. **In**: *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, Edipucrs, N° 26, abril de 2005, p. 27.



CAPÍTULO 2

2. EMPRESA JORNALÍSTICA TRADICIONAL

Mesmo os necessários discursos conceituais da luta no mundo do trabalho
estão empobrecidos por formas e fórmulas que eliminam o conflito,
a outra luta, a das verdades. No que diz respeito aos afetos,
então nem se fala: as emoções, a farra como alforria do espírito,
a alegria do sonho, são expulsos como alienação no tempo de trabalhar;
também a linguagem jornalística decretou o mesmo expurgo e
deixa para poetas e loucos essa incumbência de falar dos afetos.
Cremilda Medina[1]

O ser humano vive hoje o complexo mundo das grandes concentrações urbanas. Na primeira década do século 21 só se fala em eficiência e técnica como as novas "necessidades" humanas. Assim, nos tempos de globalização, a discussão sobre a qualidade de vida é fundamental para definir e sonhar o tipo de sociedade que queremos e precisamos. Nesta sociedade global e da comunicação coletiva, os repórteres vivem na própria carne um jornalismo industrial e tecnológico.

> A identificação da mensagem jornalística com atividades urbanas, primeiro comerciais e em seguida industriais, leva-a à expansão que hoje se identifica na comunicação de massa. (...) O fazer jornalístico deixa de ser atividade artesanal para incorporar os atributos de empresas jornalísticas, também animadas pelos preceitos da eficiência, da tecnologia e, por conseguinte, do lucro. [2]

Os tempos e os espaços da sociedade mudam e as noções clássicas de cidadania, democracia e individualidade habitam o imaginário da globalização só como retórica. No entanto, a vivência humana se faz com competitividade, individualidade e egoísmo, dispensando a reflexão sobre a solidariedade social. E, como no *Ensaio da Cegueira* de José Saramago, os seres humanos vão ficando cegos e perdidos em um mundo desconhecido e labiríntico, ainda que globalizado. Mas no centro dessa produção das hipermídias está esse ser humano chamado repórter que, de alguma forma, é hoje o "escravo moderno" da produção industrial de notícias.

Os repórteres são a alma dos veículos de comunicação. Mas empresas transnacionais tentaram substituí-los por máquinas, investindo em pesquisas para inventar robôs produtores de notícias. Porém, o "investimento" não deu certo, porque o robô não tem o *feeling* para fazer cobertura com sentimento, emoção, paixão ou ternura; e também é verdade que robôs não são consumidores.

Na contemporaneidade, os repórteres permanecem no papel importante de mediadores, contudo, são tratados como sujeitos de segunda, terceira e até quarta categoria. A "tribo" dos jornalistas aponta para uma profunda diversidade. Estudos da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) indicam que no Brasil, são registrados mais de 40.000 jornalistas, sem contar aqueles que exercem a profissão sem ter registro profissional.[3] Os jornalistas estão nos grandes meios de comunicação, nos veículos médios, nos pequenos, nos alternativos, nas metrópoles, nas cidades pequenas, nos povoados. Eles são jovens ou muito jovens, maduros ou da terceira idade. Também estão os ricos, os de classe média, os pobres e os proletários. Alguns viraram professores doutores, ou intelectuais sem título de pós-graduação, ou romancistas, ou cronistas renomados, ou repórteres reconhecidos, ou de longo curso, ou especiais. Ou são simplesmente repórteres e desconhecidos, e finalmente os desempregados, mas que não perderam sua alma de observadores atentos das complexas realidades humanas. Desse tremendo horizonte, das profundas subjetividades, dos jornalistas que no transcurso dos tempos têm dado um testemunho aflito do próprio trabalho, esta pesquisa adota o estudo do repórter por considerar que ele é o paradigma da profissão. Muitos deles afirmam com orgulho: "profissão: repórter". Entre a diversidade de funções no jornalismo, a prática de repórter representa a concepção mais afinada com a epistemologia da complexidade.

> Como mediador-produtor de sentidos, numa concepção contemporânea, ele é um sujeito em relação com os sujeitos-fontes de informação e os sujeitos fruidores da informação. Não se trata, pois, do tradicional autor-liberal ou neoliberal detentor da iniciativa e força motriz da produção de sentidos.[4]

No Brasil, no início do século 21, encontramos um descompasso com a chamada modernidade, enquanto as mídias importam equipamentos sofisticados de produção, tropeçam com o nível cultural baixo dos seus operadores. As empresas desenvolvem sistemas cada vez mais amplos e integrados de comunicação, mas encontram o obstáculo de uma gestão autocrática, de cunho familiar e personalista. Computadores são espalhados pelas redações, mas muitos repórteres apresentam deficiência no domínio da língua. Algumas empresas os treinam, outras simplesmente os demitem.

A concepção *taylorista* das empresas de notícias levou as corporações a assumir o monopólio do trabalho intelectual, e relegar os repórteres à execução mecânica e parcelada de seu trabalho. O cérebro ainda é usado, mas equivale à mão do trabalhador. Na imprensa, esse processo assumiu a forma de cobertura jornalística, de imposição do "deadline" (o horário –limite industrial), produção

computarizada, planos de metas, controle de erros, avaliações, planilhas do volume de produções.[5] Não existe uma visão de longo prazo que integre vários setores da organização e que trabalhe por processos, pensando em ir além da atividade de receber a pauta do editor, pesquisar nos arquivos, entrevistar alguém, escrever o texto e dar as tarefas por encerradas.

Como indústrias modernas, as mídias incorporam, em seu processo de produção, taylorismo e fordismo. Como é bem sabido, o taylorismo, nos primórdios do século 20, inicia uma análise racional, por meio da cronometragem de cada fase do trabalho, eliminando os movimentos muito longos e inúteis. Desta forma, conseguiu dobrar a produção. Infelizmente, este método, bastante lógico do ponto de vista técnico, ignora os efeitos da fadiga e os aspectos humanos, psicológicos e fisiológicos das condições de trabalho. Assim, a gerência exerce um controle real sobre o processo de trabalho, o que só poderia ser feito na medida em que a mesma dominasse o seu conteúdo, o procedimento do trabalhador no ato de produzir. Por isso, o chamado jornalismo objetivo propõe a representação do mundo "numa pirâmide invertida, em um lead sumário, em um título padrão (substantivo-sujeito e verbo-predicado), em imagens e sons também tecnicamente padronizados".[6]

O taylorismo quer reduzir o repórter a gestos e movimentos, sem capacidade de desenvolver atividades mentais que, depois de uma aprendizagem rápida, funcionem como uma máquina. Visando a obter maior intensidade nesse processo de trabalho, a visão fordista retoma e desenvolve o taylorismo. O sistema taylorista-fordista percebe as organizações como máquinas e administrá-las significa fixar metas e estabelecer formas de atingi-las; organizar tudo de forma racional, clara e eficiente, detalhar todas as tarefas e, principalmente, controlar, controlar e controlar. Enfim, a organização taylorista e fordista do trabalho estabelece, nas mídias, uma doutrina de estruturação administrativa da empresa (rigidez da via hierárquica), sempre com o objetivo de obter o máximo rendimento. Tudo isto aumenta a tensão do trabalhador, o nervosismo e a ansiedade. Mas, isto para a empresa, é importante porque ajuda a agilizar a produção do jornal, redigindo mais depressa e porque, segundo eles, "o sujeito tenso produz mais porque fica mais atento".

Contudo, muitos jornais não oferecem condições ambientais adequadas, especialmente na área da redação. Existe um ambiente abafado e tenso que ajuda no aumento do estresse. Os lugares de trabalho são 'marcados' de várias formas: com fotos, com recortes colados na máquina de escrever ou embaixo do tampo de vidro da mesa, com vasos de plantas ou montanhas de material de referência. No momento de informatização dessas empresas, embora a mesa de trabalho continue a ter um titular que tem as chaves das gavetas, o computador é usado por quem

chegar primeiro, o que é fonte de freqüentes atritos. Cada empresa jornalística tem um aspecto religioso: tudo se cumpre segundo as regras impostas, ninguém pode fazer o contrário porque é punido: sua teologia é de uma submissão total. O cumprimento da pauta sem discutir: um pedido da direção é uma ordem. Muitos sacrificam até suas férias. Existe um clima religioso nas redações porque os empresários da notícia exigem de seus jornalistas uma adesão quase religiosa, são muito estritos e fazem sentir seu poder hierárquico. Muitos jornais são caracterizados pela uniformidade de processos, unidade de produto e constância de ritmos, fundamentais para sua continuidade e definição de seu papel perante o mercado leitor e publicitário, e frente às instituições.

Nas emissoras também existe um estilo estrito de horários e da produção dos textos. A rapidez, às vezes, termina sendo um problema para os repórteres iniciantes. Normalmente, não há como desfazer o que ficou mal feito. Quando demoram muito em passar um relatório para chefia, logo depois ele não tem validade. É importante que o repórter esteja informado de tudo, portanto deve também ler todos os jornais para estar atualizado. Nas emissoras de rádio e televisão, geralmente todo repórter passa pela rádio-escuta. Nessa função, ele deve ouvir as outras rádios e também acompanhar os noticiários das emissoras de televisão, ou rádio, informando à chefia de reportagem quando um concorrente noticia algum fato que ainda não está sendo acompanhado pela emissora.

Outra característica das empresas jornalísticas é a rotina de trabalho, como no momento da chegada, que começa pelo ato de 'bater o cartão', só na entrada, para ter controle do pessoal no cumprimento dos horários. Por que não controlam a saída também? As horas extras de trabalho, não contam?

> Espera-se que no momento da chegada o jornalista cumprimente rapidamente a chefia. Dependendo da ocasião, recebe resposta ou não, uma vez que, por definição, os editores estão sempre envolvidos com 'coisas mais importantes'. Ao longo do expediente, convém não se dirigir a um superior sem que ele tenha tomado a iniciativa. Ao fim do expediente, o jornalista deve aguardar autorização do chefe que terá suas razões para liberar membros da equipe no momento que convier. (...) O normal é esperar para ser dispensado. [7]

Mas nos Estados Unidos não é diferente. O jornalista Gay Talese relata:

> Certa ocasião, um repórter chamado Albert J. Gordon foi para casa sem o "boa noite"; mais tarde, telefonaram-lhe dizendo que o editor queria discutir com ele um assunto muito importante – *agora*, e pessoalmente. Gordon morava a uma distância

> inconveniente do jornal e estava chovendo muito, mas reapareceu na redação o mais cedo que pôde. Ali, molhado e emburrado, ficou por alguns segundos diante da mesa do editor local, até que este levantou os olhos e disse, quase com um sorriso: "Boa noite, sr. Gordon". [8]

O tempo da redação se impõe sobre o do "resto do mundo", sobre o âmbito privado do jornalista. Nas empresas jornalísticas, os repórteres são os profissionais que têm a carga horária mais pesada e mais sujeita a imprevistos. Em algumas emissoras até existe compensação das horas trabalhadas além do horário, mas nos jornais esta compensação de horas extras é esporádica. O trabalho é imposto em horários "anormais", como madrugadas, feriados, fins de semana. E quando a pessoa é demitida, é expulsa sem contemplações da "casa", voltando a ser o indivíduo da "rua". Os repórteres vivem imposições por parte das empresas, sendo submetidos e esquecendo que são seres humanos e não máquinas de fazer notícia. Existe, inclusive, até controle das chefias sobre seu tempo livre. Taylorismo e fordismo em vigência nas mídias modernas. O procedimento que revela o grau de produtividade a que é submetida uma notícia ou uma reportagem é a *ditadura da pauta*, que gera tensão para os repórteres. Muitas vezes, o material é inteiramente planejado (pautado), de acordo com interesses políticos e/ou comerciais. Portanto, o repórter deve preencher os vazios do texto com declarações convenientes.

> Se examinamos, grosso modo, a produção jornalística, logo se verificam as noções tradicionais que armam os sentidos da informação: a noção de certo e errado, de causa e efeito, de sujeito e objeto em primeiríssimo plano e as demais noções de igual modo presentes. (...) A visão com que operamos ao pautar e desenvolver uma pauta tende quase para o enquadramento esquemático do real, a atrofia de sua vitalidade enquanto processo.[9]

Nessa visão tradicional é que as empresas jornalísticas centralizam sua proposta pragmática na eficiência técnica: o manual de redação, que é vendido como um ordenador de texto, como um padronizador de estilos. Mas também como um código de ética que se apresenta para a sociedade, no sentido de legitimar a própria notícia e dar crédito ao jornal. Mas se o repórter não segue o manual de redação e estilo, é repreendido e acusado de derrubador de matérias. O profissional desqualificado é considerado incompetente. Eis a violência psicológica. O ser humano desenvolveu técnicas e mais técnicas, mas esqueceu dos contactos da consciência. Sabemos que a busca dentro de cada um, da unidade e o todo, é o caminho fundamental para compreender os diversos estados de consciência da

humanidade.

O repórter Ricardo Kotscho comenta como "o nervosismo não é inerente à atividade jornalística; só em ocasiões excepcionais. Até para poder escrever, poder botar a sensibilidade no papel, tem de ter um mínimo de tranqüilidade. Muita gente usa jargão, bordão, porque não pensa, pois tem um encarregado que está apressando no terminal".[10] Mas parece que só para os jornalistas antigos e de renome é que existe a liberdade de escrever. Kotscho confirma: "Dentro de limites imprecisos, as empresas de notícias admitem e até estimulam que alguns profissionais manifestem sua rebeldia e criatividade no nível político e no literário".

Essa desvalorização dos repórteres nos meios de comunicação lhes causa angústia e decepção. A desqualificação é outra estratégia empregada nas empresas para obter maior docilidade e conseguir que aceitem o salário oferecido, pois profissional incompetente não pode fazer reclamações. Com relação à remuneração, existe uma discrepância salarial entre o "alto clero" das redações e o "baixo clero", que são os que ficam longos tempos nas empresas à espera de oportunidades e devem apresentar contínuas manifestações de dedicação seguidas de pedidos de aumento. Essa divergência de salário "mostra", para as camadas baixas da redação, como as promessas das empresas se realizam para os "bem-sucedidos". Suscitando aspirações obsessivas de ascensão que, com o passar do tempo, provocam desestímulos, desesperos, oportunismos, internalizações dos "fracassos" e, finalmente, saídas das empresas. A pressão começa com o processo da informação e passa pelo manejo da equipe — o que inclui contratação, promoção, demissão. Tudo isso está nas mãos do editor, em vários graus de poder. Normalmente, o editor tem autonomia para definir pautas e propor quais serão os repórteres especiais, embora, ao longo do dia, sejam feitas reuniões, com o poder central da redação, em que se administram espaços e temas. Existe outro desrespeito para o exercício da profissão: pois quase sempre os textos terminam escritos a várias mãos, ou seja, por ninguém. Não existe criatividade, nem autonomia.

Outra característica das empresas jornalísticas é a falta de investimento nos trabalhadores. As políticas internas nem pensam como podem reduzir as tensões. Vimos como a tensão é utilizada como estratégia para produzir "qualidade" de notícias. Antigamente, quando não existiam ainda as escolas de Comunicação, os jornalistas eram "adestrados" nas próprias redações dos jornais.

> Havia um tipo de repórter muito interessante que era uma figura da imprensa daquela época. Era o repórter que escrevia mal porque não escrevia praticamente. Ivan Ângelo – editor chefe em 1992 no Jornal da Tarde – conta que no início da carreira dele em Minas Gerais, havia repórteres que simplesmente não sabiam escrever e muito menos

> datilografar. O repórter vinha da rua, era entrevistado ou produzia no máximo um relatório cheio de informações desconexas que o jornalista, na redação, organizava e produzia a matéria que seria publicada. Esse trabalho de formação do jornalista dentro das redações praticamente desapareceu. [11]

Esse jornalista era o *foca*. O jornalista novato começava como *pombo-correio* (*office-boy*, para outros) e, com os ensinamentos, com o contato com os repórteres mais experientes, ia aprendendo as técnicas, ou melhor, o "saber" jornalístico. Nas décadas de 1960 e 1970, a formação de jornalistas era feita, principalmente, dentro das redações. O diploma não era indispensável. Mas não era só a pessoa novata que ia para a redação, também pessoas de nível cultural mais elevado. A formação do jornalista dentro das redações terminou no Brasil com outro ato autoritário: o golpe militar de 1964. Mas as empresas só começam a se preocupar em dar fim à obrigatoriedade do diploma profissional após o enfraquecimento do golpe militar. Por que acontece isto? Censura? Luta para pagar menos salário?

Em artigo que analisa os níveis explícitos e não explícitos de censura na informação jornalística, a principal narrativa da contemporaneidade, a pesquisadora Cremilda Medina explica:

> No primeiro cenário dado à interpretação temos a censura explícita, institucionalizada e verticalmente exercida pelo Estado autoritário; em outro cenário, estamos sujeitos a atos repressivos inerentes a qualquer exercício de poder que imponha às práticas cotidianas constantes cerceamentos; e um terceiro cenário é o da rede intimista da autocensura, exacerbada na cultura do medo dos sistemas ditatoriais ou nas heranças autoritárias. De qualquer forma, essas situações se conjugam numa complexidade que escapa às explicações fáceis. [12]

Como expomos no primeiro capítulo, a aplicação de uma epistemologia humanista e complexa permitiria a introdução de métodos participativos que visassem ao atendimento de necessidades e aspirações humanas com relação ao trabalho e o crescimento pessoal, procurando tornar os cargos mais produtivos e satisfatórios. Esse *diálogo de saberes* se concretizaria em salários, horas e ambientes de trabalho, benefícios, serviços, perspectivas de carreira e relações humanas; relevantes para a satisfação e motivação dos repórteres e crescimento das mídias. Enfim, superando esse trabalho alienado que significa ausência de gratificação, negação do princípio de prazer levando o indivíduo a reprimir sua liberdade e traduzir essas ações negativas em dor no corpo: o que chamamos de somatização. Mas será mesmo que muitos sentem prazer em trabalhar assim? Sem criatividade e

participação dentro das empresas? Com a pesquisadora Cremilda Medina, podemos dizer:

> Toda narrativa, construída a partir do acontecimento contemporâneo, representa um delicado tecido em que as tensões das microestruturas de poder e das estruturas intermediárias de decisão procuram de alguma forma impor seus interesses, suas competências e ideologias e, sobretudo, sua visão de mundo. [13]

Mas o encarceramento do jornalismo deve ser confrontado com o experimento disciplinado do repórter que vai à rua, vive o mundo e tenta se libertar para construir uma profissão de princípios humanistas, honesta, não preconceituosa e participativa.

2.1. Ausência de QVT x repórter cidadão

Um jovem recebe seu diploma de jornalista e vai procurar trabalho. Este jornalista novato provavelmente começará o trabalho num campo de ação que não conhece. A maioria dos repórteres, pelo que pude ver nas várias entrevistas pesquisadas, começa na área policial. Para muitas empresas, é a escola de todos: "a gente cai nela e passa a conviver com muita tensão e emoção". O repórter Délio Rocha conta a experiência de seu companheiro João Gabriel que, na verdade, foi recebido pelo diretor só com palavrões. Uma forma de mostrar que são durões e merecem respeito? Desde a porta de entrada, observa-se agressão ao ser humano. Neste depoimento, observamos os primeiros passos do novato, como é motivado para ser pândego.

> Chegou na redação do Estado de Minas, com seu jeito jeca de Itaúna e o sorriso franco dos simples. *Senhor Vênder...* <Senhor é a puta que o pariu, seu bestalhão. O que você deseja?> *Sou formado em Comunicação Social e queria aprender a ser jornalista aqui...* <Não precisa puxar o saco. Você me foi recomendado e vai acompanhar o Délio em suas andanças. Não sei se vai aprender alguma coisa, mas vai ficar bom na sinuca e na cachaça. Qual é a sua escola?> Ao falar João que estudou na Lagoinha o moço ganhou o Vênder, nascido e criado no bairro: <Se você bebeu na Praça Vaz de Melo e fornicou na Antônio Carlos, tudo vai dar certo...> A partir daquele dia o moço de jeito jeca e sorriso franco passou a me acompanhar na cobertura policial. Uma tardinha dessas, ele ligou: *Sô Vênder, aqui é o Bestalhão! Manda o Délio e o fotógrafo virem aqui na lagoinha que é capaz de ter uma matéria quente...* <Que manda o Délio que nada. Você não tem diploma? Se vira...> (era sua primeira matéria assinada) Vênder Piroli olhava orgulhoso a sua página e comentava...<Éh, sô, temos um novo jornalista na praça>. [14]

Muitos repórteres acabam se acostumando a esta área de atuação e ficam nela. Hélio, por exemplo, baiano de 48 anos, trabalhou na *Gazeta Esportiva* desde 1987. Chegou a ser Secretário de Redação. Saiu de lá por divergências políticas e foi cobrir a área policial do desaparecido jornal paulistano *Notícias Populares*. Ele afirma não ter mais medo de cadáver.

> *Quantas horas você dorme por dia, Hélio?* <Umas quatro horas. Depois que saio do NP, umas 10h da manhã, vou resolver minhas coisas, ir ao banco, essas coisas. Lá pelas 5h, 6h da tarde vou dormir e acordo às 22h>. *Você não se diverte?*< É claro que sim. Às vezes dou umas saídas nas minhas folgas>. *Mas não é verdade que, durante suas folgas, você visita as delegacias?*< É verdade. Eu gosto de ver essas histórias, esses crimes. É muito melhor do que ir ao cinema. Tem muito mais riqueza e é real>. (...) *Você é casado?*< Só no papel. Não moro com minha mulher faz mais de dez anos. Convivia muito pouco com ela e com minha filha>. (...) *Quanto você acha que deveria ganhar?*< No mínimo uns cinco paus. Os repórteres ganham muito mal. Eu não seria jornalista se tivesse de começar de novo>. *Mas você não gosta de sua área de atuação?*< Eu acho que todo jornalista em começo de carreira tem de cobrir polícia. Cara que faz polícia faz tudo. Nós cobrimos a miséria humana. Sou um dos caras que mais conhece os Jardins aqui em São Paulo> (...). [15]

Hélio é um repórter que só vive para o trabalho, aniquila sua vida com a própria profissão. Seu ritmo de trabalho não lhe permite ter uma família. Até que ponto se sente feliz com o que faz ou realiza? Será que este ritmo de trabalho leva-o a crescer como ser humano e profissional?

> (...) *Você gosta quando um crime desses acontece?* <Gosto. Com o tempo a gente até torce para que esse tipo de coisa aconteça. Não é o fato de o cara estar morto, é o seu trabalho como jornalista. Se eu não pego nenhuma matéria à noite, a direção do jornal vem e me diz que isso é impossível. (...) Zé Maria, o fotógrafo, percebeu que Hélio iria, como de costume, ficar mais um tempinho por ali falando com policiais e resolveu ir bater um papo com outros repórteres. A essa altura, as TVs Globo e Bandeirantes já tinham chegado. (...) *Zé, o Hélio é sempre assim? Sempre enrola desse jeito para fazer o trabalho?* <<Esse é o mundinho dele. Ele não tem vida. Vive de falar com os tiras, as escrivãs. Ele não toma sol. A pele dele está até verde.>> *Pelo jeito, vocês dois não se dão muito bem*. <<Ele não fala muito comigo, só o necessário. Mas minha vida é muito diferente da dele. Eu jogo bola, cuido dos meus filhos, sou casado. Ele não tem família>>(...). [16]

Outros repórteres dobram o trabalho para ganhar mais, já que os salários são

tão baixos que não dão condições dignas. Para cobrir seus gastos, também fazem *free-lancer* e terminam sem tempo para a família. Ainda é comum encontrar repórteres com duplo emprego. Trabalham em órgão público ou em assessoria de imprensa e, paralelamente, numa editora, jornal, emissora ou revista. Muitos terminam doentes. Como fazer compreender que dinheiro não é tudo? Que é necessário um espaço para o lazer, para compartilhar com a família, amigos, enfim, fazer relações sociais?! Que o corpo necessita de descanso. Que precisamos refletir se o esforço realizado contribui no crescimento contínuo da vida profissional, pessoal e individual. O repórter, trabalhando desta forma, terá satisfação como ser humano e sua auto-estima crescerá? Sentirá que está plantando uma semente útil para sua família?

Visto de forma mais simbólica, o trabalho é uma atividade profissional, não só para ganhar a vida. Também é uma inserção social, onde os aspectos psíquicos e físicos estão fortemente comprometidos. O trabalho pode ser fator de deterioração, de envelhecimento e de doenças graves, mas pode constituir-se em fator de equilíbrio e desenvolvimento. Segundo Dejours, Abdoucheli e Jayet, a possibilidade da segunda hipótese está vinculada ao trabalho que permite, a cada indivíduo, aliar as necessidades físicas ao desejo de executar uma tarefa.[17]

Podemos afirmar que o repórter luta continuamente para se construir no mesmo movimento que tende a destruí-lo. Nas palavras da pesquisadora Cremilda Medina podemos encontrar as forças complexas do papel dos repórteres:

> Toda vez que se colhe o depoimento metalingüístico do jornalista, emerge a perplexidade, a angústia e o desafio perante sua responsabilidade autoral, por mais despersonalizado que seja o campo da narrativa dos acontecimentos contemporâneos. A tensão entre a História *que é* e a História *que deveria ser* aflora como o cenário simbólico desafiador para qualquer modesto repórter. Os mais bem situados no mercado profissional (até mesmo por seus ganhos de assalariados ou de autônomos) às vezes mascaram esta tensão partilhada pelo grande contingente dos desajustados. No entanto, lá bem no desejo íntimo da maioria, colhe-se, em um testemunho desarmado, a esperança do jornalista-cidadão e a disponibilidade para contribuir, de alguma forma, para a mudança das mentalidades. [18]

Mas, do outro lado, nas conversas com diversos repórteres, encontramos aqueles espertos, comunicativos, supervaidosos, sabendo um pouco de tudo, mas nada a fundo; que, ao lidar com o poder, se deixam influenciar e viram arrogantes. Outros, que sempre estão *ligados*, costumam ser nervosos e consideram que: "É preciso ser neurótico, pelo menos um pouco, para ser repórter". Não só pelo ritmo de vida, mas também pela renúncia à sua vida pessoal. Muitos afirmam: "Eu só

vivo para o trabalho, só falo nisso, respiro jornalismo 24 horas do dia". Glauco Rodrigues apresenta em sua dissertação de mestrado cinco entrevistas feitas com jornalistas da grande imprensa com experiência entre oito meses e 30 anos, na profissão. No depoimento de Humberto Werneck encontramos a humilhação profissional.

> Você cria uma massa ignara que produz coisas da reportagem local, umas coisas assim... parecem que não foram escritas por ninguém; é uma treva, parece ter sido feito por uma só pessoa e por ninguém ao mesmo tempo. Do ponto de vista de quem faz, eu acho que isso é uma coisa altamente danosa, você acaba desenvolvendo uma esquizofrenia perigosa. Não é que o jornalista possa se permitir a ilusão de que vai enfiar as suas idéias pessoais no jornal ou na revista, mas é preciso que um pouco da pessoa que você é passe naquilo que você faz. Se isso não acontece, você vai ter um entupimento de ordem emocional, existencial de graves conseqüências. É preciso que um pouco da pessoa esteja na matéria que ela faça, ainda que seja uma matéria não assinada. Esse pouco onde está? Está na escolha das palavras, na maneira de ver individualmente uma determinada coisa. O jornalista não pode ser reduzido a uma pessoa que meramente enfilere palavras uma atrás da outra dentro de um trilho já delimitado por alguém. [19]

Nosso corpo, no ato do trabalho, interposto entre os objetos que agem sobre ele e os que ele influencia, guarda esquemas de comportamento. A pesquisadora Ecléa Bosi chama esse processo de vivência de *memória-hábito*, memória dos mecanismos motores. Mas, de outro lado, ocorrem lembranças independentes de quaisquer hábitos que constituem autênticas ressurreições do passado. Contemplar o corpo é olhar sobre o absoluto. Porém, nosso corpo pulsa movido pelos sonhos e desejos; sentimentos que fazem pensar em seus desempenhos.

> A análise do cotidiano mostra que a relação entre essas duas formas de memória é, não raro, conflitiva. Na medida em que a vida psicológica entra na bitola dos hábitos, e move-se para ação e para os conhecimentos úteis ao trabalho social, restaria pouca margem para o devaneio para onde flui a evocação espontânea das imagens, posta entre a vigília e o sonho. [20]

Quando um repórter é demitido, não só seu trabalho é castigado, a penalidade também é feita através da execração e destruição dos sentidos do seu corpo e de sua mente. Isto pode ser apreciado no depoimento de Humberto Werneck.

> A matéria foi sendo cortada a cada dia, de seis colunas para cinco, de cinco para

> quatro, e acabou sendo reduzida a duas colunas. E eu, que estava por uma série de razões muito fragilizado, muito inseguro, senti esses cortes como cortes na minha carne, que certamente eram, porque uma vez que eu tinha razões profundas para fazer aquilo, mas também razões jornalísticas, eu fui vendo que o objetivo da minha paixão, que naquele momento era a reportagem, estava sendo dizimado, sendo cortado. [21]

A repórter Mônica Teixeira, que passou pelo *O Estado de S. Paulo*, a *Folha de S. Paulo*, a Rádio Globo e a TV Globo e, em 1996, foi diretora do programa SBT Repórter, afirma que o repórter sempre acaba envolvido com o que faz.

> O período na Rádio Globo foi muito infeliz, era uma gente horrível. Eu trabalhava à noite e é horroroso trabalhar à noite. Odiava esse horário. (...) Olha, eu acho que não se passa incólume por reportagem alguma. Você pode até querer, mas se você está ali honestamente envolvido como o que faz e se tem relação com os seres humanos, empatia e tal, você acaba envolvido. Eu, pessoalmente, me atrapalho muito com as reportagens. Tenho mais de vinte anos de profissão e fico um pouco tomada, mas isso não pode atrapalhar a reportagem. (...) Se você está num jornal diário, o tempo para digerir será o de sair de um lugar e ir para outro. Ou depois você digere sozinha, porque precisa escrever o texto. Mas dispondo de mais tempo, você pode até ficar um pouco atônita e, de uma certa maneira, isso acaba fazendo parte do seu critério de escolha para saber qual a versão que você vai contar. É por isso que não se pode falar em imparcialidade do repórter, porque as coisas tocam o repórter diferentemente. (...) Eu não tenho família. Não gosto de família, acho família um saco. Tentam enfiar umas famílias em mim, mas eu até hoje resisto. Adoro minha mãe, temos uma relação superenriquecedora, ela assiste aos meus programas e às vezes serve de exemplo de telespectador para mim. Mas nunca tive de fazer essa chamada conciliação. Também nunca tive filhos. O que eu vejo é que filho é um problema para pais repórteres. Mas não deve ser um problema muito grande, porque tem tanta gente na profissão com filhos e tal. [22]

Muitos repórteres ficam 280 dias fora de casa durante o ano sacrificando sua vida pessoal. O trabalhador é artesão de seu próprio sofrimento. Não resolvidas as necessidades e frustrações do trabalho, o repórter mantém sua pressão nas "horas vagas", que tendem a ser ocupadas pelo consumismo e a busca desenfreada de bebidas. Nas redações em que trabalhou, Jorge Ribeiro observou que muitos colegas demonstravam ao longo da semana uma ânsia incontrolável de freqüentar bares e festas; no entanto, tais ocasiões não representavam um intercâmbio emocional ou cultural mas funcionavam como catarse de insatisfações trazidas do trabalho. Ele nos relata:

> Em minha vivência das redações presenciei e ouvi relatos de casos de companheiros que sacrificavam desnecessariamente suas férias pelo trabalho, de chefes que procuravam os redatores durante a folga de ambos para resolver questões de trabalho, de repórteres que pediam para ter uma cama na redação ou que por engano ou rotina iam trabalhar num dia em que a redação estava fechada. [23]

Reflexo típico dos *workaholics* que não param de trabalhar 24 horas por dia. Margarita Barreto[24], médica do trabalho, explica que existem práticas desprezíveis, porém bem conhecidas do mundo do trabalho, como "puxar o tapete" do colega, espalhar boatos maldosos sobre o superior ou desmoralizar o subordinado na frente da equipe. Atitudes desse tipo levam o nome de assédio moral e pressupõem perseguição sistemática ao funcionário, em uma espécie de terrorismo psicológico.

Dos depoimentos dos repórteres, concluímos que o assédio moral nas empresas jornalísticas é muito comum. Sergio Vilas Boas também sentiu a perseguição e desqualificação quando laborava na *Folha de S. Paulo*:

> Por mais que você trabalhe bem, com qualidade, seu trabalho não vale nada, ele é totalmente desqualificado. É tanto o assédio moral que você resulta pensando que você é mau, que você não serve para nada. Vários companheiros que trabalhavam comigo são alcoólatras. Isto pelo desespero da situação, às vezes não sabem o que fazer com suas vidas.[25]

Vemos neste depoimento como a desvalorização cria no ser humano falta de auto-estima, ansiedade e angústia. A angústia não é só uma noção fundamental no projeto de Freud. Ela é um dos problemas fundamentais da existência humana. Ribeiro mostra tanto em sua pesquisa como nos depoimentos dos jornalistas que a *Veja*, o *Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* têm outra forma de produzir tensão, como *sonegar o estímulo*, fazendo com que o repórter não tenha confiança em si mesmo e se sinta inseguro no que faz.[26]

As empresas inibem a criatividade do jornalista e, se ele não se submeter à política, criam um ambiente de "lavagem cerebral" ou "assédio moral" ao classificá-lo como mau jornalista. A sobrecarga de trabalho, que quase sempre ultrapassa as oito horas diárias, causa frustração, uma vez que o jornalista não faz ou não realiza o que verdadeiramente quer. Muitos têm o sonho de chegar a ser escritores e não conseguem escrever por falta de tempo. Raul Drewnick revela o mecanismo que colaborou com a auto-repressão:

> Escrever é uma coisa que mexe muito comigo e me deixa tão ansioso, tão nervoso

> que durante 15 anos eu tive de abandonar isso porque eu não conseguia escrever como queria. Fiquei sem ler também, cada livro bom me despertava aquela obrigação e assim eu me reprimia. Me reprimia mesmo, senão ficava com úlcera. Quando ela ataca de novo, eu abro mão da qualidade no texto do jornal. [27]

A auto-repressão aumenta quando o ser humano entra em crise de ansiedade, cansaço e fica em pânico. O trabalho, em vez de ajudar a crescer e satisfazer a pessoa, colabora com a destruição da essência da pessoa, fazendo do ser humano escravo de sua própria destruição. É o estado do espírito de um indivíduo arrancado de suas raízes morais. Jorge Cláudio Ribeiro explica como com a *improvisação* acontece o mesmo, aumenta a margem de entropia e a possibilidade de erro obriga o profissional a compensá-las com recursos pessoais e tempo extras. Daí decorrem, de novo, a ansiedade e o pânico de errar, resultando em um esgotamento progressivo e fadiga mental que com freqüência se somatiza em doenças alérgicas e cardíacas. O sofrimento mental é alimentado pelas empresas, e portanto torna-o "produtivo", através de mapas de erros personalizados, de ameaças e sanções e seu objetivo é a submissão e a construção do autocontrole: ter medo de ser vigiado é vigiar-se a si mesmo. O medo e a ansiedade são os meios pelos quais se consegue fazer respeitar os preceitos hierárquicos. Dessa forma, obedecer é proteger-se da ansiedade originada pelo risco de ser flagrado em erro.

O autor aponta também que são comuns as repórteres que perderam o interesse pela vida, os que buscam valores externos como poder, os que estão irremediavelmente desorientados. E questiona: não será esse um horizonte próximo de jornalistas enredados na encruzilhada histórica da profissão?

Para muitos repórteres, cada dia que passa é um dia que morre. Procuram realizar-se em sua profissão, mas esta termina primeiro com eles. Por quê? Falta de identidade profissional? Pessoal? Vejamos um exemplo de um jornalista que se suicida porque deixa de exercer sua profissão:

> Um médico, um advogado, um engenheiro, quanto mais antigo e experiente se torna na profissão, mais adquire respeitabilidade e reconhecimento. Com o jornalismo acontece o oposto. Para o jornalismo, envelhecer é uma tragédia dupla. Mesmo os veteranos que permanecem em atividade são, de certa maneira, afastados, ainda que de maneira elegante... Há cerca de três meses o Ramão Gomes Portão me telefonou. É claro que não sou tão burro a ponto de não perceber que o Ramão, atrás daquela voz alegre, estava apenas querendo desabafar alguma coisa que remoia por dentro. O Ramão Gomes Portão, que ensinou tanta coisa de jornal a tanta gente moça, se queixou de que ele não tinha mais jornal onde escrever. Tinham-lhe cortado as asas da imaginação e a vocação de velho e competente mestre da crônica policial. O Ramão ainda tinha leitores. Mas já não tinha jornal para escrever. Na semana passada, Ramão

> fez uma visita à sala de imprensa do Deic. Ao que tudo indica, foi matar as últimas saudades de sua profissão aniquilada. Ficou pouco tempo ali. Apenas o suficiente para receber abraços de colegas e amigos. Na verdade, ele tinha pressa de despedir-se dele mesmo. E partiu. Escolheu a morte – algumas horas depois. [28]

O que passou com este repórter ainda pode estar acontecendo com outros que, como ele, reduzem a profissão à única atividade. Acabando a profissão, a vida fica inútil, pois a pessoa não sabe fazer mais nada. Estas experiências, a meu modo de ver, convidam a uma reflexão: seria bom pararmos para pensar se verdadeiramente estamos fazendo ou realizando o que gostaríamos de fazer. Se nos sentimos bem na vida, se estamos lutando por nossos sonhos e, especialmente, se nos sentimos crescer como pessoas em busca de uma melhor qualidade de vida.

Mas se poderá estar pensando que as situações relatadas são somente vividas pelos repórteres que atuam nas grandes mídias. Grande engano. Os profissionais que trabalham na imprensa sindical, bem como nas organizações não-governamentais e nas mídias alternativas, também estão submetidos a essas pressões.

> Os próprios comunicadores que atuam na imprensa sindical atestam suas inquietudes e, muitas vezes, vivem conflitos tão agudos quantos os jornalistas das empresas capitalistas. Queixam-se os entrevistados dos embates explícitos com o dirigismo, para não falar do autoritarismo, da política de informação nos sindicatos. Já por aí um jornalista percebe-se tão cerceado quanto um assessor de imprensa de uma grande empresa (jornalística ou não). As cúpulas apresentam sempre a aspiração de controle do processo informativo, uma vez que este se revista de aparências jornalísticas. Para isso, contratam-se profissionais capazes de "embalar" a notícia, o relato da situação atual, mas, no fundo, pretende-se endereçar aos públicos atingidos uma mensagem ideologicamente fechada na mentalidade dos dirigentes. [29]

Ao exposto se deve agregar o desenvolvimento das novas tecnologias, nas mídias contemporâneas, que trazem consigo uma verdadeira metamorfose do humano que deverá ser revista, como propõe Edgar Morin, em um âmbito que contemple a tríade indivíduo, sociedade, espécie, numa visão complexa de interdependência, que supere a dogmatização da consagrada linguagem jornalística.

> Tais dogmas atravessaram o tumultuado século XX e agora que novamente se faz o marketing da comunicação interativa, usando exclusivamente o universo privilegiado de quem detém as tecnologias de ponta, as maiorias humanas continuam sob o bombardeio das transmissões. Os conteúdos aí codificados não se afastam um milímetro da velha gramática que aprisionou em técnicas de trabalho e valores

(determinadas fórmulas) à produção dos sentidos da atualidade. [30]

Cabe ao repórter sonhador e observador participante procurar as estratégias de sobre vivência que representam a concretude humana. Pois a salvação da espécie humana está pelo caminho da integração, onde todos os seres tenham a sua vez. Como disse Ilya Prigogine[31], o mundo não é feito só de estabilidade, de finalidade pré-determinada, equilíbrio e reversibilidade dos desequilíbrios ao equilíbrio original. Do não equilíbrio constata-se o princípio da auto-organização que aponta para a liberdade e a criação imprevisível. O sujeito é um ruído seja no caso da cegueira vislumbrada por José Saramago, ou da esquizofrenia denunciada pelo Edgar Morin, ou esse self tomado de objetos que nos faz sujeitos coisificados de que nos fala Walter Trinca. Concordamos com Trinca que:

> Quando alongamos o olhar sobre o que à primeira vista este planeta nos oferece no umbral do milênio, o espetáculo parece estarrecedor: superpopulação, violência, extermínio, pobreza, fome, guerra, destruição do meio ambiente, drogas, corrupção, asfixia das liberdades, dominação pelo poder econômico, poder exorbitante da mídia, manipulação da mente, perda de identidade humana e uma infinidade de outros problemas que não caberiam na caixa de Pandora, de tão descomunais que se apresentam. Talvez estivéssemos enganados de chamar a isso de um mundo humano.[32]

Na América Latina, e especialmente no Brasil, o desenvolvimento econômico tem sido notável, mas não tem sido igualmente, o desenvolvimento social. O Brasil continua sendo um país de escandalosas desigualdades. Sem uma política social de integração da população marginal e sem QVT, o desenvolvimento do Brasil decrescera. Mas acompanhamos a estratégia de Edgar Morin da auto-eco-organização[33]: contemplados os princípios da interação entre indivíduo e sociedade, e o diálogo entre sujeitos em um processo de probabilidades construindo e desconstruindo a vida.[34] Mas com a *Vida em Qualidade*, porque hoje a relação tem-se invertido: primeiro, foi imperativo o desenvolvimento econômico. Hoje, para que esse processo continue, é igualmente imperativo o desenvolvimento social: a Qualidade de Vida do Indivíduo, QVI. O Brasil, que viveu a queda da ditadura e o inicio do regime político democrático, hoje tem a necessidade de criar no social e no econômico uma sociedade nova e mais justa.

Brasil, 1997; PIB, 750 bilhões de dólares; população 160 milhões de habitantes.[35]

> Dez por cento da população, a elite, 16 milhões de pessoas, detêm pouco mais de 50% do PIB, 375 bilhões de dólares, renda per capita de 23 mil dólares. Os vinte por cento da população na base da pirâmide, os miseráveis ou excluídos, ficam com menos de 10% do PIB, algo em torno de 70 bilhões de dólares, renda per capita inferior a 220 dólares. No bloco intermediário temos setenta por cento da população, pouco mais de 110 milhões de pessoas, dividindo 300 bilhões de dólares de PIB, o que vai dar um per capita em torno de 2500 dólares por ano. Esse perfil de renda é aparentemente inconciliável numa só nação. De fato, não existe nenhum país no mundo com tamanha desigualdade na distribuição da riqueza. Seria como se coabitassem no mesmo espaço geográfico, ao abrigo das mesmas instituições, falando a mesma língua, torcendo para a mesma seleção de futebol, países tão diversos quanto Holanda, Paraguai e Afeganistão.[36]

Neste país, iluminando a compreensão dos fenômenos humanos, vivem e trabalham os jornalistas que, com sua alma de repórteres, alimentam-se do espírito de aventura. E cada um deles representa uma característica, uma tendência, um estilo de ser repórter e de trabalhar nas mídias. E esta tese se interessa pela alma do ser repórter: visão fundamental para sua QVT. Convém recorrer às palavras do repórter Marcos Faerman:

> Fico pensando em uma arqueologia do repórter. Ou numa ontologia, isto é, na busca do próprio ser do repórter. Imagino que isso possa ser estabelecido a partir de linhas tênues, em pistas e imaginações, ao longo deste texto – evocando algumas referências nas histórias-limites da saga dos repórteres. Mas vou buscar alguma coisa, primeiro, no baú das memórias pessoais. [37]

Eis as duas memórias de que nos fala Ecléa Bosi: a memória-hábito, que faz parte de todo nosso adestramento cultural, e a imagem-lembrança, que traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Mas estamos feitos da junção, da miscigenação dessas duas memórias. E de novo a reportagem, com a maleabilidade do ensaio, nos permite movimentar em vários níveis de acordo com o grau de penetração da consciência do sujeito repórter no processo prático de seu trabalho humanizado. A prática reiterativa tem parentesco com a espontânea, e a criadora com a reflexiva. Eis a reportagensaio[38], narrativa das memórias, obra de literatura e sociologia:

> Em sua maioria, os jornalistas são incansáveis *voyeurs* que vêem os defeitos do mundo, as imperfeições das pessoas e dos lugares. Uma cena sadia, que compõe boa parte da

> vida, ou parte do planeta sem marcas de loucura, não os atraem da mesma forma que tumultos e invasões, países em ruínas e navios a pique, banqueiros banidos para o Rio de Janeiro e monjas budistas em chamas – a tristeza é seu jogo, o espetáculo, sua paixão, a normalidade, sua nêmese.
>
> Os jornalistas viajam em bandos, a tensão à flor da pele, e mal podem adivinhar em que medida essa presença tem o poder de desencadear um incidente, acender as pessoas. As entrevistas coletivas, com suas câmeras e microfones, se tornaram de tal forma parte integrante dos acontecimentos de nosso tempo que ninguém sabe mais se são as pessoas que fazem as notícias ou vice-versa: o general Ki, no Vietnã, sentindo-se sem dúvida mais poderoso depois de ser pela sexta vez matéria de capa de uma revista, desafia a China; a polícia de Nova York invadiu o quartel-general de alguns jovens delinqüentes e descobriu que os líderes da gangue mantinham livros de recortes da imprensa; em Baltimore, um dia depois de o Relatório Huntley-Brinkley mencionar que a cidade tinha sobrevivido ao verão sem nenhum episódio de tumulto racial, houve um desses episódios. Se a imprensa está ausente, políticos cancelam seus discursos, manifestantes em defesa dos direitos civis adiam suas marchas, alarmistas deixam de fazer suas previsões lúgubres. Os soldados que guardam o Muro de Berlim, amplamente ignorados desde que o Vietnã tomou seu lugar nas manchetes, observam, despreocupados, as garotas que passam.
>
> Uma notícia não publicada não causa impacto. Poderia muito bem não ter acontecido. Assim, o jornalista é um aliado importante da ambição, é o acendedor de lampiões das estrelas. É convidado para festas, cortejado e cumprimentado, tem acesso a telefones que não constam da lista e a muitos estilos de vida. Pode mandar para os Estados Unidos uma matéria provocativa sobre a pobreza na África, sobre distúrbios e ameaças tribais, e depois dar um mergulho na piscina do embaixador. Às vezes, o jornalista pode supor erroneamente que é seu charme, e não sua utilidade, que lhe rende esses privilégios; mas, em sua maioria, são homens realistas que não se deixam enganar pelo jogo. Eles o usam tanto quanto são usados. Ainda assim, são seres inquietos. Seu trabalho, publicado instantaneamente, é quase instantaneamente esquecido e o tempo todo eles precisam procurar algo novo, conservar o nome nas páginas dos jornais para não ser esquecidos, devem suprir o apetite insaciável dos jornais e das redes de televisão, a ânsia comercial por novos rostos, modas, modismos, rixas; não devem se preocupar quando as notícias parecem acontecer *porque* eles estão lá, nem devem pensar na possibilidade de que tudo que testemunharam e escreveram ao longo de suas vidas pode um dia ocupar apenas umas poucas linhas nos livros de texto do século XXI. E assim, a cada dia, sem pensar na história, mas apenas no instante, jornalistas de todas as crenças e qualidades registram de seu modo peculiar as notícias do mundo como eles as vêem, ouvem e crêem compreender.[39]

Na verdade, o ser humano, o repórter, é atravessado e afetado pelo espaço-tempo do trabalho, relação onde se originam as múltiplas formas de mediação e de consumo. Assim, a proposta da nossa tese é revisitar a noção de trabalho como

processo profundo de mediação e de mensagem econômica. Já que o trabalho, como energia e informação, constitui o substrato da comunicação e da comunidade. Entendendo como mediação do trabalho os permanentes *diálogos de saberes* que permitem negociar as diversas Qualidades de Vida nos processos sociais e produtivos. O trabalho como mediador funda o ser social e transforma o próprio ser humano. Assim, este estudo recoloca a relação dialética entre indivíduo, repórter e as empresas e tenta compreender as mediações presentes no processo comunicacional dos repórteres.

Esta epistemologia do jornalismo permite o resgate da crítica social, da problemática do trabalho como comunicação e da análise da subjetividade para compreender a alma do repórter, a partir das mediações do mundo do trabalho que compõem o universo da Qualidade de Vida Individual. Finalmente, nesta epistemologia da QVI, a noção de trabalho revela as diversas relações que a partir dele se estabelecem, como mediações privilegiadas, constituindo-se em um espaço de reconhecimento, de identidade e de auto-estima do ser humano com alma de repórter.

[1] MEDINA, Cremilda. Novas estratégias de comunicação. **In**: *Sobre vivências no mundo do trabalho*/ organizadores Cremilda Medina, Milton Greco. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1995, p. 179.

[2] MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988, pp. 15-39.

[3] www.fenaj.org.br

[4] MEDINA, Cremilda. Jornalismo e Epistemologia da Complexidade. **In**: *Novo pacto da ciência: a crise dos paradigmas*. Anais do 1° Seminário Transdisciplinar. Coordenadora e organizadora Cremilda Medina. São Paulo: ECA-USP, 1991, p. 196.

[5] RIBEIRO, Jorge Cláudio N. Júnior. *As condições e contradições do trabalho jornalístico - Sempre alerta*. Tese de Doutorado. Apresentada no Departamento de Ciências Sociais. À Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1992, p. 236.

[6] MEDINA, Cremilda. Idem nota 4, p. 196.

[7] Experiência descrita pelo próprio autor, Idem nota 5, p. 266.

[8] TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 221.

[9] MEDINA, Cremilda. Idem nota 4, pp. 195-196.

[10] Depoimento do repórter Ricardo Kotscho a Jorge Cláudio N. Ribeiro J. Idem nota 5, pp.151-155.

[11] RODRIGUES, Glauco Cortes. *O pensamento negado*: *o jornalista entre a razão e a desrazão*. Dissertação de Mestrado. Apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoriação da Escola de Comunicações e Artes - ECA, Universidade de São Paulo, 1992, p.175.

[12] MEDINA, Cremila. As múltiplas faces da censura. **In**: *Communicare*. Revista de Pesquisa/ Faculdade Cásper Líbero. Edição especial: 40 anos do Golpe de Estado de 1964. Vol. 4 n° 2 – 2° semestre 2004, p. 126.

[13] MEDINA, Cremilda. Idem nota 12, p. 129.

[14] ROCHA Délio. Casos do antanho... Foi assim. Ora se não foi.... **In:** *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais – SJPMG, No 141. Belo Horizonte, Julho, 2003, p. 08.

[15] FRANZINI, Renato Jr. O Vampiro dos Jardins. **Em**: *Bem viver, mal viver*. São Paulo de Perfil N° 19. Organizadora: Cremilda Medina. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1996, pp. 247-249.

[16] FRANZINI, Renato Jr. Idem nota 15, pp. 245-246.

[17] DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, E & JAYET C. *Psicodinâmica do trabalho*. Coord. BETIOL, Ma Irene Stocco. CEPT - Centro de Estudos e Pesquisa do Trabalho. Editora Atlas, São Paulo, 1994, p. 22.

[18] MEDINA, Cremilda. *Símbolos & narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998, pp. 136-137.

[19] RODRIGUES, Glauco Cortes. Idem nota 11, 1992, p. 196.

[20] BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 48.

[21] Depoimento dado a Glauco Rodrigues, nota 11, entrevista 03, p.31.

[22] ZIGGIATTI, Manoela M. Entrevista com a repórter Mônica Teixeira. **In**: *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*. Organização: Alice M. Koshiyama. São Paulo, Com-Arte, 2000, pp.53-78.

[23] RIBEIRO, Jorge Cláudio N. Júnior. Idem nota 5, 1992, p.188.

[24] VILAS, Sérgio Boas. Perseguição no trabalho é assédio moral. **In**: *Revista Equilíbrio*. Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2002, pp.8-11.

[25] Depoimento de Sergio Vila Boas dado à autora.

[26] O jornalista Augusto Nunes afirma para Jorge Ribeiro: "na *Veja* não te deixam seguro; eu fazia uma [reportagem de] capa muito bem feita, repercutia e os chefes davam um jeito de dois dias depois fazer uma crítica, que é para eu não achar que era dono da camisa" (ver tese, p. 241)

[27] Depoimento dado a Jorge Ribeiro, nota 5, p. 297.

[28] Matéria publicada no *Jornal da Tarde* (16/3/1987).

[29] MEDINA, Cremilda. Idem nota 1, 1995, pp. 177-180.

[30] MEDINA, Cremilda. Idem nota 1, p. 178.

[31] Físico e químico.

[32] TRINCA, Walter. *Psicanálise e expansão de consciência: apontamento para o novo milênio*. São Paulo, Vetor Editora, 1999, p. 71.
[33] Englobando eco como ecobiologia, ecologia e ecocultura.

[34] MORIN, Edgar. *O problema Epistemológico da Complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1984.

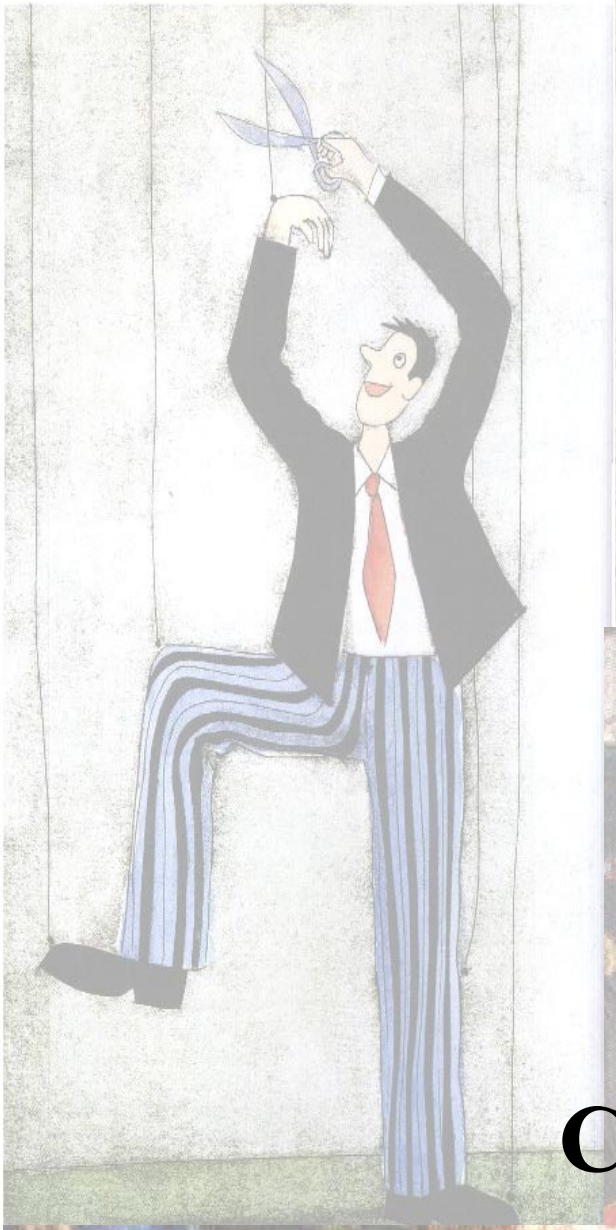
[35] Segundo o IBGE no censo do ano 2000 Brasil atingiu os 182 milhões de habitantes. Os dados mostram que o PIB aumentou, mas a desigualdade continua presente no ano de 2006.

[36] MEDINA, Sinval. Riquezas e injustiças do Brasil. **In**: *Planeta Inquieto: direito ao século XXI*/ organizadores Cremilda Medina, Milton Greco. Projeto Plural. Novo Pacto da Ciência N° 6. São Paulo: ECA/USP; 1998, p. 215.

[37] FAERMAN, Marcos. **In**: *Repórteres* / Audálio Dantas organizador. São Paulo: Editora SENAC, 1998, p.148.

[38] Noção proposta pelo pesquisador Raul Osório Vargas na sua tese de doutorado: *O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: "O homem das areias", um flagrante do diálogo oratura-escritura*. São Paulo, ECA-USP, fevereiro de 2003. Orientadora: Cremilda Medina.

[39] TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pp. 13 -14.



CAPÍTULO 3

3. IDENTIDADE DO REPÓRTER NA CRISE CONTEMPORÂNEA

É o romance que expande o domínio do dizível à infinita complexidade de nossa vida subjetiva, que utiliza a extrema precisão da palavra, a extrema sutileza da análise, para traduzir a vida da alma e do sentimento. É no romance ou no filme que reconhecemos os momentos de verdade do amor, o tormentos das almas dilaceradas, e descobrimos as profundas instabilidades da identidade.

Edgar Morin[1]

Para muitos, a profissão de jornalista precisa de talento e aptidão. Até onde a profissão tem mudado? Pois ainda existe, no imaginário coletivo, a idéia de que jornalista pode ser qualquer profissional. Mas qual será a identidade que tem o repórter de sua profissão? Jorge Ribeiro aponta que "a mistura de funções favoreceu o tráfico de influências e a falta de um padrão ético".[2] Sabemos que a ética é fundamental para a identidade de toda profissão. A pesquisadora Cremilda Medina lembra que a luta dos jovens jornalistas que passaram a etapa da regulamentação profissional se prolonga nas redações.

> Em última instância, cada empresa é um microcosmo do subsistema social da imprensa (ou indústria cultural, em termos mais genéricos). Como tal, reproduz as mesmas tensões dos sistemas maiores. Um jornalista e escritor brasileiro consagrado, Otto Lara Resende, costuma dizer que o profissional de imprensa é um nômade em busca de melhores condições de trabalho. Essas condições começam na escolha de uma profissão nem sempre reconhecida, respeitada e dignamente remunerada; continuam nos conflitos internos da competição e/ou exploração porque seu trabalho passa; seguem na exposição às tensões sociais que cobre diariamente em sua reportagem e terminam – às vezes em modelos tecnologicamente avançados – no aviltamento ou rebaixamento de seu produto de trabalho diante de outros tecnocratas bem cotados da empresa alimentada por sua informação. [3]

Todo crescimento intelectual não constitui só um problema biológico e cerebral —biocerebral[4], mas também é um resultado sociocultural, onde o indivíduo encontra-se imerso. É só assim que a profissão se fundamenta como tal e não como uma profissão inata. O pesquisador Renato Ortiz recorda que "na França, a edição de 1851 do dicionário das profissões definia a função de jornalista como homem de letras. A palavra *Jornalista* só foi registrada em 1863, o que confere existência

pelo menos semântica à atividade".[5] No século XIX, gradativamente, o exercício profissional se estrutura em um tripé ideológico: *saber, saber fazer, saber ser*.

E isso constitui um patrimônio mundial que adquiriu forma mais concreta sobretudo nos Estados Unidos, seguidos de imediato pela União Soviética e, posteriormente, de alguns centros europeus. Duas correntes se estratificam na primeira metade do século XIX: os norte-americanos levam às últimas conseqüências o profissionalismo treinado em universidades; ingleses, franceses, alemães e italianos (não de forma totalmente unânime) rejeitam a especificação profissional do jornalismo e defendem o "ideal humanista" sem preparação técnica e as vocações míticas da arte de escrever ou de exercer a tribuna pública.[6]

No século XX, os jornalistas ganham um novo *status* com a formação universitária, ainda que não exista conscientização, de muitos, em ver o jornalismo como uma das profissões mais estudadas. Se a profissão foi olhada de cima ou ignorada pelos eruditos, hoje é considerada digna de estudos profundos, como arauto das mudanças sociais. Os filósofos se preocupam com suas práticas. Cientistas políticos se interessam por seu efeito no processo de governo. Juristas meditam gravemente sobre os méritos de uma imprensa livre e suas conseqüências em um julgamento justo. Cientistas sociais empreendem um exame quase infindável das motivações dos jornais, revistas informativas, agências e dos meios eletrônicos. Até historiadores começam a aceitar a tese de que o significado dos acontecimentos de hoje é importante quanto o exame do passado, e buscam respostas até mesmo na próxima edição dos noticiários.[7]

Os avanços técnicos nas mídias brasileiras não foram acompanhados de procedimentos administrativos, profissionais e éticos. Essas lacunas que prevaleceram não são exclusivas da imprensa, elas caracterizam um quadro geral do capitalismo dependente, que só se alterou a partir da década de 1950. Uma dessas distorções era o baixo nível de profissionalização apresentado por empregados e empresários. Na mesma década, existia um amadorismo profissional e acumulação de funções que recaíam sobre as mesmas pessoas, fenômeno que mostrava a debilidade das empresas e a estagnação das profissões. Contraditoriamente, a criatividade e a paixão só serviam para compensar a gestão precária dos capitães da indústria cultural. Assim, formou-se um profissional oportunista, repetitivo, que valorizava a inspiração e talento do improviso e desprezava a tecnologia, a fundamentação intelectual e não se preocupava em lutar por seus direitos.

A pesquisadora Cremilda Medina reafirma-nos como a profissão se vai construindo histórica e socialmente, criando-se um espaço epistemológico dentro das áreas sociais como as outras profissões:

> A profissão, como qualquer outra, foi se configurando historicamente à medida que tomou consciência de seu significado e os profissionais assumiram também seu papel social. Por que se elaboram instrumentos de trabalho na profissão de médico, de dentista, de economista ou advogado e, na profissão de jornalista, há quem diga que é uma questão de simples vocação inata? Nasce feito o jornalista, quando o advogado não nasceu feito? Mais uma maneira de tentar desvalorizar o fenômeno e os profissionais que se envolvem com ele. A própria história da imprensa mostra, bem claramente, uma dinâmica de descobertas e de domínio de ferramentas tão importantes quanto a de outras profissões. E prova disso é que não se improvisam jornalistas hoje.[8]

Na década de 1980, o trabalho passa a ser medido pelo princípio do desempenho, deixando menos espaço para ação individual do jornalista, expropriado em seu poder pela crescente iniciativa da empresa de notícias. Paulo Francis deu depoimento dessa expropriação ao lembrar: "O jornalismo da década de 50 tinha algo que me parece em extinção: personalidades fortes de opinião, uma tradição humanista e generalista que hoje desapareceu".[9]

Mas a profissão ainda continua em crise. Ela é vista por muitos jornalistas como uma técnica inviolável, com uma forte pressão para o ceticismo e cinismo. A notícia, para alguns repórteres, carrega valores pessoais, mas tem que ser *objetiva*, *neutra* e *isenta*. Como se fosse uma atividade tecnocrática sustentada por esses três elementos. Um dos entrevistados por Glauco Rodrigues, mostra-nos as surpresas e choque que teve com a profissão depois de ter tantas ilusões com ela. Na prática, a realidade era outra.

> Eu achava que o jornalismo era uma coisa legal, que eu gostava, que existia um ideal, que eu poderia fazer coisas interessantes, que eu teria uma certa autonomia. O jornalista é um operário. Eu sou uma operária. Eu fabrico notícias. E isso é uma coisa que o editor falou logo que eu entrei, que a notícia é um produto, que exige rapidez. Um caderno só permanece num jornal se ele tiver sucesso comercial, mesmo que seja uma coisa muito boa. O Manual serve bem para isso.[10]

As empresas reconhecem o envolvimento do jornalista com a realidade, mas trabalham com o objetivo do distanciamento. Dizem procurar uma linguagem não valorativa, mas o que conseguem e o que desejam é a desvalorização do sujeito repórter.

> Como o trabalho de qualquer outra pessoa em qualquer empresa, a relação patrão/

> empregado é uma só. O patrão manda, o empregado obedece. Às vezes, o jornalista tem uma perspectiva bastante diferente do que é feito e gostaria de implantá-la. Se existe espaço para negociar, ele sempre vai negociar; se não há espaço para negociar, subordina-se e está acabado. Ou insubordina-se e vai embora. Isso vale para um bancário, para um metalúrgico e para o jornalista. Não há nenhuma diferença. A diferença é que o produto do jornalista são as idéias, enquanto o metalúrgico faz um carro ou peça e o bancário faz faturas. A divergência nas discussões não se expressa tão dramaticamente no produto final nesses dois casos, quanto se expressa no jornalista.[11]

O repórter se encontra, portanto, inserido em duas ambigüidades superpostas: a do *público / privado* e a do *intelectual / operário*. Segundo as empresas, os repórteres devem ter um bom-senso disciplinar e pensar sob o domínio da linha editorial e jamais publicar uma matéria na contramão da filosofia do dono da mídia onde desempenha suas funções. Isto é bom-senso? Diria que melhor é a submissão do profissional; e a ética do jornalista onde fica? As empresas procuram ir mais longe que a educação tradicional, domesticando, com seu poder disciplinar, os repórteres, que são controlados de forma minuciosa em todas suas ações. Assim, ganham dele a docilidade e a submissão.

Desvendando realidades e ainda que se fale da modernidade do jornalismo, parece que a profissão caminha como os caranguejos. Em pleno século XXI, encontramos censuras, excessos de trabalho, má remuneração, desqualificação, desvalorização profissional, imposição das normas, assédios sexual e moral.

O jornal *Pauta* de Minas Gerais denuncia que o atual governador daquele Estado, Aécio Neves, está utilizando a censura para impedir a publicação de fatos e reportagens que não sejam do interesse do governo, além de promover perseguição política.[12] De volta à prática comum que se viveu na ditadura?

Foi censurada a coluna de Cláudio Humberto no *Estado de Minas*, reproduzida pelo *Hoje em Dia*, e foram demitidos jornalistas na TV Globo e Rádio Itatiaia. O juiz da Infância, Dr. Tarcísio Martins Costa, informa: "matérias da Vara da Infância, que demonstravam descaso e insensibilidade do Estado, não foram publicadas pelo jornal *Estado de Minas* porque comprometiam a imagem do governador. Estas matérias diziam respeito à violência, tráfico de drogas e aos cortes promovidos pelo Estado em convênios com entidades assistenciais que comprometiam, inclusive, a alimentação de crianças e adolescentes". [13]

O artigo 2° do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros[14] expressa que "a divulgação de informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação públicos, independente da natureza de sua propriedade". Preceito que em muitas ocasiões não se cumpre. O artigo 7°, do mesmo Código, dispõe: "O compromisso

fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos, e seu trabalho se pauta pela precisa apuração dos acontecimentos e sua correta divulgação". Mas, na prática, as empresas jornalísticas, muitas vezes, passam por cima do Código de Ética. Os repórteres podem chegar com uma notícia importante e a empresa não se importa. Aloísio Lopes, presidente do Sindicato de Jornalistas do Estado de Minas Gerais, mostra sua preocupação pelo desrespeito à profissão e apóia a proposta da Federação Nacional de Jornalistas (Fenaj):

> Criar um Conselho Federal de Jornalismo, que ajude ao reconhecimento da regulamentação da profissão. Com as prerrogativas de uma autarquia federal, o Conselho realizará o exercício e as atividades de jornalismo, normatizando questões hoje tratadas com vistas grossas, como o estágio profissional. Mais que isso, no entanto, será a responsabilidade do Conselho e de seus respectivos regionais de criar e instalar os tribunais de ética, com competência de atuação sobre o exercício profissional (jornalistas), e sobre as atividades (jornalistas e empresas). Com certeza, isso fará avançar, e muito, a discussão e prática jornalística. [15]

Mas a proposta que tem sido discutida durante vários anos pelos afiliados da Fenaj e que foi apresentada ao Congresso Nacional tem sido qualificada pelos empresários da comunicação como um instrumento de censura e um perigo para a chamada "liberdade de expressão". Fica aqui outra porta aberta a ser pesquisada na prática atual da profissão do jornalista e seu código de ética.

Além da censura, vem outros problemas de muita gravidade, como a sobrecarga de trabalho, horários fora do normal. Mozahir Salomão explica como os repórteres viram fazedores de biscoitos de polvilho:

> Produção em série. Fornadas e fornadas de telejornais. A notícia como massa. É meter a mão, amassar e tacar no forno. E cada vez menos gente trabalhando nos bastidores. Uma redação enxuta hoje é luxo. O quadro de pessoal é insuficiente e estressado pela elevadíssima carga de trabalho. Deus sabe como os jornais são fechados. Todo mundo tem que fazer de tudo. Apura, pauta, vai para externa, edita e acompanha o jornal no ar. Se der, ainda, tem que sair com o balaio para vender o biscoito.[16]

Uma manifestação do formidável grau de prioridade da área comercial sobre a editoria é o "pescoção". Jorge Ribeiro explica como este é implantado no jornal *Estado de S. Paulo*, todas as noites de sexta-feira e madrugada de sábado.

Trata-se de uma estratégia: seu objetivo é, logo após exaustiva jornada de trabalho, antecipar a produção da edição de domingo, que normalmente seria feita

na tarde de sábado. A justificativa é que assim se antecipa a distribuição da edição de domingo. Entre a conclusão da edição do sábado (por volta das 22h) e o reinício do trabalho decorre um hiato de pelo menos duas horas em que toda a redação, uns 300 jornalistas, fica esperando as cinco pessoas da publicidade fecharem o espelho da edição de domingo, depois de recebidos os anúncios de "ultima hora".[17]

Eis a acumulação de duas jornadas e a quebra do ciclo biológico. Não é raro equipes saírem do jornal às 5h da manhã do sábado, situação que provocou problemas de saúde e pedido de dispensa de vários profissionais. Especialistas em condições de trabalho sustentam que as mudanças de horário têm conseqüência sobre a saúde dos trabalhadores, pois mexem com seu ritmo *circadiano*[18] (inclui sono, tensão arterial, temperatura, consumo de oxigênio). Sem contar que sofrem também com os baixos salários.

Um veterano jornalista da *Folha de S. Paulo* afirma:

> Ninguém se preocupava em fechar edição exatamente às 22h porque, quando havia uma notícia importante, as máquinas iam ficar paradas esperando o noticiário! Na época da renúncia do Jânio, ninguém ia embora para casa, todo mundo ficava dormindo na redação. Tem uma foto da época, parecia um necrotério, cheio de corpos em cima das mesas. [19]

Na indústria do jornalismo, a disciplina recai tanto no corpo como sobre o espírito: resultado da instrumentalização da realidade. O corpo do repórter é manipulado enquanto ferramenta de produção, lugar de disciplina e controle.

> A preocupação do poder disciplinar específico das redações se estabelece justamente na possibilidade do trabalho intelectual. A tecnologia das redações quer produzir a alma, o pensamento do indivíduo. A disciplina permite a domesticação nos dois reinos cartesianos — o reino da mente (*res cogitans*) e do corpo (*res extensas*)— e eles voltam a se unir numa concepção dual da subjugação.[20]

Muitas empresas acreditam poder dominar a mente do repórter sem dar-se conta que há um prejuízo e deterioração em geral do ser humano. Seria impossível evitar uma unificação entre sujeito e objeto. Como também é impossível separar o mundo do espírito do mundo da materialidade. Porém, para não perder o trabalho, muitos jornalistas preferem apanhar a ficar desempregados, preferem esquecer o que são verdadeiramente, ao enfrentar o desemprego. Então, o que fazer? Vejamos este exemplo da atualidade, tudo para exigir aumento salarial.

> "Se nós perdemos a ação de dissídio coletivo que os jornalistas estão movendo, talvez tenhamos que fazer alguns cortes na folha de pessoal. Para que esperar? Vamos mandar logo dez embora. Além da economia, ainda podemos forçar o Sindicato a aceitar os 5,5% de aumento que oferecemos". Esse pode ter sido o diálogo travado pela direção da Empresa Ediminas, proprietária do jornal *Hoje em Dia*, que, no dia 15 de julho, demitiu dez profissionais da redação e da fotografia do jornal. Além disso, fechou sua sucursal de *Juiz de Fora* e demitiu todos os seus funcionários.[21]

Igualmente, as empresas jornalísticas não querem perder o controle disciplinar na produção do sujeito repórter. A freqüência das demissões na imprensa traz uma indisposição, um "ciúme", de muitas empresas para com seus trabalhadores. Este sentimento se materializa quando os jornalistas são qualificados de conservadores, arrogantes e senhores de todo o saber, avessos à tecnologia e às inovações, esquerdistas românticos e sabotadores das novas chefias. Existe, às vezes, muito ódio dos donos de um jornal por seus empregados. Ao verem que alguém ficou forte na redação, eles eliminam. Jorge Ribeiro aponta que *desdramatizar* a demissão só é uma idéia rotineira para quem demite. Demissões e contratações são cercadas de forte teor simbólico que interfere na seleção, por exemplo, de quem fará parte de alguma lista de demissões em massa ou de quem será contratado quando houve empate numa seleção de currículos. Os concursos funcionam como um ritual de intimidação para quem já está na redação.

> Em algumas redações, como a *Veja*, a *Folha* e a *Gazeta Mercantil*, meus alunos entram lá, estão preparados e são talentosos, mas são submetidos a um ritmo de humilhação que se tornou cultura da redação. Tudo começa pelo estágio, um período indefinido que antes não existia e que tem a função de mostrar que você está sob observação. [22]

A estratégia quanto às demissões é servir de exemplo ou provocar "tensão produtiva" naqueles que não foram atingidos e é uma das características mais importantes. A mensagem oculta por trás de uma demissão parece ser: "Ninguém aqui é insubstituível, você também não". Os repórteres dizem ter experimentado inúmeras vezes o clima de constrangimento em torno de quem está sendo "fritado". Tornado tabu, o profissional é evitado ou visto com uma mistura de medo e de solidariedade desestimulada. Em diálogo com o jornalista, escritor e pesquisador Sergio Vilas Boas, ele me explicou como alguns chefes "fritam" um profissional: "são jornalistas com recargas de trabalho enormes que chegam até ao ponto de

adoecer e se demitir, isto, porque o chefe quer que você vai embora, por si só. Colocam todo o trabalho que há para que você não dê conta".

Então, o jornalista deve ser submisso, manter-se em um nível de trabalho estável se deseja durar por um período longo na empresa, não deve pensar em sua criatividade, pois esta não vai lhe servir de nada. Deve estar atento à notícia, seja ela imprevista por definição, ou pautada. Estar *sempre alerta* à espera do que poderá acontecer e em condições de responder com agilidade. "O ritmo de trabalho e de vida de um repórter, ao contrário de uma avaliação superficial que o qualifica de 'alucinante', é descontínuo e concentrado".[23] Que classe de qualidade de vida no trabalho é esta, em que o repórter é tratado como marionete, como se não fosse digno de respeito humano?

As situações de plantão, quando há poucas notícias, geram grande angústia e tensão. Nesse estado, o ser humano não tem cabeça para pesquisar e escrever sobre temas de seu interesse ou mergulhar com criatividade no crescimento profissional. Assim, seja uma tensão moderada, ela vai crescendo, deixando o indivíduo paralisado ou em um alto grau de nervosismo. Nesses momentos, muitos procuram se acalmar com cigarros, cafeína, álcool ou drogas. "São freqüentes os casos em que a empresa se nega a discutir as condições de trabalho que impõe — as condições estão dadas — e muito menos a modificá-las a curto prazo".[24]

Entre as particularidades principais da atividade de repórter está a *tensão*, um outro problema grave na profissão, que se apresenta de duas formas quando inerente aos ritmos e procedimentos da própria tarefa; e quando é estimulada e canalizada para a obtenção de resultados específicos. A tensão "vive" no cotidiano dos repórteres, que se queixam de problemas nervosos, ou que, ao entrar em férias, demoram para retomar seu ritmo de vida; muitos sonham com computadores, com seu trabalho, com as chefias. Um redator da editoria de economia, que preferiu o anonimato, fez o seguinte comentário:

> Nossa situação de trabalho era completamente antinatural. O consumo de drogas era enorme porque a droga faz você trabalhar muito mais, além de dar uma sensação de poder que se traduz na sua capacidade de ser mais eficiente, redigir mais depressa, ordenar melhor as idéias. Para mim, isso foi um desastre total, mas parei. Não é normal, por exemplo, ver um chefe logo de manhã desatinado, gritando feito um desesperado. [25]

O momento ritual do fechamento é o que mais gera tensão: a passagem da redação para a impressão e distribuição. Mozahir Salomão e Jorge Ribeiro nos fazem

partícipes de sua experiência: “presenciamos subeditores normalmente cordiais transformarem-se, no momento do fechamento, em indivíduos no ápice do nervosismo, que amaldiçoam sua vida e apresentam taquicardias freqüentes”. O tempo do repórter é determinado pela hora de fechamento da edição e a vigilância do seu discurso situado sob o olhar viciado do copidesque. Essa divisão entre imaginário romântico e realidade empresarial deixa o profissional dividido, angustiado. A psicanalista e ex-jornalista Maria Rita Kehl considera que “**o jornalista é estimulado o tempo todo para a onipotência e, ao mesmo tempo, sente uma impotência total. Ele se identifica com o jornal, mas ele não é seu. Ele se identifica com a política, mas não a exerce. Ele se identifica com a verdade, mas em sua busca é quotidianamente ferido**”. [26] O repórter, por estar no campo intelectual, exerce um labor cognitivo que exige reflexão, construção da linguagem e transmissão de: idéias pensamentos, atitudes, leituras do meio social e conhecimentos. E, por pressão das empresas jornalísticas, suas normas e disciplinas estabelecidas, ele se submete docilmente a uma rotina normatizadora. Assim, cria-se um tipo de repórter insensível, mecânico e “objetivo”. “Depois de se contaminar com a ‘sujeira’ do caos, espera-se que a equipe jornalística (repórteres e equipe de edição) apresente à sociedade um texto ‘limpo’, uma versão ordenada e imparcial”.[27] A notícia e sua edição, com a lógica da comercialização e do mercado nas empresas jornalísticas, passam a se identificar, cada vez mais, com as necessidades do mercado, esquecendo a QVT dos repórteres e atropelando a dignidade humana e a identidade profissional. O que o repórter escreve nada vale. Muitos devem ficar anônimos, pois o texto é mexido em sua totalidade pelo editor e sua equipe, e no final não é mais o texto que o repórter escreveu. Os únicos textos respeitados são os redigidos por intelectuais reconhecidos ou jornalistas que levam anos na empresa. Outra imposição sobre o texto é a divisão do espaço. Dentro das próprias edições se desenvolve uma espécie de “luta pelo poder” e não há dúvidas sobre quem tem prioridade. Na reunião de pauta, os editores antecipam as matérias principais do dia e apresentam sua previsão de quantas colunas precisarão. Além dos câmbios que se apresentam à última hora.

> A supremacia da publicidade se manifesta também numa prática considerada extremamente antiprofissional, que é a possibilidade de alteração do espelho a qualquer momento, para que entre um anúncio de última hora. Na *Folha de S. Paulo*, podia acontecer até às 21h30, quando o *deadline* dá fechamento às 22h. [28]

Os repórteres atestam que a confiança em si mesmos é combatida porque a pessoa se torna independente e corre o perigo de sobrepor-se às normas dos manuais.

Acrescenta-se grande instabilidade de emprego, que exige contínuas adaptações às novas situações dentro de curtos períodos de tempo. A *rotatividade*, outro dos principais geradores de tensão, se acentua durante fases de concorrência acirrada ou de mudanças na chefia superior, cujo diretor tenta justificar "administrativamente" tal política.

> O aliciamento praticado pelas empresas de notícias ganha reforço através de sanções praticadas em momentos dotados de forte teor simbólico: o indivíduo deixa de ser aprendiz para se tornar profissional; no caminho inverso, o profissional retorna ao limbo dos anônimos; manifestações concretas da empresa ampliam o prestígio de alguém. Tais passagens – contratação, demissão e promoção – são validadas por duplo discurso que manipula confiança e competência. A rotatividade – fenômeno que inclui demissões e contratações em níveis nem sempre correspondentes – é uma das condições mais típicas da imprensa. [29]

Uma outra forma de gerar tensão no pessoal, especialmente no público feminino, é o *assédio sexual*. Miriam Lins, que se formou em dezembro de 2003, escreveu o livro-reportagem *Lágrimas de Álcool*, que relata sua experiência mesmo antes de receber seu título de jornalista.

> Trabalhando na assessoria do Governo da Bahia na época de César Gomes, tive a oportunidade de conhecer muita gente que poderia me ajudar. Mas a maioria das pessoas, apesar de cordiais, quando podem, querem algo em troca. No meu caso, estar sozinha contribuía para que os outros achassem que eu estava à disposição. E passei por isso também na TVE-Bahia, que tinha chefes corruptos e cheios de más intenções para com as mulheres, principalmente aquelas que não têm ainda experiência profissional. Eu era uma. Foi um forte motivo para me manter sóbria. (...) Não tendo ainda concluído o curso de Jornalismo, estava em uma fase em que não era estudante, nem tampouco profissional. Sentia-me desprotegida e insegura pelas apelações dos chefes. Por falta de recursos cheguei a morar na entrada de uma favela e engordei quase 10 quilos nesse tempo, comendo só bolacha recheada nas refeições. Ficava inchada com o calor e o excesso de trabalho que me consumia na produção de um programa das oito da manhã às dez da noite. E a falta de recursos me incomodou quando um dente quebrou e não tive dinheiro para arrumá-lo no dia. Meu rosto ficou inflamado e a dor era insuportável.[30]

As tensões, estresse e fadiga produzem doenças geradas pelo ambiente de trabalho. O diálogo entre alma e corpo fica interrompido pelo excesso de angústia/ ansiedade, derivado do alto grau de tensão, produzindo um ser neurótico e sem

auto-estima. Esses mecanismos psicológicos matam a criatividade do repórter e geram paralisação, pois, como afirmamos na introdução deste trabalho, *a empresa que pensa só em produção gera em si doença no ser humano*. Mas o que fazer para procurar uma qualidade de vida própria quando, no trabalho, a qualidade de vida é nula? Que poderia fazer o ser humano? Como agir para si mesmo?

O repórter, ao exercer sua atividade, "não tem *status* próprio, pois nem é fonte nem é leitor – nada sabe e nada faz, já que sua tarefa é mostrar a ação alheia". Victor Turner, em *O processo ritual*, aponta como os jornalistas não possuem um status: "seres liminares se vestem de forma estranha, ou ficam nus. Não por acaso, os jornalistas assumiram a imagem de boêmios, poetas – eles pertencem à mesma estirpe de figuras consagradas pela literatura popular como o cavaleiro solitário, o andarilho, o eremita".

Contra a tendência ao tédio, à acomodação, ao anonimato e à negação como trabalhador e como profissional, o repórter aponta um espaço de resistência operado pela própria individualidade. *Talvez o único poder que reste ao repórter seja o poder interior*. O patrimônio pessoal é saber que se é honesto. Mesmo que seja prejudicado, demitido, ao repórter não lhe tiram o poder de captar o conflito das verdades.

[1] MORIN. Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução: Eloá Jacobina. 5ª Edição, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 49.

[2] RIBEIRO, Jorge Cláudio N. Júnior. *As condições e contradições do trabalho jornalístico - Sempre alerta*. Tese de Doutorado. Apresentada no Departamento de Ciências Sociais. À Pontifícia Universidade Católica – PUC, São Paulo, 1992, p. 49.

[3] MEDINA, Cremilda de Araújo. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982, pp. 28-29.

[4] MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. 2da edição. Biblioteca Universitária - Publicações Europa América, Portugal, 1996.

[5]RIBEIRO, Jorge Cláudio N. Júnior. Idem nota 2, 1992, p. 85.

[6] MEDINA, Cremilda de Araújo. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982, p. 30.

[7] HOHENBERG, John. *O jornalista profissional*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1979, p. 16.

[8] MEDINA, Cremilda. Idem nota 5, 1982, p. 23.

[9] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 88.

[10] RODRIGUES, Glauco Cortes. *O pensamento negado*: *o jornalista entre a razão e a desrazão*. Dissertação de Mestrado. Apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoriação da Escola de Comunicações e Artes - ECA, Universidade de São Paulo, 1992, pp. 40,43.

[11] RODRIGUES, Glauco Cortes. Idem nota 10, p. 39.

[12] SANTOS, Mônica. *Perseguição política de volta ao Palácio da Liberdade*. Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa, SJPMG. Jornal Pauta. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003, p. 03.

[13] SANTOS, Mônica. Idem nota 12, p. 03.

[14] Site: http://www.jornalistasdeminas.org.br/site_novo/codigo.asp

[15] LOPES, Aloísio. Regulamentação e Ética. **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003, p. 02.

[16] SALOMÃO, Mozahir. O homem não pode ser contrariado... **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003, p. 04. (o autor é professor da PUC em Minas Geris e diretor do Sindicato dos Jornalistas).

[17] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 144.

[18] Ciclo e Ritmo.

[19] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 145.

[20] RODRIGUES, Glauco Cortes. Idem nota 10, p. 188.

[21] Jornal Pauta. *Hoje em Dia inventa a* "*demissão preventiva*". Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003, p. 06.

[22] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 244.

[23] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 239.

[24] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 240.

[25] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 238.

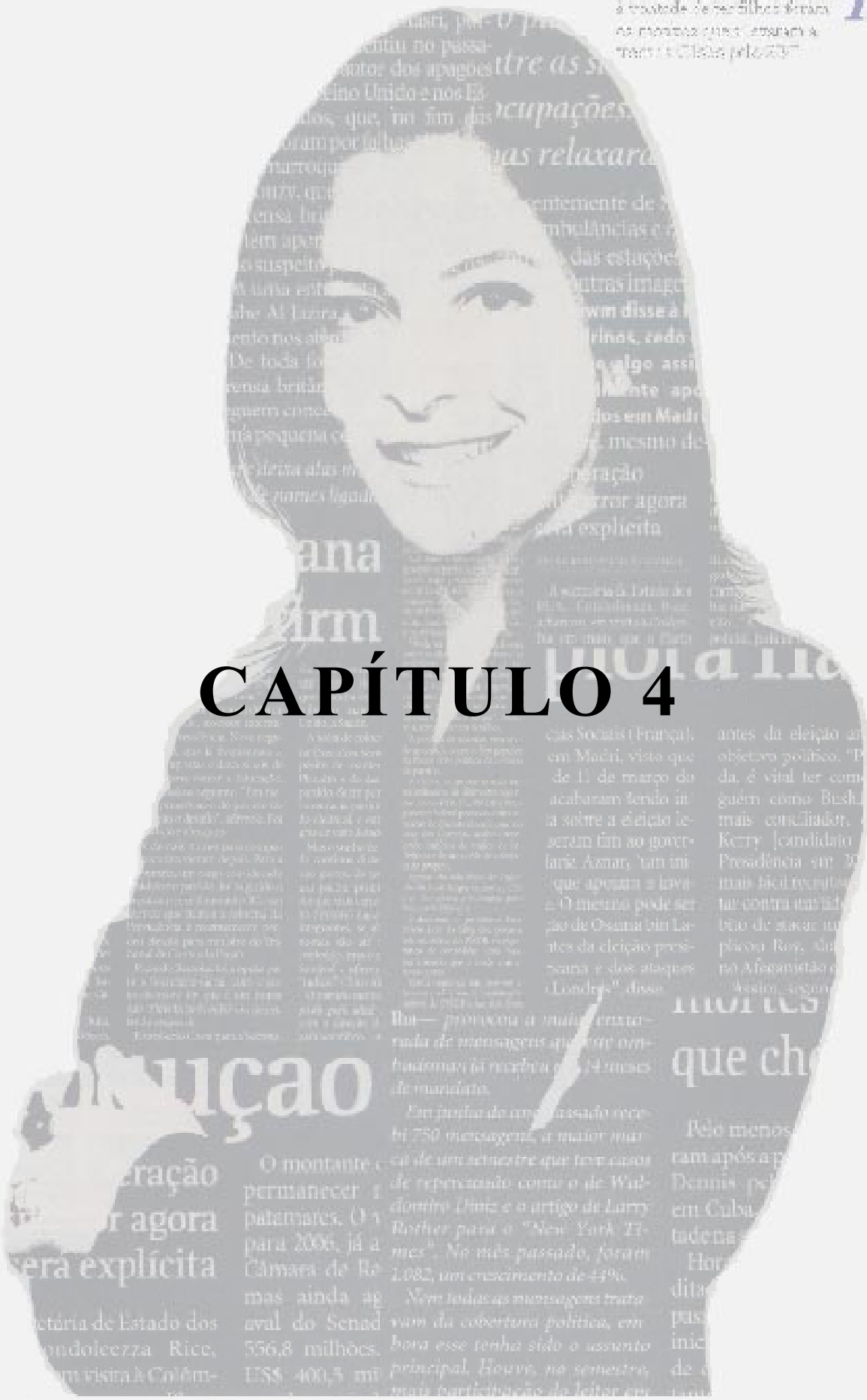
[26] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 200.

[27] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 262.

[28] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 143.

[29] RIBEIRO, Jorge Cláudio. Idem nota 2, p. 242.

[30] CAETANO, Miriam Lins. *Lágrimas de Álcool: as diversas faces experimentadas pelo alcoólatra*. Livro-reportagem apresentado para obtenção do título de bacharel na habilitação em Jornalismo do Curso de Comunicação Social – Universidade de Uberaba, dezembro de 2003. Orientador: Prof. Dr. Raul Osório Vargas. pp. 80-81.



CAPÍTULO 4

4. A PROPOSTA DE QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL

A mais grave solidão não é aquela em que a sociedade nos abandona, mas aquela em que nós mesmos nos abandonamos. Muitos passam anos sem dialogar de maneira aberta, sincera e agradável consigo mesmos. Alguns nascem, crescem, morrem, sem nunca ter tido um encontro marcante com sua própria história. Viveram sem ter um romance com a vida. Você tem esse romance?

Augusto Cury[1]

A vida é um fenômeno de infiltração, de compenetração, ou melhor, de impregnação. E é através de nossos sentidos que penetramos no mundo para embeber-nos e assenhorear-nos dele. Nesse processo, nossas mãos são de vital importância. Com o toque, desde os primeiros dias do nascimento, entramos em relação com o exterior. *Impregnando-se* do vivido, o ser humano estabelece o diálogo corpo-alma, ao mesmo tempo em que vai formando sua personalidade e sua realidade.

> A linguagem dos sentidos, na qual podemos ser todos socializados, é capaz de ampliar nossa valorização do outro e do mundo, e de aprofundar nossa compreensão em relação a eles. Tocar é a principal dessas outras linguagens. As comunicações que transmitimos por meio do toque constituem o mais poderoso meio de criar relacionamentos humanos, como fundamento da experiência. O amor e a humanidade começam onde começa o toque. [2]

Toque, impregnação do vivido, experiência adquirida, diálogo de alma e corpo. Paradoxalmente, o toque pelas mãos é amor construído, ação, criação e trabalho produtivo. Com Erich Fromm, podemos dizer que a essência do amor é "trabalhar" por algo e "fazer crescer". O amor e o trabalho são inseparáveis. Ama-se aquilo pelo que se trabalha, e se trabalha pelo que se ama. Eis uma visão fenomenológica do trabalho como mediação e percepção que nos faz transcender da experiência à vivência. Por meio do trabalho, o ser humano revela sua experiência vivida, ele "se faz ver a si mesmo". É a subjetividade que a sua vez conjuga o corpo, a linguagem, a liberdade num determinado tempo. Subjetividade é se fazer presente. Subjetividade e tempo se identificam. Encontrar o tempo do sujeito é

conseqüentemente apreender a se fazer presente, colhendo, apreendendo ou compreendendo o nosso engajamento no mundo. Trabalho como percepção da subjetividade, transcendendo a experiência–vivência. Engajamento no mundo pela impregnação. Nesta epistemologia do *complexus* – o tecido que junta o todo –, a idéia de circularidade autoprodutiva nos permite compreender que somos produtos e produtores ao mesmo tempo.

> Nós somos o produto de um ciclo de reprodução que produz gerações após gerações. Mas, para continuarmos este ciclo, é necessário que nós, que somos produtos, nos transformemos em produtores. Portanto, neste sistema, o produto é ele próprio produtor. O efeito é ao mesmo tempo uma causa. (...) Sabemos que toda sociedade é produzida pela interação entre indivíduos, e, se não há mais indivíduos, não haverá mais sociedade; pode haver monumentos, parlamentos, mas não sociedade. Os indivíduos produzem a sociedade, mas, como dizíamos, a própria sociedade com sua cultura e linguagem, retroage sobre os indivíduos. [3]

Com os sentidos, percebemos, nos impregnamos e enxergamos o vivido. "Lo más sorprendente no es como los sentidos tienden un puente sobre las distancias y las culturas, sino como lo hacen sobre el tiempo".[4] Sem eles, tudo seria completamente ignorado. Afloramento, expansão, aprendizagem, caminhos do perceber na impregnação do vivido. Mas é a partir do diálogo que temos uma reciprocidade da ação interior como filosofia da relação, do encontro. "Toda vida verdadeira é encontro".[5] O **eu** existe somente no encontro com o **tu**. Conjunção e ação interior da subjetividade perceptiva na impregnação do vivido. A identidade e criatividade, tentando se colocar no interior do ser humano para compreender seu mundo, mostra-nos como as pessoas se reconstroem (aprendem, descobrem um novo caminho para o restabelecimento) diante dos desafios e vicissitudes da vida.

> Está claro que o cérebro é minuciosamente diferenciado: existem centenas de áreas minúsculas cruciais para cada aspecto da percepção e do comportamento (da percepção das cores e do movimento até, talvez, a orientação intelectual de um indivíduo). O milagre é a maneira como elas cooperam, como se integram, na criação de um eu. [6]

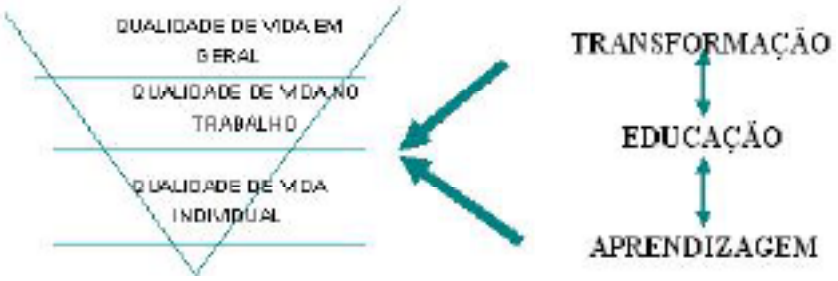
Identidade da interioridade do ser na aprendizagem. Percepção e impregnação na alteridade é passo importante para a transformação e crescimento do nosso ser interior. Recorrendo às palavras de Ilya Prigogine[7], o homem sabe ao fim que está sozinho na imensidão do Universo onde emergiu ao azar. Igual que seu destino, seu dever não está escrito em nenhuma parte. Só ele escolhe entre o Reino e as Trevas.

Foi o que me deu o caminho para partir de uma qualidade de vida individual até alcançar a geral, como explico no esquema da figura 1 (p.79). Das palavras-chaves surgiram as diferentes noções da qualidade de vida aqui proposta. Assim é como surge então o seguinte quadro:

QUADRO 2. Orientações para uma qualidade de vida

A qualidade de vida é a busca permanente da percepção do ser humano. O filósofo Maurice Merleau-Ponty considera a percepção como um conjunto de sensações que engajam num só golpe todo o futuro de experiências. Mas a percepção que não é imediata é uma percepção vivida, é dizer, uma recriação de experiências vividas que nos ajuda a ser sensíveis com a mesma vida. Em outras palavras, é viver num sistema saudável, seja ele individual, social ou ecossistema[8], num equilíbrio entre integração e auto-afirmação, com um constante movimento rítmico e de transformação para alcançar uma verdadeira interação dinâmica entre o indivíduo, a sociedade e o ecossistema.

FIGURA 1 – O crescimento para uma qualidade de vida plena [9]



Significa que, para chegar ao topo, o indivíduo deve alcançar uma mudança que o levaria a olhar sem preconceitos a vida, criando pensamentos mais abertos, de aceitação e amor pelos outros. Aprendizagem que aconteceria pela **troca de experiências e saberes**. Caminhos do *pensar-aprender, aprender-pensar e atuar*; *educar-aprender, aprender-educar e atuar*; na procura da transformação, que deve ser interna para poder se manifestar externamente. Assim, a qualidade de vida em geral, QV, está conformada por duas grandes ações:

a) A **subjetimpregnação da vida**, que defino como um bem-estar subjetivamente impregnado com a vida. Comunicando o ser humano de forma perceptiva-intersubjetiva. Aqui, estaria localizada a qualidade de vida individual-subjetiva, quer dizer, a qualidade de vida *fenomenológica da alma*[10] que se refere ao conhecimento profundo do indivíduo, onde o vivido é atravessado pelo pensamento-sentimento. Nessa repercussão psíquica de percepção da vida, compreendida em sua essência fenomenológica, todas as experiências são vivenciadas pelo ser. Via para os encontros profundos com a *psique* humana em sua *atividade–criatividade, atividade–tempo e consciência–identidade*.

b) A **objetimpregnação da vida**, que defino como um bem-estar objetivamente impregnado com a vida, que comunica o ser humano com o exterior, de uma forma mais racional. Aqui, estaria situada a qualidade de vida no trabalho, QVT, ou seja, todos os indicadores de mediação com as empresas e instituições que demonstram a satisfação dos trabalhadores, como também todo o bem-estar tecnológico que oferece a modernidade.

Neste segundo tópico vemos como, na atualidade, a globalização se converteu em um paradigma das “evidentes” mudanças, mas, em realidade, é um paradigma que leva a humanidade à sua própria autodestruição. Cada dia aumenta mais o índice de pobreza em nossos países latino-americanos e no mundo todo. O fundamento da vida está perdido, estamos cegos pelo desejo de consumo, poder e cobiça. Crescem no ser humano a falta de solidariedade, o ódio, a incompreensão, enfim, o etnocentrismo que impede a coexistência harmônica entre as culturas. Precisaríamos de uma conscientização política e social; uma autocrítica no interior da própria cultura, uma solidariedade que está tão perdida em nosso meio sociocultural, para que se dê essa exigência política e social. Mas devemos começar primeiro por nós.

Analisando a fundo as noções dos tópicos propostos, vemos que são muito abrangentes e o interesse desta pesquisa está em mergulhar no primeiro tópico da noção de qualidade de vida proposta. O segundo tópico foi desenvolvido na minha dissertação de mestrado. Entrando ao primeiro tópico —*a subjetimpregnação da vida*— propomos compreender este em sua profundidade, situando as noções: *atividade – criatividade – noção de tempo – consciência e identidade*.

A ***atividade*** é a manifestação fundamental do ser humano expressa nas dimensões de energia e tempo que revela e cria o conhecimento humano na subjetividade. A partir dela é que o indivíduo se realiza em sua *psique* interna para desenvolver seus projetos de vida e/ou realizações. Porém, é um sistema de comunicação e relação com o meio social e com o cosmos numa transformação constante entre o si mesmo e a realidade. Com Paulo Freire, diríamos que "*ser* no mundo significa transformar e retransformar o mundo, e não adaptar-se a ele".[11] Sendo ativos, somos participantes da história de vida . Atuando, "descobrimos o papel da consciência, da subjetividade na história".[12] O indivíduo é capaz de promover mudanças sem perceber, às vezes, que elas estão ocorrendo ao seu redor. Sem dar-se conta da importância do trabalho (das diferentes ações) que faz visando a despertar sua consciência. Deixando de reconhecer a importância desse trabalho e o potencial de mudança que a partir dele pode desenvolver, para imaginar um futuro diferente.

A vida ativa do ser humano se expressa em um *principio* ***criativo*** que busca a comunicação com os outros e o universo. Principio criativo que vem da imaginação e da inspiração. Juntos ajudam a reconsiderar a posição do ser humano frente à realidade. Quando estamos cansados das atividades do dia, chegada à noite o corpo e a mente descansam, entramos no estado do sono onde não temos limitações, onde podemos sonhar e realizar coisas que a realidade nos limita. Às vezes quando estamos tão cansados e com problemas, um descanso da mente, do corpo e do espírito ajuda a resolver muitos de nossos problemas. Pois o sonho pode dar até dicas para quando estejamos em estado de vigília. O sonho é um convite para o mundo da imaginação. Além de esclarecer o pensamento para estar mais lúcidos e com energia, e recomeçar um novo dia cheio de deveres e responsabilidades. Outro momento, que ajuda a mente a ter *insight* é a contemplação do mundo, isto é, um passeio, realizar esportes ao ar livre, uma caminhada ajuda o ser humano a entrar em contato com a natureza e com ele mesmo, assim enche seu corpo, mente e espírito da energia que o ajuda a renovar. Sonhar acordados, dar liberdade a nossos pensamentos e fantasias, acreditar no que desejamos e anular pensamentos de dúvida é abrir o

grande horizonte da criatividade. Quando chega a inspiração acontecem às coisas. Quando estamos inspirados existe a harmonia entre corpo e pensamento, entramos em um nível superior e se manifestam os estados de inspiração e *criatividade*.

O sambista Paulinho da Viola disse: "*Vivo no tempo, não vivo no passado; é o passado que vive em mim*". É isso: O ***tempo*** está sempre acompanhando-nos. Ele é o guarda, supervisor, caminho que orienta e faz parte também de nossas angústias, alegrias e decepções. Ele é a vida como tal, com todas suas formas e contornos. O tempo nos cerca em cada momento e com o passo pela vida todos vemos em forma irremissível como nossos corpos se debilitam e se consomem. Na mitologia grega, o tempo é personificado por Cronos. Metaforicamente, a história de Cronos mostra uma verdade: ele devora a vida, aniquila suas próprias criações e tudo o que engendra. Segundo Bronislaw Malinowski, o mito cumpre na cultura uma função indispensável: expressa a fé, protege e impõe a moralidade, garante a eficácia do ritual e contém regras práticas para guiar o homem. Em outras palavras, explica o autor, ele reforça a tradição e a disfarça de maior valor e prestígio ao prolongá-la até uma melhor, mais alta e mais sobrenatural realidade. O mito é uma representação motriz da vida. Representa o mundo em uma linguagem que permite modificá-lo. Também concentra todos os instintos e sentimentos para projetar o ser humano. Os mitos representam funções da *psique* e as relações entre eles exprimem a vida psíquica dos homens, dividida entre as tendências opostas que vão da sublimação à perversão. Outros os interpretam como uma representação da vida passada dos povos, sua história, com seus heróis e suas façanhas, sendo, de alguma maneira, representada simbolicamente ao nível dos deuses e de suas aventuras: o mito seria uma dramaturgia da vida social ou da história poetizada. Para outros filósofos, entre eles Platão,[13] os mitos ajudam a perceber uma dimensão da realidade humana e trazem à tona a função simbolizadora da imaginação, que não pretende transmitir a verdade científica, mas expressar a verdade de certas percepções. O importante é o valor simbólico que revela o mito e seu sentido profundo. "A arte, a religiosidade, o mito, muito ao contrário de representarem a *alienação do real* concreto, expressam uma comunhão profunda e universalizante com a realidade simbólica do humano".[14] O mito representa valor ideológico que expressa conexão com a história cultural da civilização. Toda época se auto-representa por meio dos mitos, além de ser "expressão cognitiva da liberdade".[15] Os mitos nascem e tomam corpo no imaginário individual e coletivo, procurando dar explicações a fatos inexplicáveis que a mente humana não dá conta.

Mas, voltemos a nosso amigo: o tempo. Mauro Maldonado, médico psiquiatra italiano, em um ensaio sobre as pinturas de Hogarth e Goya, disse: "Na pintura de

Hogarth, a clepsidra está vazia, o mundo dissolvido num monte de escombros fumegantes. Na de Goya, o tempo tem o rosto da loucura, da cobiça extrema que leva a devorar os próprios filhos, eles que garantem sua existência. Ambos pintores fazem alusão a um tempo que, por sua vontade de viver, lança-se ao encontro de sua própria destruição".[16] Mas em que sentido o tempo morre? No *instante*, como experiência viva, ele é a medida mais íntima do fim do tempo. Cabe lembrar que nada é estático, tudo flui, transforma-se, está em movimento. "O tempo transfigura-se nas *noções* de uma época e elas carregam em si o tempo, como a nuvem carrega em si a chuva, mas nem *a noção* que imobiliza o tempo, nem a consciência da passagem do tempo podem deter a reversibilidade do movimento".[17] A pretensão da posse das razões do mundo, quer dizer — as transformações, mudanças, criações, tudo que o mundo experimenta no desdobramento do tempo, faz do *instante* uma autêntica partitura do tempo. É então como muda o estatuto do presente, "de verdade subjetiva transforma-se em movimento pelo qual a realidade reproduz a si própria".[18] Mas nesse presente que é um movimento tão fugaz, a liberdade do ato do instante tem que se preparar para sobreviver e enfrentar o devir. O devir tem por campo de ação a liberdade e, quando se exercita no presente ou no passado, vira escravidão, como na figura mítica de Sísifo, imaginando-se livre quando está condenado por toda uma eternidade a carregar uma pedra costa acima, rumo ao cume, o bloco rolando montanha abaixo, levado pelo próprio peso. Uma condenação dos deuses de uma tarefa de nunca acabar. Por isso, "a liberdade do tempo só pode ser o devir".[19] O pensamento de Ilya Prigogine nos sintetiza que:

> O nascimento de nosso tempo, não é o nascimento do tempo. Já no vazio flutuante preexistia o tempo em estado, potencial. (...) Um tempo que está 'sempre aqui', em estado *latente*, que só requer um fenômeno de flutuação para atualizar-se. Neste sentido, o tempo não tem nascido com nosso universo: o tempo precede à existência. (...) O tempo não é a eternidade, nem o eterno retorno. E não é somente irreversibilidade e evolução. Quiçá necessitemos hoje uma nova noção do tempo capaz de transcender as categorias do devir e da eternidade.[20]

Não obstante toda nossa experiência está inscrita na experiência do tempo. Não devemos deixar então passar essa passagem viva, os *instantes* que ajudam a um crescimento próprio e dos outros. Poderemos conseguir ganhar a batalha contra o Tempo, tomando a decisão de começar a viver cada dia na *verdade, na paz, no amor e no sorrir* ao passo do tempo, sem deixar que ele nos "consuma". A temporalidade da verdade, a paz e o amor nos oferecem as ferramentas para mirar o tempo na face.

A ***consciência*** é o ser humano fazendo parte do cosmos onde o mundo existe para seu deleite e finalidade da vida. Mas a natureza também precisa de nós para realizar sua obra e atingir o auge em seus processos. "Somos parte e consciência privilegiada de suas culminâncias. O crescimento mental tem a ver com introjeções da realidade, cuja qualidade deve transcender a concretude imediata. O alargamento e o estreitamento do espaço mental dependem da natureza e da qualidade de nossas introjeções".[21]

Edgar Morin explica como "o cérebro está aberto para o mundo exterior e o homem tem uma abertura infinita sobre o infinito do mundo. Ao mesmo tempo, o cérebro é um órgão encerrado numa caixa negra: a mensagem que lhe chega dos sentidos não é nunca direta, é sempre codificada, traduzida, e o cérebro interpreta estas mensagens traduzidas para reconstituir, à sua maneira, a imagem do original".[22] Isto é, as mensagens são interpretadas segundo a visão de mundo que temos. Esta visão de mundo inclui não só o pensamento e a razão, também nossas emoções, como a experiência vivida é percebida no dia-a-dia. As consciências emocional e racional operam em harmonia, quase sempre, entrelaçando suas diferentes formas de conhecimento para guiar-nos pelo mundo. Cada uma nos dá equilíbrio; a emoção alimenta e informa as operações da mente racional, e a mente racional depura e às vezes veta a energia de entrada das emoções. Muitas vezes estão numa comunicação única: os sentimentos são essenciais para o pensamento e o pensamento é essencial para o sentimento. Erasmo de Rotterdam (1469-1536) escreveu em sátira sobre a razão e a emoção:

> Júpiter há concedido mucha más pasión que razón... se podría calcular una relación de 24 a uno. Puso a dos airados tiranos en oposición al poder solitario de la Razón: la ira y la lujuria. Hasta qué punto puede prevalecer la Razón contra estas dos fuerzas combinadas es algo que la vida común del hombre deja bien claro. La Razón hace lo único que puede y se desengaña repitiendo fórmulas de virtud, mientras las otras dos le ordenan que se ahorque y son cada vez más ruidosas y ofensivas, hasta que por fin su Gobernante queda exhausto, renuncia y abandona.[23]

Mas o que é ser consciente? Para Jung, a consciência "não é algo fixo e imutável, mas em desenvolvimento. Ela evolui e se transforma ao longo do tempo e deve ser vista sempre de maneira relativa, considerando-se o contexto histórico e cultural no qual ela se insere. Pode-se afirmar que a consciência é relativizada pela história, não sendo possível avaliá-la de modo objetivo, uma vez que é parte da realidade histórica que tenta compreender".[24]

O dicionário Aurélio a interpreta como um "atributo altamente desenvolvido

na espécie humana e que se define por uma oposição básica: é o atributo pelo qual o homem toma em relação ao mundo (e, posteriormente, em relação aos chamados estados interiores, subjetivos) aquela distância em que se cria a possibilidade de níveis mais altos de integração".[25]

Apreciamos que as duas noções chegam a um ponto fundamental de como é a experiência vivida e a relação com o outro. Uma integração que só pode ser possível nas relações sociais, na linguagem e na atividade. Irandé Antunes explica como a significação da língua se dá num tecer das diferentes culturas que vão enriquecendo o conhecimento e ampliando a consciência subjetivamente, junto com a produção de sentidos do ser humano.

> Falar ou escrever é ativar sentidos e representações já sedimentados que sejam relevantes num determinado modelo de realidade e para um fim específico; é, antes de tudo, agir, atuar socialmente; é, nas mais diferentes oportunidades, realizar atos convencionalmente definidos, tipificados pelos grupos sociais, atos normatizados, estabilizados em gêneros, com feição própria e definida. É uma forma a mais de, tipicamente, externar intenções, de praticar ações, de intervir socialmente, de fazer, afinal. (...) A língua significa, então, o acesso à expressão, à compreensão e à explicitação de como as pessoas se comportam quando pretendem comunicar-se de forma mais eficaz e obter êxito nas interações e nas intervenções que empreendem. Para que o acesso à palavra possa resultar numa forma de acesso das pessoas ao mundo e recobre, assim, um sentido humanizador, o que, nesse vasto mundo, não é rima, mas pode ser uma solução.[26]

A linguagem é parte da cultura, expressão simbólica do mundo que vivemos, pelo qual nos desenvolvemos, evoluímos, expressamos, comunicamos e recriamos com nossa produção constante de sentidos, por meio de nossas experiências que conformam a visão de mundo. Nas palavras da pesquisadora Cremilda Medina:

> O reencantamento pela cultura, produção simbólica que caracteriza o humano, pode ajudar o eficiente técnico, o consciente teórico a mergulhar nos mistérios da criação, abrir passagem para a intuição transformadora. Nas zonas obscuras da intertextualidade coletiva que acontece fora dos limites da consciência, sem as regras da racionalidade, *o poeta do momento* recolhe sentidos profundos, o recado que vem do íntimo humano ser.[27]

Com Edgar Morin, podemos dizer que é absolutamente indubitável que qualquer conhecimento se forma numa cultura dada, a partir de um *stock* de noções, de crenças, de idéias, de vocabulário, de convivências, etc. Então, é importante

enraizar qualquer teoria na cultura, na sociedade de onde ela brota. É necessário igualmente enraizar o conhecimento científico nas suas condições socioculturais de formação.[28] Ser cientes nos remete a estar conectados com nosso ser interior que aflora com nossos pensamentos, sentimentos e ações. Walter Trinca explica como ser conscientes expressa a totalidade do ser: "a amplificação de contato com o *ser interior* traz à tona uma grande transparência na relação da pessoa com ela própria e com o mundo. A consciência se abre a fim de que o ser profundo se realize como abrangência".[29] Assim, revela-se a compreensão da identidade do ser humano em sintonia com a vida. Eis como o pensamento se faz efetivação de uma consciência de si próprio, como aponta Merleau-Ponty:

> Todo pensamento é, ao mesmo tempo, consciência de si, sem o que não poderia ter objeto. Na raiz de todas as nossas experiências e de todas as nossas reflexões encontramos pois um ser que se reconhece imediatamente porque é seu saber de si e de todas as coisas, e porque conhece sua própria existência não por constatação ou por um fato dado, ou por dedução a partir de uma idéia de si mesmo, mas por um contato direto com ela.[30]

Por último, chegamos à noção de ***Identidade***. Ela nos unifica as noções anteriores, brindando a articulação onde cada uma faz parte das outras. Na *atividade*, se toma *consciência* do que se faz, dedicasse-lhe o *tempo* necessário e com ela nos *identificamos*, porque ela faz parte dos projetos que se tem, nela se faz parte do *tempo* que escreve sua própria história e experiências de vida, onde a *consciência* viaja e cada etapa é apenas uma expectativa temporária. Na procura da própria identidade, se vai ao encontro do outro, preocupa-se com o outro, mas sempre haverá um espaço de liberdade entre você e o outro. É assim que fazemos parte de uma cultura social que nos traspassa num movimento contínuo e harmônico que enriquece nossa personalidade. Identidade que é produto da experiência vivida e dos acontecimentos da vida cotidiana, marcados pela construção simbólica e social. "Redescoberta do passado e parte do processo de construção da identidade".[31] Onde o nível psíquico faz parte dessa construção e o corpo define quem nós somos. O mundo contemporâneo em que vivemos nos apresenta diferentes mudanças que podem fazer com que nossa identidade entre numa crise de destruição ou de enriquecimento e/ou afirmação. As representações "compreendidas como um processo cultural estabelecem identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais elas se baseiam fornecem possíveis respostas às questões: quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?"[32] Identidade que é construída desde que estamos no útero de nossa mãe e se afirma no diálogo íntimo

de mãe e filho, para logo se criar as intersecções de nossas vidas cotidianas com as "relações sociais".[33] Porém, é a partir da experiência vivida que o ser humano toma consciência de sua(s) identidade(s). Numa nota à margem do famoso ensaio de 1919, Sigmund Freud escreveu:

> Estava sentado, só, no compartimento do vagão-leito, quando, por um tranco mais violento do trem, a porta que dava para o banheiro contíguo se abriu e um senhor idoso, de pijama e um gorro de viagem na cabeça, entrou na minha cabine. Supus que ele tivesse errado a direção ao sair do banheiro que ficava entre as duas cabines e que tivesse entrado na minha por engano; aproximei-me dele para explicar-lhe o ocorrido e percebi de repente, com grande espanto, que o intruso era minha própria imagem refletida no espelho fixado na porta de comunicação. Lembro ainda que aquela aparição não me agradou realmente.[34]

O psiquiatra Mauro Maldonado nos explica como "Freud conhece perfeitamente o limite que separa a lucidez do ato consciente das névoas de um estado crepuscular. Sua experiência mostra que a consciência, o eu, as fortalezas conceituais para dentro das quais se retirou a vida não garantem o contato direto com o mundo. Como um jogo paradoxal, a divergência entre visto e vivido, entre significante e significado, entre eu e imagem, é permanente: o vivido e o eu não, coincidem com o visto e o vivido".[35] Constatamos como para o ser humano sem a experiência, sem o encontro da comunhão com o outro, não tem sentido o vivido. A memória humana descreve nossa própria história a partir do fazer parte do tempo e da experiência vivida, e se confronta com o outro em um encontro com as sombras, "face a face" com o tempo; a identidade marca nosso próprio destino.

Mas vamos além de nossa identidade subjetiva, pois vale a pena refletir como a complexidade da vida moderna exige que assumamos diferentes identidades, diferentes formas de representarmos a nós mesmos. Que mudanças radicais estarão acontecendo em nós? Poderemos passar por experiências de fragmentação nos diferentes papéis que desempenhamos no dia-a-dia? Isto é, entrar em conflito entre as diferentes identidades que assumimos. Por exemplo, as tensões que vivemos com a profissão, e como estas interferem com nossa identidade de "pais" ou com o trabalho que desempenhamos? Enfim, as exigências de uma podem vir afetar a outra. Como poderemos lidar com estes choques?

> Manter-se no interior dos movimentos da identidade não é colocá-la num lugar indeciso e indeterminado. O exercício que se opõe à *loucura da redução* exige a inscrição da identidade e a alteridade em uma idéia não simétrica do encontro, que é completamente diferente de uma liberdade abstrata. É, ao contrário, abandono da

> tentação e da pretensão da possessão. No encontro, preocupo-me, como qualquer outro, com aquilo que sou, com *quem* eu sou, com aquilo que soube fazer e que estou disposto a fazer da minha própria existência. Levarei o outro comigo até onde eu mesmo chegar. Depois, deverei deixá-lo. *Preocupo-me* com a existência do outro por meio da minha própria existência. O encontro, esse encontro, nosso encontro, é a aproximação de duas existências. Origina-se aqui o gesto *entre nós*, a proximidade anárquica de um encontro não mediado por nenhuma idealização, por nenhum princípio. Essa é uma *preocupação* (não uma preocupação abstrata, mas a *minha* preocupação), a (*minha*) responsabilidade pelo outro, que vem de um além e de um *antes da minha liberdade*. (...) Nessas condições, sem as falsas inocências do *nós*, eu poderei continuar sendo *eu* e o outro ainda *outro*. [36]

Essa noção, "que descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros, seja pela ausência de uma consciência da diferença ou da separação, seja como resultado de supostas similaridades, tem sua origem na psicanálise. A identidade é uma noção central na compreensão que a criança tem, na fase edipiana, de sua própria situação como um sujeito sexuado".[37]

Para muitos sociólogos, filósofos e cientistas, definir identidade é incerto, enigmático e indeciso. Borges disse que "a história do universo é a história de algumas metáforas". Isto é verdade ao aplicá-lo à noção de identidade, porque falar dela significa falar de si mesmo. "Freud nos mostra como, ao referirmos ao *Eu*, aludimos inevitavelmente ao outro. Aqui, se origina a *cisão do Eu* sobre a qual se orientará a concepção lacaniana do —estágio do espelho[38]— na formação do *Eu*".[39] "A fase do espelho de Lacan representa a primeira compreensão da subjetividade: é quando a criança se torna consciente da mãe como um objeto distinto de si mesma".[40]

A identidade seria o caminho que nos conduz à procura da própria personalidade. Ela é um processo contínuo de identificações que reflete as diferentes ações do ser humano, seu trabalho, seu cotidiano, seus projetos de vida, sua história de vida. Cada papel que ele representa socialmente o enriquece e afirma como pessoa pertencente a uma cultura social, representa sua atividade e nos faz ver outras representações. A identidade nos mostra a eloqüência de seu ser —*expressão do ser*— e o reconhecimento de si mesmo partindo do outro.

4.1. Ser Humano e Projeto de Vida

É importante examinar as relações entre pessoa e indivíduo. Indivíduo vem do latim *Individuum*, e foi usado tardiamente por Cícero, em uma tradução da palavra grega *átomo*, ou *indivisível*[41], ou seja, único, isolado com relação a uma coletividade. A origem da palavra pessoa vem do latim *persona*. O pesquisador Antônio Severino[42]

explica esta conotação como ponto crítico da emergência no processo evolutivo cósmico, outro modo de caracterizar a transcendência sobre a natureza. O universo pessoal não pára a história da natureza, mas engaja-a na história do homem. A proximidade e a intimidade do homem com sua origem evolutiva são dados imanentes da perspectiva personalista. O homem primitivo ainda está presente na pessoa e, até o presente, poucas vezes os homens têm conseguido superar a multiplicidade de suas determinações naturais. O autor explica que não é cair em contradição afirmar a dialética de duas situações como "imergência e emergência" da pessoa. Porque eu sou pessoa desde minha existência mais elementar e, longe de me despersonalizar, minha existência encarnada é um fator essencial de meu modo de ser pessoal. Portanto, as duas experiências "*eu existo subjetivamente e eu existo corporalmente*" são uma única e mesma experiência.

Esta comunhão é o que forma a personalidade do ser humano, o faz integro e complexo, portanto, não posso desligá-lo do meio social ao qual pertence. Machado[43] define a personalidade como a máscara usada nos teatros, mas que paulatinamente passou a indicar o sujeito que a utilizava, o ator, a *personagem*. Por sua vez, o psicanalista Walter Trinca afirma:

> A sabedoria inconsciente enraíza-se nas noções fundamentais da existência do ser interior. Ela se apresenta como um fluxo, como um rio. Nela, não há prevalência do fundo sensorial, pois ela é um suporte da experiência de imaterialidade. É reconhecida na plena flutuação do *self* imaterial, tendo uma linguagem sólida e antiga, que preexiste em nós. Esse fluxo provém da noção basilar do ser que sempre fomos. A existência profunda do ser indica natural e intuitivamente aquilo que deve ser feito. O que surge geralmente está em sintonia com manifestações profundas da natureza, da vida e do universo. Assim, podemos deixar que se manifeste livremente e que produza seus efeitos uma confiança antiga em um ser que sabe de si o suficiente para imprimir uma orientação segura à vida.[44]

Nos capítulos anteriores, vimos como o trabalho media as diferentes percepções socioculturais, e como pode ser o começo de análise pessoal para um autoconhecimento profundo. Também pode ajudar para que os projetos de vida dos repórteres sejam construídos na interface individual e social, sempre supondo uma intervenção conjunta de elementos afetivos, cognitivos e sociais. Cada projeto de vida tende a caracterizar-se como a realização de uma vocação, de um apelo, de um chamamento vindo de dentro e de fora, representando o mais harmonioso encontro possível entre as aspirações individuais e os interesses coletivos. Assim, aflora a criatividade.

Fonseca[45] salienta a dialética entre vocação e projeto como uma concepção de maturidade vocacional que adquire seu pleno significado no processo, valorizando a noção de projeto de vida como elemento motor e significante das condutas humanas. Um projeto profissional particular surge como um suporte concreto que favorece a elaboração de outros projetos de vida em geral e que não se limitam ao mundo do trabalho. Por esse motivo, é importante que uma escolha profissional seja inserida em nosso interior, em nossa personalidade, em nosso autocrescimento, para poder desenvolver e escolher bem o projeto de vida.

Convivemos com uma multiplicidade de projetos de vida de diferentes níveis, seja na vida pessoal, familiar, no ambiente de trabalho ou exercício profissional. Entretanto, a pessoa sempre terá mais prioridade num só projeto, mais que os outros que o complementam.

O professor Edvaldo Pereira Lima chama a atenção de como as psicologias humanistas de vanguarda se voltam para um potencial sadio do ser humano, para seu *self*, ajudando-o a despertar para um nível superior de existência. Holisticamente, encara a *pessoa* como um ser dotado de várias camadas sobrepostas de realidades, com seus códigos de comunicação específicos, as quais são alinhadas em um equilíbrio dinâmico, em vez de se soterrar forçosamente as camadas desprezadas pelos valores sociais vigentes.[46]

Paulo Freire reflete que é impossível pensar em uma educação problematizadora sem a relação dialógica, indispensável para a cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. Para os repórteres, este processo de conhecimento é fundamental tanto para seu trabalho, quanto para sua vida pessoal, que está ligada à produção de mensagens jornalísticas. Por isso, é necessário que eles se voltem para seus corações, para encontrar o que desejam verdadeiramente. Seu compromisso com seu íntimo e com a própria vida lhes mostrará seu projeto de vida como transformação interna, na qual pode mudar sua forma de olhar o mundo, de atuar, de pensar e de agir.

Mas existem aspectos que dificultam a realização plena em nosso dia-a-dia e que, de alguma forma, são obstáculos em nosso crescimento individual e pessoal – são os *mecanismos*
de indução psíquica, os quais se encontram nesse fio de união entre o projeto de vida com prazer ou o projeto de vida sem vida. Nestes mecanismos, se localizam as somatizações, sintomas físicos visíveis ou não, do mal-estar ou indisposição passageira. Muitas vezes, são desdobramentos de traumas interacionais, emergentes da dimensão simbólica do indivíduo. Podem acontecer por desenvolver "trabalhos" sem vocação, que vão contra nossa vontade; berço de *Workaholics* indivíduos compulsivos diante da vida, com baixa auto-estima. Muito parecidos a Sísifo, para

quem sua tarefa é eterna – eterna pelo menos enquanto o coração durar. Dentro desta visão psicogênica, Dejours[47] define somatização como um processo pelo qual o conflito não consegue encontrar uma resolução mental e desencadeia no corpo desordens endócrino-metabólicas que se transformam em precursoras de uma doença somática. Quer dizer: a conversão de experiências mentais em sintomas físicos. A somatização decorre então de combinações diferenciadas nos níveis biológicos, psicológicos e sociais. Em cada nível, existem as seguintes interpretações sobre as somatizações:

> No nível psíquico, interpreta-se como um mecanismo de defesa do *eu*, no sentido de utilizar o órgão como linguagem, como fonte de liberação e objetivação da ansiedade ou depressão e, da angústia, quando ocorre impossibilidade de expressão de sentimentos de outra forma. Falta de "algo" que nos motive na vida. Representaria, assim, uma estratégia de sobrevivência. Ocorre indução de mecanismos psicológicos sobre as sensações somáticas.
>
> No nível físico, interpreta-se um distúrbio neurovegetativo, endócrino-metabólico, imunológico ou funcional, com sintomas que vão desde mal-estar até comprometimento funcional ou lesão de órgãos, com sensações de dor e desconforto. Especialmente nos casos em que alguns sinais estão presentes, mas os exames clínicos não detectam lesão orgânica ou disfunção fisiológica.
>
> E, no nível social, onde o processo individualizado de desestabilização decorrente de experiências particulares, sob influência dos vínculos com os agrupamentos sociais aos quais pertence, é impregnado de padrões culturais que desencadeiam interpretações sobre o aspecto pessoal, mesmo quando incide em vários indivíduos de um mesmo contexto. Nesta dimensão, freqüentemente, os aspectos coletivos são deixados em segundo plano.[48]

Entre estes problemas psicopatológicos encontramos o estresse e a fadiga, mecanismos que levam o indivíduo a uma somatização. Estabelecendo uma comparação entre estresse, somatização e fadiga, pode-se ver que os três situam-se na dimensão interativa ser humano–meio–adaptação. O estresse é um fenômeno de crescimento e desgaste, enfim, um movimento de adaptação intrínseco à condição de vida. As somatizações, como já dizia, é o resultante da presença de processos psicológicos, provocando sintomas do corpo. Já a fadiga leva o indivíduo a um esgotamento físico e mental. Freqüentemente, estes fenômenos se confundem. No entanto, no processo de estresse podem ocorrer somatizações e fadiga, mas os três mecanismos não são sinônimos. As somatizações, a fadiga, o estresse e outros sintomas – tais como falta de apetite e ansiedade – são denominados respostas

psicossomáticas. Sua noção “psicossomática” está conjugada entre mente, corpo e o relacionamento social da pessoa. Estes mecanismos incorporam os atributos de reações a estímulos externos ou necessidades intrínsecas, objetivadas no nível de sintomas ou relacionados a eles, expressões decorrentes da interação biopsicossocial nas situações do viver diário. Portanto, são os elementos psicossociais que representam interfaces entre o indivíduo e seu meio, ou seja, estão constituídos pela cultura social em que a pessoa, com seu projeto de vida, desenvolve vínculos, estruturas e características físicas impregnadas de vivência. Por isso, a importância de criar caminhos alternativos para o trabalho mediador do repórter, onde ele, como pessoa, indivíduo e sujeito, consiga estabelecer vocações e projeções no mundo contemporâneo das comunicações.

[1] CURY, Augusto. *12 semanas para mudar uma vida*. Colina, São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2004, p. 167.

[2] MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988, p. 19.

[3] MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. **In**: *Ensaios de Complexidade* / Coordenação de Gustavo de Castro. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 18.

[4] ACKERMAN, Diane. *Uma historia natural de los sentidos*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1993, p. 14.

[5] BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982, p. 7.

[6] SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 17

[7] PRIGOGINE, Ilya. *El nacimiento del tiempo*. Tradução: J. Shirley Gelves P. Barcelona: Tusquets Editores, 1993, p. 12

[8] "A noção de ecossistema significa que o conjunto das interações entre populações vivas no seio de uma determinada unidade geofísica constitui uma unidade complexa de caráter organizador: um ecossistema." MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001, p. 27.

[9] GELVES-PEÑA, Janis Shirley. *O âmago de um espinho adormecido: Análise da gestão de qualidade de vida no trabalho em um hospital psiquiátrico público.* Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade (FEA), Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 de outubro de 2000, p. 247.

[10] BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. **In**: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril Cultura, 1978.

[11] FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização de Ana Mª Araújo Freire. São Paulo, Editora UNESP, 2001, p. 36.

[12] FREIRE, Paulo. Idem nota 11, p. 37.

[13] CHEVALIER Jean &GREERBRANT Alain. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva...[et al]. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990, p. 612.

[14] MEDINA, Cremilda. *Símbolos e narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística.* São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998, p. 16.

[15] SAGRERA, Martín. Función social del mito. **In**: *Mitos y sociedad*. Barcelona: Editorial Labor. s/d, p. 77.

[16] MALDONADO, Mauro. *A subversão do ser "identidade, mundo, tempo, espaço": fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Peirópolis, 2001, p. 112.

[17] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 112.

[18] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 114.

[19] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 114.

[20] PRIGOGINE, Ilya. *El nacimiento del tiempo*. Tradução: J. Shirley Gelves P. Barcelona: Tusquets Editores, 1993, p. 12.

[21] TRINCA, Walter. *A etérea leveza da experiência*. São Paulo: Edições Siciliano, 1991, p. 83.

[22] MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. 2ª ed. Portugal: Publicações Europa-América LDA, 1996, p. 25.

[23] ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio de la locura*. Traducción del latín y prólogo de A Rodriguez Bachiller. 4ª ed. Madrid-España: Editora Aguilar, 1960, pp. 97-99.

[24] GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: Editora FTD, 1997, p. 70.

[25] HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio: século 21, o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

[26] BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 2ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001, pp. 11-12.

[27] MEDINA, Cremilda. Idem nota 14, p. 16.

[28] MORIN, Edgar. Idem nota 22. pp. 26-27.

[29] TRINCA, Walter. *Psicanálise e expansão de consciência*. São Paulo: Vetor Editora Psico-pedagógica Ltda, 1999, p. 63.

[30] MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1971, p. 375.

[31] WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 2ª ed. Organizado por: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000, p. 12.

[32] WOODWARD, Kathryn. Idem nota 31, p. 17.

[33] Relações econômicas, sociais e políticas de subordinação e dominação.

[34] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 50.

[35] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 51.

[36] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, pp. 68-69.

[37] WOODWARD, Kathryn. Idem nota 31, p. 18.

[38] Lacan observou em seu ensaio sobre o Estágio do Espelho, que a criança numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superada em inteligência instrumental pelo chimpanzé, mas reconhece como tal sua imagem no espelho. HALL, Stuart., *Quem precisa da identidade?* In: Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 2ª ed. Organizado por: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000, p. 117.

[39] MALDONADO, Mauro. Idem nota 16, p. 41.

[40] WOODWARD, Kathryn. Idem nota 31, p. 64.

[41] MACHADO, Nílson José. "*Sobre a idéia de projeto*". Faculdade de Educação: Universidade de São Paulo, março de 2000. [mimeógrafo], p. 17.

[42] SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e Existência*. Editora Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1983, pp.55-56.

[43] MACHADO, Nílson José. Idem nota 41, p. 17.

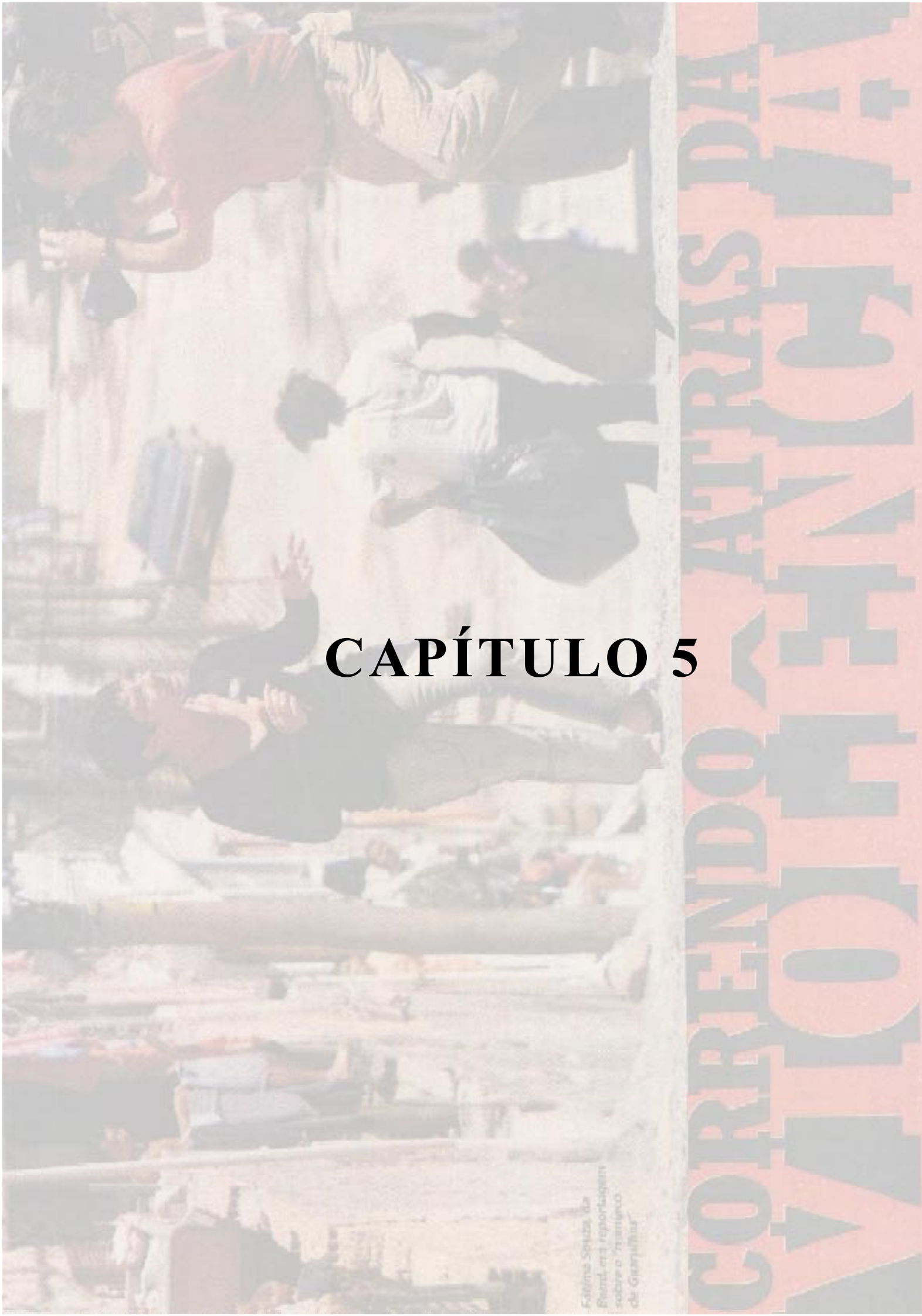
[44] TRINCA, Walter. *O espaço mental do homem novo*. Campina, SP: Papirus Editora, 1997, p. 95.

[45] FONSECA, Antônio Manuel. *Personalidade, projetos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto: Porto Editora, 1994, p. 61.

[46] LIMA, Edvaldo Pereira. Da vigília ao sonho lúcido. **In**: *Saber Plural: O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*. Organizadores: Cremilda Medina, Milton Greco, São Paulo, ECA-USP, 1994, p. 191.

[47] DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.* Trad. PARAGUAY Ana Isabel & FERREIRA Lúcia L, Cortes Editora Oboré: São Paulo: 3ª edição, 1988.

[48] GELVES-PEÑA, Janis Shirley. Idem nota 9, p. 69.



CAPÍTULO 5

5. VISÃO PLURIMETODOLÓGICA DA QVI

Sonhar é preciso, porque temos potencialmente recursos para produzir sentidos em que ética, técnica e estética estejam a serviço de uma estratégia humanizadora do Jornalismo. Relacionar é comungar e interação social criadora é levar a comunicação à comunhão. O jornalista deve, então, cultivar o desejo profundo de ele também ser um poeta de seu tempo.

Cremilda Medina[1]

O espaço onde se constrói uma profissão nos convida para o reconhecimento de um espectro infinito de determinações/relações. É nesse plano intrincado que os repórteres pesquisados estabelecem, projetam, realizam suas vidas.[2] Nesse esforço o cotidiano, e o particular desses repórteres adquirem formas próprias. Ao longo deste caminho estaremos percorrendo representações onde o Ser próprio encontra-se em movimento e em relação com determinações específicas sem, no entanto, perder seu elo, com planos gerais do mundo do trabalho. Como dissemos no primeiro capítulo, esta pesquisa propõe: enxergar a transformação em cada indivíduo é superar a cultura míope e fechada de preconceitos que se associam aos estereótipos e que atrapalham o caminho para o *diálogo de saberes*, noção que trabalhei no mestrado, como um dos indicadores que compõem a QVT. Indicadores que, agora, prefiro de chamar de mediações sociais (inspirando-me na proposta do pesquisador Jesús Martín-Barbero[3]), já que permitem estudar a graduação dos níveis de intensidade dos diálogos, durante a execução de projetos de QVT, quer em progressão mais ou menos lenta, quer em instauração rápida. A noção de mediação pode-se aplicar a universos diversos: indivíduos, movimentos sociais, grupos populares, produtores, trabalhadores, etc.

Mas as possibilidades interpretativas não se excluem umas às outras; pelo contrário, assinalam a complexidade do tema a ser compreendido. Nesse sentido, a proposta desta pesquisa é recuperar, descrever e construir a combinatória da ensaística qualitativa e as quantificações da vida cotidiana. Elementos de união e desunião nas práticas diversas da sobrevivência. No dizer da pesquisadora Cremilda Medina:

> "A complexidade em que o signo da comunicação acontece e o conflito das fontes geradoras de múltiplos significados desafiam o pesquisador para uma atitude menos

> arrogante de explicação e mais humilde de compreensão. (...) Um estudioso da produção complexa e incerta de sentidos precisa criar um lócus de pesquisa que, de alguma forma, proporcione uma experiência de compreensão e insight de alguns dilemas da significação. Neste caso, não há estabilidade metodológica, mas um constante esforço e paixão pela descoberta provisória e pluralista dos instrumentos de pesquisa".[4]

Neste estudo se revisita a noção de trabalho como processo profundo de mediação e de mensagem econômica. Recoloca-se a relação dialética entre indivíduo-repórter e as empresas. Para atender aos objetivos da pesquisa, realizou-se uma análise documental trabalhada nos capítulos 1, 2, 3 e a proposta do 4; foram recolhidos depoimentos sobre o cotidiano de jornalistas experientes, capítulo 7; e aplicou-se o questionário de QVI, (anexo 1). Do universo de jornalistas do Brasil, se fez o recorte da pesquisa de campo no Estado de Minas Gerais.

5.1. Instrumento de pesquisa

Iniciamos esta fase com uma listagem de 220 variáveis de QVI. Foram escolhidas 102 variáveis para serem avaliadas, agrupadas e distribuídas entre as cinco noções propostas que compõem a QVI. Elaborando frases afirmativas e negativas (anexo 1) construiu-se o questionário, tomando como guia o instrumento de pesquisa realizado no mestrado. Instrumento de escala ordinal em que os números servem para, além de nomear, identificar e/ou categorizar, ordenar segundo um processo de comparação: pessoas, objetos ou fatos, em relação a características determinadas.[5] Essa escala nos permitiu deduzir o índice de incerteza e de certeza da QVI e definir o índice geral de crescimento e realização da QVI dos jornalistas, além de nos permitir ver a percepção que eles têm dela. O critério para escolha desse tipo de escala foi por ser um teste fácil e rápido de responder num espaço curto de tempo, como também para facilitar sua análise.

No final do questionário, como um segundo instrumento, pretendia-se aplicar uma entrevista de aprofundamento a cada repórter. Foram elaboradas sete perguntas abertas, como opcionais, para definir a percepção ante a QVI. Houve jornalistas que responderam umas, mas outras não, e outros que responderam todas. Foi significativo ver que 37% dos jornalistas, equivalente a um total de 20, não responderam sobre o fato marcante de sua vida de repórter. Na análise quantitativa de cada pergunta encontra-se o total de jornalistas que não responderam.

Além dessa amostra de 54 jornalistas, como uma segunda opção, foram realizadas quatro entrevistas de aprofundamento a repórteres veteranos segundo o capítulo 7. Eles narram os fatos marcantes de sua vida profissional e pessoal.

Em seguida, apresenta-se uma análise (qualitativa-quantitativa) do perfil dos repórteres em Minas Gerais e a percepção que eles têm da QVI. Todos os entrevistados e os que responderam ao questionário passaram pelas redações de jornais. Uns mudaram de emprego, outros de cargo, outros decidiram escolher o caminho do free-lance e outros ainda continuam na batalha da reportagem cotidiana.

GRÁFICO 1. Freqüência dos jornalistas por faixa etária

Do total da mostra, 35% têm entre 32 a 37 anos. A média oscila entre os 32 e 34 anos. Só 17% se localizam na faixa dos 25 anos, com um mínimo de idade de 21 anos, em proporção igual à faixa etária de 38 a 43 anos. 7% correspondem à faixa dos 50 a 55 anos, sendo que o máximo de idade encontrada foi de 52 anos; e, em mínima proporção, a faixa etária entre os 44 e 49 anos com 9%. No gráfico e tabela (1) podemos apreciar estas faixas.

Essa percentagem alta da existência de uma população jovem nos mostra que existe uma concorrência maior no mercado de trabalho entre as idades dos 30 a 41 anos. Ver anexo 2, onde se especificam as idades por separado. Na tabela 1 encontra-se a faixa etária de cada grupo.

TABELA 1. Freqüência dos jornalistas por faixa etária

INTERVALOS	Freqüência	Percentual
Até 25 anos	9	16,67
26 a 31	8	14,81
32 a 37	19	35,19
38 a 43	9	16,67
44 a 49	5	9,26
50 a 55	4	7,41
Total	54	100

Quanto às diferenças de gênero, em geral, entre homens e mulheres encontramos proporções quase iguais dos jornalistas, com 52% para as mulheres e 48% para os homens. A seguinte tabela nos especifica estas quase igualdades:

TABELA 2. Freqüência dos jornalistas por gênero

GÊNERO	Freqüência	Percentual
Masculino	26	48,14
Feminino	28	51,85
Total	54	100

Em relação ao estado civil dos jornalistas, observamos uma proporção maior de solteiros, 46%, com relação aos casados, 39%. Somando os divorciados, 6%, e os separados, 4%, aumenta o número de jornalistas desacompanhados. O gráfico 2 nos mostra suas respectivas freqüências.

Na opinião de muitos: "É difícil ter uma família quando temos pouco tempo a dedicar". Mas, de todo esse grupo de jornalistas, 4% procuram refazer sua convivência e compartilhar sua vida com alguém. A média do grupo se encontra entre os solteiros e casados. (Ver anexo 3).

GRÁFICO 2. Freqüência dos jornalistas por estado civil

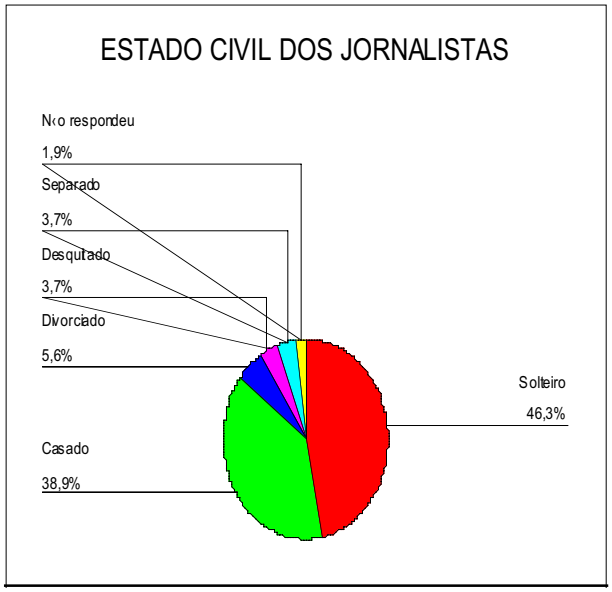
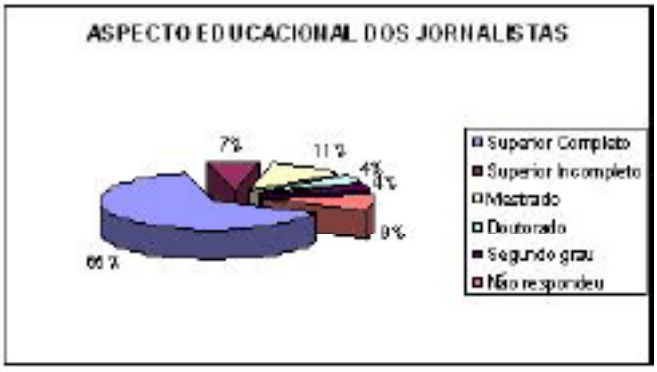


GRÁFICO 3. Freqüência dos jornalistas no aspecto educacional



Com relação ao aspecto educacional observamos que 80% dos jornalistas têm superior completo, sendo que, dessa cifra, 15% fez pós-graduação e 7% apresentam superior incompleto. Ainda encontramos neste grupo de estudo 4% com segundo grau. 9% não responderam este item. O gráfico 3 mostra suas freqüências (ver anexo 3).

Na formação profissional encontramos uma proporção significativa de jornalistas que vêm de outras áreas ou têm realizado outros estudos além da sua profissão. A tabela 3 nos exibe estas freqüências: engenharia civil e sociologia, direito, lingüística, contabilidade, administração, ciências da religião, música e história somam o 16%, desse grupo há 2% com pós-graduação em marketing e 7% que pertencem à área de marketing, onde encontramos 2% com comunicação corporativa.

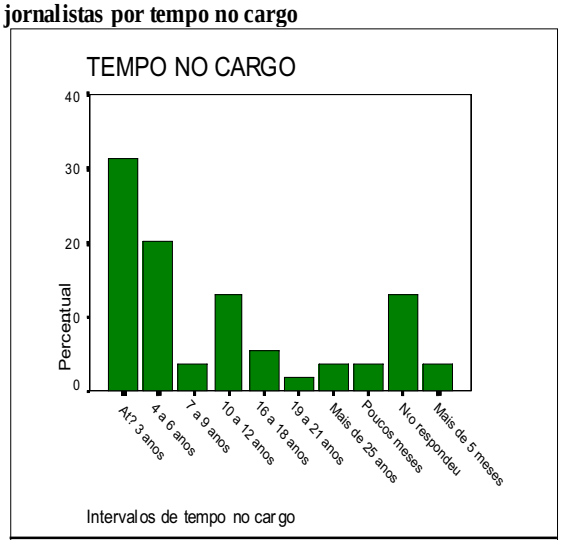
Também observamos 11% com ênfase só em Comunicação Social, mas vemos a permanência de uma concentração maior de jornalistas que não têm outros estudos ou enriquecido sua profissão, com 56%. 9% do grupo não responderam esta pergunta, o que pode significar, com a anterior questão, que existem jornalistas somente com experiência e prática na profissão.

TABELA 3. Freqüência dos jornalistas por área de formação ou outros estudos

ÁREA DE FORMAÇÃO OU OUTROS ESTUDOS	Freqüência	Percentual
Não tem	30	55,56
Não respondeu	5	9,26
História	1	1,85
Marketing	3	5,56
Ciência da Religião	1	1,85
Comunicação	6	11,11
Engenharia Civil (incompleto), Sociologia, Comunicação e Semiótica	1	1,85
Música	1	1,85
Lingüística	1	1,85
Gestão Empresarial	1	1,85
Contabilidade	1	1,85
Marketing e Comunicação Corporativa	1	1,85
Administração e Ciências Contábeis	1	1,85
Bacharel Direito e Pós em Marketing	1	1,85
Total	54	100

E quanto às freqüências do grupo em estudo por tempo no cargo, observamos, no gráfico 4, que 31% dos jornalistas levam um período curto de até três anos na função que ocupam em seu trabalho, somando os 7% dos jornalistas que estão começando sua experiência na profissão com menos de um ano. 20% têm de 4 a 6 anos no cargo, mas há 13% que levam de 10 a 12 anos. Alguns não mudam sua

GRÀFICO 4. Freqüência dos jornalistas por tempo no cargo



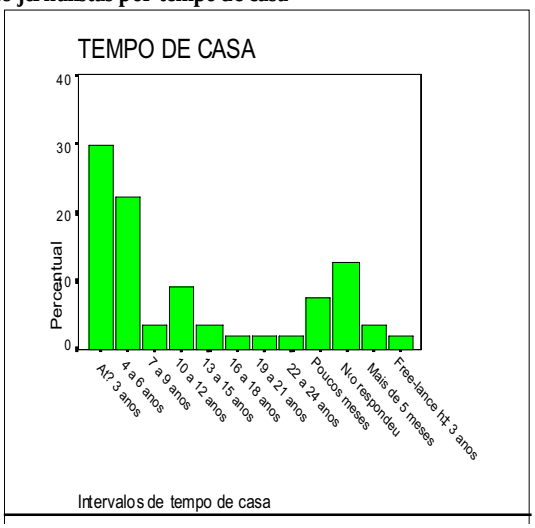
função, 11% permanecem quase até cumprir sua aposentadoria, entre os 16 anos e mais de 25 anos. Há uma proporção menor de 4% nos jornalistas que levam de 7 a 9 anos no cargo. Chama atenção uma proporção de 13% dos jornalistas que não responderam a este item, o que poderia significar que estão fazendo free-lance ou podem estar desempregados. Isso pode ser confirmado nas proporções do tempo de casa e na remuneração. Para maior informação ver tabela no anexo 4.

Na relação das proporções encontradas por tempo de casa, o gráfico 5 nos informa que 30% dos jornalistas ficam até três anos sem mudar de empresa ou jornal, seguido de 22% com 4 a 6 anos. Em proporção menor 9% se encontram entre 10 a 12 anos na casa, 4%, de 13 a 15 anos e, em proporções bem menores, de 2% entre 16 até 24 anos de permanência. Segue uma proporção pequena de 4% com 7 a 9 anos. Mas existem 11% com menos de um ano. O que pode significar, fazendo uma ligação com as freqüências do tempo no cargo, que estes jornalistas com poucos meses na casa ou proporções menores de tempo se sentem com mais liberdade de mudar de ambiente de trabalho e de desfrutar da experiência profissional; isso pode se dar para alguns, pois deve existir um restante proporcional de jovens recém-formados que, como vimos na análise das faixas etárias, estão concorrendo ao mercado de trabalho, portanto ficam curto período na casa.

Vale esclarecer que só 2% da amostra explicaram que estavam há três anos fazendo free-lance, o que nos permite a confirmar nossa análise anterior em tempo no cargo. Ainda restam 13% dos jornalistas que não responderam a esse item. Para maior informação ver anexo 4.

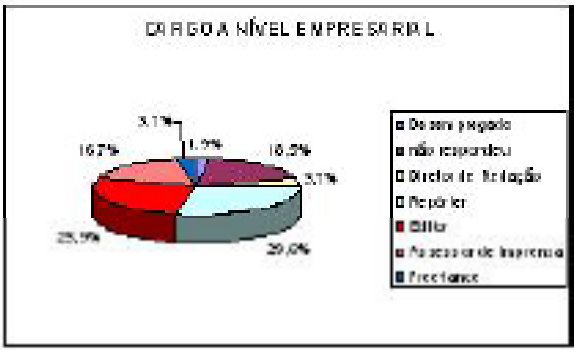
Realizando uma unificação das diferentes funções que desempenham os jornalistas, segundo o anexo 5, o gráfico 6 nos explica suas diferentes proporções. Percebemos que nas freqüências dos jornalistas que não responderam esta questão

GRÁFICO 5. Freqüência dos jornalistas por tempo de casa



existem 18,5%. Analisando as proporções anteriores de tempo de casa e tempo no cargo (dos que não responderam) confirmaríamos que 5,5% dos jornalistas trabalham como free-lance[6]. Mas nas proporções do salário verificamos a existência de mais jornalistas trabalhando como free-lance, em total 15%.[7]

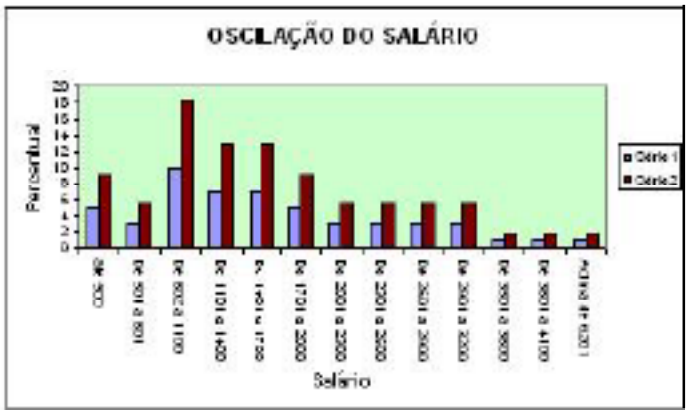
GRÁFICO 6. Freqüência dos jornalistas por funções



Em geral, encontramos, no grupo dos jornalistas, uma proporção maior de 30% com cargo de repórter, 26% como editor, 17% como assessor de imprensa, em proporções iguais de 4%, como diretor de redação e free-lance. E 2% como desempregado.

Com relação à questão salarial, no gráfico 7, podemos apreciar a oscilação existente no grupo geral dos jornalistas. Nas respostas verificamos que 18,5% dos jornalistas ganham entre R$ 800,00 e R$ 1100,00. A média proporcional se encontra nos salários que oscilam entre R$ 1100,00 e R$ 1700,00. Existe uma proporção menor de 9% que ganha de R$ 1700,00 a R$ 2000,00. Também encontramos um

GRÁFICO 7. Freqüência dos jornalistas por remuneração



desvio padrão significativo de quatro com relação a uma variância de 13, ver anexo 5, o que significa que a maioria dos jornalistas no mercado de trabalho tem um salário que oscila de R$ 800,00 a R$ 1700,00, com um desvio proporcional de 15% dos jornalistas que ganham menos deste valor, oscilando o salário de R$ 500,00 até R$ 799,00. Encontramos jornalistas que ganham acima dos R$ 2000,00, com uma proporção total de 28%. 5,5% têm um salário que oscila de R$ 2000,00 a R$ 3200,00, respectivamente proporcionais para cada intervalo, somando um total de 22% dos jornalistas que ganham um salário oscilando entre estes valores. Também existe uma proporção total de 5,5%, bem menor segundo os intervalos, que ganham de R$ 3500,00 a acima de R$ 6200,00. Ignoramos 2% que não responderam esse item.

Em geral, o salário dos jornalistas oscila muito. Embora ocupem o mesmo cargo, não existe um padrão estabelecido de remuneração. Chama a atenção casos de jornalistas que ocupam cargos altos e pertencem a outras profissões. Observou-se que há casos de jornalistas que não têm nenhuma profissão, ou só cursaram até o ensino médio e ganham mais do que um jornalista formado, com especialização em sua área. Um outro ponto que chama atenção é que os jornalistas que não ocupam cargos fixos. Os que provavelmente podem estar fazendo free-lance têm uma melhor remuneração do que os jornalistas que estão ocupando cargos fixos. Mas, em geral, nos deparamos com afirmações, por parte dos jornalistas pesquisados, que mostram sentimentos de realização, existindo paixão pela profissão, ainda que apareçam sentimentos de frustração por não ser valorizada ou pela sobrecarga de trabalho e horas dobradas sem dias de folga. Os profissionais de outras áreas, que decidiram escolher o jornalismo como prática profissional, e que pela experiência viraram jornalistas, manifestaram também satisfação com seu labor. Não obstante, observou-se uma inconsistência nos cargos e salários.

5.2. Percepção dos jornalistas

Para analisar as questões abertas, feitas no questionário de pesquisa, as respostas foram codificadas qualitativa e quantitativamente, para se poder ter um critério global das freqüências. Criaram-se variáveis que agrupavam respostas similares para serem calculadas e também foi elaborado um quadro com cada questão e as respectivas respostas de cada jornalista. Isso permitiu uma visão mais geral dos diferentes saberes para a análise de conteúdo e cruzamento entre eles, junto com as entrevistas realizadas.

Com relação à primeira pergunta: **O que é, para você, qualidade de vida individual?** As respostas foram variadas. Sinteticamente podemos apreciar algumas na tabela 4. 30% dos jornalistas opinaram que QVI é ter um equilíbrio físico, mental e espiritual. Resposta que nos leva a lembrar do aspecto biopsicossocial do indivíduo. Limongi-França[8] explica como este complexo do ser humano responde simultaneamente às condições de vida. Cada um apresenta variadas combinações e intensidades, embora sejam interdependentes. O nível biológico, por exemplo, responde às características físicas herdadas ou adquiridas ao nascer e se intensificam durante toda a nossa existência. O nível psicológico vai responder a todos os processos afetivos, emocionais e de raciocínio, sejam eles conscientes ou inconscientes, responsáveis pela formação da personalidade de cada indivíduo. E o nível social, que é responsável pela aquisição de onde adquirimos todos nossos valores, crenças, os papéis que desempenhamos na família, no trabalho e em todos os grupos em geral aos quais pertençamos. Somaríamos ainda o aspecto espiritual, que seria nosso refúgio e diálogo interno do ser com um outro ser superior a nós. Aqui adquirimos força interna e enriquecimento da alma.

TABELA 4. Freqüência de opiniões dos jornalistas na noção de QVI

RESPOSTAS À PRIMEIRA QUESTÃO	Freqüência	Percentual
Equilíbrio físico, mental e espiritual	16	29,63
Satisfação no trabalho e na vida particular	11	20,37
Tempo para lazer, tranqüilidade	2	3,70
Não respondeu	16	29,63
Realização profissional, afetiva e familiar	4	7,41
Tempo para lazer, crescimento profissional e individual	1	1,85
Curtir o que gosta na vida	1	1,85
Realização pessoal	1	1,85
Trabalhar com dignidade e com um salário justo	1	1,85
Boa alimentação, esportes e boa infra-estrutura de habitação.	1	1,85
Total	54	100

20% dos jornalistas afirmaram que, para ter satisfação no trabalho, os repórteres precisam de mais tempo para compartilhar com a família, os amigos e se dedicar ao lazer. Opinião válida, mas o enfoque se orienta mais para procurar a qualidade de vida no trabalho. Em proporções menores, só 7% pensam que a realização profissional também passa pelo afetivo e familiar. Centram a QVI na profissão e no aspecto emocional. O 14% restantes dividem a noção em tempo de lazer, crescimento profissional e individual, tranqüilidade, curtir a vida, realização pessoal, alimentação e esportes. Outros estão mais voltados para a qualidade de vida no trabalho, como: trabalhar com dignidade com um salário justo e boas condições físicas. Não consideramos a opinião de 30% de jornalistas que não responderam essa questão.

Na segunda pergunta: **O que você faz para driblar sua ansiedade do dia-a-dia?** A tabela 5 sintetiza as diversas respostas.

Percebemos que existe, nos jornalistas, uma preocupação pelo encontro consigo mesmo e pelo refletir sobre si próprio; uma proporção de 13% driblam sua ansiedade com um diálogo espiritual como rezar, por exemplo, e 15% meditam, fazem ioga e praticam esportes ou artes. 4% gostam de aumentar suas horas de

TABELA 5. Freqüência do sentir dos jornalistas para driblar a ansiedade

PARA DRIBLAR A ANSIEDADE	Freqüência	Percentual
Não levo trabalho para casa e vice-versa	1	1,85
Prático esportes e "artes" plásticas, Ioga, meditação	8	14,81
Ler livros e ver TV	1	1,85
Rezar	7	12,96
Esportes e ler	1	1,85
Cinema, beber com amigos e brincar com os filhos	1	1,85
Relaxar	2	3,70
Beber, fumar e cantar	1	1,85
Uso de medicamentos	2	3,70
Trabalhar	2	3,70
Internet, leitura	1	1,85
Ouvir música e comer	1	1,85
Expressar sentimentos, ouvir música, compartilhar com amigos e com a família	2	3,70
Não respondeu	16	29,63
Esportes e filmes	1	1,85
Compreender as ações que me levaram à ansiedade e buscar parcimônia	2	3,70
Escutar música, passear e fazer amizades	1	1,85
Sair da rotina	1	1,85
Não me envolver muito com os problemas	1	1,85
Leio um livro, curto música, vejo filmes	1	1,85
Leitura	1	1,85
Total	54	100

trabalho. Este sentir nos leva a pensar nos *workaholics*. Diferente de 2% que não levam trabalho para casa ou problemas de casa para o trabalho. Existem 4% que estão medicados por psiquiatras. 11% tratam de relaxar, procuram sair da rotina, ouvindo música, passeando, escrevendo poesia ou compartilhando com amigos, mas existem 4% que se refugiam na bebida e no cigarro. 5,5% gostam de assistir à TV ou a filmes. Vários depoimentos falam que os filmes de horror e violência ajudam muito para descarregar a energia do dia. Outros a dividem com o esporte, leitura e música. 5,5% fazem leitura, mas alguns a dividem com esportes ou internet. Numa proporção menor, um jornalista disse que dribla sua ansiedade escutando música e comendo; outro procura não se envolver muito com os problemas. 4% refletem e tratam de compreender as ações que levam à ansiedade e buscam parcimônia. Ignoramos o sentir de 29% dos jornalistas que não responderam a essa pergunta.

A terceira pergunta: **Como diminuir a tensão do dia-a-dia?** Os jornalistas citam várias atividades. Apreciemos na tabela 6.

Observamos que 33% do grupo diminuem a tensão do dia-a-dia relaxando. Alguns especificam como relaxar seu dia-a-dia. Desse grupo, 9% o combinam com oração ou meditação, 5,5% compartilham com a família ou 18,5% ouvem música, compartilham com seu companheiro ou companheira. 4% assistem TV, lêem e dormem. Para 5,5% dos jornalistas a leitura e internet ajudam a diminuir a tensão.

TABELA 6. Freqüência de opiniões dos jornalistas para diminuir a tensão do dia-a-dia

SUGESTÕES PARA DIMINUIR A TENSÃO	Freqüência	Percentual
Esportes	2	3,70
Lazer	1	1,85
Ler	2	3,70
Esportes, lazer, ler e rezar	1	1,85
Rezar e relaxar	5	9,26
Ler, namorar e conversar com amigos	1	1,85
Resolver problemas	2	3,70
Relaxar (fazer amor, ouvir música, pensar em outras coisas)	10	18,52
Não respondeu	17	31,48
Compartilhar com a família e relaxar	3	5,56
Internet e leitura	1	1,85
TV, dormindo e lendo	2	3,70
Esportes e filmes	1	1,85
Policiando-se e buscando equilíbrio	2	3,70
Isolando-se das pessoas	1	1,85
Dividir responsabilidades	1	1,85
Mantendo a calma	1	1,85
Bom humor	1	1,85
Total	54	100

Outros, em proporção menor, combinam a leitura com o lazer e o esporte ou com os amigos e namorando. Encontramos jornalistas que preferem fazer esporte e assistir a filmes. Percebemos 2% que preferem isolar-se das pessoas, 4% se policiam e buscam equilíbrio. Em proporções menores variam as sugestões entre manter a calma, o bom humor ou procurar o lazer. 4% preferem fazer só esportes. A diferença, 5,5%, preferem resolver os problemas ou dividir responsabilidades. Ignoramos o sentir de 31% de jornalistas que não responderam a este item.

Para a quarta pergunta: **O que significa o seu trabalho?** No gráfico 8 apreciamos esse sentir dos jornalistas. Em proporções iguais, 11% sentem seu trabalho como seu segundo lar, ao contrário daqueles que vêem sua atividade como um dever de informar ou como fonte de renda.

9% dos entrevistados consideram que o jornalismo lhes proporciona realização pessoal, mas queixam-se de ser muito desgastante. Da mesma forma, outros 9% têm a profissão como principal fonte de renda e sentem satisfação pessoal. Para 6%, seu trabalho é uma realização profissional. Em proporção menor, 2% valorizam seu trabalho, mas sentem frustração; outros a vêem como uma realização pessoal e profissional. 4% sentem o jornalismo como uma obrigação de informar. 7% sentem seu trabalho como um todo: realização profissional e pessoal, obrigação de informar e fonte de renda familiar. Ignoramos o sentir de 28% dos jornalistas que não responderam a esse item.

GRAFICO 8. Freqüência do sentir dos jornalistas sobre o seu trabalho

Na pergunta cinco: **A profissão de jornalista é estressante? Se sim, que "válvulas de escape" utiliza para superar os problemas?** A grande maioria, 67% dos jornalistas, percebe a profissão como estressante. A tabela 7, mostra em síntese, esse sentir.

Percebemos que, em proporções iguais, 11% tentam não ser vítima do estresse, outros procuram válvulas de escape como dialogar com a família e amigos; 9% tentam-se divertir, relaxar, fazer compras, ir ao cinema, descansar. 7% gostam de compartilhar com os filhos e família. Deste percentual, 6% gostam de beber cerveja. 2% fumam, lêem e escutam música. 9% gostam de fazer esporte, passeios ou algum tipo de lazer; outros tentam desligar-se das coisas, ou dormir. 5,5% combinam leitura, cinema, e gostam de refletir. Para uma proporção menor, 2%, mudar de emprego seria a válvula de escape. Outros nem têm detectado as válvulas; encontramos sugestões de jornalistas como "tentar compreender o outro" ou "observar resultados, capitalizar repercussões positivas". 4% encaram os problemas com criatividade. Só achamos 6% que não consideram estressante a profissão e gostam do que fazem, sentem prazer e realização. Ignoramos o sentir de 28% do grupo que não responderam.

TABELA 7. Freqüência do sentir dos jornalistas com a profissão

O SENTIR DA PROFISSÃO JORNALÍSTICA	Freqüência	Percentual
Não, faço o que gosto, sinto realização	3	5,56
Não respondeu	15	27,78
Tento não ser vítima	6	11,11
Mudar de emprego	1	1,85
Converso com amigos e família	6	11,11
Lazer, esportes e passeios	1	1,85
Beber, ler, brincar com os filhos, cinema	3	5,56
Ler, refletir	2	3,70
Brincar com os filhos, curtir a família	1	1,85
Ser criativo, encarando cada um dos problemas.	2	3,70
Fumar, ler, música	1	1,85
Esportes	1	1,85
Tento me divertir, relaxar (compras, cinema, amigos, descansar)	5	9,26
Sim e muito, não tenho detectado válvulas de escape	1	1,85
Bastante, uma das formas é tentar compreender o outro.	1	1,85
Tento me desligar das coisas	2	3,70
Observar resultados, repercussões positivas	1	1,85
Leitura e cinema	1	1,85
Sim, às vezes dormir	1	1,85
Total	54	100

A sexta pergunta foi: **Que ações poderiam ser implementadas para melhorar a QVI do repórter, em nosso dia-a-dia?** Na próxima tabela recopilamos as possíveis ações que os jornalistas sugerem para desenvolver a QVI.

Encontramos que 35% consideram importante que se implemente uma Qualidade

de Vida no Trabalho: aspectos como espaço de lazer, cumprimento de horários estabelecidos pela lei trabalhista e, em caso de serem ultrapassados, receber horas extras pelo serviço. Queixam-se de serem explorados nas empresas, das pressões por parte das chefias, da falta de infra-estrutura, reconhecimento profissional e um programa de segurança, bem-estar e prevenção de doenças como LER (lesões por esforços repetitivos). Estas doenças, também chamadas de osteomusculares, relacionadas ao trabalho, têm causado afastamento do trabalho e aposentadorias precoces em várias redações do Brasil.[9] Um depoimento nos sintetiza todas estas necessidades da ausência de QVT: "*precisamos de mudanças nas relações de trabalho, que valorizem o ser humano e não só o capital*".

TABELA 8. Freqüência de opiniões dos jornalistas sobre como melhorar a QVI

SUGESTÕES DE AÇÕES	Freqüência	Percentual
Cumprir a Legislação Trabalhista da Profissão - (carga horária)	9	16,67
Programas de higiene mental	2	3,70
Implementação de uma Qualidade de Vida no Trabalho	19	35,19
Liberdade	2	3,70
Não respondeu	15	27,78
Não tenho	2	3,70
Fim da vaidade humana (utópico!)	1	1,85
Investimento em tecnologia	1	1,85
Convênios com Clubes e eventos para união da categoria	1	1,85
Cursos de especialização e recursos materiais	1	1,85
Cuidar da alimentação e praticar esportes ou outras atividades	1	1,85
Total	54	100

17% salientam que a legislação trabalhista deveria ser cumprida pelas empresas. 4% opinam que se deveria estabelecer um programa de higiene mental, seja nos lugares de trabalho ou cada um programá-lo individualmente. Outros 4% gostariam de ter mais liberdade. 5,5% têm opiniões diferentes: realização de cursos para especialização, fazer convênios com clubes para unir os jornalistas e investimento tecnológico. 4% do grupo em estudo opinam que não há ações a serem desenvolvidas. Para uma mínima proporção é importante cuidar da alimentação e praticar esportes ou outras atividades. Ignoramos o sentir de 28% dos jornalistas que não responderam este item.

Por último, pediu-se para cada jornalista: **Poderia contar um fato marcante de sua vida de repórter que mudou seu rumo profissional?** A tabela 9 mostra um consolidado geral.

18,5% dos jornalistas valorizam seu desempenho, dedicação, momentos que ajudam a crescer em sua profissão, mudar de emprego ou encontros com pessoas

que deixam pegadas de reflexão em suas vidas. Outros 15% relataram fatos que lhes fizeram refletir no cargo que ocuparam e lhes ajudaram a tomar decisões para mudar de campo de ação. 10% relataram situações que marcaram suas vidas, entre elas uma matéria sobre racismo em um Clube Social. Houve reação violenta dos acusados e o fato deixou o jornalista surpreso ao ver a submissão dos donos do jornal. Chamam a atenção experiências de perseguição no trabalho e ameaças de morte por denunciar corrupção política, fazendo com que os jornalistas sintam frustração com a profissão. Um caso particular narra como a pressão e o estresse vividos num jornal levam o jornalista a um grau de depressão que o marca para o resto da vida; ele termina mudando de empresa e de ação.

TABELA 9. Freqüência do sentir dos jornalistas: Fato marcante na profissão

FATO MARCANTE NA PROFISSÃO	Freqüência	Percentual
Não lembro / várias situações	12	22,22
Mudança de campo "de ação"	8	14,81
Perseguições, ameaças de morte	1	1,85
Pelo lado da emoção	1	1,85
Entrou em depressão	1	1,85
Não respondeu	19	35,19
Valorização	10	18,52
Perseguição e frustração	1	1,85
Reação dos donos do Jornal por matéria de racismo	1	1,85
Total	54	100

22% dos pesquisados não se lembram dos fatos. Ignoramos o sentir de 35% que não responderam a este item.

5.3. Processamento dos dados

A etapa a seguir foi o processamento dos dados sobre as respectivas noções de QVI (ver anexos 6 até o 14). O primeiro passo dessa fase foi a codificação eletrônica dos dados no programa estatístico SPSS, *Statistical Package for Social Sciences*. Nele foram realizadas as análises simples de tabulação cruzada, de cada uma das noções por gênero e cálculos de médias, desvios-padrão, modas e freqüências no perfil dos jornalistas. Assim que os dados foram digitados e armazenados no banco de dados, realizou-se uma verificação e depuração para detectar possíveis erros de digitação e completar o banco de dados. Um segundo passo foi a tabulação e o processamento dos dados. Para esse momento foram utilizados os procedimentos estatísticos levados a cabo na pesquisa do mestrado.

Como um primeiro passo, obteve-se as freqüências e o percentual de cada

variável em suas respectivas noções, separação dos *missing* (como não responderam), anexos 6 e 7. A partir do anexo 7, começou-se a trabalhar com os valores negativos e positivos das perguntas e respostas de cada variável. Assim, uma pergunta negativa entra com signo negativo e vice-versa.

No segundo passo, para obter o Índice de Freqüências de Crescimento por gênero da QVI mais preciso, empregou-se à fórmula:

$$ICP = I_a - I_b$$

É dizer, a subtração, da somatória dos níveis baixo 2 e 3, que seria o Índice (a); e o alto 3 e 4, que seria o Índice (b). Isto seria o cálculo dos índices de incerteza e crescimento. O 1 (resposta nunca) foi agrupado no nível alto, pois elas aumentam o valor ou diminuem este grupo de freqüências, anexos 8, 9 e 10. Com a subtração destes índices, obteve-se uma precisão do crescimento da QVI por gênero, anexo 11. Para verificação dos dados obtidos, realizou-se o mesmo procedimento em geral, anexo 12. Logo procuramos a probabilidade do peso das freqüências de resposta em cada variável, para obter o Índice Geral do Crescimento da QVI, segundo a fórmula:

$$IGCQVI = W_p ICP_m + W_p ICP_f$$

Essa fórmula é igual à somatória das probabilidades dos pesos das freqüências de cada gênero, multiplicado pela soma dos índices de crescimento preciso de cada gênero. Para obter os pesos se calculou:

$W = N_1/N$ sendo que N_1 é o total dos jornalistas homens ou mulheres que responderam cada variável, dividido pelo total da amostra, anexos 13 e 14. Com este cálculo de probabilidades do peso, nivela-se e diminui um percentual que aparentemente era maior, e ajuda a ver, de forma mais precisa, o sentir dos jornalistas e sua QVI.

5.3.1. Hipóteses

As hipóteses da pesquisa a serem confirmadas ou rejeitadas foram:

H_0. A QVI do jornalista encontra-se em bloqueio, não está orientada para o equilíbrio, prazer, auto-realização e crescimento do ser social, individual e espiritual.

H_1. A QVI do jornalista está orientada para alcançar um equilíbrio, prazer, auto-realização e crescimento do ser social, individual e espiritual.

5.3.2. A análise dos dados

Para facilitar a análise dos dados criaram-se 21 itens que compõem a QVI.

Alguns agrupam mais de duas variáveis; outros, duas ou uma. Isso ajudou na análise para ver, de forma geral, cada bloco de noções (Quadro 3). Os números correspondem às diferentes variáveis, definidas no questionário, em cada bloco de noções. Cada item abrange um significado diferente.

Para definir os 21 itens que compõem a QVI, nos inspiramos no livro de Augusto Cury[10], *12 Semanas para mudar uma vida*. Aqui o autor trabalha as "Artes" que são cultivadas no interior de cada ser humano, ou seja, os valores que uma pessoa possui dentro de si e que ajudam o crescimento e a transformação de si próprio. Trabalha também as "Janelas" que aprisionam esse crescimento interno e bloqueiam a realização do ser humano. Essas janelas são chamadas, por Cury, de *Killer*. O autor explica que há muitos tipos de janelas doentias da memória, e, dependendo da tensão produzida ou da recarga de energia por uma janela (seja ela de raiva, ódio ou ansiedade), pode-se tornar *killer*, isto é, tornar-se uma área que obstrui drasticamente a leitura das demais janelas, o que significa que impede o raciocínio naquele momento. Estas janelas de *killers* nos cegam por completo e passamos a atuar por instinto, como animais. Muitas vezes, ferimos a pessoa que mais amamos porque perdemos o controle da situação. Pessoas brilhantes podem tornar-se torpes, uma janela *killer* de raiva pode tornar o ser humano um assassino. Estas janelas são as causadoras de ações absurdas ou de comportamentos esquisitos do ser humano porque, em si, elas assassinam nossa lucidez e destroem as *artes* ou os valores que trazemos dentro de nós.

Os 21 itens que agruparam as variáveis de cada bloco de noções foram os seguintes:

1. **Arte de valorizar a natureza humana**: valoriza o corpo, a mente e o espírito. Boa alimentação, administrar tarefas e responsabilidades do dia-a-dia, respeitar as horas de descanso e sono, haja vista que deles depende a criatividade e a energia para o dia seguinte. Relaxamento (repouso, descanso), bom astral, ver cada dia como algo novo a realizar e metas a alcançar (resultado do sono reparador). Fazer o contrário é abrir as portas para sentimentos destrutivos. A boa energia é alcançada realizando atividades que movimentem o corpo e alegrem o espírito. A saúde é importante, assim como a consciência do que se faz, se sente, e se pensa.
2. **Autodiálogo**: Cury o define como a "Mesa Redonda do Eu"[11]. São os momentos particulares consigo mesmo, quando se viaja para o próprio ser, quando se busca humanizar, transformar a personalidade em um ser mais livre, solidário, empreendedor e criativo.
3. **As janelas doentias**: são as celas que se vão criando dia após dia

para logo sentir-se aprisionado. Elas bloqueiam a mente, criam sentimentos ruins no ser, doenças no corpo, além de fechar outras janelas, uma atrás da outra, criando correntes de prisão no interior do ser humano. As dividimos em cinco:

a. ***Janela destrutiva***: que é alimentada por pensamentos de violência, ansiedade, dor e/ou vingança. É a janela que seduz como um manjar para reduzir sua angústia e/ou ansiedade, mas é só um paliativo "*relax"*, como: drogas, cigarro, alto grau de cafeína, álcool. É responsável por bloquear a inteligência, criar mais ansiedade e produzir sintomas psicossomáticos como: muito suor nas mãos e pés, sede, dor de cabeça, aumento da freqüência respiratória, calafrios ou calor excessivo, insônia ou excesso de sono. Ela cria a janela da baixa auto-estima. Cury explica em que consiste a Ansiedade:

> É um estado psíquico em que ocorre uma produção excessiva de pensamentos e emoções tensas. Os sintomas básicos são: irritabilidade, intolerância, insatisfação, instabilidade, inquietação, transtorno do sono e, às vezes, sintomas psicossomáticos, como dor de cabeça, gastrite, tontura, nó na garganta, hipertensão arterial, queda de cabelo, dor muscular. [12]

b. ***Janela do interesse e egoísmo***: é alimentada por sentimentos ruins e pensamentos de um ego superior ou egocêntrico. Tudo deve girar ao seu redor: atenções, amor, etc. Tudo o que se faz deve ser retribuído e/ou gratificado. Ela cria um sentimento de dor e muito sofrimento, quando outros alcançam metas sonhadas que desejamos e não conseguimos alcançar.
c. ***Janela de imposição, crítica e perfeição***: irmã gêmea da anterior. Alimenta sentimentos ruins e é egocêntrica. Ela aprisiona os valores e as idéias e produz leituras fechadas da vida. Observadora mas não positivamente. Tem idéias fixas. Ao impor seus critérios cria o conflito, que vai deteriorando o ser e o transforma em cruel.
d. ***Janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si***: cria as janelas do medo e do pânico. Às vezes pode utilizar as couraças da ousadia e a esperteza, mas a timidez afoga o ser. Não gosta de si mesmo, pensa negativo, nada vai a seu favor. Dia após dia vai criando frustrações de vida profissional, pessoal e/ou social.

Esta janela abre portas para o estresse e autodestruição.

e. ***Janela do estresse***: transforma o ser em doentio, aparecem os sintomas psicossomáticos[13]. Abre portas para a baixa auto-estima e as neuroses.

f. ***Janela dos sintomas fóbicos e neuróticos***: motiva o medo e a ansiedade, gera claustrofobia, fobia social, pânico e/ou depressão. É inimiga da paz interior e da paciência. Semeia a raiva e o ódio. Nada tolerante.

g. ***Janela obsessiva e antecipatória***: cria idéias fixas de fatos e/ou situações. Vive pensando no que acontecerá no amanhã. Vive no futuro. Abre portas para o estresse.

h. ***Janela compulsiva***: ela é a semente de todas as janelas anteriores. Domina o ser em seu comportamento, aprisionando-o. Gosta do estado de estresse, às vezes quer abranger tudo de uma vez só. Cria sentimentos extremos, como por exemplo: tristeza ou raiva, etc.

4. **A arte do crescimento espiritual**: motiva o ser a viver intensamente com sabedoria. Ganha força interior quando entra em diálogo com Deus. Diálogo que vai além da razão, é interno da alma, da psique e o espírito humano. Até o ateísmo procura compreender e aliviar as inquietações emocionais. A alma clama por esperança, amor e continuidade da vida. Nessa comunicação, o ser ganha energia para continuar a caminhada, para não desanimar, para ter coragem, esperança e paz interior. Ainda que a Fé ultrapasse a razão, ela deve caminhar concomitantemente com o crescimento intelectual.

5. **A arte do crescimento intelectual**: amplia seu conhecimento sobre a vida. Abre caminhos para refletir e navegar pelos vários labirintos da ciência. Libera a razão ao cultivar visões de mundo abrangentes e compreensivas. Motiva a dialógica do ser humano, o encontro do eu com o tu. Mas deve caminhar concomitantemente com o crescimento espiritual que ajuda a semear a humanização e a sensibilidade do ser. Do contrário, pode-se converter em radical, cego, ganhar superioridade e abrir portas para as janelas da imposição, a crítica destrutiva, o perfeccionismo e perda da liberdade.

6. **A arte de valorização no trabalho**: faz parte importante do que compõe a qualidade de vida no trabalho. Abrange várias ações como motivação, lazer, saúde ocupacional, horas adequadas de trabalho e salário. Em geral, incentiva e satisfaz o ser para doar-se no que

realiza. Ajuda ao crescimento intelectual (profissional) e corrobora com o ser para alcançar sua QVI.

7. **Arte do espírito empreendedor**: carrega grande energia positiva e ativa. Implica em ter muita coragem para não se deixar afogar facilmente ante qualquer situação e em acreditar que sempre há outras oportunidades para ir em frente. Tomar decisões, fazer escolhas, mudar facilmente de ambiente saindo da zona de conforto para caminhar por outras sendas.
8. **Arte de animar a vida**: consegue dividir os momentos de responsabilidade e lazer, realizar coisas fora das responsabilidades. Admirar o belo, gostar de abrir as portas para a arte do crescimento espiritual e o amor. Não reclama nem se lamenta, pois a vida é uma aventura, na qual as incertezas formam parte da construção.
9. **Arte de sentir prazer**: realiza projetos e se enche de energia positiva, gosta do que realiza.
10. **Arte do engajamento**: é ser comprometido com a vida, ter vontade de realizar ações bem feitas tanto no trabalho, na família ou na sociedade.
11. **Arte do significado**: é tudo o que dá sentido à vida. Gostar da criatividade ou realizar boas ações, participar de atividades de bem-estar social.
12. **Arte da felicidade**: Cria os momentos de verdadeira alegria. Faz acontecer fatos empolgantes. Vive alegre e naturalmente. Está entusiasmado com o que se faz. A felicidade é uma emoção derivada do equilíbrio, tudo varia de ser para ser, segundo o desejo de cada pessoa, suas condições de vida e como ela as percebe. A felicidade tem diferentes níveis que vão desde a máxima infelicidade até a máxima felicidade, dependendo do número de vontades e objetivos importantes. Dizem que é utopia alcançar a felicidade, mas podem-se realizar atos que ajudem a criá-la, por exemplo, abrir as portas para outras artes e crescer com elas.
13. **Arte da solidariedade**: se doar, ter idéias abertas e livres, gostar de escutar e ser compreensivo. Perdoar e tolerar. Pôr-se no lugar do outro.

QUADRO 3. Composição do crescimento ou deterioração das noções de QVI

ATIVIDADE	CRIATIVIDADE	TEMPO	CONSCIÊNCIA	IDENTIDADE
Arte do crescimento intelectual: 1.1; 1.2; 1.3 e 1.6.	Janela dos sintomas fóbicos e neuróticos: 2.1 e 2.2.	Arte da felicidade: 3.1; 3.2; 3.3; 3.4; 3.6 e 3.16.	Arte de valorização no trabalho: 4.1.	Arte de sentir prazer: 5.1.
Arte da solidariedade: 1.4.	Janela do estresse: 2.3; 2.4; 2.6; 2.9; 2.10 e 2.11.	Janela compulsiva: 3.5; 3.11 e 3.15.	Arte do espírito empreendedor: 4.2; 4.11; 4.24 e 4.25.	Arte do espírito empreendedor: 5.2; 5.21e 5.22.
Arte de valorização no trabalho: 1.5; 1.9; 1.11 e 1.15.	Janela obsessiva e antecipatória: 2.5.	Arte do crescimento espiritual: 3.7 e 3.12.	Janela de imposição, crítica e perfeição: 4.3.	Janela dos sintomas fóbicos e neuróticos: 5.3.
Arte do espírito empreendedor: 1.7 e 1.10	Arte da felicidade: 2.7 e 2.14.	Arte do autodiálogo: 3.8; 3.9 e 3.10.	Arte de animar a vida: 4.4.	Arte da solidariedade: 5.4.
Janela do interesse e egoísmo: 1.8;	Arte de sentir prazer: 2.8 e 2.15.	Arte de animar a vida: 3.13.	Arte do significado: 4.5.	Janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si: 5.5; 5.7; 5.8; 5.13; 5.16 e 5.23.
Janela de imposição, crítica e perfeccionismo: 1.12;	Arte do significado: 2.12 e 2.17.	Arte do significado: 3.14.	Arte da felicidade: 4.6; 4.15 e 4.21.	Janela destrutiva: 5.6 e 5.12.
Janela do estresse: 1.13 e 1.14.	Arte do espírito empreendedor: 2.13 e 2.16.	Janela do estresse: 3.17.	Arte de valorizar a natureza humana: 4.7; 4.8 e 4.9.	Janela de imposição, crítica e perfeccionismo: 5.9.
Janela compulsiva: 1.16.		Janela de baixa Auto-estima, insegurança e desconhecimento de si: 3.18	Arte do autodiálogo: 4.10.	Janela do interesse e egoísmo: 5.10; 5.14 e 5.15.
Arte do engajamento: 1.17 e 1.18.		Arte do espírito empreendedor: 3.19.	Janela destrutiva: 4.12.	Arte da felicidade: 5.11.
			Janela compulsiva: 4.13.	Arte do engajamento: 5.17.
			Arte da solidariedade: 4.14 e 4.18.	Janela compulsiva: 5.18 e 5.19.
			Janela dos sintomas fóbicos e neuróticos: 4.16; 4.20 e 4.22.	Janela obsessiva e antecipatória: 5.20.
			Arte do engajamento: 4.17.	
			Janela do estresse: 4.19 e 4.23.	

[1] MEDINA, Cremilda. *A crise dos paradigmas - 1º Seminário Transdisciplinar*, Novo pacto da ciência. Anais. Coordenadora e organizadora: Cremilda Medina. São Paulo: ECA – USP, 1991, p.197.

[2] São 54 repórteres do Estado de Minas Gerais que responderam nosso questionário sobre qualidade de vida individual. O questionário foi publicado no site do Sindicato dos Jornalistas de Minas Gerais e enviado pelo sindicato, via e-mail, a cada um de seus associados. Mas infelizmente só responderam quatro pessoas. Então decidimos aproveitar várias reuniões que o sindicato realizou nos meses de março e abril de 2006 em diversas cidades do Estado de Minas e aplicamos o questionário. A última hora retornaram 60 questionários, mas desafortunadamente não serão processados para serem somados à amostra pelo tempo, estes serão processados logo, assim serão comparados os resultados para dar um retorno.

[3] MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

[4] MEDINA, Cremilda. *Símbolos & Narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística.* São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente, 1998, pp. 27 e 28.

[5] MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de Marketing*. 3 ed. São Paulo, Atlas, 2001, pp. 89 e 98.

[6] Pegamos os 18,5% e subtraímos os 13% de tempo de casa e/ou cargo que não responderam.

[7] Pegamos de novo os 18,5% e subtraímos o 4% dos que não responderam o item de remuneração.

[8] LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina & RODRIGUES, Avelino Luiz. *Stress e trabalho: Guia Básico com abordagem psicossomática.* ATLAS, São Paulo, 1996, pp. 11-12.

[9] FREITAS, Sueli de & CAMARGO, José Augusto G., *Pela realização do 1 Encontro Nacional de Saúde do Jornalista*. Tema: Saúde e Previdência. XXXI Congresso Nacional dos Jornalistas, Hotel Tropical Tambaú, João Pessoa – Paraíba, 4 a 8 de agosto de 2004, pp.44-45.

[10] Médico psiquiatra, psicoterapeuta quem desenvolveu o PAIQ – Programa da Academia de Inteligência de Qualidade de Vida.

[11] CURY, Augusto. *12 semanas para mudar uma vida*. Colina, São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2004, p. 165.

[12] CURY, Augusto. Idem nota 11, p. 118

[13] Desencadeamento de doenças físicas por causa de transtornos psíquicos.

CAPÍTULO 6

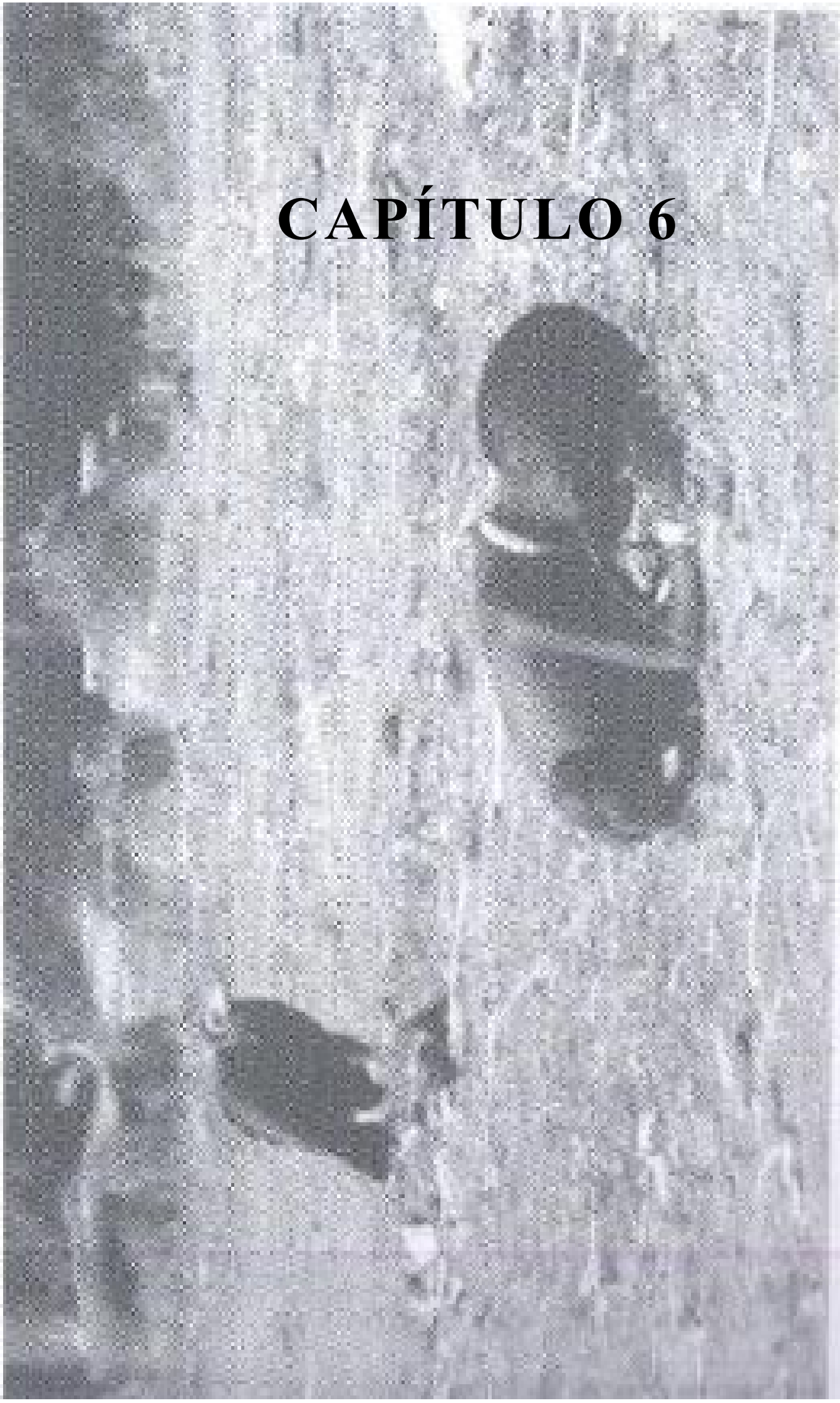


Foto: Kevin Carter – Sudão (África), março de 1993

6. NOÇÕES QUE COMPÕEM O UNIVERSO DA QVI DO REPÓRTER

Neste capítulo tentamos compreender o sentir dos repórteres em Minas Gerais, nas diferentes noções (atividade, criatividade, tempo, consciência e identidade) que compõem o universo da QVI. Para a seguinte análise, em cada bloco trabalhou-se com as questões pertinentes às características relacionadas de cada noção, quando foi elaborado o questionário. A partir do anexo 7 até o 14 encontraremos as divisões que correspondem a cada "bloco de noções" numeradas igual ao que consta no instrumento de pesquisa. A noção de atividade, por exemplo, vai desde 1.1. até 1.18. A noção de criatividade vai desde 2.1 até 2.17. A noção de tempo vá desde 3.1 até 3.19. A noção de consciência, desde 4.1. até 4.25, e, por último, a noção de identidade de 5.1 até 5.23. A tabela 10 mostra, como exemplo, um dos blocos das noções.

TABELA 10. Índice de incerteza dos jornalistas na noção de atividade

JORNALISTAS			
Variáveis	**2**	**3**	**ÍNDICE**
1.1.INFORMAÇÃO	1,9	7,4	9,3
1.2.PARTICIPAÇÃO	27,8	27,8	55,6
1.3.ATUALIZAÇÃO	3,7	13	16,7
1.4.CONTRIBUIÇÕES	3,7	16,7	20,4
1.5.AMBIENTE TRABALHO	20,4	37	57,4
1.6.OBSERVAÇÃO	14,8	0	14,8
1.7.SEPARAÇÃO	13	0	13
1.8.RECOMPENSA	-5,6	-17	-22,3
1.9.INCENTIVOS	22,2	38,9	61,1
1.10.ADMINISTRAR	9,3	0	9,3
1.11.CRESCIMENTO	22,2	33,3	55,5
1.12.PERFEIÇÃO	-3,7	-22	-25,9
1.13.ESTRESSE	-24	-28	-51,9
1.14.HORAS EXTRAS	-19	-28	-46,3
1.15.LAZER	33,3	20,4	53,7
1.16.VÁRIAS COISAS	-26	-19	-44,4
1.17.NÃO RECOMPENSA	16,7	20,4	37,1
1.18.ESFORÇO	3,7	0	3,7

Essas questões foram agrupadas em vários itens e divididas em **Artes** e **Janelas** como foi explicado no final do capítulo 5, ver Quadro 3. Em algumas noções encontraremos mais *artes* que *janelas*, ou vice-versa, isso pela natureza da variável, ou seja, de como está elaborada a questão ou afirmação, o que significaria que o percentual positivo nas *janelas* foi analisado como uma superação desta e a favor das *artes*; mas se o percentual é negativo, será analisado como bloqueio ou

deterioração[1] das *artes*. Vale à pena deixar claro que em cada noção foram analisados três grupos de índices: um primeiro será de *incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas*; um segundo grupo será a *precisão do crescimento da QVI por gênero*, e, por último, encontraremos a análise de *crescimento e realização da QVI dos jornalistas*. Cada grupo de índice terá sua tabela de freqüências correspondente com seus itens respectivos e suas respectivas variáveis na ordem como se encontram na Quadro 3. Nessa mesma ordem foi feita a leitura das freqüências das variáveis de cada item.

6.1. Noção de atividade da QVI

Neste bloco trabalhamos com nove itens, como vemos na tabela 11. No índice geral de incerteza verificamos pouco crescimento da noção de atividade segundo o gráfico 9.

TABELA 11. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade

ITENS DE ATIVIDADE	Consolidado das variáveis			
1. Arte do Crescimento Intelectual: 1.1; 1.2; 1.3 e 1.6.	9,3	55,6	16,7	14,8
2. Arte da Solidariedade: 1.4.	20,4			
3. Arte de Valorização no Trabalho: 1.5; 1.9; 1.11 e 1.15.	57,4	61,1	55,5	53,7
4. Arte do Espírito Empreendedor: 1.7 e 1.10.	13,0	9,3		
5. Janela do Interesse e Egoísmo: 1.8.	-22,3			
6. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 1.12.	-25,9			
7. Janela do Estresse: 1.13 e 1.14.	-51,9	-46,3		
8. Janela Compulsiva: 1.16.	-44,4			
9. Arte do Engajamento: 1.17 e 1.18.	37,1	3,7		

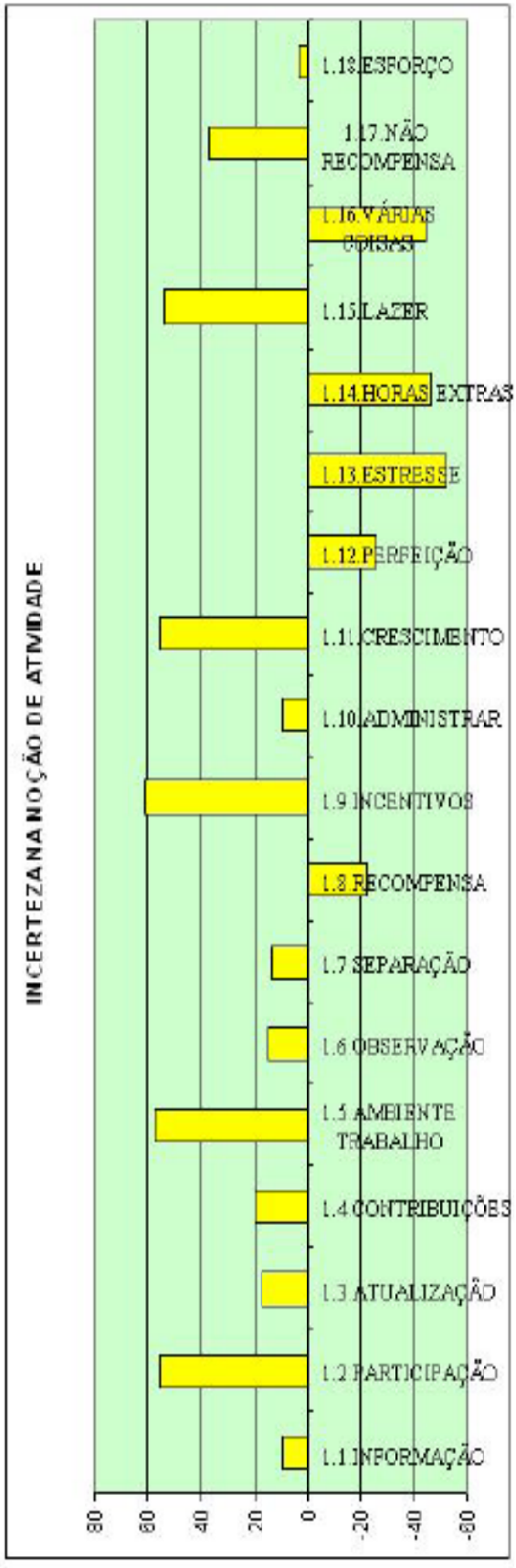
a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas nas artes e janelas

Na tabela 11, observa-se uma imensa oscilação do percentual entre as artes e as janelas. Os jornalistas abrem as portas timidamente para as artes, o que ajuda a valorizar e dar mais força às janelas doentias. Na janela do estresse, por exemplo, percebe-se um alto grau dessa perturbação no trabalho, com 52%; e aqueles que ultrapassam em horas extras ou levam serviço para casa, com 46%.[2] Esse percentual alto continua na janela compulsiva, com 44%, de jornalistas que começam várias

[1] Utilizamos o significado de alteração ou desajuste, segundo o Dicionário Aurélio.

[2] No gráfico 9 pode-se procurar as numerações que aparecem no item da janela do estresse. Mais informações das questões estão no questionário na noção de atividade, anexo 1. Assim para todas as variáveis.

GRÁFICO 9. Índice de incerteza na noção de atividade



coisas, ao mesmo tempo, sem terminar nenhuma. Em menor proporção, observam-se as janelas de imposição, crítica e perfeição, com 26% dos jornalistas que se consideram pessoas perfeccionistas e críticas com o que fazem e com o que realizam os outros. E há também a janela do interesse e egoísmo, com 22% que trabalham com afinco e esperam ser recompensados e elogiados pelo que fazem. Ainda que a porta dessas janelas esteja aberta na vida dos jornalistas, percebe-se um índice percentual bem alto nas respostas das variáveis relacionadas à arte de valorização no trabalho, entre 54% e 61%, como vemos na tabela. Isso significa que, provavelmente, na precisão do crescimento, este item seja negativo ou com pouco percentual. As proporções dizem, então, que 57% do grupo de jornalistas apresentam um ambiente de trabalho estável, as relações profissionais são boas e sentem-se seguros e protegidos; 61% recebem incentivos em seu trabalho; 55% apresentam possibilidades de crescimento no trabalho; e, para 54%, a empresa onde atuam oferece oportunidades de lazer.

As outras artes oscilam entre proporções menores e maiores ou vice-versa: há preocupação por alcançar a arte do crescimento intelectual: 9% dos jornalistas gostam de estar informados sobre novos conteúdos, avanços da ciência e acontecimentos recentes; 56% do grupo de jornalistas participam regularmente de eventos de estudo e atualização da profissão; 17% se encontram atualizados sobre assuntos de sua área de especialização; e 15% observam e abordam fatos e assuntos de diferentes ângulos em busca de conteúdos mais plurais e complexos. Na arte do engajamento, encontramos um percentual de 37% dos jornalistas que trabalham com afinco, mas não esperam ser recompensados ou elogiados pelo que fazem; e decresce logo o percentual para 4% dos jornalistas que se esforçam para enfrentar desafios. Já em menor proporção nota-se a arte da solidariedade, com 20% que estão dispostos a doar-se no que a vida exigir. Na arte do espírito empreendedor, 13% do grupo separam relações pessoais e profissionais, quando estão em contato com o trabalho, e 9% conseguem administrar a visão de mundo quando da escolha e contato com as fontes de informação.

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero nas janelas e artes

A percepção dos jornalistas muda aqui. As tabelas 12 e 13 nos revelam outros percentuais de crescimento e deterioração da QVI. Os gráficos 10 e 11 mostram como se encontra a noção de atividade.

Na arte de valorização no trabalho, o que, na incerteza, foi visto como positivo, aqui é visto como negativo. As proporções do índice em algumas variáveis são um pouco maiores nos homens do que nas mulheres, como nos mostram as

TABELA 12. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade dos homens

ITENS DE ATIVIDADE	Consolidado das variáveis			
1. Arte do Crescimento Intelectual: 1.1; 1.2; 1.3 e 1.6.	37,0	3,6	35,1	29,6
2. Arte da Solidariedade: 1.4.	25,9			
3. Arte de Valorização no Trabalho: 1.5; 1.9; 1.11 e 1.15.	-16,7	-27,8	-25,8	-42,6
4. Arte do Espírito Empreendedor: 1.7 e 1.10.	33,4	33,3		
5. Janela do Interesse e Egoísmo: 1.8.	-29,6			
6. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 1.12.	-11,1			
7. Janela do Estresse: 1.13 e 1.14.	0,0	-11,1		
8. Janela Compulsiva: 1.16.	40,8			
9. Arte do Engajamento: 1.17 e 1.18.	-18,5	44,4		

TABELA 13. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de atividade das mulheres

ITENS DE ATIVIDADE	Consolidado das variáveis			
1. Arte do Crescimento Intelectual: 1.1; 1.2; 1.3 e 1.6.	44,3	-25,9	25,9	37,1
2. Arte da Solidariedade: 1.4.	33,3			
3. Arte de Valorização no Trabalho: 1.5; 1.9; 1.11 e 1.15.	-18,5	-22,2	-7,4	-44,5
4. Arte do Espírito Empreendedor: 1.7 e 1.10.	40,7	44,5		
5. Janela do Interesse e Egoísmo: 1.8.	-25,9			
6. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 1.12.	-33,3			
7. Janela do Estresse: 1.13 e 1.14.	7,5	13,1		
8. Janela Compulsiva: 1.16.	38,9			
9. Arte do Engajamento: 1.17 e 1.18.	-22,2	46,2		

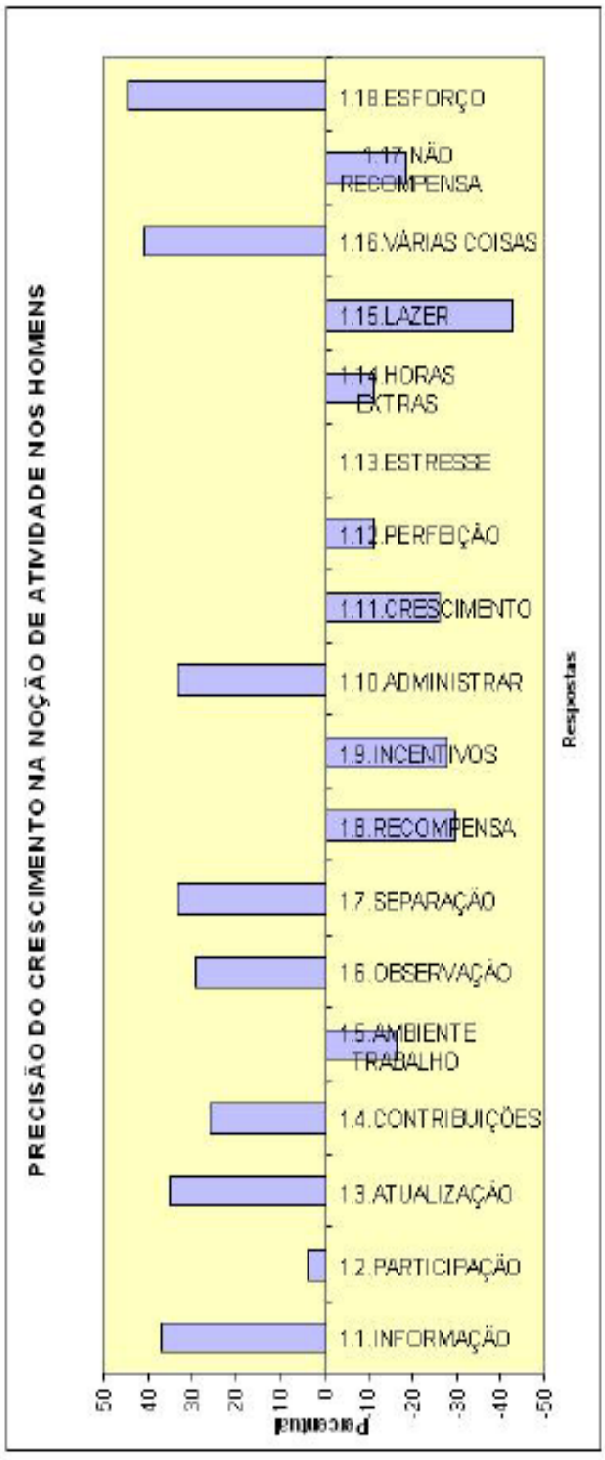
tabelas 12 e 13.[3] Isso significa que 17% no grupo dos homens não percebem um ambiente de trabalho estável, portanto, não se sentem seguros e protegidos. Nas mulheres, este percentual sobe para 18,5%. Na seguinte variável, 28% dos homens afirmam não receber incentivos em seu trabalho; nas mulheres, a proporção desce para 22%. Sobre a possibilidade de crescimento no trabalho, 26% dos homens responderam: não; no grupo das mulheres, só 7%. Por último, verifica-se um percentual alto de 43% dos homens que opinam não ter oportunidades de lazer na empresa onde trabalham. Entre as mulheres a proporção também é alta: 44,5%.

No item da arte do crescimento intelectual verifica-se um pequeno aumento nas variáveis, à exceção de uma, no grupo dos homens. Mas observa-se que algumas variáveis são mais valorizadas pelos homens do que pelas mulheres, ainda que em proporção menor, como participar regularmente de eventos de estudo e atualização

[3] Para compreender a análise das tabelas, procurar as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localizá-las no gráfico 10 e/ou 11.

da profissão com 4%. No grupo das mulheres esta variável é negativa com 26%. Na variável atualização e especialização na área de atuação, observamos um percentual de 35% no grupo dos homens e de 26% no grupo das mulheres. Mas a variável de informação sobre novos conteúdos e avanços da ciência é de 44%, e a abordagem de observar e abordar fatos e assuntos de diferentes ângulos em busca de conteúdos

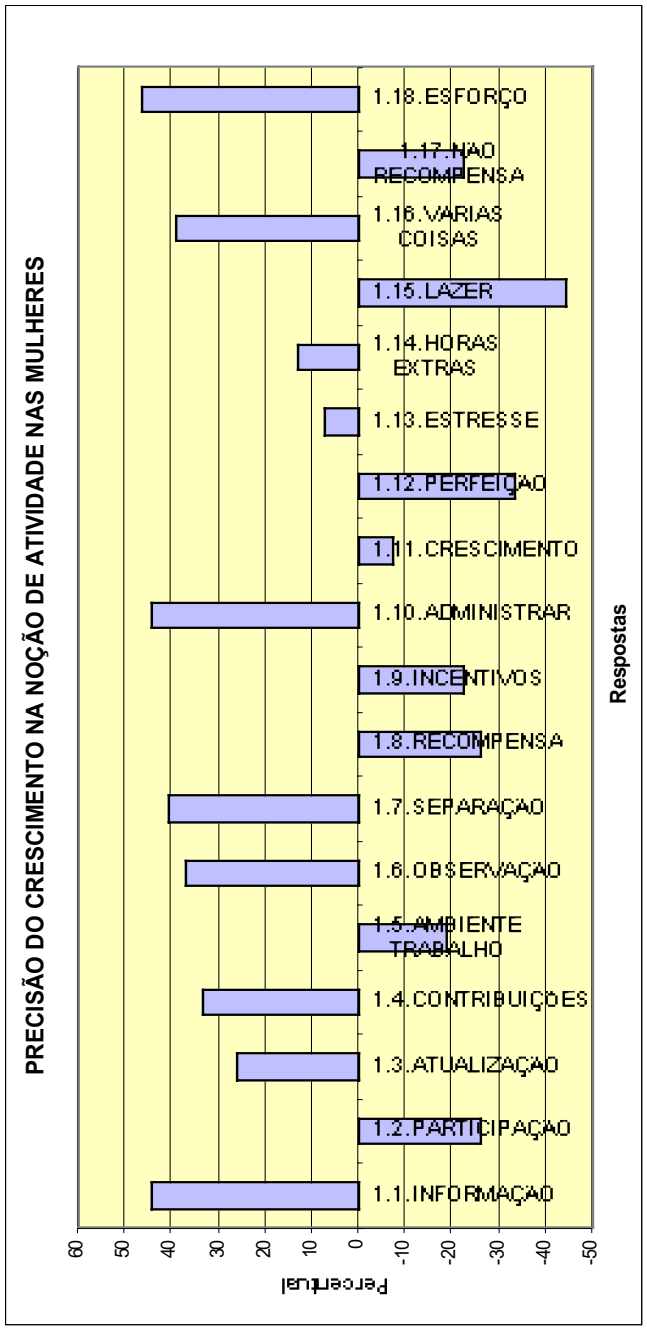
GRÁFICO 10. Índice de precisão do crescimento na noção de atividade nos homens



mais plurais e complexos é de 37%, no grupo das mulheres. Nestas variáveis, o percentual desce para os homens, com 37% na variável de informação sobre novos conteúdos, e em 30% na variável da abordagem de observar e abordar fatos e assuntos de diferentes ângulos em busca de conteúdos mais plurais e complexos.

A arte do espírito empreendedor, em ambos os grupos, é bem significativa, segundo as tabelas, sendo que é um pouco maior nas mulheres do que nos homens. O que significa que para as mulheres é mais fácil separar relações pessoais e profissionais (41%); além de conseguirem administrar mais a visão de mundo quando

GRÁFICO 11. Índice de precisão do crescimento na noção de atividade nas mulheres



da escolha e contato com as fontes de informação (44,5%), ainda que os homens, em ambas variáveis, registram 33%. Em proporções menores encontram-se a arte da solidariedade com 33,3% no grupo das mulheres, sendo maior do que nos homens, com 26%, mostrando que as mulheres estão mais dispostas a doar-se. Na arte do engajamento observamos uma proporção alta em ambos os grupos. Na segunda variável: os jornalistas se esforçam para enfrentar desafios, pois querem ser bem sucedidos, os homens registram 44% e as mulheres, 46%. Mas na primeira variável: não trabalham com afinco sem esperar ser recompensados ou elogiados, o percentual se torna negativo nos dois grupos, com 18,5% nos homens e 22% nas mulheres.

Este crescimento leve das artes em ambos os grupos abre portas para as janelas doentias, sendo que com 41% o grupo dos homens luta para não abrir a porta à janela compulsiva, ainda que 11% viva em estado de estresse e, em proporção igual, abre portas para a janela da imposição, crítica e perfeição, e para a janela do interesse e o egoísmo com 30%. Nas mulheres se apresenta um percentual positivo de 7,5% e 13% na janela do estresse, o que significa que este grupo faz o possível para não cair neste estado. Em proporção um pouco menor em comparação com os homens encontramos também que 39% das mulheres não abrem portas para a janela compulsiva, mas, de certa forma, entram nela por outras janelas como a janela de imposição, crítica e perfeição, com 33% maior do que nos homens, e na do interesse e egoísmo, com 26% menor do que nos homens.

c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas

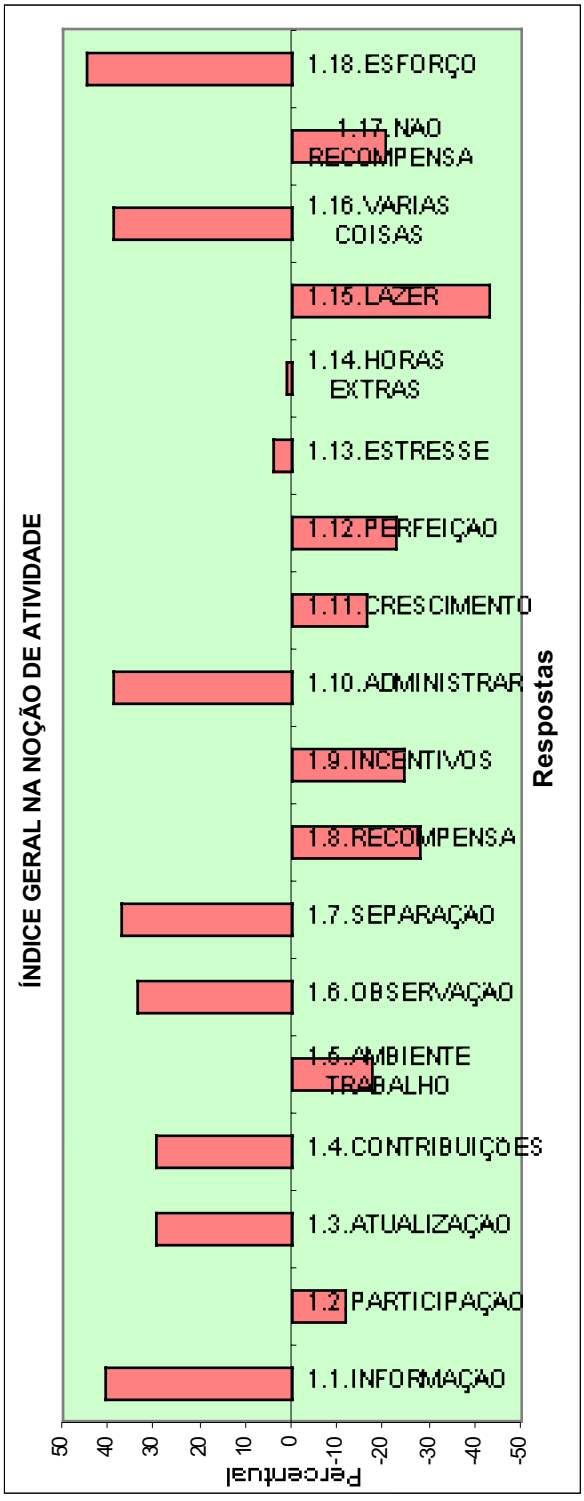
Em geral, o grupo não apresenta crescimento nesta noção, segundo o gráfico 12. É interessante notar a oscilação entre as variáveis de cada item (artes e janelas) como entre os mesmos itens. Ver tabela 14 e gráfico 13 onde se aprecia mais esta oscilação.

TABELA 14. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de atividade dos jornalistas

ITENS DE ATIVIDADE	Consolidado das variáveis			
1. Arte do Crescimento Intelectual: 1.1; 1.2; 1.3 e 1.6.	40,8	-11,7	29,7	33,5
2. Arte da Solidariedade: 1.4.	29,7			
3. Arte de Valorização no Trabalho: 1.5; 1.9; 1.11 e 1.15.	-17,3	-24,4	-16,3	-42,8
4. Arte do Espírito Empreendedor: 1.7 e 1.10.	37,2	39,1		
5. Janela do Interesse e Egoísmo: 1.8.	-27,7			
6. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 1.12.	-22,6			
7. Janela do Estresse: 1.13 e 1.14.	3,9	1,2		
8. Janela Compulsiva: 1.16.	39,1			
9. Arte do Engajamento: 1.17 e 1.18.	-20,4	44,5		

Poderia se dar um crescimento leve se o jornalista começar a superar as diferentes janelas doentias, caso contrário vai debilitando mais as artes, e as janelas vão tomando força, como se apresenta na tabela 12, de incerteza. Em outras palavras, toda essa energia negativa que estamos adquirindo dia-a-dia aprisiona o ser de

GRÁFICO 12. Índice geral do crescimento da QVI na noção de atividade dos jornalistas

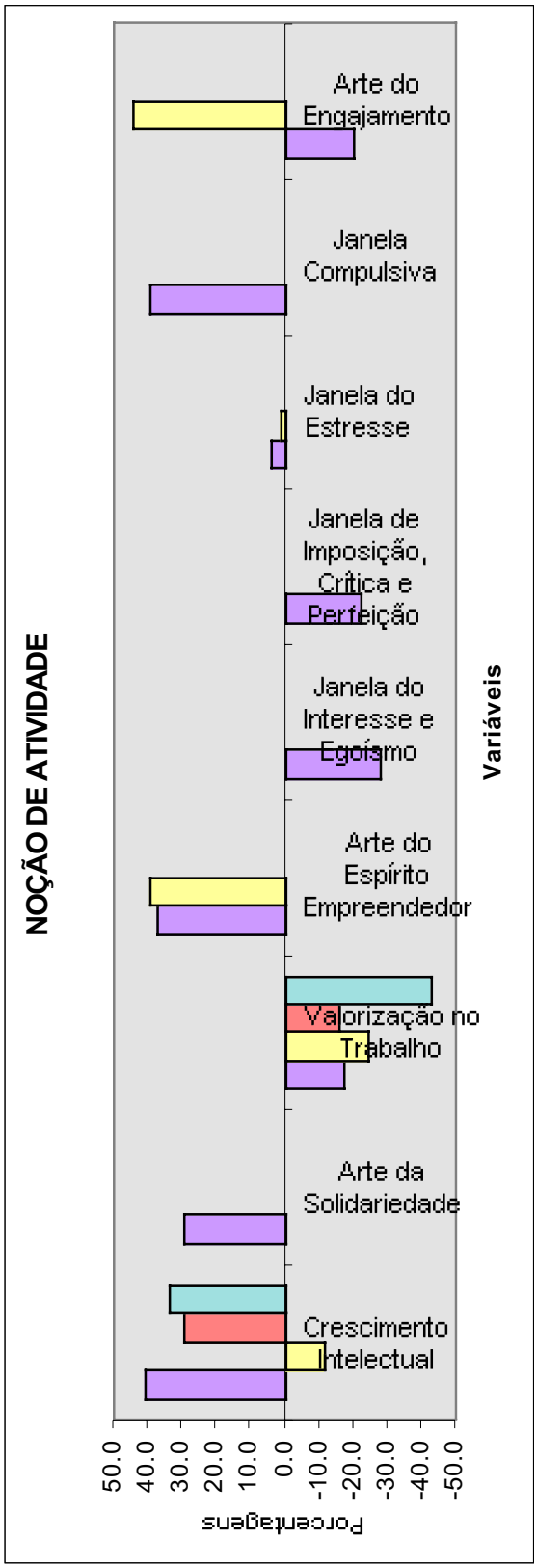


realização e lucidez que levamos dentro de nós e destrói nossos valores de crescimento interno. Nota-se que na arte do crescimento intelectual a oscilação das variáveis é grande, gráfico 13. Dando leitura à tabela, 14, (41%) do grupo de jornalistas vive informado sobre novos conteúdos, avanços da ciência e acontecimentos recentes; 11% do grupo não participam regularmente de eventos de estudo e atualização da profissão; 30% estão atualizados sobre assuntos de sua área de especialização e 33,5% têm a habilidade de abordar fatos e assuntos de diferentes ângulos em busca de conteúdos mais plurais e complexos. Na arte do espírito empreendedor, encontramos que 37% separam relações pessoais e profissionais quando estão em contato de trabalho com as fontes e 39% conseguem administrar a visão de mundo quando da escolha e contato com as fontes de informação. É importante analisar que essa proporção do grupo nesta arte pode motivar para abrir outras portas das artes. Observamos que a arte do engajamento, com relação à variável de manter um esforço para enfrentar desafios, é de 44,5%, mas diminui este percentual na variável de trabalhar sem esperar ser recompensado ou elogiado, com 20% negativos. Na arte da solidariedade, notamos que 30% do grupo de jornalistas estão dispostos a doar o que a vida exigir de si e dar todas as contribuições que estiverem ao seu alcance. Mas vemos que a arte de valorização no trabalho é totalmente nula, pois todas suas variáveis são negativas, isto é, 17% do grupo de jornalistas não se sentem seguros em seu trabalho, pois não existe um ambiente estável. 24% não recebem incentivos em seu trabalho; e em percentual menor, 16% não têm possibilidades de crescimento onde laboram; além do mais, para 43% a empresa não oferece oportunidades de lazer para seus empregados.

Nas janelas doentias encontramos 39% do grupo de jornalistas que lutam para não cair na janela da compulsividade, ou seja, que não começam várias coisas ao mesmo tempo. Mas 23% do grupo se encontram na janela de imposição, crítica e perfeição, ou seja, que são pessoas perfeccionistas e críticas com o que realizam e com o que fazem os outros. Igual para 28% do grupo que estão na janela do interesse e egoísmo, trabalhando com afinco, mas esperando ser sempre recompensados e elogiados. Do grupo também observamos que só 4% dizem não estar em estresse no trabalho, e só 1% não ultrapassa as horas extras de trabalho e/ou leva trabalho para casa. Este percentual menor no estresse nos leva afirmar que os dados que se encontram na tabela de incerteza confirmam um alto grau existente no grupo em estudo.

De tudo podemos dizer que falta um ser mais disposto a promover mudanças intrínsecas, que o levariam a um crescimento e despertar da consciência, com uma esperança para projetar-se em um futuro diferente e promissor.

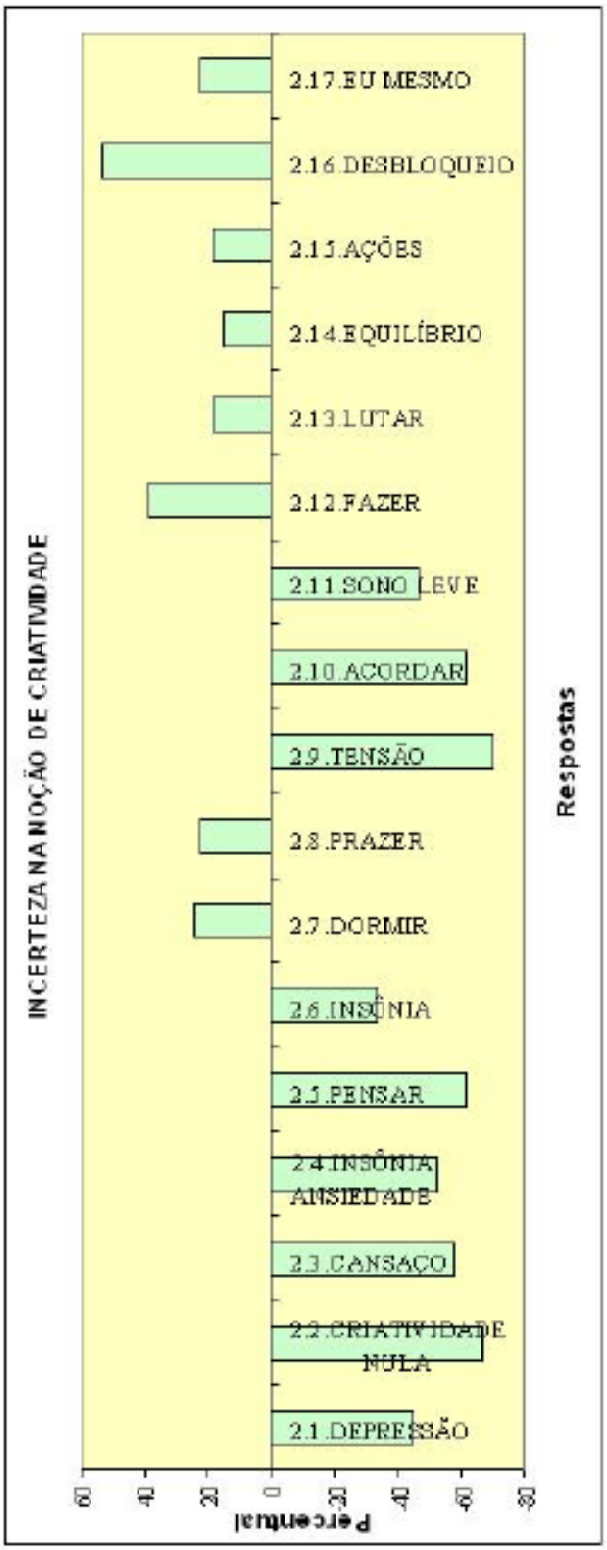
GRÁFICO 13. Crescimento ou deterioração da noção de atividade na QVI dos jornalistas



6.2. Noção de criatividade da QVI

Nesta noção se trabalhou com 7 itens que consolidam as variáveis deste bloco (ver tabela 15). No gráfico 14 verificamos pouco crescimento da noção de criatividade.

GRÁFICO 14. Índice de incerteza na noção de criatividade



a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas

Na tabela 15 percebemos uma incidência de crescimento nas janelas doentias, crescimento invertido que equivale ao enfraquecimento nas artes.[4] Ainda assim observamos dois percentuais altos em algumas variáveis, como na arte do espírito empreendedor na qual existe 54% do grupo de jornalistas que se desbloqueiam facilmente quando se apresenta um problema em geral; 18,5% do grupo estão cientes de que o tempo e os desafios ensinam a lutar e ganhar experiência para enfrentar os tempos difíceis. Na arte do significado, 39% do grupo conseguem fazer o que gostam no dia-a-dia e colocarem suas idéias e talento em prática. 22% encontram-se consigo mesmo criando algo novo. Nas outras duas artes verificam-se algumas variáveis com percentual menor. Na arte da felicidade, 24% dos jornalistas descansam sem nenhum contratempo e 15% têm percepção da necessidade de equilíbrio entre características e manifestações emocionais e racionais. Na arte de sentir prazer, 22% do grupo em estudo, se encontram fazendo o que gostam e 19% procuram realizar ações que geram prazer pessoal.

TABELA 15. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade

ITENS DE CRIATIVIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 2.1 e 2.2.	-44,5	-66,6				
2. Janela do Estresse: 2.3; 2.4; 2.6; 2.9; 2.10 e 2.11.	-57,4	-51,8	-33,4	-70,3	-61,1	-46,3
3. Janela Obsessiva e Antecipatória: 2.5.	-61,1					
4. Arte da Felicidade: 2.7 e 2.14.	24,1	14,9				
5. Arte de Sentir Prazer: 2.8 e 2.15.	22,2	18,6				
6. Arte do Significado: 2.12 e 2.17.	38,9	22,3				
7. Arte do Espírito Empreendedor: 2.13 e 2.16.	18,5	53,7				

Pelo enfraquecimento nas artes, as janelas apresentam um crescimento maior. Observa-se alto estresse no grupo de jornalistas: 57% vivem cansados; 52% sofrem de insônia quando estão ansiosos ou com problemas; 33% sofrem de insônia mesmo sem estar angustiados; 70% vivem constantemente em tensão emocional; 61% dormem bem, mas acordam sempre cansados e 46% apresentam sono leve, acordam com qualquer barulho. Na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos observamos que 44,5% entram em depressão e 67% ficam paralisados com qualquer problema, o que anula a criatividade. Nota-se também um alto percentual na janela obsessiva e antecipatória em que 61% do grupo ficam pensando no que têm que fazer no dia

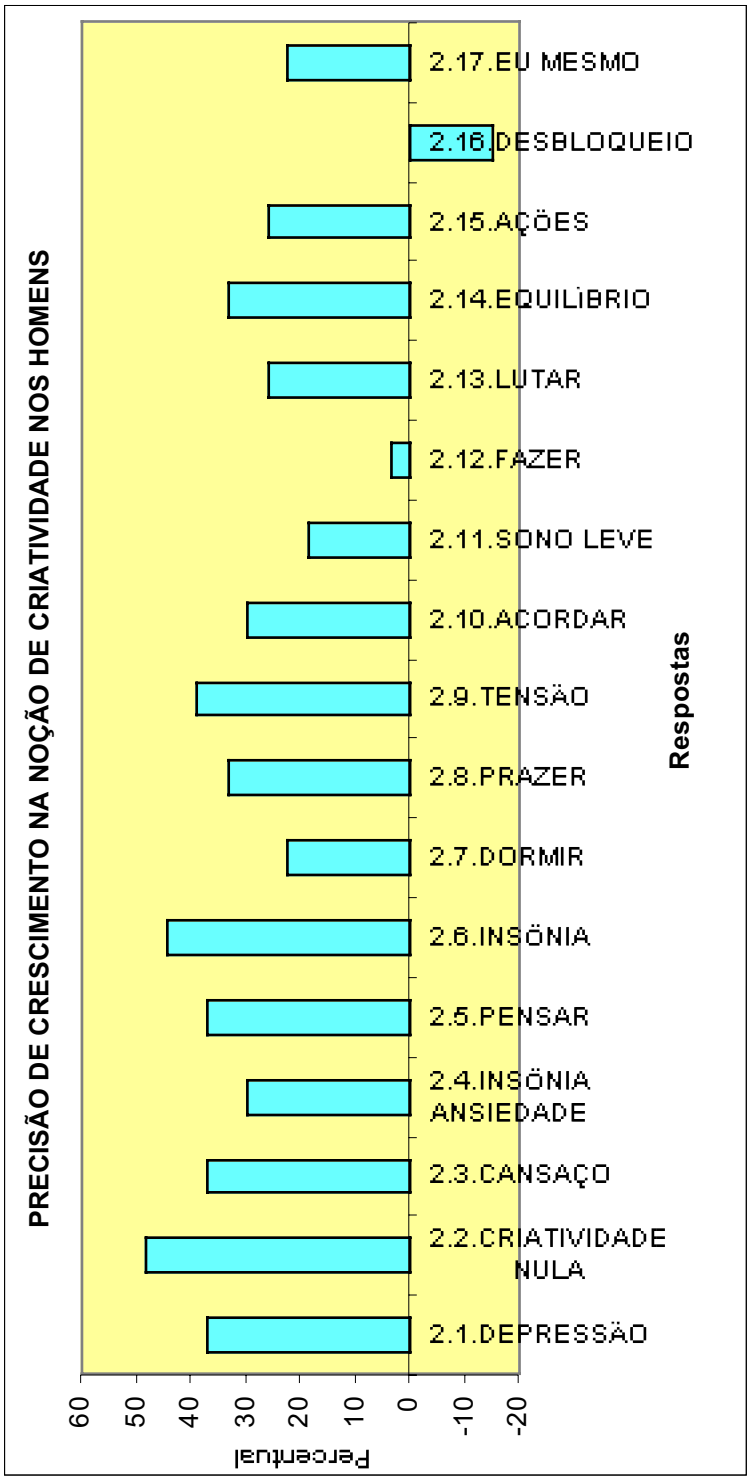
[4] Para compreender a análise da tabela, procure as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localize-as no gráfico 14. Assim com todas as tabelas e gráficos.

seguinte, e isso, os deixa rolando na cama até o amanhecer.

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero

É interessante observar como muda a visão de um crescimento negativo da noção de criatividade nas artes e janelas, segundo a tabela 15 de incerteza, para um crescimento positivo, segundo as tabelas 16 e 17. Verificamos, também, mais

GRÁFICO 15. Índice de precisão do crescimento na noção de criatividade nos homens



incidência de crescimento percentual no grupo dos homens do que no grupo das mulheres. Além do mais, existe um esforço dos dois grupos de jornalistas para superação das janelas doentias. Este crescimento leve da noção de criatividade significa que o grupo de jornalistas está mais relaxado e que abrem espaço para se encontrarem consigo mesmos, ainda que existam alguns percentuais negativos. Os gráficos 15 e 16 mostram o índice de precisão do crescimento em cada grupo.

GRÁFICO 16. Índice de precisão do crescimento na noção de criatividade nas mulheres

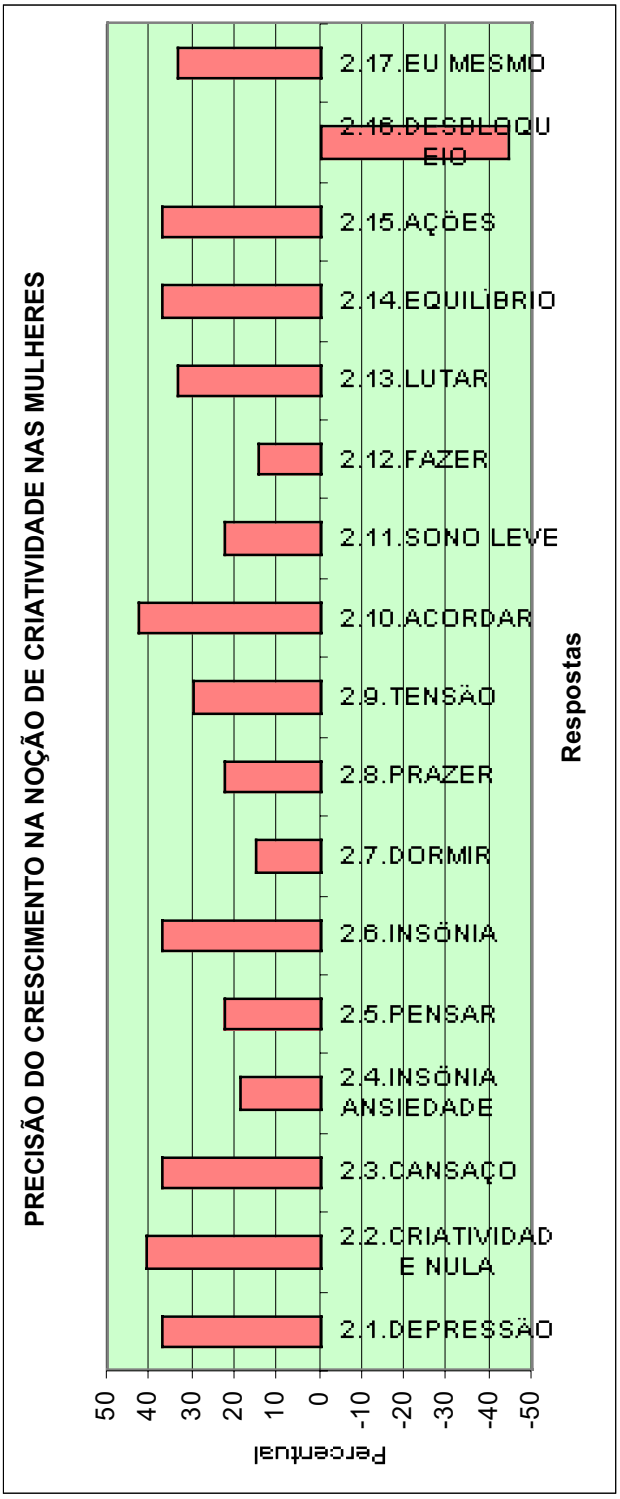


TABELA 16. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade dos homens

ITENS DE CRIATIVIDADE	Consolidado das Variáveis					
1. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 2.1 e 2.2.	37,0	48,2				
2. Janela do Estresse: 2.3; 2.4; 2.6; 2.9; 2.10 e 2.11.	37,0	29,6	44,5	38,8	29,6	18,5
3. Janela Obsessiva e Antecipatória: 2.5.	37,0					
4. Arte da Felicidade: 2.7 e 2.14.	22,2	33,3				
5. Arte de Sentir Prazer: 2.8 e 2.15.	33,3	25,9				
6. Arte do Significado: 2.12 e 2.17.	3,6	22,2				
7. Arte do Espírito Empreendedor: 2.13 e 2.16.	25,9	-14,9				

TABELA 17. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de criatividade das mulheres

ITENS DE CRIATIVIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 2.1 e 2.2.	37,1	40,7				
2. Janela do Estresse: 2.3; 2.4; 2.6; 2.9; 2.10 e 2.11.	36,9	18,5	36,9	29,7	42,5	22,3
3. Janela Obsessiva e Antecipatória: 2.5.	22,3					
4. Arte da Felicidade: 2.7 e 2.14.	14,9	37,1				
5. Arte de Sentir Prazer: 2.8 e 2.15.	22,2	37,0				
6. Arte do Significado: 2.12 e 2.17.	14,7	33,3				
7. Arte do Espírito Empreendedor: 2.13 e 2.16.	33,3	-44,5				

Dando leitura às tabelas 16 e 17, vemos que na janela doentia: nos sintomas fóbicos e neuróticos, não apresentam depressão, 37%, nos dois grupos. E nenhum problema interfere na criatividade de 48% dos homens; nas mulheres o percentual desta variável desce para 41%.[5] Na noção de criatividade, o estresse não aparece em nenhum dos grupos. Mas por trás desse percentual, a tabela de incerteza mostra a existência de um estresse alto no grupo. O que pode confirmar isso é o baixo percentual encontrado na tabela do índice de crescimento geral. Aqui vemos uma igualdade nas proporções de ambos os grupos na primeira variável, que dizem não estar cansados constantemente. Nas seguintes variáveis observamos que 30% dos homens não sofrem de insônia quando têm problemas. Nas mulheres só encontramos 18,5%. Isso pode significar que as mulheres vivem com mais preocupações que os homens. Sendo casadas, a preocupação aumenta, pois se ampliam as obrigações: trabalho, filhos e lar. Na seguinte variável poder-se-ia verificar a suposição anterior, já que 44,5% dos homens não sofrem de insônia mesmo sem problemas; nas mulheres o percentual desce para 37%. No grupo dos homens, 39% não apresentam tensão emocional; no grupo das mulheres o percentual baixa para 30%. Achamos também que 30% dos homens dormem bem e descansam; nas mulheres este percentual sobe para 42,5%. Em 18,5% dos homens o sono é normal; nas mulheres a proporção é

[5] Para compreender a análise das tabelas, procure as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localize-as nos gráficos 15 e 16.

um pouco maior de 22%. Na janela obsessiva e antecipatória, 37%, no grupo dos homens, não ficam pensando em tudo o que têm para fazer no dia seguinte; no grupo das mulheres este percentual desce para 22%.

Nas artes, o crescimento é mínimo no grupo dos jornalistas. Na arte da felicidade 22% no grupo dos homens dorme bem; nas mulheres desce para 15%. Na seguinte variável no grupo dos homens 33% têm percepção da necessidade de equilíbrio; nas mulheres o percentual sobe para 37%. Na arte de sentir prazer observa-se que 33% dos homens se encontram fazendo o que gostam e 26% procuram realizar ações que geram prazer; nas mulheres o percentual desce para 22% na primeira variável e sobe na segunda para 37%. Na arte do significado, o crescimento nos homens é mínimo na variável conseguir no dia-a-dia fazer o que gostam e pôr suas idéias e seu talento em prática: 4%. A diferença da segunda, em que se sentem eles mesmos quando estão criando algo novo, é que sobe para 22%; nas mulheres acontece algo similar só que em maior proporção. 15% conseguem fazer no dia-a-dia o que gostam, além de conseguirem pôr suas idéias e talento em prática. 33% encontram a si mesmas quando criam algo novo. Na arte do espírito empreendedor é interessante observar que em ambos os grupos, só há crescimento na primeira variável, com 26% no grupo dos homens, e 33% no grupo das mulheres, o que significa que o tempo e os desafios ensinaram-lhes a lutar e a ter consciência de que os tempos estão difíceis. A diferença da segunda variável onde não há crescimento nenhum, por exemplo, para 15% do grupo dos homens qualquer problema os deixa paralisados e não se desbloqueiam com facilidade. No grupo das mulheres há um crescimento de 44,5% negativo mais alto do que nos homens, que é de 41%. Pode-se perceber que os jornalistas são muito sensíveis aos problemas, sobretudo nas mulheres, o que desgasta a criatividade e a concentração.

c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas

O gráfico 17 mostra um crescimento aparente da noção de criatividade, mas ao ver a unificação das variáveis nas artes e janelas, percebemos que esse crescimento é tímido, existe um esforço de superação com relação às janelas (tabela 18 e gráfico 18), o que significa que a criatividade dos jornalistas deve ser mais trabalhada, pois o número de criativos é bastante reduzido nas artes. Na arte da felicidade, (segundo a tabela 18) 18% dos jornalistas dormem bem sem nenhum problema; 35% têm percepção da necessidade de equilíbrio entre características e manifestações emocionais e racionais. Na arte de sentir prazer, 27,5% encontram-se fazendo o que gostam, tendo novas idéias e trabalhando com prazer; 32% dos jornalistas procuram realizar ações que geram prazer pessoal, com reflexos positivos na atuação profissional. Esta arte abre portas para a arte do significado, mas as

TABELA 18. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de criatividade dos jornalistas

ITENS DE CRIATIVIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 2.1 e 2.2.	35,7	44,3				
2. Janela do Estresse: 2.3; 2.4; 2.6; 2.9; 2.10 e 2.11.	36,9	23,8	40,6	33,4	35,5	20,5
3. Janela Obsessiva e Antecipatória: 2.5.	29,4					
4. Arte da Felicidade: 2.7 e 2.14.	18,4	35,3				
5. Arte de Sentir Prazer: 2.8 e 2.15.	27,5	31,7				
6. Arte do Significado: 2.12 e 2.17.	9,4	28,0				
7. Arte do Espírito Empreendedor: 2.13 e 2.16.	29,7	-30,2				

proporções das variáveis, ao invés de aumentarem, diminuem para 9% quando os jornalistas conseguem fazer o que gostam no dia-a-dia e colocarem suas idéias e talento em prática. 28% se encontram consigo mesmo quando criam algo novo; este baixo crescimento pode ser pelo crescimento negativo que existe na arte do espírito empreendedor, o que debilita as outras artes. Na porta desta arte percebemos uma diminuição de crescimento da criatividade nos jornalistas nas diferentes variáveis, 30% do grupo são cientes de que o tempo e os desafios ensinaram-lhes a lutar e a ganhar experiência para enfrentar os tempos difíceis; logo a próxima variável é negativa, quando os problemas deixam paralisados os 30% que não se desbloqueiam com facilidade.

Esta sensibilidade dos jornalistas frente aos problemas faz com que as diferentes portas das artes desçam e as janelas tomem força. Na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos, observamos que 36% do grupo de jornalistas afirmam não cair em depressão; 44% superam os problemas e sua criatividade continua ativa. Na janela do estresse, 37% encontram-se bem e sem cansaço; 24% dizem não sofrer de insônia ainda com problemas; 41% não sofrem de insônia; 33% não vivem em tensão emocional; 35,5% dormem bem e 20,5% não acordam mesmo com barulho. Ainda que as percentagens sejam menores, atrás delas existem proporções maiores no grupo de jornalistas que estão em estresse. Assim se verificam os dados da tabela 11 da incerteza. Na janela obsessiva e antecipatória, observamos que 29% do grupo de jornalistas não ficam pensando nas tarefas que têm para fazer no dia seguinte, e preferem relaxar.

GRÁFICO 17. Índice geral do crescimento da QVI na noção de criatividade dos jornalistas

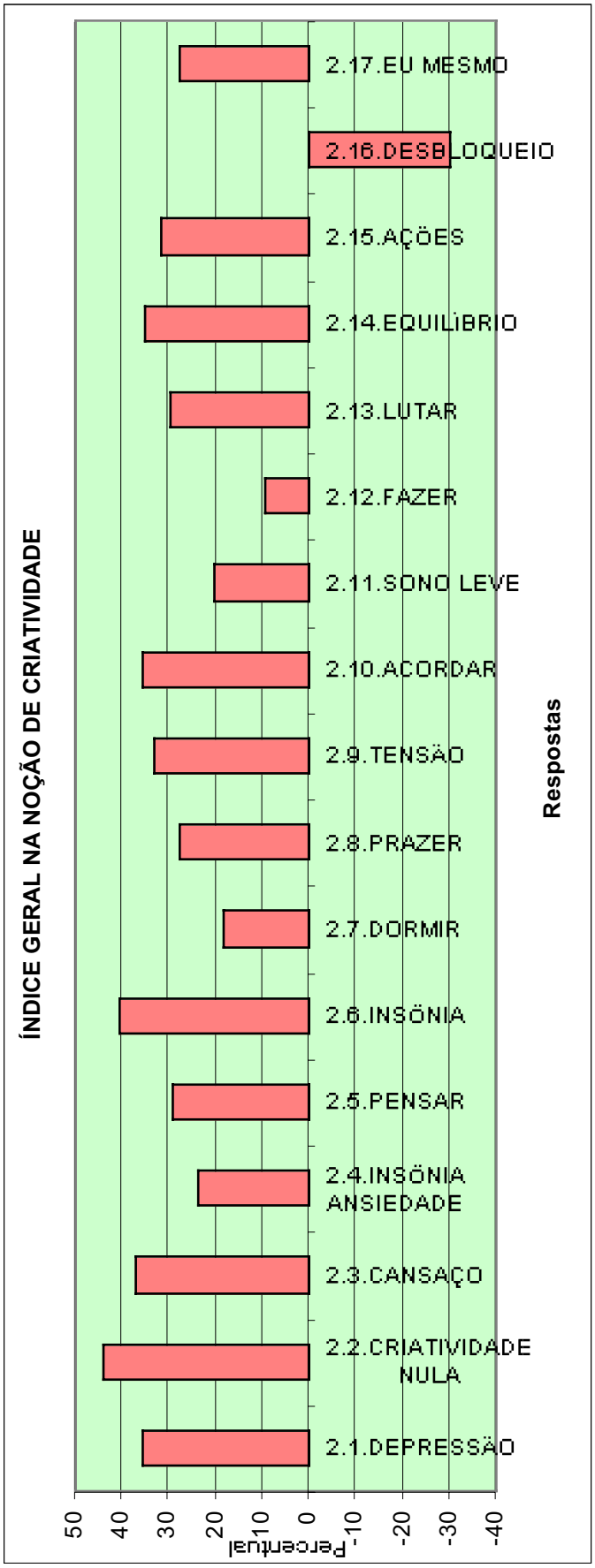
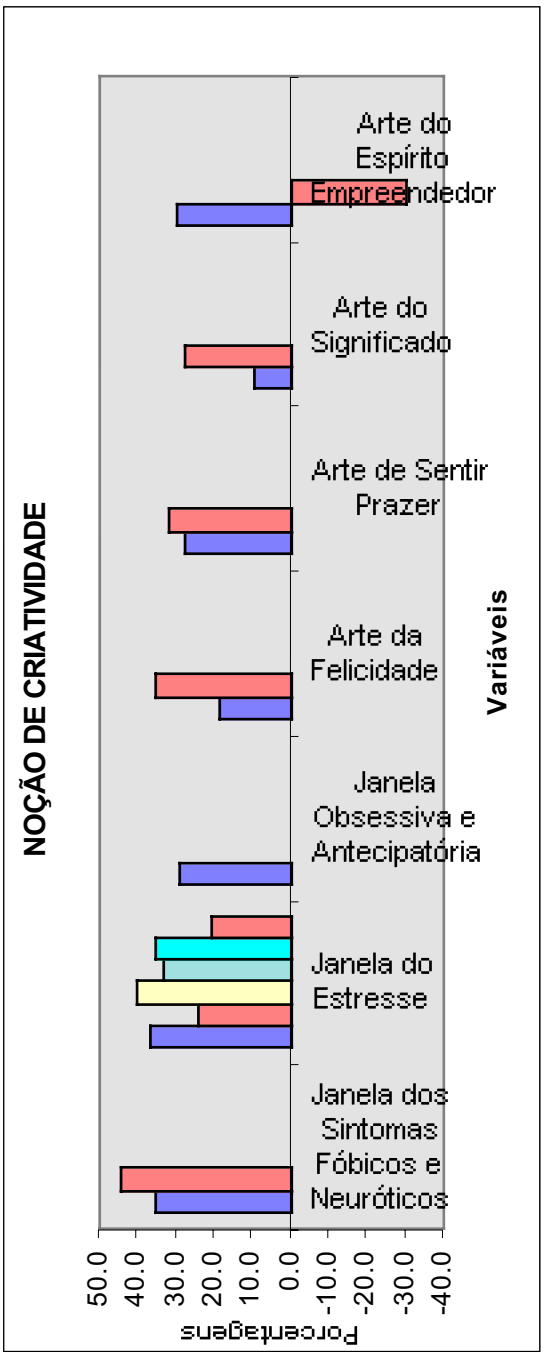


GRÁFICO 18. Crescimento ou deterioração da noção de criatividade na QVI dos jornalistas



6.3. Noção de tempo da QVI

Para este bloco trabalhamos com nove itens que consolidam as variáveis correspondentes (tabela 19). No gráfico 19 encontramos um crescimento meio oscilante e crescente da noção.

a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas

A tabela 19 de incerteza nos revela que alguns jornalistas tratam de achar um espaço de tempo para si mesmo, ainda que não exista superação nas janelas doentias.

GRÁFICO 19. Índice de incerteza na noção de tempo

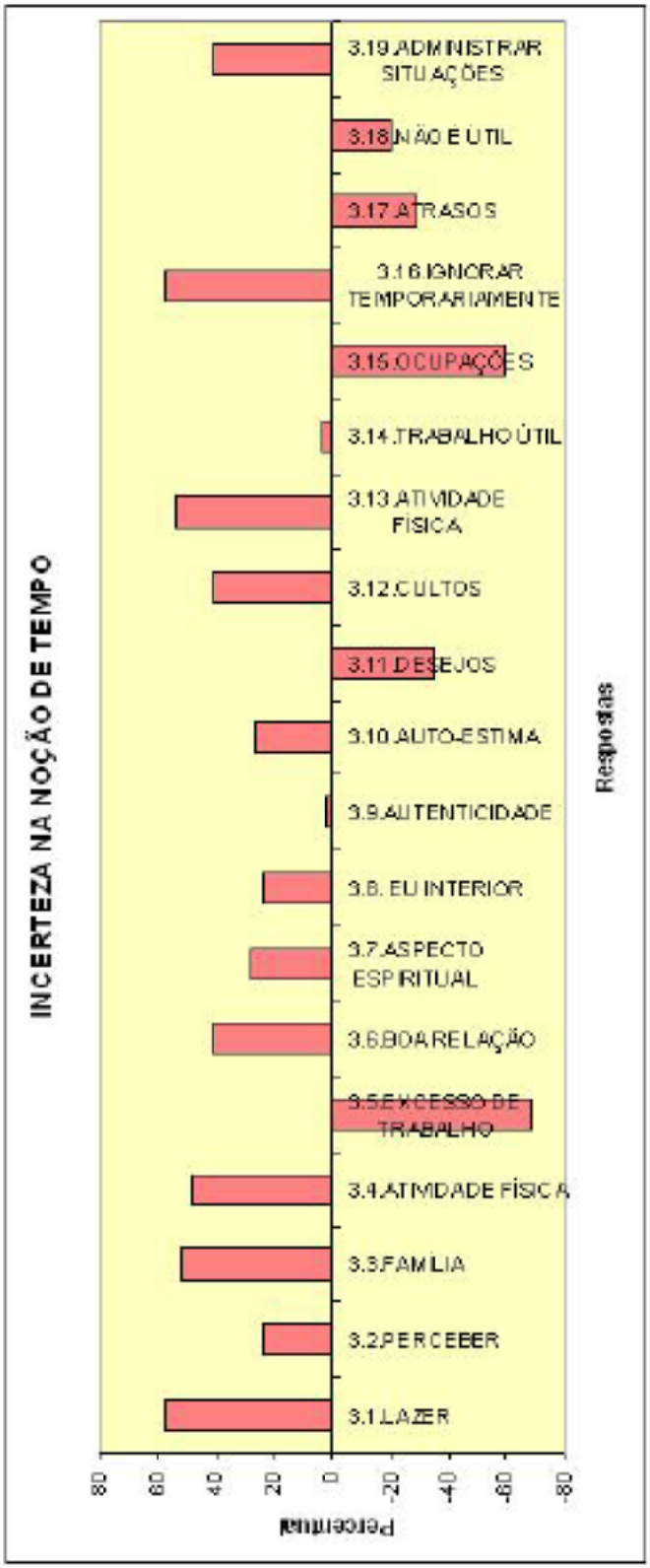


TABELA 19. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo

ITENS DE TEMPO		Consolidado das variáveis					
1.	Arte da Felicidade: 3.1; 3.2; 3.3; 3.4; 3.6 e 3.16.	57,4	24,1	51,8	48,2	40,7	57,4
2.	Janela Compulsiva: 3.5; 3.11 e 3.15.	-68,5	-35,2	-59,2			
3.	Arte do Crescimento Espiritual: 3.7 e 3.12.	27,8	40,8				
4.	Arte do Autodiálogo: 3.8; 3.9 e 3.10.	24,1	1,9	26,0			
5.	Arte de Animar a Vida: 3.13.	53,7					
6.	Arte do Significado: 3.14.	3,8					
7.	Janela do Estresse: 3.17.	-29,6					
8.	Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 3.18.	-20,4					
9.	Arte do Espírito Empreendedor: 319.	40,8					

Abrem-se as portas para um crescimento nesta noção do tempo, começando com a arte da felicidade, que mostra, na tabela 19, proporções maiores, como: 57% do grupo têm tempo disponível para o lazer; 24% percebem com facilidade quais *hobbies* são prazerosos; 52% têm tempo disponível para se dedicarem à família; 48% realizam qualquer atividade física com dedicação; 41% têm conseguido uma boa relação com o mundo, com o trabalho, com a família e consigo mesmo, e 57% ignoram temporariamente os pensamentos e/ou lembranças que trazem preocupação.[6] Na arte de animar a vida, nota-se uma proporção também maior, de 54% do grupo, que, apesar dos dias puxados de trabalho, praticam alguma atividade física ou de repouso, mesmo que por curto tempo. Nas outras artes, vão diminuindo em sua proporção, como: na arte do crescimento espiritual vemos que 28% do grupo são inquietos pelo aspecto espiritual, procuram uma filosofia da vida e 41% procuram desenvolver-se espiritualmente. Na arte do autodiálogo nota-se 24% que tentam trabalhar com freqüência o "eu interior", conquistando maior equilíbrio interno e cultivando a paciência e coragem; mas só 2% procuram autenticidade, e serem sempre verdadeiros consigo mesmo e com os outros; e 26% abrem espaço para trabalhar a auto-estima e controlar as emoções. Na arte do significado só encontramos que 4% do grupo sentem que seu trabalho é útil. Observamos também que 41%, na arte do espírito empreendedor, sabem administrar situações de desgaste pessoal nas mais diferentes relações. Esta pequena oscilação do crescimento das artes faz com que algumas janelas tomem força. A janela compulsiva mostra, por exemplo, um percentual alto de 68,5% do grupo de jornalistas que vivem sobrecarregados de trabalho e não conseguem espaço para compartilhar momentos com a família; 35% do grupo, nas férias, fazem o possível para atender a todos os

[6] Para compreender a análise geral das tabelas, procurar as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localizá-las no gráfico 19, assim para as demais tabelas e os gráficos.

desejos, pois depois não teriam tempo para mais nada, e 59% consideram-se pessoas muito ocupadas e não têm tempo para mais nada. Na janela do estresse nota-se 30% dos jornalistas que nunca chegam na hora marcada e sempre andam no corre-corre. Observamos que na janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si, no grupo há 20% que sentem inutilidade no que fazem.

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero

A diferença é grande com relação à tabela de incerteza. A proporção de jornalistas que vivem a experiência do tempo como instantes que ajudam para seu crescimento é mínima (tabelas 20 e 21). Nos gráficos 20 e 21 encontram-se os índices de precisão do crescimento da QVI de cada grupo.

TABELA 20. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo dos homens

ITENS DE TEMPO	Consolidado das variáveis					
1. Arte da Felicidade: 3.1; 3.2; 3.3; 3.4; 3.6 e 3.16.	-14,8	22,2	-11,2	-22,3	7,3	-11,0
2. Janela Compulsiva: 3.5; 3.11 e 3.15.	27,7	-3,8	24,1			
3. Arte do Crescimento Espiritual: 3.7 e 3.12.	-2,0	-4,0				
4. Arte do Autodiálogo: 3.8; 3.9 e 3.10.	35,1	42,6	31,4			
5. Arte de Animar a Vida: 3.13.	-24,0					
6. Arte do Significado: 3.14.	44,4					
7. Janela do Estresse: 3.17.	44,4					
8. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 3.18.	48,2					
9. Arte do Espírito Empreendedor: 319.	22,1					

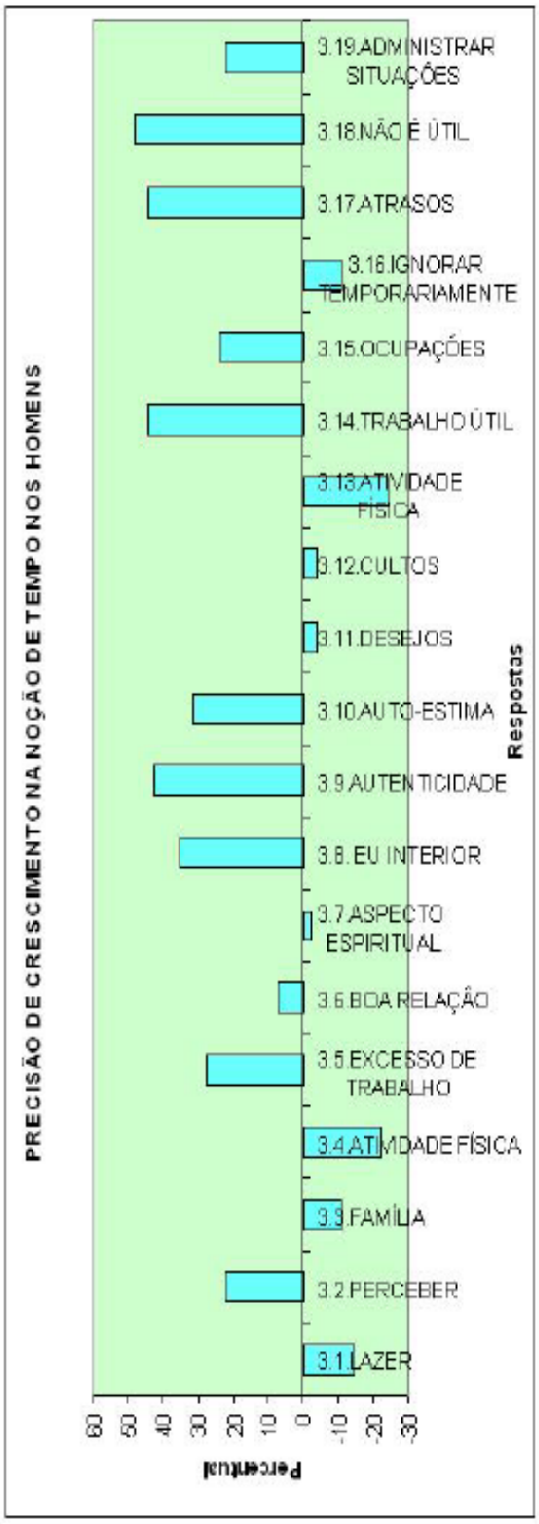
TABELA 21. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de tempo das mulheres

ITENS DE TEMPO	Consolidado das variáveis					
1. Arte da Felicidade: 3.1; 3.2; 3.3; 3.4;3.6 e 3.16.	-14,8	20,3	-0,1	-1,9	3,6	-18,5
2. Janela Compulsiva: 3.5; 3.11 e 3.15.	29,6	-11,1	25,9			
3. Arte do Crescimento Espiritual: 3.7 e 3.12.	5,5	-5,6				
4. Arte do Autodiálogo: 3.8; 3.9 e 3.10.	11,0	51,9	11,1			
5. Arte de Animar a Vida: 3.13.	-7,4					
6. Arte do Significado: 3.14.	36,9					
7. Janela do Estresse: 3.17.	38,8					
8. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 3.18.	44,4					
9. Arte do Espírito Empreendedor: 319.	-11,1					

Dando leitura as tabelas 20 e 21, percebemos que, na arte do significado, 44% no grupo dos homens sentem o seu trabalho útil; nas mulheres esse sentir desce para 37%. Na arte do autodiálogo, 35% dos homens tentam trabalhar com freqüência o "eu interior", conquistando maior equilíbrio interno e cultivando a paciência e a

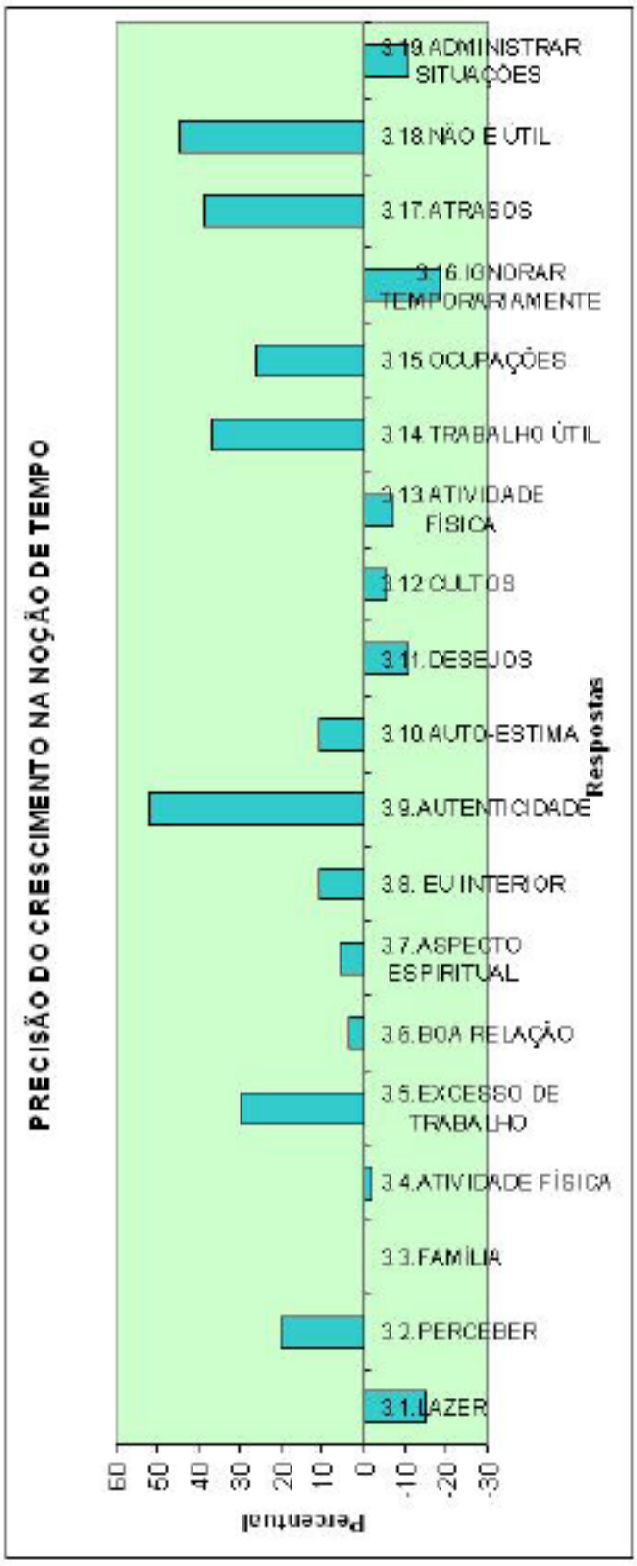
coragem; nas mulheres só 11% procuram encontrar-se consigo mesmo. Nos homens, 43% buscam autenticidade, procuram ser verdadeiros consigo mesmo e com os outros; nas mulheres essa variável aumenta para 52%. Abrem espaço para trabalhar a auto-estima e controlar as emoções, 31% nos homens; a diferença das mulheres que desce este percentual para 11%. Na arte do espírito empreendedor, 22% dos

GRÁFICO 20. Índice de precisão do crescimento na noção de tempo nos homens



homens sabem administrar situações de desgaste pessoal em diferentes relações; nas mulheres, essa proporção é negativa com 11%. Este percentual deve-se ao fato de ser mais difícil para elas administrar certas situações, já que se deixam levar mais pela emoção, o que pode causar-lhes uma angustia ou depressão.

GRÁFICO 21. Índice de precisão do crescimento na noção de tempo nas mulheres



As outras portas das artes, em algumas variáveis, passam para uma percepção negativa, fecham-se para um grupo de jornalistas. Isso dá força para o crescimento das janelas, ainda que se observem proporções de crescimento positivo que as supere. Por exemplo: a porta da arte da felicidade encontra-se fechada para ambos os grupos, em igual proporção, com 15% que não têm tempo para o lazer; para 22% no grupo dos homens é possível perceber com facilidade quais *hobbies* os satisfazem e são prazerosos. Esta variável desce em 20% para as mulheres. Nos homens, 11% não têm tempo disponível para dedicar à família; acontecendo o mesmo para as mulheres, mas numa proporção bem menor de 0,1%. Existem 22% dos homens que não realizam nenhuma atividade física; nas mulheres este percentual diminui para 2%. Conseguir uma boa relação com o mundo, com seu trabalho, com a família e consigo mesmo é possível para 7% dos homens; nas mulheres esse percentual só chega a 4%. Na última variável, vemos que 11% dos homens não ignoram temporariamente os pensamentos e/ou lembranças que trazem preocupação; fato que se dá nas mulheres em uma proporção maior de 18,5%. Na arte do crescimento espiritual, para o grupo dos homens, achamos 2% e 4% nas variáveis; nas mulheres, 5,5% têm interesses espirituais. Na seguinte variável, 6% não procuram desenvolver-se espiritualmente. Na porta da arte de animar a vida, 24% dos homens apesar dos dias puxados de trabalho, não procuram fazer nenhuma atividade física, mesmo que seja por curto tempo; nas mulheres este percentual desce para 7%.

Nas janelas doentias encontramos algumas superações. Percebe-se, na janela compulsiva, que 28% dos homens conseguem espaço para compartilhar com a família, embora tenham dias puxados de trabalho; para as mulheres este percentual aumenta para 30%. Na seguinte variável, 4% dos homens vivem compulsivamente as férias, tratando de atender a todos os desejos, pois logo não terão tempo para nada; esta proporção nas mulheres aumenta para 11%. Mas na seguinte variável, 24% dos homens conseguem abrir espaço em suas obrigações para outras atividades; quase em percentual igual acontece para as mulheres com 26%. Na janela do estresse, 44% dos homens a supera; em proporção um pouco menor se encontram as mulheres, com 39%, que são pontuais quando têm hora marcada. Na janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si, encontramos 48% dos homens que superam esta janela dando valor para seu trabalho; a proporção nas mulheres desce para 44%.

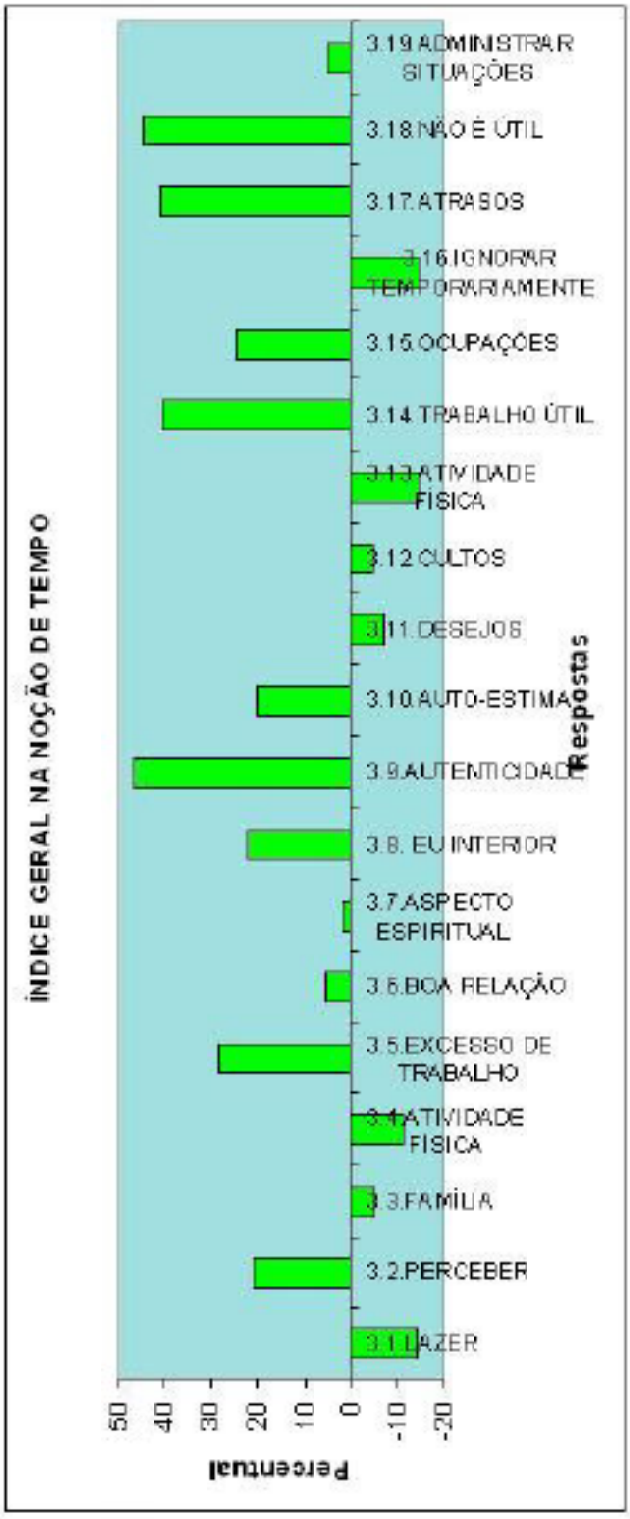
Este pouco crescimento dos jornalistas em viver mais os instantes para ajudar a crescer seu ser pode-se dar por não valorizar mais o que fazem. Faz-se necessário trabalhar mais a auto-estima e aprender a controlar mais as emoções, principalmente as mulheres. A auto-observação é essencial no ser humano para tomar consciência das compulsões em que cai constantemente e que o levam a deteriorar e bloquear o

crescimento nas artes, ou seja, seus valores de crescimento, realização e lucidez da memória, sejam os que deseja alcançar ou os que já adquiriu.

c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas

Na noção de tempo, o índice geral de crescimento da qualidade de vida dos

GRÁFICO 22. Índice geral do crescimento da QVI na noção de tempo dos jornalistas



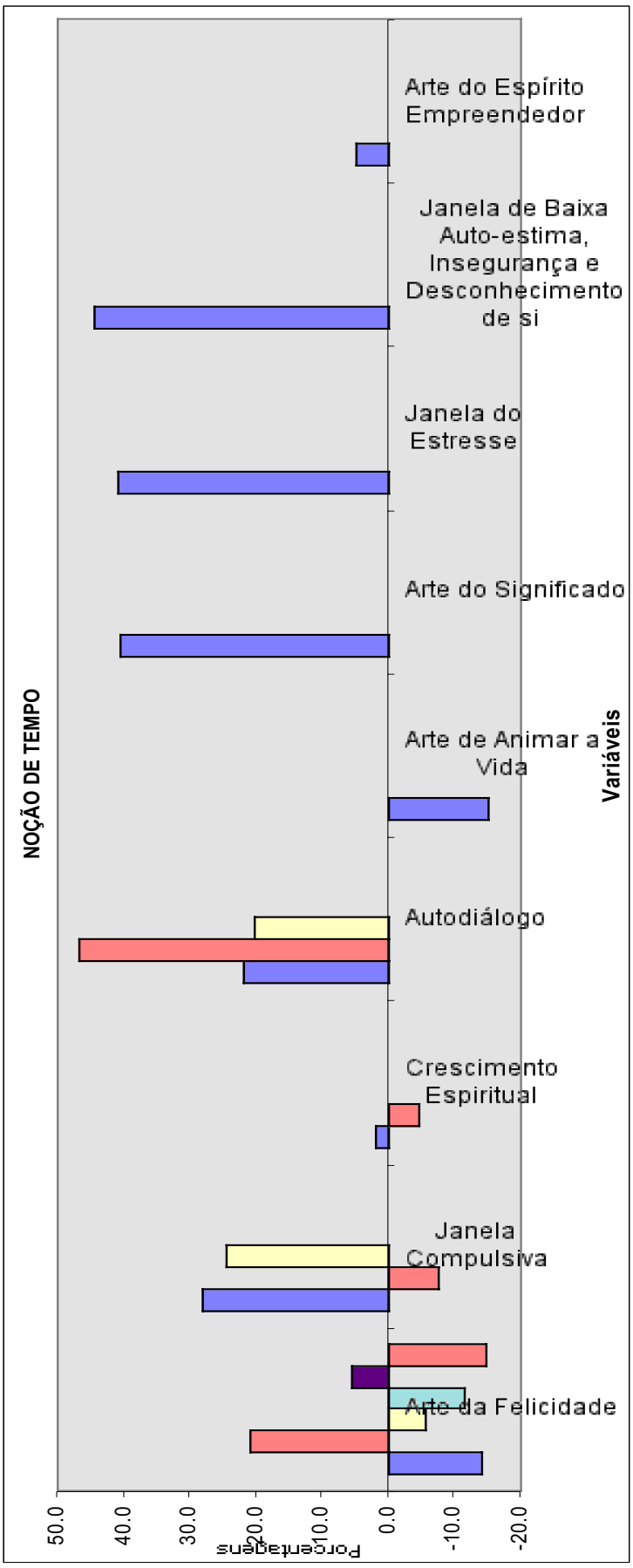
jornalistas é reduzido e oscilante, como observamos no gráfico 22. Esta oscilação vai ser mais marcada no consolidado das variáveis em seus respectivos itens das artes e janelas, tabela 22. Pode-se apreciar também no gráfico 23.

TABELA 22. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de tempo dos jornalistas

ITENS DE TEMPO	Consolidado das variáveis					
1. Arte da Felicidade: 3.1; 3.2; 3.3; 3.4; 3.6 e 3.16.	-14,3	20,8	-5,4	-11,6	5,4	-14,9
2. Janela Compulsiva: 3.5; 3.11 e 3.15.	28,2	-7,6	24,6			
3. Arte do Crescimento Espiritual: 3.7 e 3.12.	1,8	-4,7				
4. Arte do Autodiálogo: 3.8; 3.9 e 3.10.	22,0	46,6	20,3			
5. Arte de Animar a Vida: 3.13.	-14,9					
6. Arte do Significado: 3.14.	40,5					
7. Janela do Estresse: 3.17.	40,8					
8. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 3.18.	44,6					
9. Arte do Espírito Empreendedor: 319.	4,9					

Só encontra-se um pouco elevada a arte de significado e uma variável do item da arte de autodiálogo, segundo a tabela 22. Com 40,5% na arte do significado, os jornalistas sentem seu trabalho como útil para os outros. Na arte do autodiálogo, na segunda variável, 47% dos jornalistas buscam autenticidade, procurando ser sempre verdadeiros consigo e com os outros; na primeira variável 22% põem empenho para trabalhar o "eu interior", conquistando maior equilíbrio interno e cultivando a paciência e a coragem; e na última variável, 20% dos jornalistas abrem espaço para trabalhar sua auto-estima e controlar as emoções. Nas demais artes, o crescimento proporcional é mínimo em algumas varáveis, em outras é totalmente nulo. Na arte da felicidade, 14% dos jornalistas não têm tempo disponível para o lazer; 21% percebem com facilidade seus *hobbies* prazerosos ou satisfatórios; 5% não têm tempo disponível para se dedicarem à família; 12% não realizam nenhuma atividade física; 5% opinam ter conseguido uma boa relação com o mundo, o trabalho, família e consigo; e 15% gostam de ignorar temporariamente os pensamentos e/ou lembranças que trazem preocupação. Na arte do crescimento espiritual só 2% do grupo têm este sentimento. 5% não procuram a espiritualidade. A arte de animar a vida é nula. 15% opinam que não praticam nenhuma atividade de repouso, mesmo que por curto tempo ou em dias com excesso de trabalho. Na arte do espírito empreendedor, 5% abrem portas para esta arte, ou seja, sabem administrar situações de desgaste pessoal nas diferentes relações. Ainda que o crescimento seja mínimo nesta noção, alguns jornalistas se esforçam para não cair nas janelas, mas outros se encontram nelas. Na janela compulsiva, 28% conseguem espaço para compartilhar com a família, ainda que tenham muito trabalho e 25%

GRÁFICO 23. Crescimento ou deterioração da noção de tempo na QVI dos jornalistas



abrem espaço para outras atividades, ainda que tenham muitas ocupações, mas 8% vivem compulsivamente as férias, pois nelas querem atender a todos os seus desejos porque depois não terão tempo para mais nada. Na janela do estresse, 41% lutam para não ficar em estresse. Na janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si, 45% dão valor às coisas que realizam. Em geral, percebe-se, comparando a tabela 22 do crescimento ou deterioração geral com a tabela 19 de incerteza, que falta mais conscientização e disponibilidade própria dos jornalistas para não deixar passar aquela experiência viva do tempo, *os instantes* que enriquecem o ser e ajudam no crescimento da QVI.

6.4. Noção da consciência da QVI

Na noção de consciência as variáveis se agrupam em 14 itens, como vemos na tabela 23. O gráfico 24 do índice de incerteza reflete um crescimento oscilante na noção da consciência.

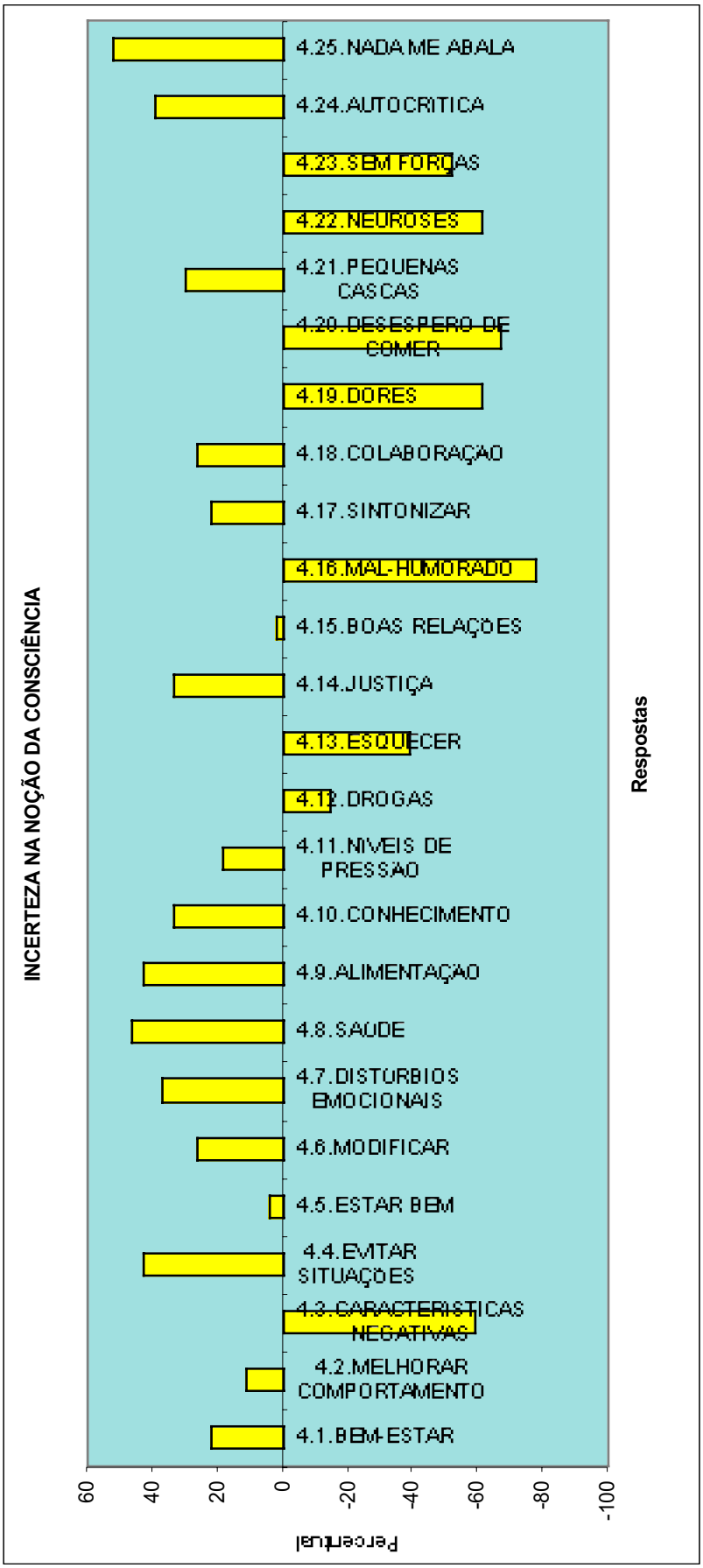
TABELA 23. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência

ITENS DA CONSCIÊNCIA	Consolidado das variáveis			
1. Arte de Valorização no Trabalho: 4.1.	22,3			
2. Arte do Espírito Empreendedor: 4.2; 4.11; 4.24 e 4.25.	11,1	18,6	38,9	51,8
3. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 4.3.	-59,2			
4. Arte de Animar a Vida: 4.4.	42,6			
5. Arte do Significado: 4.5.	3,7			
6. Arte da Felicidade: 4.6; 4.15 e 4.21.	26,0	1,9	29,7	
7. Arte de Valorizar a Natureza Humana: 4.7; 4.8 e 4.9.	37,0	46,3	42,6	
8. Arte do Autodiálogo: 4.10.	33,4			
9. Janela Destrutiva: 4.12.	-14,8			
10. Janela Compulsiva: 4.13.	-38,9			
11. Arte da Solidariedade: 4.14 e 4.18.	33,4	26,0		
12. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 4.16; 4.20 e 4.22.	-77,8	-66,7	-61,1	
13. Arte do Engajamento: 4.17.	22,3			
14. Janela do Estresse: 4.19 e 4.23.	-61,1	-51,8		

a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas

A tabela 23 mostra um crescimento das artes, ainda que falte superação de algumas janelas com proporções maiores. Começando pela arte do espírito empreendedor (na tabela 23), 11% dos jornalistas põem empenho para melhorar o comportamento, 19% têm consciência dos níveis de pressão que resultam da relação de tempo e produtividade; 39% procuram manter níveis de auto-crítica com relação à qualidade do próprio trabalho, sem massacrar-se; e 52% do grupo ficam calmos

GRÁFICO 24. Índice de incerteza na noção da consciência



apesar dos problemas.[7] Na arte de animar a vida, 43% do grupo evitam situações de estresse. Na arte de valorizar a natureza humana, encontramos que 37% evitam relacionamentos que causem distúrbios emocionais, 46% do grupo controlam a saúde e 43% cuidam da alimentação. Na arte da solidariedade, 33% dos jornalistas procuram ser justos com os outros, ainda que sejam traídos ou tratados injustamente; 26% reconhecem limitações de colegas de profissão, sem acentuá-las, e continuam com um espírito de colaboração e de equipe.

Na arte da felicidade, 26% modificam certas atitudes perante a vida e só 2% preservam boas relações com colegas de profissão, independente dos níveis hierárquicos; 30% dos jornalistas crescem com os problemas pessoais e/ou profissionais. Na arte de valorização no trabalho, encontramos 22% que opinam sentir bem-estar em seu trabalho. Na arte do significado, 4% fazem o possível para estar bem com as pessoas que os rodeiam. Na arte do engajamento, 22% estão sintonizados com a cultura organizacional e políticas das empresas onde trabalham. Na arte do autodiálogo, 33% procuram formas de auto-conhecimento.

O crescimento nas janelas pode se dar pelo enfraquecimento em algumas das variáveis pertencentes às artes. Na janela de imposição, crítica e perfeição, constatamos 59% dos jornalistas que são críticos e percebem características negativas em seu perfil profissional, ao verem que não aceitam essas mesmas características nos outros. Na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos, 78% dos jornalistas ficam mal-humorados com facilidade; 67% sentem ansiedade pela comida e 61% às vezes se sentem neuróticos e nessas ocasiões não gostam de falar com ninguém. Na janela do estresse, 61% dos jornalistas sentem dores em qualquer parte do corpo; 52% afirmam que constantemente ficam sem forças e como doentes. 39% dos jornalistas se encontram na janela compulsiva em que utilizam alguma atividade frenética a fim de esquecer os problemas e 15% se encontram na janela destrutiva, ou seja, que fazem uso de drogas para aumentar o ânimo e "sentir-se melhor".

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero

Nos índices de precisão de cada grupo percebe-se um crescimento na noção da consciência, (gráfico 25 e 26). É interessante ver que no consolidado das variáveis existe um crescimento ainda que em proporções pequenas, mas este crescimento ajuda o ser humano a estar mais ciente de si próprio para uma transformação do ser interior (tabelas 24 e 25).

[7] Para compreender a análise geral da tabela 23, procurar as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localizá-las no gráfico 24. Assim com todas as tabelas e gráficos.

TABELA 24. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência dos homens

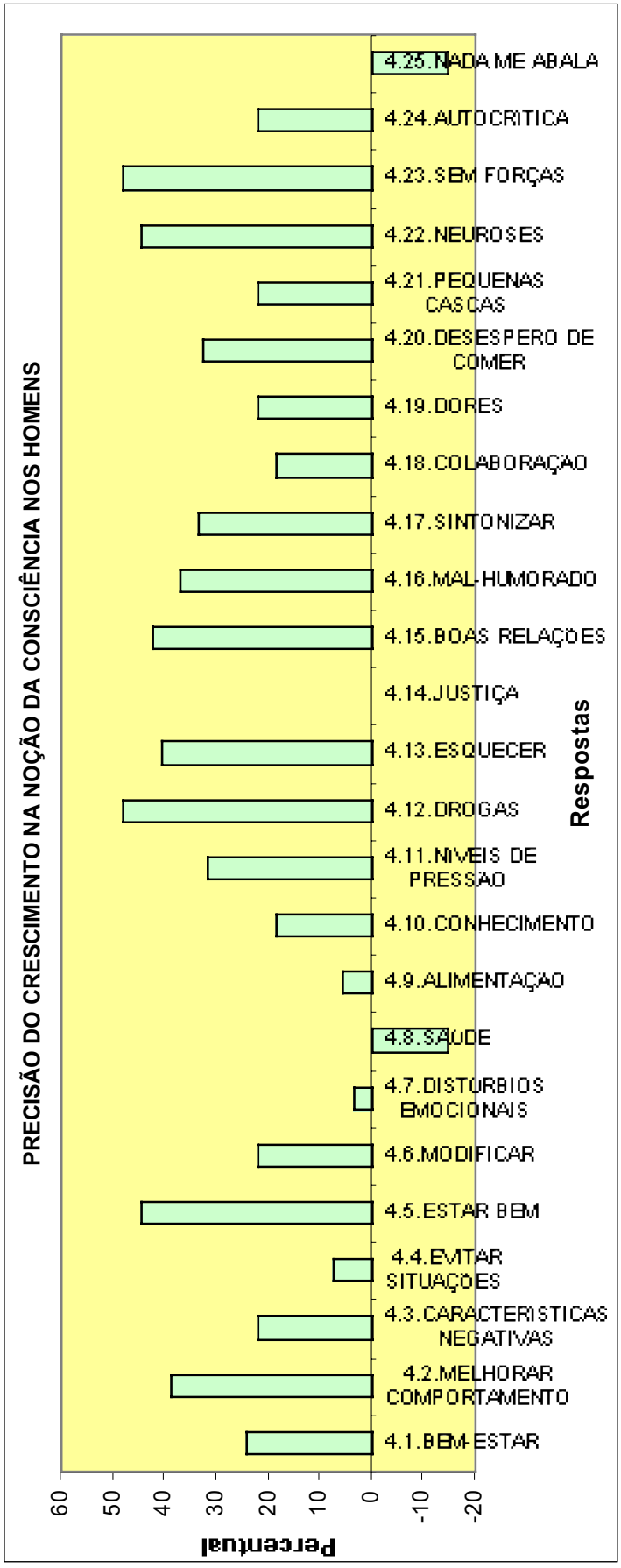
ITENS DA CONSCIÊNCIA	Consolidado das variáveis			
1. Arte de Valorização no Trabalho: 4.1.	24,0			
2. Arte do Espírito Empreendedor: 4.2; 4.11; 4.24 e 4.25.	38,9	31,5	22,2	-14,8
3. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 4.3.	22,2			
4. Arte de Animar a Vida: 4.4.	7,4			
5. Arte do Significado: 4.5.	44,4			
6. Arte da Felicidade: 4.6; 4.15 e 4.21.	22,2	42,5	22,2	
7. Arte de Valorizar a Natureza Humana: 4.7; 4.8 e 4.9.	3,6	-14,8	5,5	
8. Arte do Autodiálogo: 4.10.	18,5			
9. Janela Destrutiva: 4.12.	48,2			
10. Janela Compulsiva: 4.13.	40,7			
11. Arte da Solidariedade: 4.14 e 4.18.	0,0	18,4		
12. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 4.16; 4.20 e 4.22.	37,1	32,6	44,4	
13. Arte do Engajamento: 4.17.	33,4			
14. Janela do Estresse: 4.19 e 4.23.	22,2	48,2		

No primeiro item, a arte de valorização no trabalho, na tabela 24, encontramos que 24% no grupo dos homens sentem bem-estar no trabalho; o percentual desce, na tabela 25, para o grupo das mulheres, com 18,5%. Na arte do espírito empreendedor, 39% dos homens fazem o possível para melhorar o comportamento; este percentual desce a 37% para as mulheres. Na variável seguinte, achamos que 31,5% dos homens têm consciência dos níveis de pressão que resultam da relação de tempo e produtividade, fato que se dá nas mulheres em 30%. Na terceira e quarta variáveis, as percentagens no grupo das mulheres descem para negativo, o que significa que 4% das mulheres não procuram manter níveis de autocrítica em relação

TABELA 25. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção da consciência das mulheres

ITENS DA CONSCIÊNCIA	Consolidado	Das	Variáveis	
1. Arte de Valorização no Trabalho: 4.1.	18,5			
2. Arte do Espírito Empreendedor: 4.2; 4.11; 4.24 e 4.25.	37,1	29,6	-3,7	-14,8
3. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 4.3.	18,5			
4. Arte de Animar a Vida: 4.4.	-3,7			
5. Arte do Significado: 4.5.	48,1			
6. Arte da Felicidade: 4.6; 4.15 e 4.21.	22,2	51,8	12,9	
7. Arte de Valorizar a Natureza Humana: 4.7; 4.8 e 4.9.	11,1	18,4	3,7	
8. Arte do Autodiálogo: 4.10.	14.8			
9. Janela Destrutiva: 4.12.	44,5			
10. Janela Compulsiva: 4.13.	29,7			
11. Arte da Solidariedade: 4.14 e 4.18.	14,7	25,9		
12. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 4.16; 4.20 e 4.22.	40,7	25,9	29,6	
13. Arte do Engajamento: 4.17.	22,1			
14. Janela do Estresse: 4.19 e 4.23.	18,6	37,1		

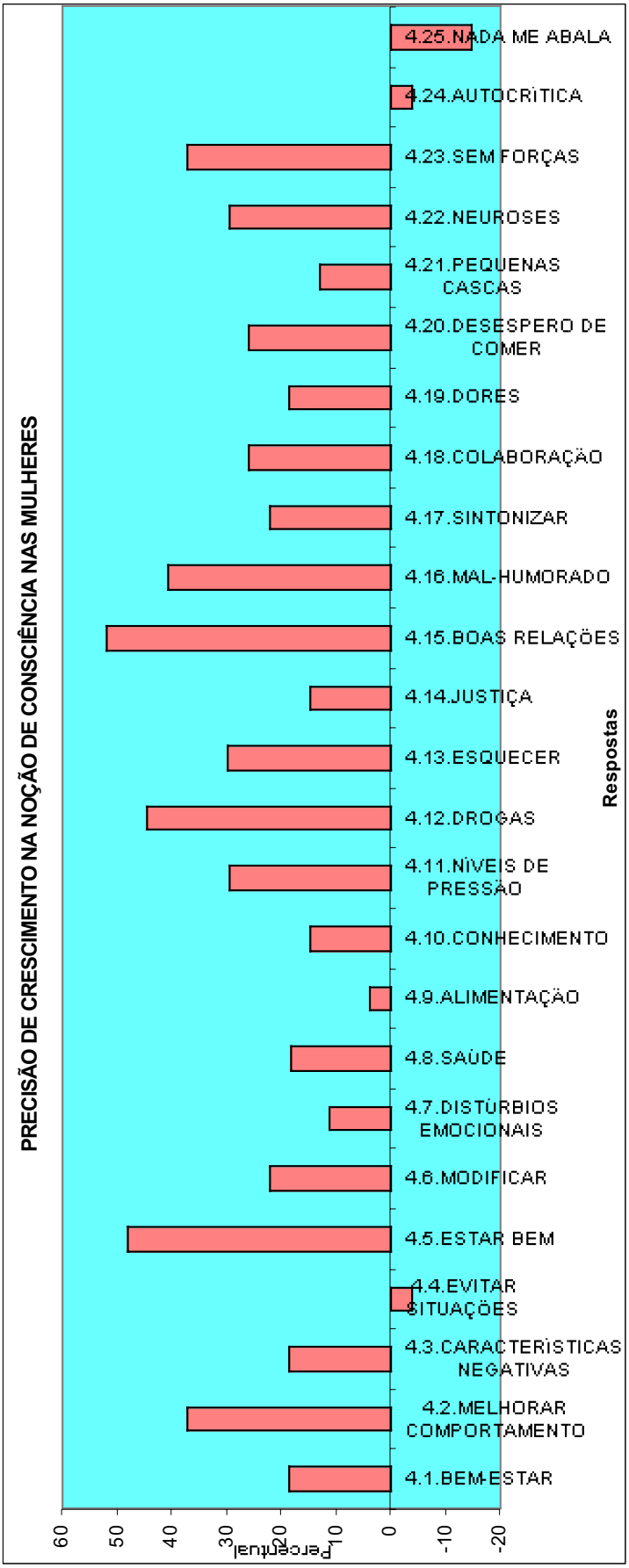
GRÁFICO 25. Índice de precisão do crescimento na noção da consciência nos homens



à qualidade do próprio trabalho, sem massacrar-se. Nos homens acontece o contrário, com 22% de forma positiva. Mas 15% no grupo dos homens não conseguem ficar calmos quando estão abalados. O mesmo acontece em proporção igual no grupo das mulheres. Na arte de animar a vida, vemos que 7% evitam situações de estresse que possam prejudicá-los; no grupo das mulheres o percentual vira para negativo, quando 4% não evitam estas situações. Na arte do significado, no grupo dos homens, encontramos que 44% fazem o possível para estar bem com as pessoas que os rodeiam. Nas mulheres, o percentual sobe para 48%.

Na arte da felicidade referente às atitudes perante a vida e o sentir-se melhor, observamos 22% em ambos os grupos. Na segunda variável, 42,5% no grupo dos homens preservam boas relações com colegas de profissão, independentemente de níveis hierárquicos; para as mulheres a variável sobe para 52%. Na última variável, 22% dos homens são conscientes de que os problemas são pequenas cascas em seu caminhar para amadurecer, crescer e sentir o amor de Deus, afirmando a perfeição do universo. Nas mulheres, o percentual desce para 13%. Na arte de valorizar a natureza humana, 4% dos homens evitam relacionamentos que causam distúrbios emocionais; nas mulheres a proporção é maior, com 11%. Na seguinte variável observamos que 15% dos homens não controlam a saúde com freqüência; diferente das mulheres que a controlam: 18%. Na terceira variável, 5,5% dos homens são mais atentos e se preocupam com a alimentação; nas mulheres se dá 4%. Na arte do autodiálogo, 18,5% dos homens procuram formas de se conhecer melhor e mais intimamente; nas mulheres o percentual desce para 15%. Na arte da solidariedade é interessante observar que, no grupo dos homens, a primeira variável some por completo, não existindo um esforço de aceitação para o outro quando são traídos ou tratados injustamente; as mulheres, 15% esforçam-se para ser justas com os outros, quando são traídas ou tratadas injustamente; na segunda variável 18% dos homens reconhecem limitações de colegas de profissão, sem acentuá-las, e mantêm o espírito de colaboração e de equipe; nas mulheres o percentual sobe para 26%. Na arte do engajamento, 33% no grupo dos homens se mantêm sintonizados com a cultura organizacional e a política da empresa; nas mulheres o percentual desce para 22%. Nas janelas observamos esforços de superação. Na janela de imposição, crítica e perfeição, 22% dos homens não percebem características negativas em seu perfil profissional, tendo como espelho os outros; nas mulheres acontece em menor proporção, com 18,5%. Na janela destrutiva, 48% dos homens não fazem uso de drogas para aumentar o ânimo e sentir-se melhor e 44,5% no grupo das mulheres. Na janela compulsiva, encontramos que 41% no grupo dos homens não utilizam as compras ou o trabalho ou outra atividade em forma frenética para esquecer os problemas; em menor proporção está o grupo das mulheres com 30%. Na janela dos

GRÁFICO 26. Índice de precisão do crescimento na noção da consciência nas mulheres



sintomas fóbicos e neuróticos, vemos que na primeira variável 37% dos homens não ficam mal humorados com facilidade; e nas mulheres o percentual sobe para 41%. Na segunda variável, 33% dos homens, quando estão tensos, não sentem necessidade de comer; este fato desce em proporção menor para as mulheres, com 26%. E na última variável, 44% dos homens não se sentem neuróticos em momentos ou dias. A diferença das mulheres é que o percentual desce para 30%. Na janela do estresse, 22% dos homens não sentem nenhuma dor no corpo em momentos ou dias, nas mulheres, 19%. Na segunda variável 48% dos homens não se sentem doentes e sem forças; este percentual desce para 37% nas mulheres.

Em geral, nos jornalistas, percebe-se a falta de conscientização no referente ao controle da saúde e ser mais conscientes das situações que geram estresse para poder ter o controle delas. Além do mais, falta mais autocrítica em relação à qualidade do trabalho sem massacrar-se. Não obstante, observamos um crescimento leve nas artes, ainda que em algumas variáveis o percentual seja negativo, mas existe uma superação nas janelas, isto faz com que a noção da consciência se aperfeiçoe.

c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas

No índice geral de crescimento da QVI na noção de consciência, observamos um aumento de todas as variáveis que compõem o bloco, ainda que fique uma negativa (ver gráfico 27). Em relação ao crescimento geral do consolidado das variáveis desta noção nos itens das artes e janelas, percebe-se, na tabela 26, uma superação de quase todas as janelas, o que ajuda a um fortalecimento das artes, ou

TABELA 26. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de consciência dos jornalistas

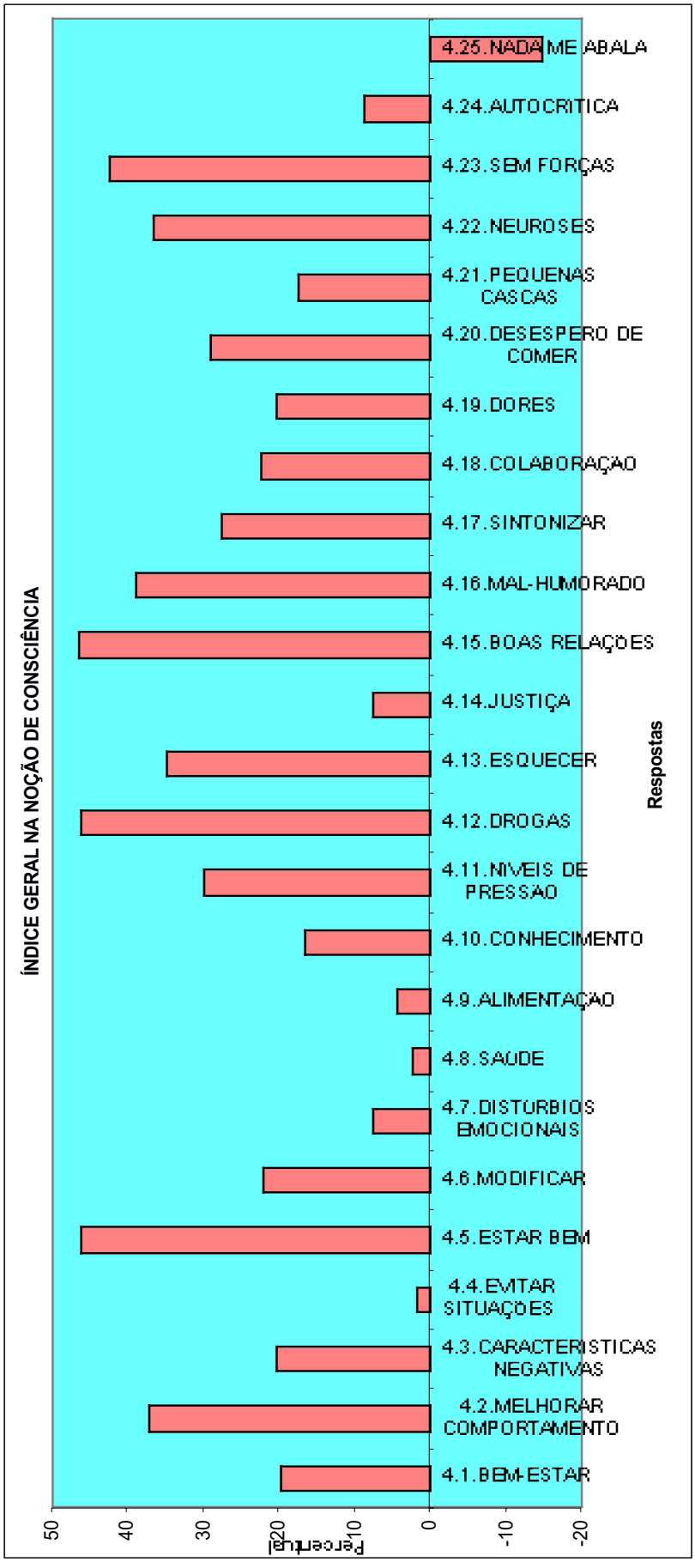
ITENS DA CONSCIÊNCIA		Consolidado das variáveis			
1.	Arte de Valorização no Trabalho: 4.1.	19,8			
2.	Arte do Espírito Empreendedor: 4.2; 4.11; 4.24 e 4.25.	37,2	29,9	8,8	-14,8
3.	Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 4.3.	20,3			
4.	Arte de Animar a Vida: 4.4.	1,6			
5.	Arte do Significado: 4.5.	46,3			
6.	Arte da Felicidade: 4.6; 4.15 e 4.21.	22,2	46,5	17,4	
7.	Arte de Valorizar a Natureza Humana: 4.7; 4.8 e 4.9.	7,5	2,4	4,5	
8.	Arte do Autodiálogo: 4.10.	16.6			
9.	Janela Destrutiva: 4.12.	46,3			
10.	Janela Compulsiva: 4.13.	35,0			
11.	Arte da Solidariedade: 4.14 e 4.18.	7,6	22,3		
12.	Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 4.16; 4.20 e 4.22.	39,0	29,1	36,7	
13.	Arte do Engajamento: 4.17.	2,4			
14.	Janela do Estresse: 4.19 e 4.23.	20,3	42,4		

seja, corrobora no crescimento da QVI dos jornalistas, fortalece seus valores e os ajuda a uma auto-realização. Pode-se apreciar mais este aumento das artes e superação das janelas no gráfico 28.

Dando leitura à tabela 26, observamos que, na arte de valorização no trabalho, 20% dos jornalistas sentem bem-estar em seu trabalho. Isto ainda que em proporção menor abre portas para a arte do significado e para a arte da felicidade e, por a sua vez, estes para outras artes, é dizer, ajudam a subir seu percentual. Na arte do espírito empreendedor, 37% dos jornalistas se empenham em melhorar seu comportamento; 30% têm consciência dos níveis de pressão que resultam da relação de tempo e produtividade; 9% procuram manter níveis de autocrítica com relação à qualidade do próprio trabalho sem massacrar-se e 15% do grupo não conseguem controlar-se quando estão com problemas ou preocupações. Na arte de animar a vida, observamos que o crescimento é mínimo: só 2% evitam situações de estresse, o que significaria que a grande maioria de jornalistas vive situação de estresse. Na arte do significado, encontramos um percentual de 46% dos jornalistas que fazem o possível para estar bem com as pessoas que os rodeiam. Na arte da felicidade, 22% do grupo modificam certas atitudes perante a vida. A seguinte variável é maior em seu percentual com 46,5%, o que significa que percebem boas relações com colegas de profissão, independente dos níveis hierárquicos. Na terceira variável, 17% dos jornalistas são cientes de que todos os problemas são pequenas cascas no caminho, para amadurecer, crescer e sentir o amor de Deus afirmando a perfeição do universo. Na arte de valorizar a natureza humana, observamos que sua proporção é muito leve, o que corrobora para abrir a janela do estresse, e outras janelas, porque o corpo não se encontra em equilíbrio com a mente e o espírito. Já 7,5% dos jornalistas evitam relacionamentos que causem distúrbios emocionais; 2% controlam a saúde com freqüência e 17% são pessoas atentas a tudo o que comem e se preocupam com a alimentação. Na arte do autodiálogo, percebemos que 17% dos jornalistas procuram formas de auto-conhecimento. Na arte da solidariedade, 8% dos jornalistas atuam com justiça para com os outros ainda que sejam tratados injustamente ou traídos. Na próxima variável sobe a proporção para 22% em que os jornalistas reconhecem limitações de colegas sem acentuá-las e continuam com um espírito de colaboração e equipe. Por último, encontramos que a arte do engajamento está aberta só para 2% dos jornalistas que estão sintonizados com a cultura organizacional e política da empresa onde laboram.

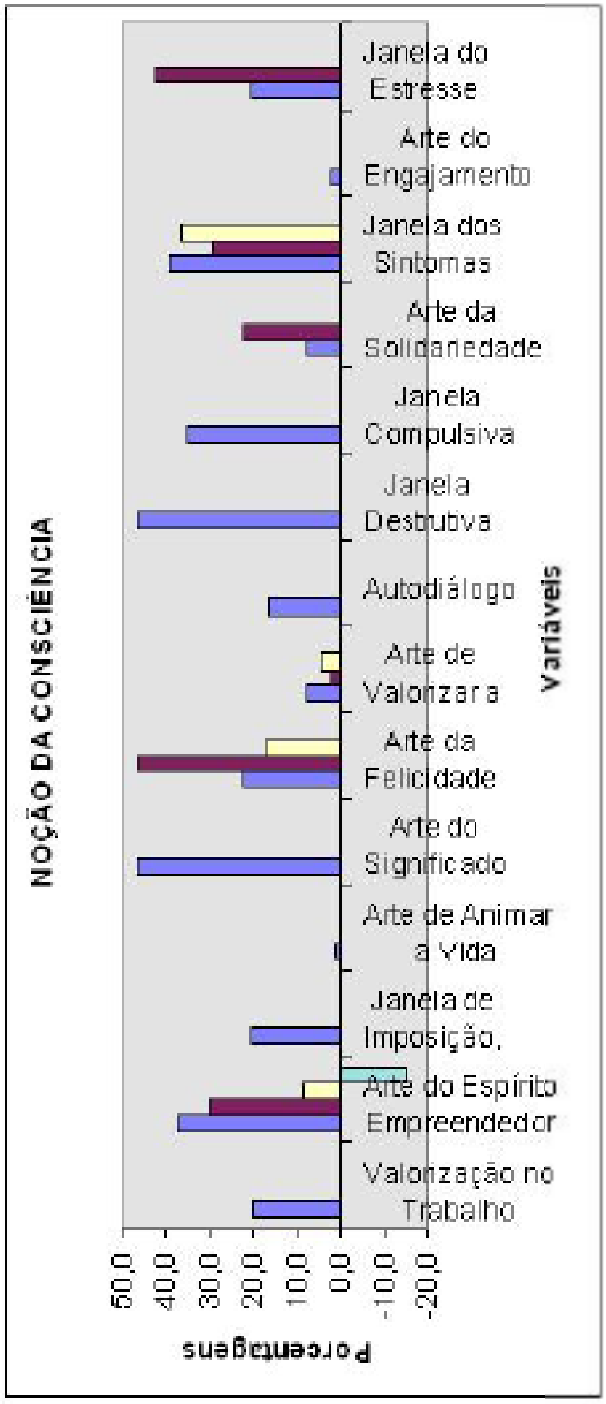
A superação das janelas se dá com proporções de crescimento um pouco maiores que as artes. Na janela de imposição, crítica e perfeição, observa-se 20% do grupo de jornalistas que não percebem características negativas em seu perfil profissional ao ver aspectos negativos em seus colegas. Na janela destrutiva

GRÁFICO 27. Índice geral do crescimento da QVI na noção de consciência dos jornalistas



constatamos que 46% dos jornalistas não usam drogas. A porta da janela compulsiva encontra-se fechada para 35% que não utilizam alguma atividade frenética a fim de esquecer os problemas. Na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos, 39% superam o mal-humor, ainda que estejam sobrecarregados de trabalho; 29% superam a ansiedade quando estão tensos; e 37% dos jornalistas não se sentem neuróticos. A janela do estresse é superada ao registrar 20% dos jornalistas que não sentem dores no corpo e 42% que se sentem vitais e saudáveis.

GRÁFICO 28. Crescimento ou deterioração da noção de consciência na QVI dos jornalistas



6.5. Noção de identidade da QVI

Neste bloco se consolidaram as variáveis em 12 itens (tabela 27). No índice de incerteza, percebe-se um crescimento quase nulo desta noção; é o que revela o gráfico 29.

TABELA 27. Incerteza no crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade

ITENS DE IDENTIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Arte de Sentir Prazer: 5.1.	14,9					
2. Arte do Espírito Empreendedor: 5.2; 5.21 e 5.22.	20,4	33,3	16,7			
3. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 5.3.	-57,4					
4. Arte da Solidariedade: 5.4.	22,3					
5. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 5.5; 5.7; 5.8; 5.13; 5.16 e 5.23.	-29,6	-57,4	-42,6	-11,2	-29,6	-25,9
6. Janela Destrutiva: 5.6 e 5.12.	-48,1	-9,3				
7. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 5.9.	-61,1					
8. Janela do Interesse e Egoísmo: 5.10; 5.14 e 5.15.	-40,8	-22,3	-26,0			
9. Arte da Felicidade: 5.11.	18,5					
10. Arte do Engajamento: 5.17.	13,0					
11. Janela Compulsiva: 5.18 e 5.19.	-53,7	-16,7				
12. Janela Obsessiva e Antecipatória: 5.20.	-40,7					

a) Incerteza do crescimento e realização da QVI dos jornalistas

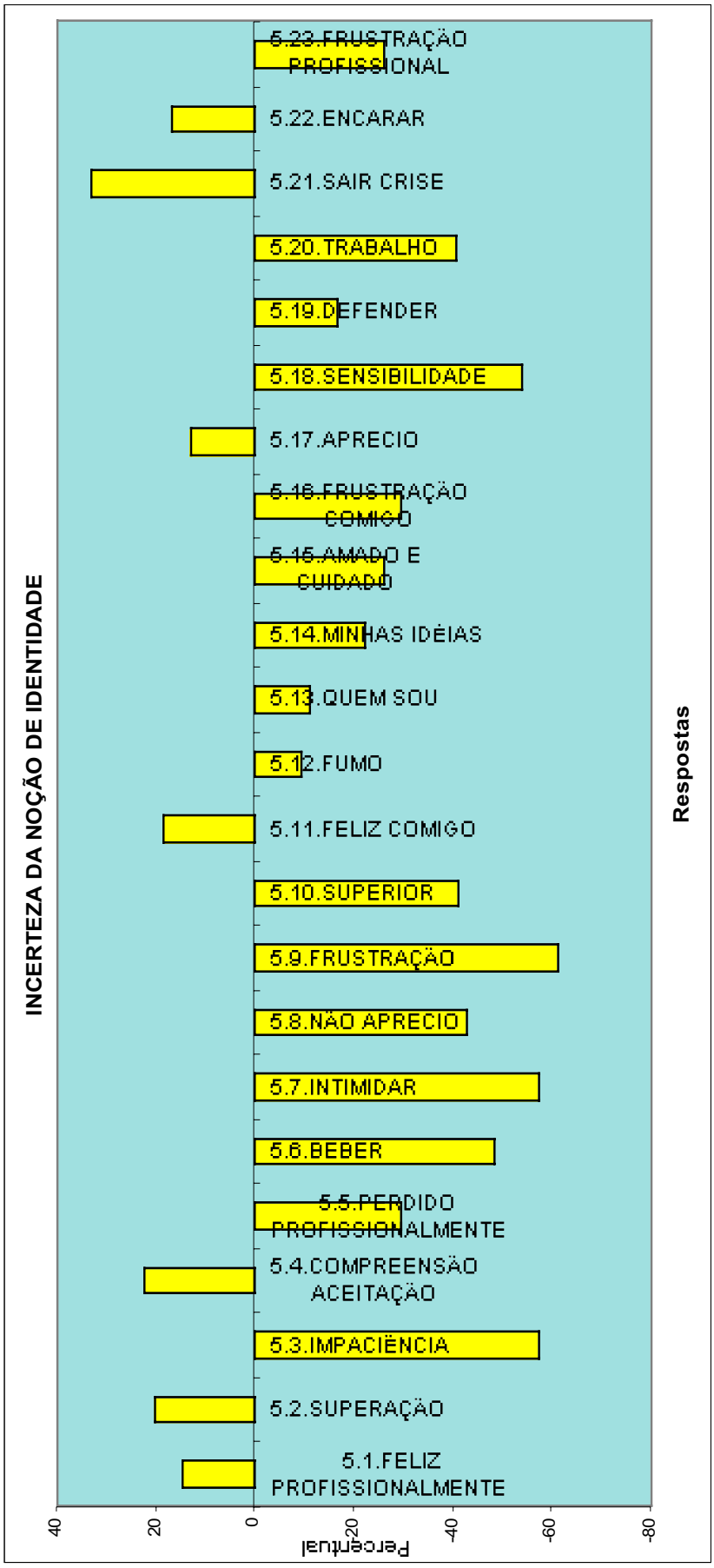
No consolidado das variáveis percebe-se um crescimento só nas artes, sem superação das janelas, é o que mostra a tabela 27. Esta análise pode remitir a pensar que nas próximas tabelas exista um crescimento nas artes e superação das janelas, ainda que em proporções menores.

Observamos, na tabela 27, que se abrem as portas na arte de sentir prazer para 15% dos jornalistas que sentem felicidade com sua profissão. Na arte do espírito empreendedor, encontramos que 20% dos jornalistas conhecem suas frustrações e procuram meios e possibilidades de superá-los. Na variável seguinte, 33% saem com facilidade, das crises e dão a volta por cima; 17% dos jornalistas gostam de encarar os problemas, ao invés de fugir deles.[8] Na arte da solidariedade percebemos que 22% estão abertos a diferentes possibilidades de compreensão e aceitação das diferenças entre si mesmos e os outros. Na arte da felicidade achamos que 18,5% são felizes consigo mesmo e vivem agradecidos por sua vida. Na arte do engajamento, 13% apreciam o que está fazendo profissionalmente.

O baixo percentual das artes faz abrir as janelas. Na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos, notamos 57% de percentual alto nos jornalistas que são

[8] Para compreender a análise geral da tabela 27, procurar as numerações que aparecem em cada item (artes e janelas) e localizar-las no gráfico 29. Assim com todas as tabelas e gráficos.

GRÁFICO 29. Índice de incerteza na noção de identidade



impacientes e até agressivos. Na janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si, percebemos que 30% dos jornalistas se sentem perdidos profissionalmente; 57% não sabem como agir em situações de confronto e se deixam intimidar com facilidade. Na terceira variável, 43% do grupo não apreciam o que estão fazendo profissionalmente; 11% procuram sua identidade; 30% sentem-se frustrados consigo mesmos e 26% são pessoas frustradas com a profissão. Na janela destrutiva, observamos 48% que gostam de beber álcool e 9% gostam do fumo. Na janela de imposição, crítica e perfeição, 61% dos jornalistas são exigentes consigo mesmos e se frustram quando não podem dar mais de si mesmos. A janela do interesse e o egoísmo mostram que 41% dos jornalistas se sentem superiores e especiais, mais que os outros; 22% lutam por suas idéias e valores; 26% pensam que devem ser amados e cuidados. Na janela compulsiva percebemos 54% dos jornalistas que são demasiado sensíveis e que qualquer coisa os deixa tristes; 17% enfrentam as situações de desafio e lutam para se defender. A proporção da janela obsessiva e antecipatória é de 41%, quando os jornalistas tomam seu trabalho como um estilo de vida e não conseguem parar.

b) Precisão do crescimento da QVI por gênero

O índice de precisão do crescimento nos revela aumento nos dois grupos em quase todas as variáveis, segundo os gráficos 30 e 31. Já na tabela 28 percebemos que o grupo dos homens apresenta maior crescimento das artes e superação das janelas do que o grupo das mulheres (tabela 29).

TABELA 28. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade dos homens

ITENS DE IDENTIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Arte de Sentir Prazer: 5.1.	31,4					
2. Arte do Espírito Empreendedor: 5.2; 5.21 e 5.22.	35,1	18,5	29,6			
3. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 5.3.	44,5					
4. Arte da Solidariedade: 5.4.	22,2					
5. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 5.5; 5.7; 5.8; 5.13; 5.16 e 5.23.	48,2	44,4	48,2	44,4	46,3	40,8
6. Janela Destrutiva: 5.6 e 5.12.	37,0	38,8				
7. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 5.9.	26,0					
8. Janela do Interesse e Egoísmo: 5.10; 5.14 e 5.15.	44,4	0,0	-3,6			
9. Arte da Felicidade: 5.11.	40,7					
10. Arte do Engajamento: 5.17.	37,0					
11. Janela Compulsiva: 5.18 e 5.19.	22,3	-33,4				
12. Janela Obsessiva e Antecipatória: 5.20.	0,1					

Na arte de sentir prazer, segundo a tabela 28, 31% dos homens se sentem felizes com a profissão; no grupo das mulheres, a tabela 29 revela 33% que sentem felicidade com a profissão. Na arte do espírito empreendedor, o grupo dos homens

está com 35% que conhecem suas frustrações e procuram meios para superá-las. Este fato se dá em 22% nas mulheres. Na segunda variável, 18,5% dos homens saem com facilidade das crises e continuam em frente, o que, para as mulheres, se dá em 15%. Na última variável, 30% do grupo dos homens gostam de encarar os problemas; no grupo das mulheres o percentual sobe para 37%.

Na arte da solidariedade, 22% dos homens são abertos às diferentes possibilidades de compreensão e aceitação das diferenças próprias e dos outros; nas mulheres a proporção sobe para 30%. É interessante observar que na arte da felicidade 41% dos homens se sentem felizes consigo mesmos e com a sua vida; a diferença é grande no grupo das mulheres com somente 22%. Na arte do engajamento, observamos que 37%, em ambos os grupos, apreciam o que realizam profissionalmente.

TABELA 29. Precisão do crescimento ou deterioração da QVI na noção de identidade das mulheres

ITENS DE IDENTIDADE		Consolidado das variáveis					
1.	Arte de Sentir Prazer: 5.1.	33,3					
2.	Arte do Espírito Empreendedor: 5.2; 5.21 e 5.22.	22,2	14,8	37,0			
3.	Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 5.3.	44,4					
4.	Arte da Solidariedade: 5.4.	29,6					
5.	Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 5.5; 5.7; 5.8; 5.13; 5.16 e 5.23.	40,8	37,0	44,5	44,5	40,7	44,4
6.	Janela Destrutiva: 5.6 e 5.12.	25,9	44,5				
7.	Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 5.9.	14,8					
8.	Janela do Interesse e Egoísmo: 5.10; 5.14 e 5.15.	37,1	-22,1	-29,6			
9.	Arte da Felicidade: 5.11.	22,2					
10.	Arte do Engajamento: 5.17.	37,0					
11.	Janela Compulsiva: 5.18 e 5.19.	31,5	-33,3				
12.	Janela Obsessiva e Antecipatória: 5.20.	0,0					

É interessante sublinhar que na superação geral das janelas doentias, a incidência de superação se encontra mais nos homens do que nas mulheres. A superação da janela dos sintomas fóbicos e neuróticos é percebida com uma proporção quase igual para ambos os grupos, com 44%, sendo um pouco maior para os homens, com 44,5%. Na janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si, observa-se superação alta em todas as variáveis no grupo dos homens. No grupo das mulheres as proporções das variáveis também são altas, mas oscilantes. Por exemplo, 48% dos homens apresentam seguridade em sua profissão e se identificam com ela; nas mulheres, o percentual desce para 41%, o que indica que são mais inseguras. No grupo dos homens, 44% sabem como agir em situações em que são confrontados, não se deixam intimidar; no grupo das mulheres isso só se dá em 37%. Na terceira variável, valorizam o que estão fazendo profissionalmente: 48% nos homens e 44,5% nas mulheres. O alto nível na

GRÁFICO 30. Índice de precisão do crescimento na noção de identidade nos homens

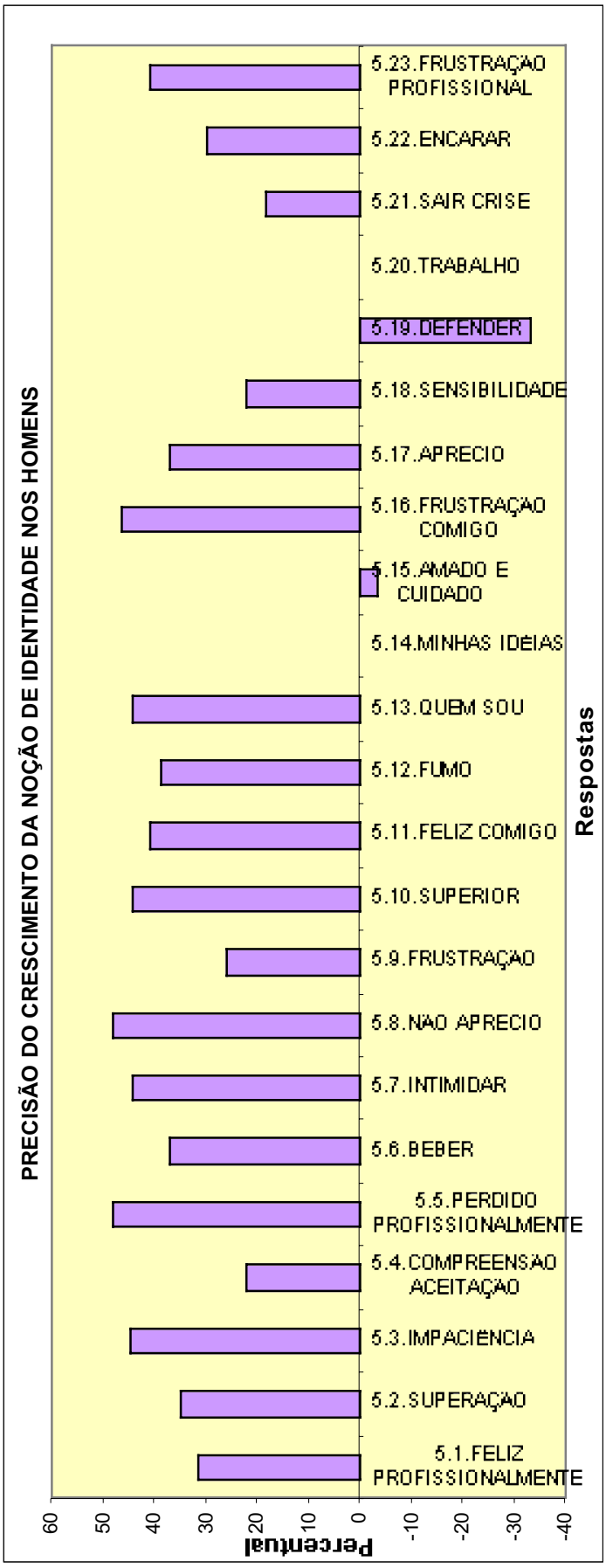
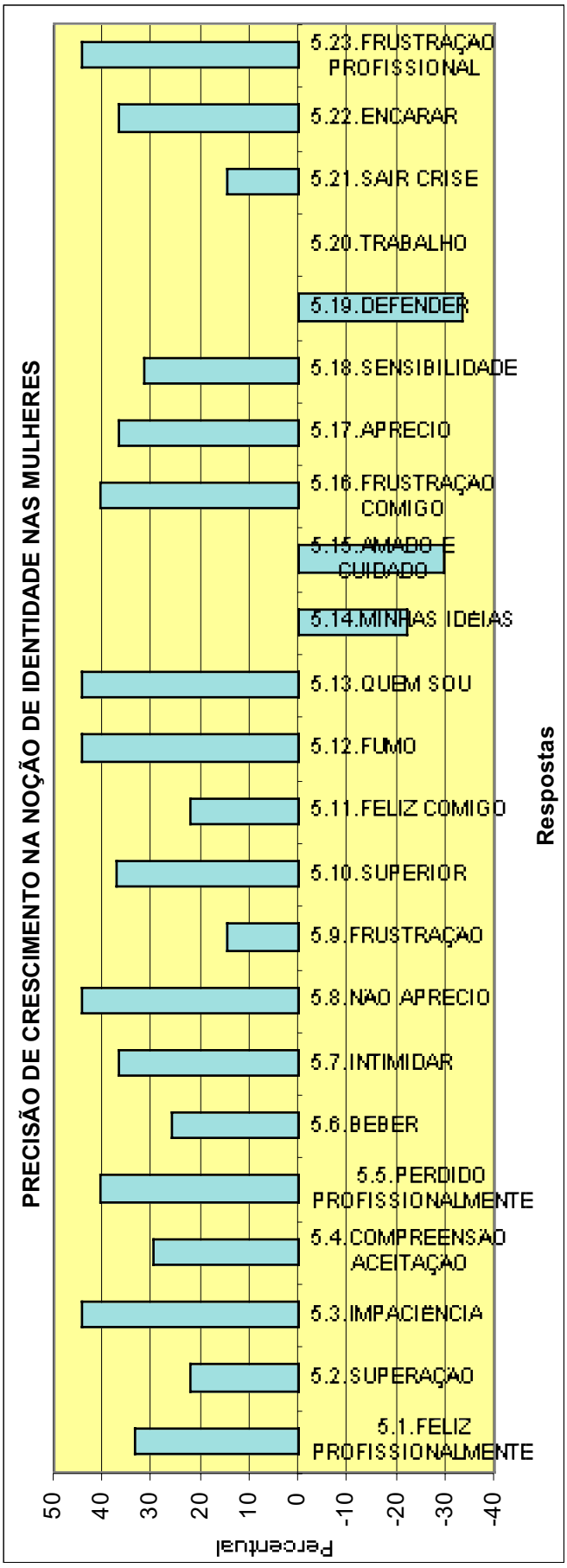


GRÁFICO 31. Índice de precisão do crescimento na noção de identidade nas mulheres



identidade registra 44% nos homens e 44,5% nas mulheres. Observa-se também que 46%, no grupo dos homens, sentem-se satisfeitos com eles mesmos; nas mulheres a proporção desce para 41%. Com a profissão estão realizados 41% dos homens e 44% das mulheres. Na janela destrutiva, 37% dos homens apresentam gosto pela bebida alcoólica, enquanto no grupo das mulheres, só 26%. Caem facilmente no fumo 39% dos homens e nas mulheres 44,5%. Na janela de imposição, crítica e perfeição, 26% dos homens e 15% das mulheres. Isso indica que eles exigem menos de si mesmos do que elas. Na janela do interesse e egoísmo nota-se que 44% dos homens superam o fato de ter um ego superior aos demais; no grupo das mulheres o percentual desce para 37%. A segunda variável desaparece no grupo dos homens ninguém a supera; para as mulheres 22% lutam com força por causas, idéias ou valores em que acreditam e estão contra aqueles que são errados e/ou nocivos. Na terceira variável, 4% dos homens pensam que é importante ser amado e cuidado; este percentual sobe no grupo das mulheres para 30%. Na janela compulsiva, verifica-se que 22% dos homens têm controle sobre os sentimentos e não ficam tão sensíveis; esta situação se dá nas mulheres em 31,5%. Na segunda variável observa-se 33%, para ambos os grupos, que quando desafiados enfrentam a situação e, se necessário, lutam para se defender. Na janela obsessiva e antecipatória observamos que nos homens é mínima sua superação de 0,1%. Para essas pessoas o trabalho não é um estilo de vida. Para as mulheres esse fenômeno não se dá.

c) Crescimento e realização da QVI dos jornalistas

O gráfico 32 mostra o crescimento da noção de identidade, como no bloco da consciência tabela 30, onde se verifica crescimento nas artes, mesmo que em proporções menores, e superação das janelas, ainda que com variáveis negativas. Esta superação corrobora para uma realização da QVI dos jornalistas (tabela 30). Pode-se apreciar também no gráfico 33.

É interessante verificar que, na arte de sentir prazer, 32% dos jornalistas se dizem felizes com a profissão, segundo a tabela 30. Observa-se também que, na arte do espírito empreendedor, 28% dos jornalistas conhecem as frustrações e procuram superá-las; 17% saem com facilidade das crises e continuam em frente; e 33% gostam de encarar os problemas. Na arte da solidariedade, em proporção quase igual que a primeira variável de espírito empreendedor, 26% são mais abertos e compreensivos, aceitam as diferenças entre eles e as outras pessoas. Na arte da felicidade, 31% dos jornalistas sentem-se felizes consigo mesmos e são agradecidos com a vida. Verifica-se que, na arte do engajamento, 37% dos jornalistas apreciam o que realizam profissionalmente. Mas é interessante ressaltar o crescimento de superação das diferentes janelas: na janela dos sintomas fóbicos e neuróticos 44%

TABELA 30. Crescimento ou deterioração geral da QVI na noção de identidade dos jornalistas

ITENS DE IDENTIDADE	Consolidado das variáveis					
1. Arte de Sentir Prazer: 5.1.	31,8					
2. Arte do Espírito Empreendedor: 5.2; 5.21 e 5.22.	27,8	16,6	33,4			
3. Janela dos Sintomas Fóbicos e Neuróticos: 5.3.	44,4					
4. Arte da Solidariedade: 5.4.	26,0					
5. Janela de Baixa Auto-estima, Insegurança e Desconhecimento de si: 5.5; 5.7; 5.8; 5.13; 5.16 e 5.23.	44,4	40,6	46,3	44,5	42,5	42,7
6. Janela Destrutiva: 5.6 e 5.12.	31,2	41,0				
7. Janela de Imposição, Crítica e Perfeição: 5.9.	20,2					
8. Janela do Interesse e Egoísmo: 5.10; 5.14 e 5.15.	40,6	-11,5	-17,1			
9. Arte da Felicidade: 5.11.	31,1					
10. Arte do Engajamento: 5.17.	37,0					
11. Janela Compulsiva: 5.18 e 5.19.	26,5	-33,3				
12. Janela Obsessiva e Antecipatória: 5.20.	0,0					

dos jornalistas são pacientes e tranqüilos. A janela de baixa auto-estima, insegurança e desconhecimento de si é superada em um alto percentual nas diferentes variáveis: 44% dos jornalistas sentem-se realizados com sua profissão; 41% sabem como agir em situações em que são confrontados, e não se deixam intimidar facilmente; 46% do grupo apreciam o que estão fazendo profissionalmente; 44,5% encontram-se centrados em sua identidade; 42,5% não estão frustrados consigo mesmos e 43% não estão frustrados com a profissão. Na janela destrutiva, 31% dos jornalistas não bebem álcool e 41% não fumam. Só 20% superam a janela de imposição, crítica e perfeição e não exigem mais de si mesmos. Verifica-se que a janela do interesse e do egoísmo, na primeira variável, é superada por 41% dos jornalistas que não se acham superiores aos outros; mas 11,5% lutam com força por causas, idéias e valores e vão contra aqueles que são errados ou/e nocivos. Na terceira variável observa-se que 17% dos jornalistas pensam que devem ser amados e cuidados. A janela compulsiva é superada em sua primeira variável para 26,5% dos jornalistas que têm controle sobre os sentimentos, não ficam tão sensíveis, e qualquer problema não os deixa tristes; mas 33% quando desafiados, enfrentam a situação e se defendem. Observa-se que na janela obsessiva e antecipatória não existe superação nenhuma: o serviço tem-se convertido em um estilo de vida e os envolvidos não conseguem parar de trabalhar.

GRÁFICO 32. Índice geral do crescimento da QVI na noção de identidade dos jornalistas

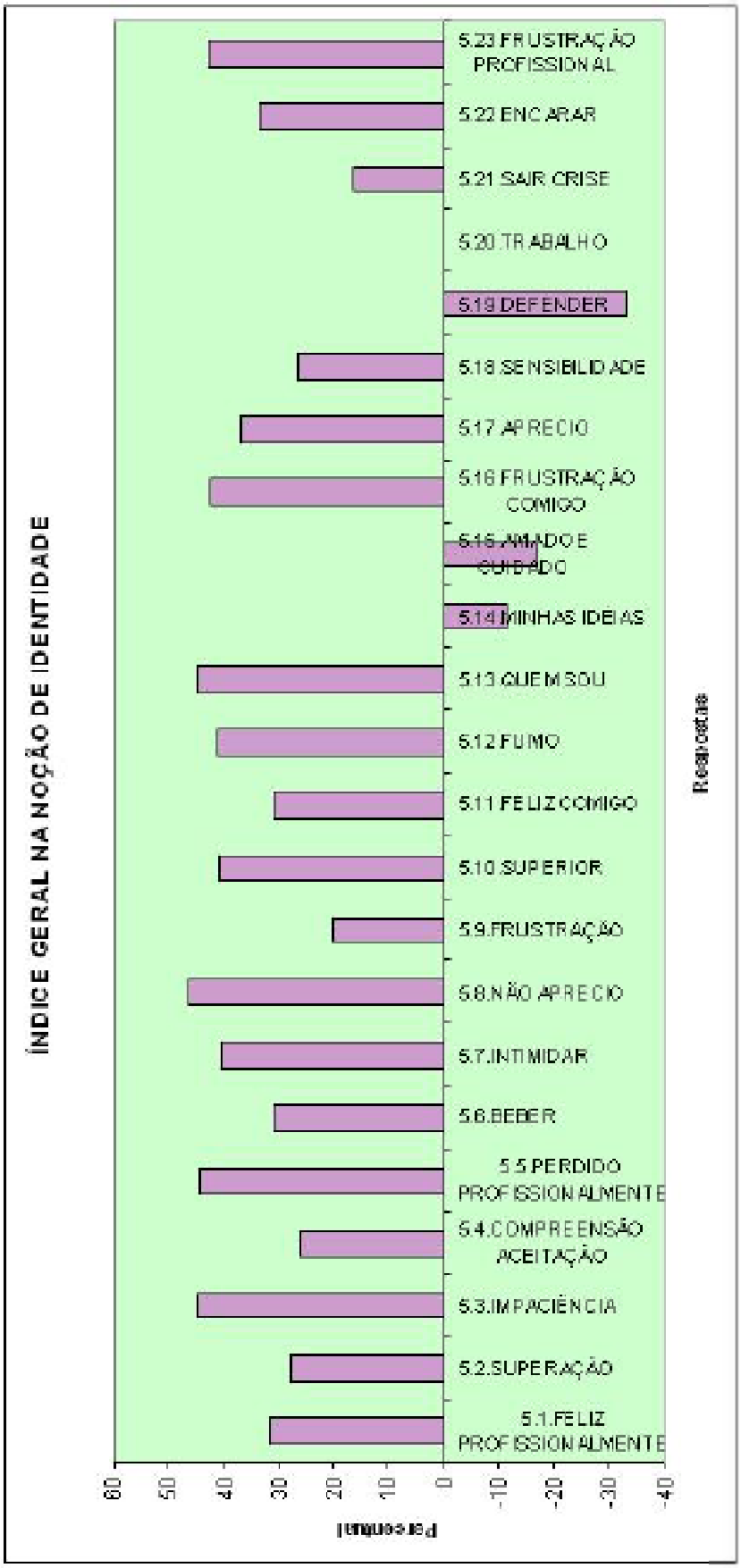
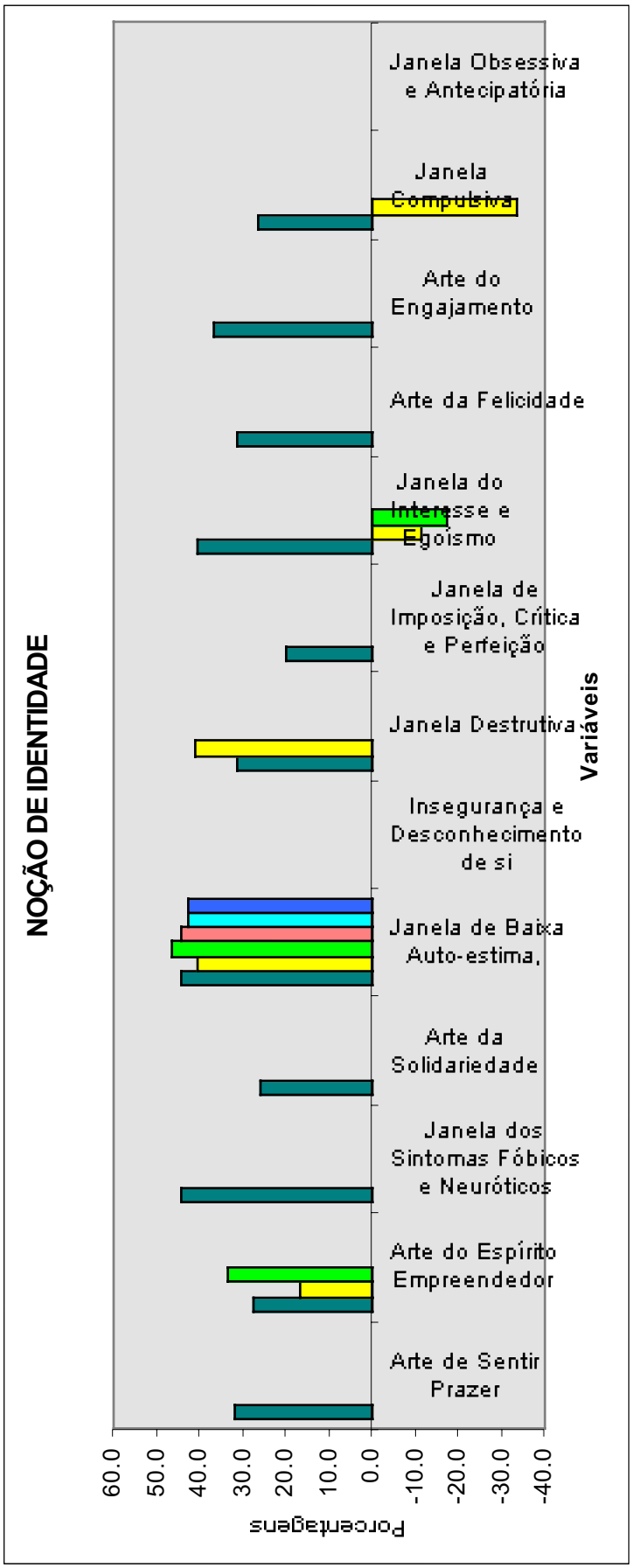
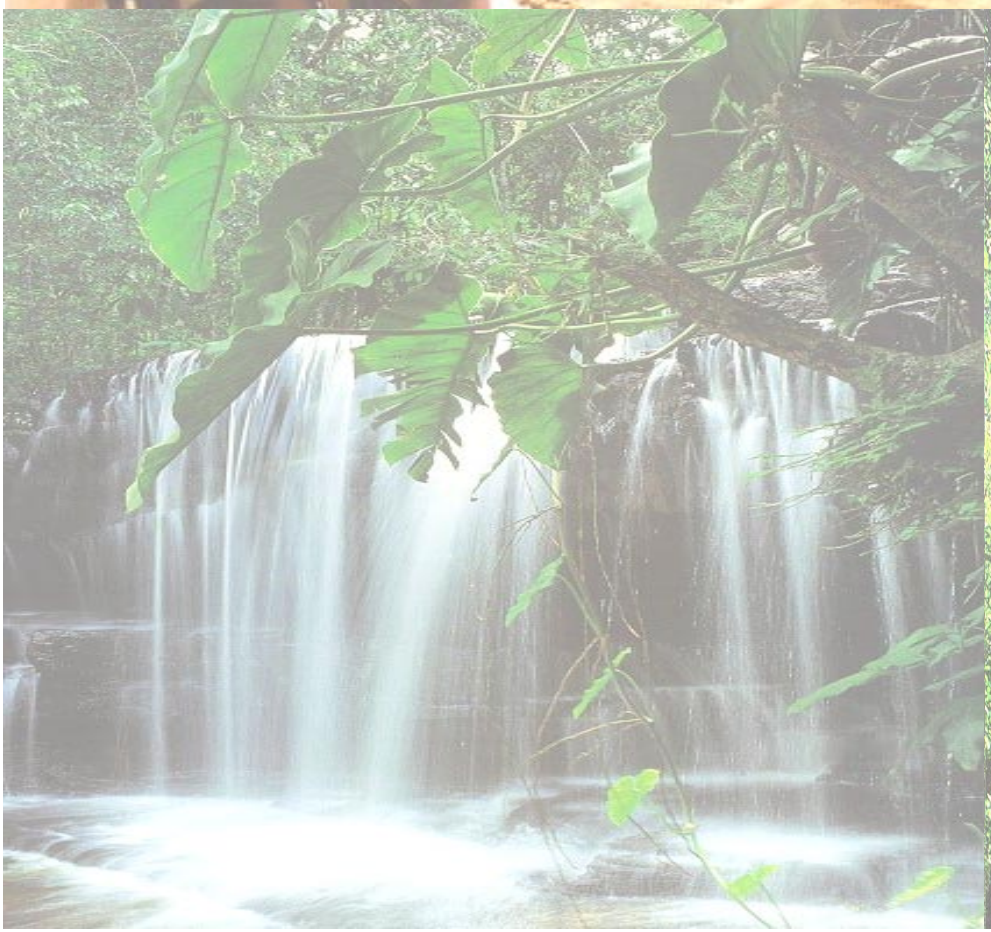


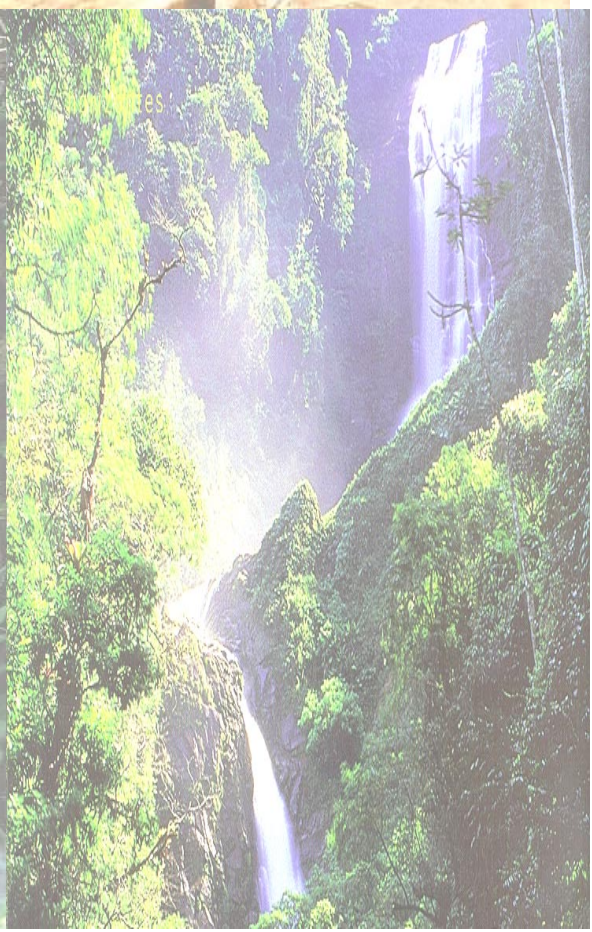
GRÁFICO 33. Crescimento ou deterioração da noção de identidade na QVI dos jornalistas



CAPÍTULO 7

Toda grande imagem reveladora de um "estado de alma". Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, fala de uma intimidade.





7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir apresentamos uma síntese geral das noções de QVI da amostra estudada, e logo os depoimentos de quatro repórteres.

7.1. Análise das noções de QVI

É importante observar, em geral, que, em comparação com as outras noções, a identidade é a mais crescente na QVI dos jornalistas, ainda que existam variáveis negativas que faltam ser superadas. Segue logo a noção de criatividade, seus percentuais tanto nas artes como na superação das janelas é mais alto do que no bloco da noção da consciência, embora exista uma variável negativa com percentual mais ou menos alto numa das artes. Depois, em ordem decrescente, vem a consciência, seguida do tempo, e, por último, a atividade. Isso pode ser apreciado nos gráficos de crescimento ou deterioração de cada noção do consolidado das variáveis, nos itens das artes e janelas (gráficos 13, 18, 23, 28 e 33), o que significa que os jornalistas dão mais importância à sua identidade e criatividade, esquecendo em 50% as outras noções que ajudam também a crescer sua QVI.

7.1.1. Resposta às Hipóteses

Dos resultados obtidos tínhamos proposto duas hipóteses a serem aceitas ou rejeitadas. A primeira disse: $\mathbf{H_0}$. A QVI do jornalista encontra-se em deterioração/ bloqueio, não está orientada para o equilíbrio, prazer, auto-realização e crescimento do ser social, individual e espiritual. E uma segunda que disse: $\mathbf{H_1}$. A QVI do jornalista está orientada para alcançar um equilíbrio, prazer, auto-realização e crescimento do ser social, individual e espiritual.

Em relação à análise em geral, nenhuma das hipóteses pode ser aceita em sua totalidade, nem rejeitada, haja vista que não se verificou uma Qualidade de Vida Individual nos jornalistas deteriorada, nem orientada para alcançar um equilíbrio, prazer, auto-realização e crescimento de ser social, individual e espiritual. Os resultados mostram que há participação tanto da Hipótese negativa como da Hipótese positiva, um pouco de cada uma, porque o grupo de jornalistas não supera as janelas doentias em todas as noções, e porque as artes não crescem em sua totalidade; muitas ainda registram percentual negativo o que ajuda a fortalecer e abrir as portas para as janelas. Mas também se dá o fato contrário em que existem janelas em superação

e artes em crescimento. Isso é mais uma motivação para os jornalistas e um convite para empreender a caminhada pela trilha do equilíbrio e a busca da auto-realização e o crescimento desse ser social, individual e espiritual.

Tanto as janelas como as artes negativas são os obstáculos detectados no grupo de jornalistas para alcançar um equilíbrio e crescimento na Qualidade de Vida Individual. Falta ainda muita confiança em si mesmos, deixando-se absorver facilmente pelo tempo sem perceber o que fazem; muitos esquecem de si mesmos. Algo que se destaca no grupo foi sua susceptibilidade para abordar os problemas. O estresse os envolve constantemente, já muitos o acolheram como seu companheiro de caminhada. É interessante que em mínima proporção há jornalistas que estão abrindo caminhos na profissão, mas ainda têm um grande número que se encontra no mercado de trabalho e não sente crescimento e valorização nele. Como vimos também, para alguns, a empresa oferece crescimento e incentivos, o que faz com que os jornalistas se sintam valorizados. Observou-se muita entrega à profissão, mas alguns se esquecem da família e até de si mesmos. A dedicação ao trabalho sem ter mais atividades os leva ao estresse e à depressão. Verifica-se que a maioria se considera pessoas muitos ocupadas, que não têm tempo para mais nada. Como vimos, há uma maioria que subestima o que fazem, ou exigem muito de si mesmos. Este fato os bloqueia e diminui a auto-estima. Facilmente podem cair na janela destrutiva por serem pessoas muito susceptíveis. Em menor proporção detectou-se também arrogância no grupo pesquisado, outro fator de bloqueio.

Eis a cena viva que exemplifica a janela destrutiva:

> Uma criança desnutrida, sem forças sequer para se manter em pé, cai a poucos metros de onde funcionava um centro de distribuição de alimentos no Sudão. Atrás dela, pousa um abutre, que fica à espreita. O fotógrafo sul-americano Kevin Carter clica a cena. De imediato, ele sabe haver obtido uma das imagens mais marcantes de sua carreira.
>
> Carter enxota o abutre e afasta-se do local. Parece feliz e ao mesmo tempo confuso. É um momento paradoxal em sua vida: está entusiasmado com a imagem, mas deprimido com a cena. Momentos depois conta o que viu a seu colega João Silva. Anos mais tarde Greg Marinovich narra essa passagem:
>
> [Carter]... pôs uma mão nos ombros de João e cobriu os olhos com a outra, "você não vai acreditar no que acabei de fotografar!" Esfregava os olhos, mas não havia lágrimas: era como se tentasse apagar a lembrança do que fotografara, do que lhe ficara gravado na retina.[1]

> A foto chama atenção do mundo e ganha um dos mais importantes prêmios internacionais, o *Pulitzer*. Tomada em questão de segundos e esteticamente bem composta – com conteúdo denso e emocionante – a imagem se tornaria motivo de orgulho e martírio para Carter. Orgulho pelo prêmio, que lhe rendeu prestígio e reconhecimento, e pelo fato de a fotografia ser utilizada em campanhas humanitárias para amenizar o problema da fome na África; martírio por ser constantemente cobrado por colegas de profissão e pela própria sociedade por não haver ajudado a criança.
>
> Repórteres do mundo todo insistiam em lembrar-lhe questões que, desde o momento do clique, perturbavam sua consciência. "O que aconteceu com a garotinha?"; "O que o fotógrafo fez para ajudá-la?"; "Depois de tirar a foto, por que simplesmente não pegou a menina no colo e não a levou para o centro, a poucos metros dali?"[2]
>
> Deprimido, o fotógrafo suicidou-se três meses após haver recebido o *Pulitzer*. Deixou a fotografia, os pais, os amigos, a filha... Atormentado por relacionamentos amorosos conturbados e vício em drogas, o trabalho havia se tornado um elemento de peso em sua vida."[3]

Como Carter, muitos jornalistas fotográficos e repórteres fazem coberturas das guerras. Mas que acontece com suas vidas, com sua interioridade, com sua QVI? Há fatos que desbloqueiam este universo de jornalistas: a sensibilidade que existe de colaboração, companheirismo, de generosidade, cooperação, de justiça, lealdade e paciência. Ainda a solidariedade, a alegria, o senso de humor e a busca do crescimento espiritual, os ajuda a continuar na batalha da vida. É importante destacar que no grupo pesquisado há felicidade por estarem realizados vocacionalmente, que é o que mais sobressai, ainda que exista a sombra dos obstáculos. Podemos afirmar que os jornalistas pesquisados sentem liberdade para mudar de ambiente de trabalho e desfrutar da experiência profissional, mas também vivem o estresse porque ultrapassam em horas extras ou levam serviço para casa. Do cruzamento das diversas fases desta pesquisa, fica evidente que com a flexibilização funcional um novo perfil de qualificação da força de trabalho dos jornalistas parece emergir, apresentando um maior grau de exigências como: trabalho em equipe, criatividade para enfrentamento de imprevistos e virtudes pessoais acionadas como parte das competências dos repórteres. Transfere-se do social para o individual a responsabilidade pela inserção profissional dos jornalistas, sua empregabilidade está ligada aos conhecimentos, habilidades e esforço individual de adequação. Diante das transformações no mundo do trabalho, alguns desafios são postos como a busca de manifestações de *humanidade* e de *espiritualidade* do jornalista. Ainda

que vários estudos tenham demonstrado a influência da espiritualidade no bem-estar humano, ela é muito ampla e sua mensuração bastante complexa. Os achados sugerem que a QVI se constitui num fator de bem-estar existencial, aumentando a probabilidade de possuir melhor qualidade de vida. Assim, como em outros estudos, o aspecto existencial, a relação entre felicidade, produtividade e qualidade já foi comprovada. Por isso o tema é de interesse dos outrora denominados Departamentos de RH (Recursos Humanos), hoje Talentos Humanos.

Prêmio Nobel de Economia em 2002, o psicólogo Daniel Kahneman está desenvolvendo este tema. Um IFH (Índice de Felicidade Humana) ensaia vir como uma evolução do IDH[4] (Índice de Desenvolvimento Humano[5]), adotado pela ONU como um indicador preciso para analisar condições de vida, como o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita,* a esperança de vida ao nascer e a taxa de alfabetização de adultos combinada com a matrícula nos diferentes níveis de ensino. O IFH, por sua vez, quer demonstrar como as pessoas gastam seu tempo livre e como elas avaliam suas experiências. Ainda não divulgado por inteiro, o IFH de Kahneman quer responder se dinheiro traz felicidade. Amartya Sen[6] e Nussbaum apontam que o crescimento econômico (aumento do PIB ou da renda *per capita*) é apenas um meio para atingir a qualidade de vida dos seres humanos. Também questionam se o desenvolvimento melhora a vida dos seres humanos. Os bens e produtos são eticamente básicos para o bem-estar e um bom padrão de vida, ponto positivo dessa visão o fato que o desenvolvimento não ocorre sem prosperidade material. No entanto, há risco de uma concentração exagerada no aspecto dos produtos (fetichismo), na qual os meios são convertidos em fins e o objetivo (desejo / meta) passa a ser o bem material, e o ser humano passa a valorizar a aquisição crescente de bens de consumo. Não obstante, são considerados positivos por proporcionarem boas oportunidades às pessoas e por ocasionarem uma variabilidade interpessoal, sendo importantes os que estão ao seu alcance. Mas do ponto de vista social, um excesso de bens pode ser danoso, tornando as pessoas excessivamente competitivas, dominadoras e arrogantes. Os autores consideram este tipo de felicidade material importante, mas não suficiente para o bem-estar. Para Amartya Sen,[7] a idéia de que a "vida boa" é uma vida com escolhas genuínas, na qual ninguém é forçado a viver, por mais rica que esta maneira de vida possa ser sob outros aspectos. Em toda sua procura da "economia filosófica", é preciso fazer uma pergunta radical para expor o limitado núcleo normativo desse ramo da economia: onde está o valor próprio da vida humana? Uma idéia fundamental de Amartya Sen é que na vida de qualquer pessoa, certas coisas são valiosas por si mesmas, como: estar livre de doenças, estar bem alimentado, ser capaz de agir livremente e não ser dominado pelas circunstâncias e ter oportunidades para desenvolver potencialidades. Em geral, sua

contribuição nos programas da ONU e do Banco Mundial é traçar um perfil da qualidade de vida das pessoas, e não medir o poder de compra. Numa crítica à teoria da felicidade, defende a tese de que os conceitos de "Qualidade de Vida" e de "Felicidade com a Vida" se assemelham, são ricos e bem articulados. Nordenfelt[8] afirma que "Felicidade com a Vida" é uma experiência humana positiva, uma espécie de bem-estar (*well-being*) de segunda ordem, tendo a vida inteira como um objetivo.

Mas como seria possível medir o grau de felicidade dos repórteres nas empresas jornalísticas, sobretudo respeitando-se a subjetividade? A pesquisa desenvolvida mostrou que os jornalistas amam sua profissão, mas estão esquecendo do grande valor a sua vida pessoal. Poucos estão dando valor a si mesmo e à sua família. Um exemplo que mostra ousadia e caráter em seu trabalho, para tomar decisões drásticas e fazer valorizar sua vida pessoal é o caso de Ana Paulo Padrão que, em maio de 2005, revelou que a falta de tempo para o casamento e a vontade de ter filhos foram os motivos que a levaram a trocar a Globo pelo SBT.

> Vida pessoal em primeiro lugar. Foi isso o que Ana Paula Padrão levou em conta ao trocar a bancada do *Jornal da Globo*, na quarta-feira (11 de maio de 2005), pelo SBT. 'Estou casada há três anos e só via meu marido (Walter Mundell) aos domingos', diz a jornalista. De segunda-feira a sexta-feira, ela entrava na Globo às 15 horas e saía às 2h da madrugada. Este era o tempo de que precisava para preparar o *Jornal da Globo*, que começa por volta das 23h. Aos sábados, Ana Paula era escalada para apresentar o *Jornal Nacional*. A rotina pesada prejudicava um sonho antigo: ser mãe. 'Fiz várias tentativas e não consegui. O médico disse que tem a ver com o fato de o meu organismo estar alterado pelo horário em que eu trabalhava', explica ela. O contrato de quatro anos com o SBT prevê a qualidade de vida que Ana Paula queria. O telejornal que ela irá ancorar será antes das 21h. Mas um ponto que pesou muito na decisão de trocar o emprego foi o salário. Na Globo ela recebia 80 mil reais por mês. Na nova emissora, receberá 250 mil reais – mais do que o triplo.[9]

Assim está em questão a descoberta de alternativas de valorização do desenvolvimento integral do jornalista, viabilizando a sua felicidade enquanto ser humano e a possibilidade de exercer a sua profissão com prazer. Mas não há uma solução pronta e acabada, uma receita para transformar o conflito entre capital e trabalho em sinergia pelo bem comum. Entretanto são as necessidades qualitativas que redimensionam as raízes do ser repórter: a introspecção, a amizade, o amor, a convivência e a ternura.

7.2. INTERIORES

Vida de repórter pelas redações Brasil afora:
Uma crônica sobre as idas e vindas de quem abraça o jornalismo como profissão

Primavera de 1986. Acabava de chegar à cidade de Barretos, um município do sudoeste paulista conhecido internacionalmente pela Festa do Peão. Nunca gostei de festas do gênero, apesar de ter convivido com o clima de pecuária em Uberaba (MG), onde me formei no mesmo ano. Não foi a festa do peão que me arrastou até lá, mas sim a proposta de trabalhar no diário *Jornal Regional*, o único veículo informativo impresso da cidade. O jornal era da família Rezeck, árabes importantes que dominavam o comércio de supermercados e a política.

Mas vamos retornar à minha chegada. Jornalista recém-formada, tendo como experiência apenas os jornais laboratoriais do curso, cheguei em Barretos com o firme propósito de despontar na profissão. A indicação desta vaga foi feita por uma ex-professora de Faculdade que viu em mim o potencial de crescimento (ela estava certa!).

Ao chegar ao Jornal, instalado num prédio de construção precária, sem nenhum conforto, logo na porta de entrada me deparei com a oficina gráfica. Como era noite, o barulho dos linotipos (antigas máquinas de composição a chumbo) me aturdia ainda mais do que eu já estava devido à estréia. O que me animava era a possibilidade de morar fora, já que nunca havia deixado o lar onde residiam meus pais e meus irmãos mais velhos.

Do térreo, onde estava o parque gráfico, olhei para cima e vi a redação: quatro mesas perfiladas uma ao lado da outra, numa linha horizontal, postas de frente para a gráfica. Na primeira mesa, um homem branco e muito gordo passava incessantemente um lenço no rosto para conter o suor. Ao olhar para baixo, sorriu para mim, como sorri todo gordinho simpático, em que os lábios se comprimem entre as bochechas. Era Messias, um experiente jornalista com passagem pela *Folha de S. Paulo* e que voltara para a cidade natal devido ao casamento e à diabetes que, vez por outra, aumentava sua sudorese e seu nervosismo.

Meus olhos pareciam olhar em seqüência. Imediatamente após sua mesa estava Rosana, uma jornalista negra, com cabelos curtos e grandes brincos que sempre fizeram destacar o seu rosto e as feições de uma quase africana. Eu a conhecia da faculdade. Fizemos algumas matérias juntas, mas ela se formara

primeiro. Tão logo me reconheceu, expandiu o sorriso largo deixando à mostra os dentes brancos. Na última mesa estava um baixinho, não me lembro o nome, que fazia o trabalho de revisão. Subi mais animada com a presença de Rosana. Logo a paulista me convidou para que eu me hospedasse na casa dela até que me ajeitasse. Assim o fiz. E fiquei. A família bastante acolhedora me convidou para que ficasse pagando uma certa quantia por mês.

No dia seguinte, logo de manhã, animada, coloquei a melhor roupa, ajeitei os cabelos quase que indomáveis e segui para o início de uma nova rotina. Para minha surpresa toda aquela história de pauteiro e pauta não existia no *Jornal Regional* de Barretos. As duas repórteres que compunham o corpo da redação - eu e Rosana - tínhamos que nos autopautar. O editor me deu uma forcinha, já que eu estava começando. Ajudei também propondo uma pauta sobre a primavera e o Dia da Árvore que seria comemorado na data seguinte. Lembro-me como se fosse hoje. Busquei inspiração na música "Vê estão voltando às flores" e mandei brasa, entrevistando um e outro pelas ruas da cidade. Tinha redigido minha primeira crônica. A matéria ficou linda. Messias sorriu. Mas o sorriso não durou muito. As matérias que se seguiram estavam meio capengas, pouco estruturadas. Como era o meu primeiro dia ele tolerou e me deu algumas dicas.

Assim fomos caminhando entre erros e acertos. Nos dias em que Messias estava mais nervoso, ele não hesitava em rasgar minhas reportagens e ordenar que eu fizesse todas novamente. Lá ia eu buscando melhorar minha produção. As teclas da máquina de escrever pareciam bem mais pesadas do que realmente eram. Por dentro resmungava: "Eta gordo fio dum'a égua!" Mas obedecia porque sabia que assim iria aprender mais. Nesta história toda, a jornada de trabalho de um jornalista, que pela lei teria que ser de apenas 5 horas, já tinha ido pro espaço. Começava o trabalho às oito horas da manhã, com uma parada para o almoço e terminava por volta das nove horas da noite. Produzíamos cerca de seis a oito matérias por dia e ainda tínhamos que ligar para a Polícia Rodoviária Federal atrás de acidentes na SP Brigadeiro Faria Lima. Sair para balada?! Nem pensar. Além de ser jornalista, acumulava o cargo de motorista, pois tinha carteira. Deixo claro que isto não mudou em nada o meu salário.

Especializei-me na cobertura dos poderes Executivo e Legislativo. O prefeito da época era um dos donos do jornal, o médico Uebe Rezeck. Ele sempre convocava para uma entrevista coletiva ou mesmo exclusiva. Não faltavam notícias nas secretarias. Fazia um jornalismo "chapa branca", sabia que não era o melhor, mas pelo menos retornava à redação com muitas matérias. Na Câmara Municipal não era diferente, só que tinha um agravante: um dos vereadores, que gostava de dar informações, me colocava em situações constrangedoras. O vereador era um velho

trabalhador rural, que vencia todas as eleições pela sua popularidade junto ao povo simples do campo. O nome dele era Manoel (não me lembro o sobrenome), mas o nome político era Nezinho. Na boca poucos dentes, mas a fala era de muita prosa. Enquanto falava não se limitava a soltar flatos sejam eles da altura que fossem. Era realmente constrangedor para quem estava perto, porque ele mesmo não dava a mínima. - Ah seu eu pudesse escrever sobre os peidos do Nezinho, pensava, enquanto procurava ar puro para respirar.

Minha história em Barretos durou o tempo de uma gestação. Nove meses e eu já estava pronta para voar dali. E voei. Com a ajuda de amigos que já atuavam no mercado de Brasília fui para a Capital Federal. Cheguei em um domingo de manhã. Descansei um pouco na casa da minha amiga Patrícia e depois fui para o jornal *Correio do Brasil*. Este jornal sucedeu o extinto *Última Hora*, que a remanescente equipe de Samuel Wainer implantara em Brasília. Nunca havia estado no DF. Mas com todas as dicas que recebi foi fácil chegar ao jornal. Era um prédio de quatro andares situado no Setor de Indústria. Havia portaria e tudo mais, tive que me identificar para só então ter acesso à redação.

- Que diferença de Barretos! Pensei correndo os olhos por todos os ambientes. No jornal trabalhava-se de domingo a domingo, com escalas de plantão alternadas no fim de semana. Naquele domingo o movimento era pequeno. Fiquei conhecendo o meu chefe imediato, Wanderley, que se tornou um grande amigo e um professor de "gole" da melhor qualidade. Juntos percorremos vários botecos de Brasília saboreando as melhores cervejas. Ele me chamava de "Celi Campelo", ou apenas "Campelo".

Diferente da primeira experiência, neste jornal tínhamos pauteira, e muito eficiente. Saíamos com, no máximo, duas pautas por dia. No transporte, vários carros a disposição da reportagem. Na fotografia eram cinco ou seis repórteres fotográficos por turno. Um dia, ainda radiante em conhecer a Capital Federal, peguei uma pauta no fim de semana, daquelas para tapar buraco. A pauta era uma enquête que eu deveria fazer sobre uma cobra sucuri que havia engolido uma criança, no Mato Grosso. Eu deveria perguntar às pessoas o que elas achavam sobre este fato. Mandaram-me para o Zoológico, onde encontraria muita gente, principalmente perto do cercado onde ficavam as cobras.

Entrei no carro, doida para conhecer o zoológico e segui apreciando a cidade. Mal vi a cara do motorista e do fotógrafo que me acompanhavam. Chegando ao local, cada pessoa que eu abordava respondia, surpresa, que nada sabia do assunto. Minha matéria estava indo para o brejo. Percebi que um senhor me rodeava em todos os momentos. Resolvi indagá-lo:

- Bom dia! Eu sou repórter e estou fazendo uma enquête....

- Eu sei, respondeu firme o senhor.

"Nossa como já estou famosa", pensei e continuei a perguntar:

- … É sobre a cobra que engoliu o menino eu gostaria de saber a sua opinião. O senhor soube deste fato?
- Sim. Eu sou o motorista que te trouxe, disse ele com um sorrisinho amarelo.

Este episódio bastou para que eu entrasse no livro dos folclores dos focas de uma redação. Foi muito engraçado. A história serviu para que eu ficasse mais atenta e passasse a observar mais as coisas ao meu redor.

O tempo passou e eu já era considerada prata da casa. Começava no jornal pela manhã, almoçava e por volta das duas horas seguia com a galera para o cinema ou continuava na redação aprendendo o serviço de copidesque e de editor. Fui me apaixonando pelo jornalismo policial e acabei gostando. Vivenciei muitos fatos tristes que modificaram decisivamente a maneira com que via as coisas. Vi uma adolescente, órfã, que depois de fugir do reformatório acabou se suicidando diante de nós, repórteres e da polícia. Ela queria fugir para bem longe e cometera pequenos furtos. O medo a levou ao desespero. Pensei nos últimos minutos de vida daquela criança, de apenas 15 anos. O sentimento de desamparo, a falta de perspectiva e de oportunidade. Achei o mundo cruel.

Convivi com todo tipo de tragédia: pessoas que morreram incendiadas durante um acidente que vitimou mais de 35 pessoas; jovens silenciados pelo corte fino de uma lâmina que parou de vez o pulsar de um coração. Mas o que mais me emocionou foi a tragédia de uma família de lavradores. Esta eu vou contar. Estava no plantão da noite, no fim de semana, quando ouvimos (eu e o fotógrafo) pelo rádio da polícia uma ocorrência na cidade satélite de Planaltina, situada a 30 quilômetros de Brasília. O local da ocorrência era na zona rural.

Ao chegarmos lá, todo o aparato da polícia técnica já estava por lá: Instituto de Criminalística, Delegacia de Homicídios, Polícia Militar e o IML. No local só as luzes dos veículos iluminavam a pequena casa, cenário da tragédia. Lá dentro estavam os corpos do pai, dois filhos menores, de 4 e 8 anos de idade, e de mais duas filhas, uma de 10 e outra de 12 anos; além do papagaio e o cachorro. Só a mãe da família é que sobrevivera. A princípio ela se tornara a primeira suspeita, para depois ser encaminhada às pressas ao hospital. A perícia detectou que a família havia sido morta há quatro dias. E durante quatro dias e três noites os corpos permaneceram fechados numa casa de quatro cômodos.

O mau cheiro exalava ao redor. Parecia que aquele odor nunca mais sairia de nossas "ventas". Todos morreram ao tentar saciar a fome. Para alimentar família, o pai mandou que a mulher pilasse um arroz que estava preparado com agrotóxico

para o plantio. Ela pilou e por mais que tenha lavado, não conseguiu tirar o veneno. A família comeu o arroz com abóbora durante o jantar. Na noite todos passaram mal. Mas acometidos de uma paralisia muscular, eles não conseguiram se levantar. Depois veio a parada respiratória. A mãe sobreviveu porque na noite do jantar tomara um remédio para a pressão que lhe provocou ânsias de vômito. Enquanto vomitava ela expelia boa parte da comida envenenada.

Este foi um retrato triste da miséria, da falta de informação de um povo. Por outro lado, me chocava também ver este tipo de tragédia ser estampada em um jornal sem que nós percebêssemos que isto poderia salvar outras famílias do mesmo risco. E assim fui enveredando.

Convidada para trabalhar no *Jornal do Povo*, que pertencia ao mesmo grupo, topei a parada na expectativa de crescer um pouco mais na profissão. Este jornal era especializado em coberturas policiais, estilo *Notícias Populares*. Em Brasília o governador biônico (indicado pelo presidente da República), José Aparecido, colocava em prática o trabalho de desocupação das invasões do Plano Piloto. Os invasores eram levados para o um local no cerrado, denominado Samambaia (hoje é uma grande satélite). Como o jornal fazia oposição ao governo, tínhamos que detonar com o processo de assentamento em Samambaia. Foi aí que surgiu o Lobisomem de Samambaia.

Vendo no noticiário da TV percebi que os assentados pintavam um quadro monstruoso de Samambaia. Para eles naquele local aparecia de tudo, bichos horríveis. Foi aí que levei a idéia para o meu editor, finado Amado Ribeiro, sobre o Lobisomem de Samambaia. Os olhos dele brilharam quando falei. Ele disse:

- Minha querida, você achou o caminho da mina. Corre para lá e traga a notícia desse lobisomem. Leve o fotógrafo e faça algumas fotos sinistras, disse quase aos berros, de alegria.

O *factóide* estava lançado. Aproveitando o imaginário das pessoas que já estava repleto de fantasias, lançamos a premissa: - Ouvimos dizer que tem um lobisomem rondando por aqui, é verdade? Não faltou quem dissesse que sim. Pronto! Estava garantida a manchete do dia seguinte. O lobisomem ocupou por muito tempo o espaço nas edições, até que conseguimos levar o Corpo de Bombeiro ao local para fazer um rastreamento na área.

Depois da minha carreira como repórter policial, que durou três anos, fui ser correspondente no Palácio do Planalto. Não adiantou, onde eu estava, lá estava também um fato policialesco. Estava no comitê de imprensa do Palácio quando o motorista entrou com um ônibus Palácio adentro. Era no governo Sarney. Foi a minha primeira matéria de peso na cobertura palaciana.

Era engraçada a cobertura no Planalto. Os jornalistas ficavam um de olho no

outro, com medo de levar um furo. Até para ir ao banheiro, quase tínhamos de ir acompanhados. Cavávamos matérias pelos corredores, tentando acompanhar a agenda de visitantes. Como era o primeiro governo civil depois da ditadura, era muito difícil o acesso às informações. Achei enfadonha esta cobertura e estressante, pois a cobrança por boas matérias era muito grande.

Fiquei em Brasília por quatro anos. Neste período, Rosana, minha amiga de Barretos, também se mudou para lá e começou a trabalhar no mesmo jornal. Até que em 1988 dois fatos marcantes aconteceram em minha vida. O primeiro foi a morte de minha mãe, em agosto daquele ano, o segundo foi a emancipação do Estado do Tocantins ocorrido junto com a promulgação da Constituição, no dia 5 de outubro. Voltei para Uberaba onde fiquei por pouco tempo. Estava com uma proposta de trabalho no Rio de Janeiro, para onde Amado Ribeiro (meu editor, lembra?) havia retornado. A entrada de Fernando Collor na Presidência assinalava um período negro. As empresas demitiram e suspenderam as contratações. As poupanças foram confiscadas e um pacote de medidas econômicas esfriara a economia do país.

Não tive alternativa, fui para Palmas, capital do Tocantins que estava sendo construída. Cheguei no início. As ruas eram espaços abertos no meio do mato. A cidade era um grande canteiro de obras que seguia um traçado arquitetônico e urbanístico, arrojado. As casas eram pouquíssimas; o hospital começa a ser construído; bares não existiam, sós, os "Pit" - de Pit-dog - é que faziam a festa de quem gostava de happy hour; os banheiros eram "ecológicos", ou seja, no mato. Para piorar, o governador decretou a lei seca, não se podia consumir bebida alcoólica. E por aí Palmas e eu começamos a nos conhecer. Trabalhava como repórter no jornal *Correio do Tocantins*. Só que este jornal nunca chegou a circular de fato.

Fomos para Palmas em 30 pessoas, entre editores, fotógrafos, repórteres, diagramadores e gráficos. Todos de Brasília. A estrutura do jornal era grande. Depois do Palácio do Governo, a sede do *Correio do Tocantins* era o único local onde tinha telefone. Fora esses dois locais só restavam os orelhões existentes na Companhia Telefônica, Telegoiás. As filas nos orelhões eram enormes. Porém, a falta de uma rede de energia elétrica com capacidade suficiente para manter a gráfica funcionando, computadores em atividade, impediu que o jornal saísse. Trabalhamos durante quatro meses fazendo testes. Neste período eu já estava contratada como chefe de reportagem da Secretaria Estadual de Comunicação. Somando os dois empregos, o salário era melhor do que eu ganhava em Brasília. Isto fazia com que eu suportasse a distância da família, a ausência de uma infra-estrutura na cidade e os mosquitos que não davam trégua.

Do grupo dos 30 que vieram para montar o jornal só eu fiquei em Palmas. O jornal mudou de dono e, desta vez, novos empreendedores do Rio de Janeiro peitaram

a proposta. O jornal se chamaria *Correio Tocantinense*. Nas coberturas deste periódico tínhamos dificuldades em obter informações das fontes, pois todas tinham medo de falar. Só falavam depois que o governador autorizasse. O governador Siqueira Campos, autor do projeto de emancipação do Estado quando era deputado Constituinte, agia como se fosse o dono do Tocantins. Todos o temiam. Vivíamos numa ditadura.

O governo mudou, a oposição ganhou, mas a dependência da imprensa continuou. Sendo o governo o maior anunciante, num local em que a indústria e o grande comércio eram insignificantes, o melhor era obedecer a ter que fechar as portas. Mais não tardou e este jornal fechou, seguido de tantos outros que surgiram na Capital.

Não cheguei a ficar desempregada por lá, uma vez que acabei entrando para a história como uma das jornalistas que fora fundamental na consolidação da categoria. Fui a segunda presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado e liderei a primeira greve de jornalistas na região. O maior adversário era o grupo Jaime Câmara. Um grupo empresarial que mantinha o monopólio da comunicação em Goiás e Tocantins. Sofremos muita pressão. Convivemos com a fragilidade de jornalistas que só têm uma fonte de renda e vivem nas mãos dos patrões.

Como estava em uma Capital, onde se concentra o poder administrativo do Estado, tinha acesso ao centro das decisões. Como chefe da Divisão de Imprensa do Departamento de Comunicação da Assembléia Legislativa do Tocantins pude constatar como os meios de comunicação seduzem os políticos. Os deputados, para ganhar um espaço no jornal e na televisão, faziam de tudo. Lembro-me que durante uma briga em plenário, sobre o cumprimento do Regimento Interno do Legislativo, virei para o deputado Uiatan Cavalcante e falei que seria melhor rasgar o tal regimento. Ele mais do que depressa perguntou:

- Você acha que eu devo Celi?
- Quanto às conseqüências, eu não sei, mas que o senhor vai estar nas manchetes dos jornais amanhã, isso vai! Respondi sem muita convicção de que ele faria mesmo aquilo.

Ele não hesitou. Durante o grande expediente, num discurso inflamado ele rasgou uma cópia do regimento. O resultado disso foi que o deputado incorreu na falta de decoro parlamentar, devendo responder pelo seu ato na Comissão de Ética. Só que a Comissão de Ética não estava formada. Ficou o dito pelo não dito. O deputado Uiatan Cavalcante morreu anos depois, durante campanha política, quando o avião em que estava caiu após uma pane.

Alguns deputados chegavam a pagar para que determinados repórteres

pudessem encaixá-los no conteúdo editorial. Como presidente do sindicato, lutei contra esta prática. Mas o dinheiro rolava de um lado para outro. Esta era uma prática bastante comum na compra de um deputado da oposição ou para favorecer a votação de algum projeto de interesse do governo. A história que hoje se fala, de mensalão, já era conhecida nos rincões do Tocantins. Nós, jornalistas, assistíamos a tudo e quase achando a prática normal, de tão corriqueira. Também, quem é que teria peito para dizer algo contra em uma terra onde a lei era à bala?

Junto com mais 14 amigos, entre jornalistas e publicitários, montamos um jornal, o *Jornal do Dia*. Embora fosse semanal, tínhamos a pretensão de que ele fosse diário, por isso o nome. A redação era em minha casa. Na sala e copa conjugada espalhava mesas que conseguia emprestado no bar ao lado. As máquinas soavam suas teclas num ritmo frenético de tec tec tec tec tec. Queríamos dizer tudo, apurar tudo o que os outros jornais não podiam dizer porque estavam atrelados ao poder. Éramos independentes - assim pensávamos. Um dia, como repórter do nosso jornal, do qual eu também era editora, fiz a seguinte pergunta ao governador Siqueira Campos, candidato a reeleição:

- Governador, uma pesquisa do Vox Populi divulgada ontem à noite apresentou os Estados em que poderia dar uma zebra nas eleições, e o Tocantins estava entre eles. Em caso de zebra, o senhor está preparado para o segundo turno?

A resposta veio como um raio descarregado com toda a ira dos deuses. A minha frente eu só via a enorme bocarra do governador vociferando contra a minha pessoa. Ele parecia um gigante e eu me sentia uma anã. Ele respondeu:

- *NÃO VOU RESPONDER A PROVOCAÇÕES DE JORNALECOS COMO O SEU. VOU GANHAR E, EM MEU GOVERNO, O SEU JORNAL E ESTA IMPRENSA NANICA NÃO TERÃO VEZ. NEM JORNALISTAZINHAS COMO A SENHORA.*

Cercado de seguranças o governador bateu em retirada. A ira dele era tanta que ao tentar abrir espaço para passar, derrubou o fotógrafo do *Correio Braziliense*, Carlos Moura, contemporâneo meu de Brasília. Naquela tarde, a notícia que corria à boca miúda era que o governador havia agredido uma jornalista e um fotógrafo.

Mas dei meu troco. O governador Siqueira Campos venceu e concedeu uma coletiva à imprensa. Lá estava eu. Quando chegou minha vez de perguntar, disse firmemente:

- Meu nome é Celi Camargo, sou editora do *Jornal do Dia*, um jornal que não precisa de verba pública para sobreviver. Sabendo que a maioria dos jornais da cidade e do Estado precisam da verba do governo, o que o senhor quis dizer quando me disse que não ajudaria a jornalecos? E a quem o

senhor chamou de jornalistazinha e imprensa nanica?

Minhas pernas tremiam naquela hora. Mas fui firme. O governador pediu desculpas e faltou me convidar para compor seu governo. Dias depois fui convidada a assumir a direção de jornalismo da TV Palmas, uma empresa de capital misto cujo maior capital era do governo do Estado. De uma certa forma, ele acabou me cooptando. O *Jornal do Dia* não sobreviveu por muito tempo, porque o nosso dinheiro acabou bem antes do idealismo ser vencido pelo capitalismo.

A "amizade" com Siqueira Campos durou tanto que fui responsável pelo setor de imprensa durante a campanha dele, quando produzimos o jornal semanal *Jornal da União*, que foi a principal peça impressa que circulava em todo o Estado. Ele venceu. Participei de outras campanhas de correligionários dele. O sucesso desse jornalzinho foi tanto que fui chamada para estruturar um grande jornal para o grupo de comunicação pertencente ao governador e família. Nesta época, também assumi a direção de jornalismo da TV do mesmo grupo. Fiquei por lá quase dois anos, montando equipe, elaborando o projeto editorial e gráfico do jornal.

O jornal, *Folha do Tocantins*, existe até hoje. Eu saí fora logo no início. Só tive o trabalho de parir o produto. Tudo porque todas as matérias de cunho político tinham que passar pelo aval do governador ou de seu filho, o senador Eduardo Siqueira Campos. Não aceitei. Cansei-me. Quando pedi demissão, mais onze pedidos de demissões chegaram à mesa do presidente da empresa. Falaram que eu estava fazendo motim.

Em 1996, quando minha filha Eva Maria nasceu, comecei a dar aulas na universidade. Cheguei a ser cogitada para assumir a coordenação do curso de Jornalismo. Fiquei em Palmas por mais quatro anos e fiz uma campanha para candidato a prefeito. Um laranja do grupo Siqueira Campos. Neste período, trabalhei também fazendo documentário no Estado do Pará. Foram boas experiências. O gratificante foi o recado que Siqueira Campos mandou, dizendo que, mesmo sem recurso eu conseguia fazer uma campanha de TV mais bonita do que a produtora que ele contratou para fazer o programa da sua candidata. Mesmo assim, me decepcionei com Palmas, vendi minha casa e vim embora.

O estado emocional com que retornei para Uberaba não era dos melhores. Sentia-me meio arrasada pela falta de reconhecimento profissional. Era como se nós jornalistas fossemos descartáveis. Trabalhei em jornais locais, numa jornada também sacrificante, já que tínhamos uma meta de pauta a ser cumprida e poucos recursos para executá-las. Adaptei-me. Logo encaminhei meu currículo para a universidade e não demorou em que eu fosse aceita no corpo docente. Conciliei o magistério com o mercado de trabalho. Dei consultoria na criação do jornal *Cidade*

Livre. Envolvi-me tanto no trabalho inicial deste jornal que não pude ir ao enterro de minha amiga, Rosana, em Barretos. Foi lá que tudo começou, lembra?

Celi Camargo, jornalista, 40 anos, 20 de profissão.

*****

E fui tentar ser eu mesmo

Minha experiência como funcionário contratado de empresa jornalística foi toda em jornais. Trabalhei em Belo Horizonte no *Diário do Comércio* e, em São Paulo, na *Gazeta Mercantil* e na *Folha de S.Paulo*. Tenho boas e más lembranças desse período que durou, ao todo, cerca de doze anos.

As boas lembranças giram em torno das viagens que fiz a trabalho, principalmente no período em que fui repórter especial da *Gazeta Mercantil*. Conheci dezenas de lugares e pessoas interessantes em vários países. Realizei matérias das quais me orgulho, algumas até premiadas. Já as más lembranças giram em torno de frustrações minhas em relação às frivolidades que tomaram conta do jornalismo nos últimos dez anos, afetando seriamente o ambiente de criatividade que eu acho fundamental para o bom exercício dessa profissão.

Nunca planejei ser jornalista, confesso. E muito menos "um homem de notícias". Quando jovem, eu tinha muitas dúvidas sobre qual carreira seguir. A única certeza era de que ser jornalista de noticiários não era para mim. O que gosto mesmo é de descobrir histórias. Sempre adorei escrever, paixão que vem da literatura. Mas acho que, no fundo, eu sabia que o jornalismo de autor (o das grandes reportagens) que me fascinava não era mais praticado amplamente na imprensa brasileira nos anos 1980.

No primeiro ano de atividade como repórter, ainda em Belo Horizonte, ocorreu-me o óbvio: pular logo fora desse jornalismo trivial que a gente lê, vê e ouve aborrecidamente todo santo dia; esse jornalismo hegemônico que reflete as hegemonias; esse jornalismo que se vangloria; o jornalismo do disse-me-disse político; o jornalismo que usa as pessoas famosas e se deixa usar por elas, num jogo sórdido; o jornalismo que se esquece antes mesmo de nós o esquecermos.

Esse tal jornalismo sem latitude nem longitude começou a produzir em mim uma série de desconfortos por volta de 1998, quando achei que devia mudar de vida, descobrir algo que me desse algum prazer autêntico, menos compromissado com as aparências (visibilidade) e com sobrevivência (pagar as contas da casa). Caiu-me a ficha. Então trabalhei no sentido de eliminar do meu dia-a-dia esse

jornalismo apequenado, desmemoriado, cético, indiferente e cada vez mais circense.

Meu "estresse", então, não foi físico. Foi um estresse existencial. Eu não podia mais me enganar. Não é o caso de dizer que o jornalismo diário me sufocou ou tolheu. Não acho que é isso. Mas eu tinha de seguir o meu feeling. Ser noticiarista não era para mim. Eu buscava outra coisa.

Mas ser o que realmente somos é complicado. Somos o que os outros pensam que somos; o que gostaríamos de ser; o que não fomos; o que dizem que deveríamos ter sido; o que acreditamos piamente sermos. Enfim, somos um entrecruzamento de percepções. Isto é o humano ser. E o jornalismo, em qualquer modalidade, deveria honrar essa premissa. Admitir a subjetividade e a diversidade; ser transparente em respeito aos seus leitores-telespectadores-ouvintes-internautas.

"Nos velhos tempos", como escreveu o americano Jack London há mais de cem anos, "os grandes cavaleiros recebiam suas honrarias no campo de batalha". E como é hoje em dia? E como era quarenta anos atrás, quando a minha geração (tenho hoje 40 anos) nascia? Em meio a uma séria crise existencial pessoal, descobri que o que eu precisava não era de eliminar para sempre o jornalismo da minha vida, mas sim de encontrar, dentro do jornalismo, algo que eu acreditasse e gostasse sinceramente.

Eu precisava de um jornalismo que não fosse arrogante; que admitisse a subjetividade; que não distinguisse as pessoas por suas posses e cargos; que valorizasse a memória; que não fosse escravo do *mainstream*; que fosse mais duradouro; que provocasse reflexões; que compartilhasse e respeitasse; que, em vez de refletir a época em que vivemos, refletisse sobre a época em que vivemos.

Então, resolvi subverter aquele slogan de comercial de camisa que dizia "o mundo trata melhor quem se veste bem", trocando-o por "o mundo trata melhor quem realmente deseja um mundo melhor". E fui tentar ser eu mesmo. Continuo tentando, aliás. Encontrei abrigo e oxigenação no Jornalismo Literário (ou Narrativo), uma modalidade que, até por volta de 1995, eu nem conhecia.

O Jornalismo Narrativo, ao qual me filiei, busca, entre outras coisas, histórias sobre pessoas. Histórias de pessoas aparentemente comuns e histórias aparentemente incomuns sobre pessoas. Quando comecei a descobrir que jornalismo não era só noticiários, reinventei-me profissional e existencialmente. Além de narrador, me tornei também professor de Jornalismo Narrativo e isso me fez muito bem. No fundo, no fundo, isso já estava escrito dentro de mim muito antes de eu marcar "jornalismo" na lista de opções do vestibular, lá pelos idos de 1988.

Sergio Vilas Boas, jornalista, 40 anos, 16 de profissão.

*****

Sonhos vão sonhos vêm... *Transitando pelo desconhecido*

Romântica, como quase toda menina, queria ser bailarina. Mas, aos cinco anos, meu sonho se desfez qual algodão doce na língua. Num teste no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, descobri que tinha frouxidão ligamentar nos membros superiores, uma "anormalidade" que faz meus braços praticamente virarem ao contrário. Daí, recebi o veredicto: "Cisne de asa quebrada não pode dançar no 'lago".

Decepcionada, comecei a jogar vôlei. Mas os anos se passaram e a estatura permanecia quase estática. Não deu. Pequena demais para o vôlei, desisti de mais uma carreira profissional.

Sonhos vão, sonhos vêm, e transitei entre a paixão pelo desconhecido na Arqueologia; pelas estrelas, na Astronomia; pela natureza, na Ecologia – até pensei em ser bióloga – e, claro, pelo sonho de ser atriz, no teatro.

Um dia, por volta dos meus doze anos, assisti a uma matéria na televisão que mostrava pintinhos incinerados vivos por avicultores, numa manifestação contra o preço do frango. Indignada, escrevi ao presidente da República reclamando de tal barbaridade. A resposta a tal carta nunca chegou, apenas uma certeza se apossou de mim naquele dia: vou ser JORNALISTA.

Como jornalista, poderia viver a beleza do balé, a perseverança do jogador, a saga do arqueólogo, o encantamento do astrônomo, a versatilidade do ator e, principalmente, combater as atrocidades dos seres humanos.

Vi-me cheia de esperança. **Jornalista**. Uma mulher-maravilha a salvar a Humanidade contra as injustiças, as desigualdades, as guerras, a fome e toda forma de violência. A reformadora do Universo. Ledo engano encoberto por um sonho de adolescente.

Escolhida a carreira profissional, comecei a procurar trabalho. Tinha apenas 17 anos quando ingressei como auxiliar de redação no extinto jornal *Primeira Hora*, de Uberlândia, Triângulo Mineiro. Lá, "penteava" telex, revisava textos, escrevia notinhas para tapar os "buracos" da edição, enfim, era pau pra toda obra.

A primeira oportunidade para trabalhar como repórter surgiu no Carnaval de 1988. Com o "corpo mole" dos outros colegas, que tinham planos mais animados, me prontifiquei mais que depressa para cobrir a festa do Rei Momo. Sem experiência, sentei e quebrei a cabeça pensando numa pauta que abrangesse toda a extensão da festa: do policiamento, aos destaques das escolas. Confesso que não foi nem um pouco difícil listar cada detalhe.

Fui pra rua com a cara, a coragem e um gravador, mas, graças a Deus, nunca me faltou o bom senso. Fiz uma cobertura muito gratificante e publicamos o material compilado em uma página e meia de jornal. A repercussão foi um sucesso, para

minha felicidade.

Infelizmente, a alegria durou pouco. Escalada para cobrir o aumento do transporte coletivo em Uberlândia, vi, pela primeira vez, a face dura do jornalismo e sua relação de dependência com a publicidade.

Colhi informações na empresa monopolizadora do transporte coletivo da cidade, na Secretaria Municipal de Serviços Urbanos e nos representantes das Associações de Bairros de Uberlândia. As planilhas da Prefeitura e das associações traziam cifras infinitamente menores que a da empresa, portanto, estava claro o superfaturamento do preço estipulado pela companhia de transporte coletivo.

Não tomei partido de ninguém. Apenas reportei os acontecimentos, de acordo com as informações que havia obtido. Sem mais nem menos, um dos diretores do jornal me chamou em sua sala me intimando a escrever a favor da empresa, pois ela era grande anunciante do jornal.

Não tive dúvidas. Peguei todo o material recolhido nas entrevistas, joguei em cima da mesa do "chefe", e falei: "Não vou fazer isso. Não é a verdade. Aqui está o material. Escreva o senhor". Virei as costas, saí da sala e não deu outra: no dia seguinte, estava demitida.

Essa foi a minha primeira decepção com o jornalismo. Mas ela não durou muito. Aliás, nem três dias, pois um produtor de faro aguçado ficou sabendo da história e imediatamente me convidou para trabalhar com ele. Trata-se de Waldyr Bonnas, ex-produtor da Rede Bandeirantes de TV em São Paulo, que morava em Uberlândia naquela época.

Instigado pela minha coragem em enfrentar o ex-chefe, Bonnas me lançou um desafio: produzir um programa de duas horas de duração numa rádio AM que estava – no horário – em quinto lugar em audiência na cidade.

O programa chamava-se Rádio Revista e era destinado ao público feminino. Como uma revista estilo *Nova*, o programa dividia-se em quadros compostos de assuntos de interesse das mulheres: etiqueta, moda, comportamento, medicina, enquête, entre várias outras atrações. Confesso que fiquei um pouco assustada com o desafio, mas, como não tenho medo de quase nada (além de escorpião, cobra e morcego), resolvi topar a parada e, em menos de um ano, saltamos do quinto para o segundo lugar, só atrás da rádio "global" da cidade.

Waldyr Bonnas foi uma espécie de guru durante um ano e meio em que tive o privilégio de trabalhar com ele. Ele me ensinou muita coisa e só deixamos de trabalhar juntos porque, durante um corte de pessoal feito pela empresa, fui mandada embora no bolo. Afinal, havia outra produtora mais madura do que eu, que foi preservada, enquanto a "adolescente" era jogada fora.

A decisão de me profissionalizar

Até então, era uma jovem de 18 anos que precisava se profissionalizar. No entanto, em Uberlândia não havia curso superior de Jornalismo naquela época e acabei deixando a vida me levar pra ver no que ia dar.

Mas um fato marcou decisivamente minha permanência na incipiente carreira jornalística. Ainda pela rádio, fui escalada para entrevistar o grupo Legião Urbana, grande sucesso da época. Fã ardorosa, fiquei excitada só de pensar na pauta da entrevista.

Bolei um programa de duas horas de duração com o material que pretendia reunir, já que, até aquele momento, o grupo só possuía três discos – de vinil ainda.

Vivi um sonho. Gravei quase uma hora de fita com o Renato Russo, vocalista da banda, enquanto ele desenhava coraçõezinhos a caneta na calça jeans surrada; entrevistei o guitarrista Dado Villa-Lobos e os demais integrantes da Legião Urbana.

Trabalho terminado, pensei que meu sonho terminaria ali, quando fui convidada pelo próprio Renato a ir com eles para o show e assisti-lo em posição privilegiada: em cima do palco. Nem acreditei: apenas aceitei prontamente o convite.

No término do show, a banda novamente me convidou: agora, para ir jantar. E a adolescente encantada com seus ídolos lá foi, toda empolgada e se sentindo o máximo. Afinal, nenhum outro colega jornalista conseguira tal façanha.

Não quis jantar. Estava atônita sentada à direita do Renato Russo, quando ele me ofereceu um delicioso vinho italiano. Aliás, gosto de vinhos italianos tintos e secos até hoje por causa do Renato.

Para minha surpresa, ele se interessou em perguntar quantos anos eu tinha, sobre minha experiência profissional, coisas do gênero. Contei a verdade – afinal, era apenas uma iniciante no jornalismo que nem diploma tinha –, até que ele me falou: “Adorei sua entrevista. Você é muito talentosa. Está na carreira certa. Falta agora você entrar em uma faculdade e se profissionalizar de vez”, ressaltou.

Foi o suficiente para que eu deixasse Uberlândia em busca de um curso de jornalismo e, no ano seguinte, estava classificada em décimo lugar entre os noventa concorrentes que ingressaram em Comunicação Social na Universidade de Uberaba, em 1989.

Em Uberaba, desempregada e sem dinheiro, fiz dezenas de bicos para conseguir sobreviver. Foram quatro anos de muita dificuldade, mas, graças a Deus, pelo menos a mensalidade estava garantida pelo extinto Crédito Educativo da Caixa Econômica Federal.

Passei de tudo: fome, frio, necessidades de toda ordem. Mas não desisti. Aliás, parafraseando uma propaganda governamental, “sou brasileira e não desisto nunca”.

Minha única mágoa foi não ter vestido uma beca na colação de grau, realizada numa tarde qualquer, em uma sala de aula qualquer do campus I da Uniube.

A vida de jornalista

Trabalhei em rádio, jornal, assessoria de imprensa. Televisão, nunca! (Espero manter a promessa de nunca trabalhar numa emissora de televisão em toda a minha carreira). Em meus empregos, passei por horários escorchantes, vida desregrada, falta de privacidade e mil aborrecimentos diários. Quanto ao salário, sempre abaixo da capacidade e do empenho empregados. E o tal glamour da profissão? Nunca cheguei a senti-lo. Deve ter ficado no passado, junto com os desbravadores do jornalismo no Brasil.

Nesse momento, vi que não ia salvar o mundo. A mulher-maravilha transformou-se em gata borralheira. Havia aprendido muita coisa, visto muita coisa, tentado ajudar muita gente, mas era pouco. Eu queria e quero mais.

De repente, percebi que havia acumulado muita experiência em quase vinte anos de profissão e não sabia o que fazer com ela. Foi quando decidi entrar numa pós-graduação e abrir outros horizontes.

Para minha surpresa, descobri um dom que nem sonhava ter. O de ser educadora. Compartilhar minha experiência com meus alunos, tentando formar profissionais mais preparados para os desafios da profissão no Terceiro Milênio, tornou-se um objetivo de vida pra mim.

Hoje, coloco toda a minha paixão, o meu amor e a minha ética nas palavras que pronuncio em sala de aula, pois acredito que o Jornalismo ainda voltará a ter seu espaço transformador na sociedade.

Abaixo o denuncismo vago, a fofoca, a falta de ética, as matérias vazias de conteúdo. Vamos formar uma nova geração de jornalistas que, como eu, quer e PODERÁ mudar o mundo para melhor.

Quanto a mim, vou um dia voltar a trabalhar na mídia, mas, por enquanto, quero me dedicar de corpo e alma à docência e à pesquisa. Quem sabe, assim, não consigo driblar – junto com os meus alunos – o jornalismo "fusquinha" que ainda insiste em ocupar as redações e fazer dessa carreira tão sedutora uma verdadeira fonte de transformação da Humanidade!?!

Cíntia Cerqueira Cunha, jornalista, 36 anos, 19 de profissão.

*****

Sobre o tempo e o fazer

O relógio é universal e inexorável. São pouco mais de 18h e a avenida que me leva até a Universidade de Uberaba, hoje, excepcionalmente, está engarrafada devido a uma blitz policial. Os 15 ou 20 minutos que perderei no percurso serão fatais para o cumprimento do cronograma de trabalho, tendo em vista que a aula começa impreterivelmente às 18h45. Contava com a possibilidade de ter 20 ou 30 minutos antes do "sinal" bater para ajeitar materiais, selecionar transparências, pegar os diários e quem sabe, dar alguns telefonemas em busca de informações.

Sou jornalista há mais de 20 anos, radicado em Uberaba há cerca de 10, e por dever do ofício sou induzido a manter uma rotina de trabalho que lembra uma linha de produção onde o conceito *just in time* é lei. Além de professor do Curso de Jornalismo da *Uniube*, escrevo a coluna *Ponto e Vírgula*, que circula diariamente no *Jornal de Uberaba*, onde também mantenho a publicação de três páginas semanais sobre economia e negócios. Na *TV Universitária*, mantenho um programa semanal sobre o mesmo assunto, onde sou responsável pela apresentação, pela pauta e pela produção.

Normalmente depois das 21h25 quando terminam as aulas do dia, corro para o primeiro computador disponível para terminar a edição da coluna, um jogo de obstáculos que inclui notas curtas sobre informações variadas que caminham pela política, economia, cultura e às vezes, até futebol. O obstáculo em referência é a obrigação de produzir, diariamente, pelos menos duas frases engraçadas, reflexivas e ainda uma crônica. Quando as coisas vão bem e não sou interrompido, lá pelas 22h30 estou remetendo o material para a redação.

O estresse desta relação de trabalho decorre muitas vezes da falta de tempo para executá-lo de forma satisfatória, mas, sobretudo, pela pressão exercida nestes momentos finais em que o tempo passa a ser algo muito precioso. Já vivi dias infernais perdendo material praticamente pronto devido a vírus em computadores, equipamentos inadequados, ultrapassados e inseguros. Em alguns casos, as perdas são irreversíveis, porque não existe tempo hábil para recuperação do material e nem conhecimento da engenhoca informatizada que permita uma triagem completa. O que obriga a produção, em ritmo alucinante, de novo material enquanto um editor irritado aguarda na redação.

As condições de trabalho dos profissionais que atuam no interior são extremamente dificultadas pela falta de estrutura, de recursos e de pessoal. Enquanto os colunistas dos grandes jornais dispõem de dezenas de assessores, no interior, pelo menos no meu caso, a estrutura se restringe ao meu telefone celular, ao carro que utilizo e ao escritório que mantenho no fundo de casa, de onde articulo, a partir

das 9h da manhã, todas as tarefas previstas. O expediente dificilmente termina antes das 10h da noite. É uma rotina forte, mas totalmente acomodada no meu cotidiano.

Nestes instantes da "produção industrial" de letras noticiosas, adiciona ao cotidiano do jornalista a angústia sempre presente em relação ao resultado no dia seguinte, quando as letras impressas não poderão mais ser retocadas. Esta irreversibilidade, presente em muitas profissões, no caso do jornalista "diarista" torna-se mais pesada. Mesmo porque as correções, em muitos casos, jamais conseguem reparar de forma satisfatória os eventuais prejuízos de terceiros. A angústia, pelo menos no meu caso, decorre também do temor de cometer injustiças, pecar por imprecisões, comprometer o trabalho de outras pessoas ou instituições.

Os elementos complicadores da rotina profissional de jornalistas no interior avançam para outros campos da vida comunitária, dada à proximidade geográfica em que as pessoas vivem. Em muitos casos a "vítima" da informação é encontrada na esquina e, às vezes, na mesa ao lado na choperia que oferece refresco (com álcool) contra o estresse da semana. Nas capitais, quando o jornalista publica material, notícia ou artigo, denunciando alguém, a chance de encontrá-lo em local não institucional é quase nula. Normalmente os encontros são balizados em entrevistas coletivas, tribunais ou casas legislativas. Tudo com a devida etiqueta de civilidade.

Outro fator de estresse, que não é uma exclusividade do interior, mas se faz mais presente nele, é o controle da informação por parte dos donos dos jornais. Este controle, muitas vezes, se origina do Poder Público, que tem poder de financiamento das mídias num mercado cada vez mais competitivo. Esta "capacidade" de financiamento cria um poder imensuravelmente maior no interior, onde as fontes de investimento em publicidade são escassas num cenário em que os grandes anunciantes, cada vez mais, concentram suas mídias em veículos de circulação nacional.

Mesmo assim é bom lembrar que a palavra interior merece uma releitura quando se fala de informação, mesmo porque a informação não é distribuída com filtros para esta ou aquela comunidade. Os leitores de Uberaba, de Uberlândia e de São Paulo compartilham das mesmas fontes de informação do jornalismo impresso e televisivo. Estão no mesmo barco ou nave, se preferir. Neste aspecto, a nacionalização do discurso informativo, associada à globalização, isolou aquele conceito antigo sobre os privilégios das metrópoles sobre os sertões, que não podem mais ser vistos apenas como "abismos horizontais".[10]

Esta equalização de acesso à informação deu origem a consumidores exigentes e atentos ao que se publica nos jornais do interior, sobretudo no jornalismo de assinatura. Esta pressão, não se dá apenas em termos de conteúdo, ela se expande

positivamente na consolidação de conceitos modernos de padrões jornalísticos, nos aspectos técnicos, estéticos e éticos. Neste caso também, mas de forma positiva, as pressões externas exigem um jornalismo crítico e comprometido com a comunidade. Sem esta postura não existe leitura, não existe realização profissional, sem a qual não seria possível manter rotinas tão estressantes.

Nesta engenhoca social, as necessidades pessoais nem sempre são atendidas em nível de relações familiares, comprometendo o sagrado tempo da descompressão, às vezes, indispensável. a qualidade, a veracidade e à ética que se espera da informação.

O tempo é de fato inexorável, não apenas para a tarefa diária do jornalista, do feirante ou do cirurgião, mas para todos os trabalhadores que sucumbem diariamente diante da própria exigüidade. A vida ainda nos remete a figura inocente e incisiva Charles Chaplim, na inesquecível cena do filme *Tempos Modernos*. A reflexão sobre as perspectivas da vida em cenários de extremas exigências vai nos induzir, mais cedo ou mais tarde, a colocar um freio nesta troca que nem mesmo conforto financeiro tem nos oferecido. Afinal, todos um dia se aposentarão.

Francisco Marcos Reis, jornalista, 48 anos, 22 de profissão.

*****

[1] MARINOVICH, Greg Silva, João. O clube do bangue-bangue. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 157.

[2] MARINOVICH, Greg Silva, João. Idem nota 9, pp. 196-197.

[3] SÍPOLI, Cól Ana Flávia e BONI, Paulo César. A insustentável leveza do clique fotográfico. In: Discursos fotográficos. Revista do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico. Universidade Estadual de Londrina, 2005, pp. 25-26.

[4] Publicado em 1999.

[5] O Desenvolvimento Humano surge na década de 1980, como tentativa de englobar os aspectos socioeconômicos com os subjetivos de qualidade de vida. Seus expoentes foram Nussbaum e Amartya Sen.

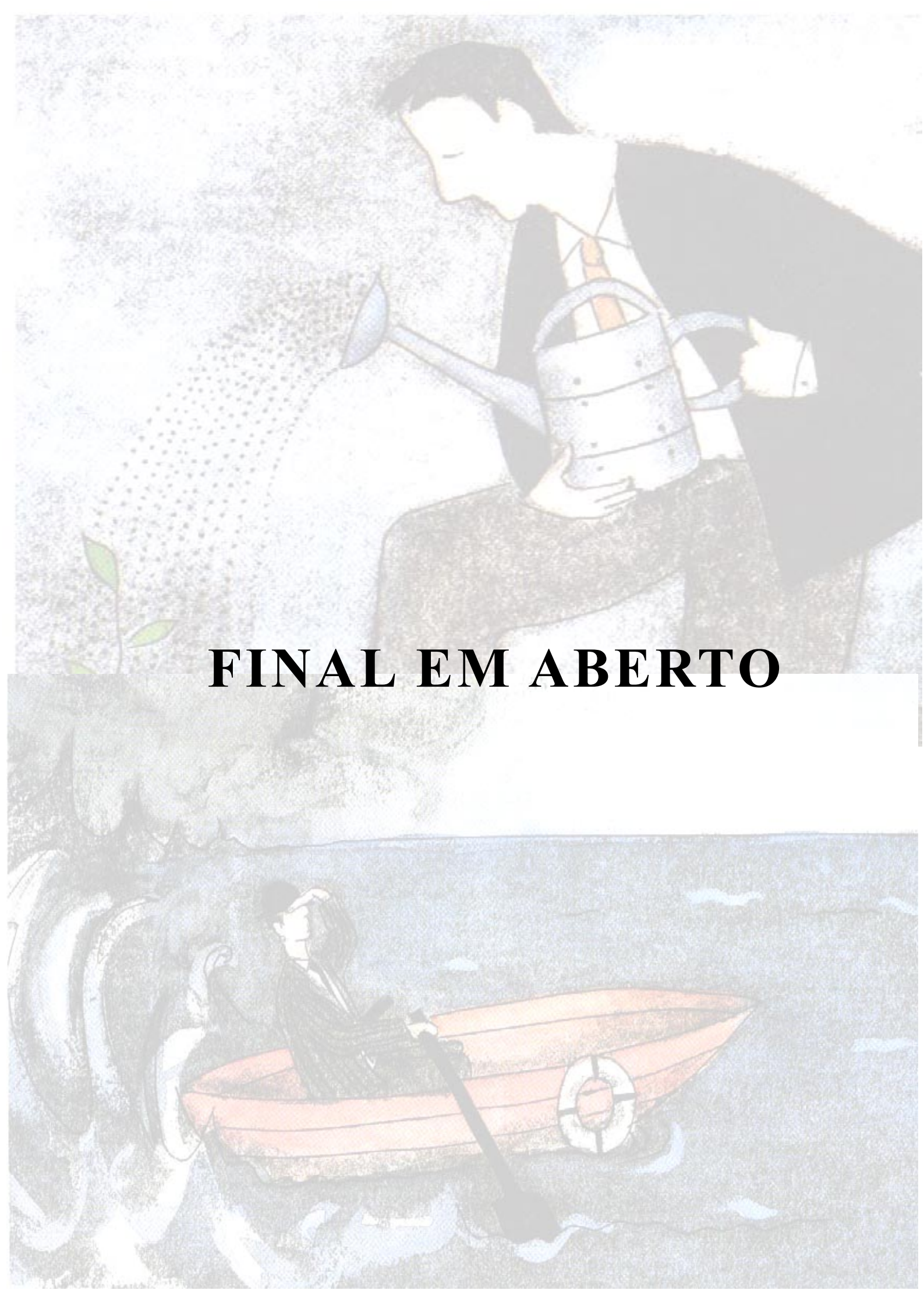
[6] SEN, Amartya Kumar. *Desigualdade reexaminada*. Tradução: MENDES, Ricardo Doninelli. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 11-9.

[7] Economista indiano, laureado com o Prêmio Nobel da Economia em 1998 por seus estudos relacionados à pobreza, realiza um trabalho que se caracteriza pela interdisciplinaridade, rompendo fronteiras entre economia e ética.

[8] NORDENFELT, Lennart. Towards a theory of happiness: a subjectivist notion of quality of life. **In:** NORDENFELT, Lennart., ed. *Concepts and measurement of quality of life in health care*. London, Kluwer Academic Puc, 1994, pp.35-57.

[9] NOGUEIRA, Adriana. Desejo de ser mãe. **In**: *Contigo*. São Paulo: Editora Abril, maio de 2005. p. 146.

[10] A expressão “abismos horizontais” é do poeta Jorge Alberto Nabut que conseguiu horizontalizar um conceito verticalizado.



FINAL EM ABERTO

O MUNDO DAS MUTAÇÕES

Tentamos aqui compreender como as transformações que ocorrem no mundo do trabalho produzem seus impactos nas atividades realizadas pelos repórteres que atuam no Estado de Minas Gerais. As transformações do mundo produtivo alteram as condições de trabalho dos repórteres e, por conseqüência, a própria produção do saber desses trabalhadores se modificou diante das condições materiais por eles enfrentadas. O cruzamento da bibliografia estudada, dos depoimentos encontrados nas pesquisas de outros autores e dos dados colhidos no trabalho de campo permitiu compreender o modo como o trabalho se dá e do que daí resulta para a subjetividade dos jornalistas pesquisados. Os resultados sugerem uma percepção diferenciada dos repórteres com relação a seu papel na sociedade. Em geral, reconhecem-se como facilitadores e mediadores do desenvolvimento da reflexão crítica e não como simples transmissores de informações.

O desenvolvimento da pesquisa permitiu inferir que o processo de incerteza que se verifica no trabalho do repórter atinge as mais diferentes empresas de comunicação, manifestando-se tanto por meio de processos singulares denunciados pelos repórteres através de suas organizações de classe, como por processos heterogêneos através das particularidades da cada local de trabalho.

A ocorrência de uma verdadeira simbiose entre o trabalho produtivo e improdutivo no capitalismo contemporâneo atual incorpora necessariamente as suas diferentes dimensões, atendendo todas pela noção de classe-que-vive-do-trabalho.[1] A incessante reprodução das atividades desempenhadas pelo repórter na seara das mídias determina profundas transformações na própria subjetividade do trabalhador deste setor que, acossado pela extensa jornada desempenhada no interior das salas de redação, enreda-se por condições materiais de existência muito diversas. Vejamos como é o fechamento que nunca acaba em um portal de jornalismo na internet:

> São 14h53 do dia 16 de julho de 1999 e o fechamento dos conteúdos especiais para o final de semana ainda nem começou. Estou com um mau pressentimento de que será uma sexta-feira longa – a única coisa que me anima é imaginar o hotdog da madrugada na frente do Parque Villa Lobos, o melhor de São Paulo. Fico com água na boca só de pensar na batata palha crocante.
>
> Cláudia, a estagiária que chegou há uma semana e acabou virando sinônimo de publischer (publicador) – pois quebra todos os galhos nos HTML de última hora –, chega correndo na redação. *Acabei de ouvir no rádio enquanto estacionava o carro*

que o John-John morreu. Ele era lindo! A maldição dos Kennedy é mesmo implacável... Passo a ter certeza de que meu pressentimento estava certo – teremos um longo dia.

John Kennedy Jr. havia morrido tragicamente aos 38 anos, em um acidente com o avião que pilotava. *Pessoal, vamos subir a notícia para a home page e produzir um especial sobre o John-John para subir o quanto antes. A nossa reunião de pauta começa em cinco minutos. Cláudia, por favor, levante o que os portais já deram sobre a morte. Luis, reúna informações sobre a família de Kennedy para a reunião*. Enquanto caminho em direção à bancada dos designers, que já me lançavam aquele olhar lá vem mais trabalho, decido que a melhor saída é aproveitar a 'casca' (é como chamamos os templates de hot sites especiais) feita para o especial de aniversário da Madonna, principalmente a estrutura do menu. *Basta mudarmos as cores, pois não temos muito tempo para parir o especial John-John*, aviso.

Juliana, minha editora de primeira página, sugere que a gente abra o especial com aquela foto clássica de John-John menino, embaixo da mesa da sala oval na Casa Branca. Acho boa idéia e peço para ela fazer uma busca nas páginas de busca das agências AFP e Reuters, nossos fornecedores de notícias e fotos. *Vamos precisar de muitas fotos*, penso, a caminho da máquina de expresso – que, pelo jeito, também terá excesso de trabalho pela frente.

Mal havia começado a reunião de pauta e chega a notícia de um acidente na rodovia Castelo Branco entre uma carreta desgovernada e um ônibus escolar. Mais um fato importante que teremos que repercutir. A TV havia mostrado imagens fortes, e nós precisávamos de fotos para colocar na home page. Como a Castelo estava interrompida em função do acidente, tínhamos que mostrar os caminhos alternativos. *Luis, deixa que eu toco a reunião e você pilota a cobertura inicial do acidente. Não esquece de checar o número de mortos, parece que são quase trinta*.

Iremos abrir o index (página-sumário) do caso John-John com a síntese da notícia – entre dez e 15 linhas mostrando a provável causa da queda do monomotor no Oceano Atlântico. *Não temos ainda as causas do acidente, apenas noticiam a pane*, diz Luís, que sugere um Flash (programa vetorial usado para criar páginas com movimento) mostrando a localização da queda. Concordo e logo despacho Carolina, a nossa *Flash-girl*, para a missão. Lembro que temos que narrar os fatos de maneira muito clara, pois mesmo quem não sabe nada sobre John-John precisa entender o fio da meada – quem era ele, o que a família representa nos Estados Unidos, a tão falada maldição dos Kennedy...

Tínhamos que produzir uma matéria sobre as tragédias na dinastia Kennedy; mostrar

a infância na Casa Branca; as mudanças na vida da família depois do assassinato do pai, o presidente norte-americano JKF; a relação com a mãe, Jacqueline. Cada um desses aspectos será um hipertexto correlato que ajudará a consolidar a história. *Luís, por favor, baixe tudo que tiver sobre o acidente na Reuters e já comece a ´empacotar´ para o especial*.

Juliana entra na sala de reunião. *Já temos fotos do acidente da Castelo e números oficiais da Dersa. O que vocês querem que eu faça?* Peço que ela suba o consolidado do acidente rodoviário e depois edite as melhores imagens para a galeria de fotos do especial de adeus a John-John, tentando trabalhar com o conceito da pirâmide invertida – imagens atuais e depois ele jovem, adolescente e criança.

Não se esqueça da mulher; como era mesmo o segundo nome de Carolyn? Pergunto a todos. *Bessette*, diz Cláudia, que havia ficado responsável pela transcrição de depoimentos e pela cobertura da comoção nos Estados Unidos. *Aliás, quem estará de plantão amanhã?* Todos respondem, com ar de graça, *você!* Anoto no meu Palm o que irei precisar checar logo pela manhã, de casa... Fotos do funeral para colocarmos como imagem de abertura na home page, caso o sábado seja pacato. Luís lembra bem que teremos treino de Fórmula-1 ao meio-dia. Deixem comigo.

Luís, verifique o que temos em arquivos de áudio e vídeo. A BBC publicou em vídeo a entrevista coletiva de John-John quando ele lançou uma revista. Nossa parceria permite reproduzir vídeos da BBC? Peço que Alessandra, nossa secretária de redação, esclareça a questão rapidamente com o departamento jurídico. *Vejam os áudios publicados na CBN, pois estes podemos usar sem medo*. Termino a reunião dizendo que o assunto merece um consolidado de uns 20 hipertextos, que iremos manter por três dias na home page, principalmente no final de semana.

Alessandra desliga o telefone e diz que a BBC "é nossa", podemos usar tudo. Lembro também que foi em 1998 que John-John foi eleito o homem mais sexy do mundo pela revista norte-americana *People*. *Por favor, Claúdia, peça para o pessoal do centro de documentação checar se foi em 1998 mesmo e se temos uma reprodução desta capa da People*.

Meus filhos ligam no celular. *A que horas você vai chegar?*, perguntam. *Tarde*, respondo, com culpa. *Mas amanhã temos apresentação de teatro na escola às 9 horas*, diz o mais velho. Asseguro não apenas que vamos chegar no horário, como ainda prometi um cinema a eles. Desligo com peso na consciência, lembrando que meus filhos vão, mais uma vez, jantar sem a mãe – e que eu terei mais uma noite maldormida

antes de começar a jornada de mãe.

Aí aparece Juliana. *Que dia!*, ela comenta antes de contar que o delegado Mário Afonso, da 2ª DP do Rio de Janeiro, designado pelo governador para combater o narcotráfico, foi encontrado morto com um tiro na cabeça no estacionamento do Barra Shopping, zona sul do Rio. O carro estava estacionado e o corpo no porta-malas com um bilhete dos traficantes que dizia: *Iremos apagar qualquer elemento que entrar em nosso caminho.*

Isso me lembra a cena da cabeça de cavalo no Poderoso chefão, diz Juliana, que recebe a incumbência de subir a matéria sobre o caso em meia hora. Volto para minha mesa e vejo um recado da secretária do diretor de redação me chamando. Toda sexta-feira ele resolve conversar sobre os fatos mais importantes da semana, bem no desenrolar frenético do fechamento.

Levanto em direção ao seu "aquário", enquanto os repórteres discutem se a pizza vai ser de frango com catupiry ou novamente a portuguesa. Digo, sem forças: *Peçam as duas e não se esqueçam do refrigerante ligth para as meninas*. As horas passam e o relógio já marca 23h40.

A redação está quieta, as conversas acontecem apenas via ICQ e, entre um fechamento e outro, Cláudia checa a previsão do tempo para o dia seguinte, sua primeira folga em três semanas. *Vai fazer sol e vou para praia mesmo sendo inverno. Preciso tomar um banho salgado*, anima-se.

Luís continua escutando seus CDs enquanto acrescenta novas informações ao especial de John-John. A rodovia Castelo Brando tem tráfego normal e o enterro do delegado da 2ª DP do Rio será às 11 horas de amanhã. Passa de meia-noite quando pego minha bolsa para saborear um suculento hotdog e dou boa-noite ao estagiário que acaba de chegar para sua jornada de trabalho até as sete da manhã. Que dia! [2]

Essa cena viva oferece elementos para uma projeção pessimista do futuro e reafirma os depoimentos dos jornalistas pesquisados. Mas o cenário recoloca sempre novos desafios que poderiam apontar para um futuro melhor. São, portanto, novas formas do ser repórter, pelas quais se manifestam modernas práticas de estranhamento, na mesma medida em que se agregam as atividades produtivas e as improdutivas, determinando uma nova forma de ser do trabalho que se realiza no capitalismo atual. O mundo do trabalho é uma noção central para se compreender as complexas mudanças da contemporaneidade, principalmente aquelas que se dão

no campo comunicacional e no jornalismo. O universo jornalístico mudou muito na época atual. Sentir bem-estar, para muitos, é estar bem economicamente e se dar o gosto que desejam. Quanto mais empregos ou trabalhos *free lance* (reportagens independentes como trabalhadores autônomos) melhor se sentem, porque, assim, eles conseguem maior remuneração. Muitos repórteres sentem prazer em fechar uma matéria tarde da noite ou na madrugada; gostam de trabalhar no *free lance* que devem entregar em uma hora. Eles gostam disso e se sentem bem. O gosto pelo trabalho e o excesso de esforço na reportagem dá-lhes prazer. E quando são perguntados sobre sua profissão, respondem com orgulho: *jornalista, e por nada do mundo deixaria minha profissão*.

De outro lado, há empresas que incentivam a Qualidade de Vida no Trabalho. Por exemplo, em São Paulo, a Editora Abril tem horários diferenciados. Alguns jornalistas começam o horário de trabalho às 10 horas, outros, ao meio-dia, e assim por diante. Todos eles podem usufruir da sala de ginástica que a Editora montou. No site *Terra* contrataram um serviço de massagens para seus empregados. No passado, isso não existia.

Na verdade, a comunicação, no sentido amplo do processo comunicativo, envolve as interações humanas, as sociabilidades, as técnicas e práticas, as tecnologias, as novas sensibilidades, a comunicação como poder e desenvolvimento dos grupos sociais. O mundo do trabalho é mediação fundamental na recepção dos meios de comunicação e as relações que acontecem no mundo do trabalho formam o ponto de vista a partir do qual o receptor se relaciona com os sentidos e as representações do mundo. Assim, a noção trabalho permanece teoricamente importante, para que se compreenda a realidade. Conseguimos compreender que o mundo do trabalho é mediação fundamental na recepção da comunicação, que tem sido requisitada para ajudar a pensar as transformações que se dão no trabalho, pois a comunicação faz parte dele, não apenas como instância de sociabilidade, mas como técnicas, instrumentos e procedimentos; como integrante das forças produtivas.

Jornalismo socialmente responsável

O jornalismo, como prática social, comporta a socialidade[3], a ritualidade[4] e a tecnicidade[5]. Seguindo Barbero, podemos dizer que, frente às velhas concepções dicotomizantes, a etnografia da produção nos descobre hoje a profunda imbricação entre operação e expressão, entre as rotinas do trabalho e as energias da transformação. Neste cenário é que as *Narrativas da Contemporaneidade*[6] iluminam o caminho no mundo das mutações do trabalho. Um diferencial não somente para a qualidade de vida no trabalho, mas também para a QVI. A tese de doutorado em Psicologia, *Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro*,[7] que investigou os jornais impressos de circulação diária do país e, num primeiro momento, analisou 16 exemplares de 11 diferentes jornais brasileiros, totalizando 176 edições, colhidas no período de 25 de junho de 2004 a 10 de julho de 2004, identificou que os repórteres autores de 61 reportagens vivem um diferencial nas suas vidas de jornalistas.

Participaram dessa amostra 79 jornalistas, 57% do sexo masculino e 43% do sexo feminino, na faixa de 20 anos a mais de 60 anos de idade, com experiência profissional oscilando entre 1 ano e mais de 30 anos. Os sujeitos foram divididos em dois segmentos: o Grupo 1, com 41 sujeitos, e o Grupo 2, com 38 integrantes, todos eles profissionais de imprensa atuantes nos jornais *Correio Braziliense*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora*. A análise dos resultados permitiu concluir que há níveis de criatividade no jornalismo impresso diário brasileiro, principalmente pela prática das Narrativas da Contemporaneidade, assim como os sujeitos apresentam indicativos de que possuem características ligadas à criatividade verbal.[8]

Segundo a pesquisa de Celso Luiz Falaschi, os jornais *Correio Braziliense*, *O Estado de S. Paulo* e *Zero Hora* têm investido sistematicamente na produção de reportagens cativantes, com freqüência diária, e não apenas nas edições que circulam aos domingos. No período delimitado pela pesquisa, detectou-se a seguinte quantidade de Narrativas da Contemporaneidade nesses três periódicos: 29 no *Correio Braziliense*, 18 em *O Estado de S. Paulo* e 14 no *Zero Hora*, num total de 61 reportagens preenchendo os requisitos do Jornalismo Literário, o que equivale a 78,2% da amostra coletada. Esses números revelam que a produção de reportagens em profundidade, em ocasiões especiais ou não, em qualquer dia da semana, está se tornando mais freqüente entre os jornais impressos brasileiros de maior circulação diária.

Conforme Ana Dubeux, editora-chefe do *Correio Braziliense*, o projeto iniciado por Ricardo Noblat, em 1990, continua em execução e aperfeiçoamento. Ela ressalta que, mesmo nas coberturas do cotidiano em Brasília, sede dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, há recomendação para que os repórteres

encontrem novas angulações e desenvolvam narrativas humanizadas, de forma a atrair a atenção do leitor para acontecimentos que aparentemente são de interesse apenas daqueles que os discutem, mas interferem diretamente nas rotinas de todos os brasileiros.

Os editores do *Zero Hora*, com sede em Porto Alegre, revelam que o jornal é uma vitrine para os jornalistas gaúchos, que procuram ali trabalhar não só pelos bons salários e benefícios trabalhistas oferecidos, mas também pelas possibilidades de exposição profissional decorrentes da produção de textos de melhor qualidade, projeto que vem sendo ampliado para os outros jornais do grupo, no interior do Rio Grande do Sul e Florianópolis. Conforme o diretor de redação, *Zero Hora* é o único entre os 15 maiores jornais brasileiros a manter um ritmo de crescimento em suas tiragens médias diárias, na ordem de 2% a 2,5%, o que é bastante expressivo, uma vez que, como aponta a Associação Nacional de Jornais, os periódicos brasileiros têm registrado contínuas quedas de tiragens nos últimos anos. Ele acredita que a mudança do padrão editorial, com matérias mais elaboradas e envolventes, é um dos fatores, senão o principal, desse movimento diferencial, em comparação com seus co-irmãos.

Da pesquisa de Celso Luiz Falaschi podemos inferir que a prática de um jornalismo humanizado e criativo permite não somente o crescimento dos jornais como empresas jornalísticas (que vivem da notícia como produto à venda), como também da QVI dos repórteres.

Mas, quais as características criativas dos jornalistas que produziram essas matérias? A pesquisa de Celso Luiz Falaschi destaca as seguintes características: curiosidade, fluência verbal, flexibilidade intelectual, idéias enriquecidas e elaboradas, idéias originais e inovadoras, motivação e sensibilidade. Por outro lado, quando se observa quais sugestões esses sujeitos apresentam para que um jornalista produza com qualidade, percebe-se que eles apontam situações bastante pertinentes ao exercício da QVI: cultivar visões amplas do mundo, cultivar o bom humor, cultivar o convívio social e cultivar a autoconfiança. Falaschi salienta que cultivar o bom humor é sempre importante para que o sujeito se sinta mais feliz e mais leve. Por outro lado, cultivar o convívio social é indispensável para o sujeito se sentir incluído na sociedade e parte integrante de diferentes grupos. A autoconfiança é fundamental, uma vez que um jornalista precisa confiar em si mesmo, incondicionalmente, para realizar seu trabalho a contento.

A pesquisa do diálogo social, como propõe a pesquisadora Cremilda Medina, vem reforçar esta visão de mundo complexa que permite iluminar o caminho pelo mundo das mutações do trabalho. Eis outro nicho onde os repórteres têm-se desempenhado e procurado novas formas de exercício profissional. Olhar que

comunga com a pauta social e o papel do comunicador nas organizações não-governamentais (ONGs). Aí, os repórteres, ao tempo que se desempenham como consultores e assessores, colaboram para despertar, mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerir seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade sustentável e justa. Isso, além de estabelecer padrões éticos de relacionamento com os diversos públicos, já que as ONGs consideram extremamente importante a participação dos meios de comunicação e dos jornalistas nesse processo, em prol do progresso social e da melhoria da qualidade de vida das populações.

Vida do ser ou vida de repórter?

Assim, nossa pesquisa se abre para uma nova interrogação: como entrelaçar e/ou fecundar os projetos de vida profissional, pessoal e coletiva? Tanto na pesquisa de campo como nos depoimentos recolhidos e nas pesquisas consultadas, percebemos uma "invasão" da profissão na vida dos repórteres. Existe grande identificação com ela e perda na vida pessoal e familiar. Lembremos o pensamento da psicanalista e ex-jornalista Maria Rita Kehl no capítulo 3, onde o jornalista é estimulado o tempo todo e ferido em sua busca cotidiana da notícia.

A análise deixou perceber também que os jornalistas abrem espaço de ação em outras áreas e não se contentam mais em procurar emprego só nas empresas jornalísticas. Mas ainda fica a preocupação sobre a QVI dos jornalistas nos estudos que apontam agravantes na saúde, ainda que existam poucos estudos qualitativos sobre esse aspecto. Existem inúmeras pesquisas quantitativas que demonstram que a parada cardíaca é a principal causa de morte dos repórteres, produto do alto grau de tensão em que vivem no dia-a-dia da cobertura jornalística. Consultamos alguns estudos:

1. A pesquisa de Sílvio Júlio Nassar, *Doenças profissionais em comunicação social*, apresentada na Universidade Estadual de Rio de Janeiro, em 1990, mostra como as doenças do estômago, do coração, os problemas com álcool e drogas, esgotamento e problemas de coluna são freqüentes neste grupo de profissionais. Numa amostra de dois anos, observou-se que o câncer e o infarto foram as doenças que mais causaram morte. Dos 55 casos analisados, 10 mortes foram por câncer, 25 por problemas do coração, cinco por acidente, quatro por problemas no cérebro, quatro por problemas do pulmão, dois tiveram septicemia, dois suicídios e um sem

causa anunciada.

2. Outro estudo mais recente, de autoria de José Roberto Heloni, *Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista*, apresentado na Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP), mostra indicativos quase iguais e conclui que o jornalista é obrigado a se adaptar a grandes mudanças empresariais, além de ser tratado como máquina, produzindo altos graus de estresse.

3. Uma pesquisa realizada pelo jornalista José Augusto Guto Camargo, no *Programa de Aperfeiçoamento da Informação de Mortalidade* (Pro-Aim), em São Paulo, também aponta que as maiores causas identificadas de óbitos, entre os jornalistas, são as doenças isquêmicas do coração, calculando 64 mortes entre os anos 1996 e 2003, seguidas por diversos tipos de câncer (62 ocorrências).

4. Os jornalistas, que estão nos meios de comunicação, vivem nas redações ambientes estressantes e de desqualificação profissional. Pelo menos, é o que aponta a pesquisa de Glauco Cortes Rodrigues, *O pensamento negado: o jornalista entre a razão e a desrazão*, dissertação de mestrado apresentada em 1992 na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).

5. A tese de doutorado *As condições e contradições do trabalho jornalístico - Sempre alerta*, de Jorge Cláudio Júnior Ribeiro, apresenta depoimentos, colhidos em 1992, não muito diferentes das afirmações anteriores e mostra graves problemas psicossomáticos (hipertensão, doenças do coração, sofrimento mental, distúrbios no sono e no apetite) causados pelo alto grau de angústia em que vivem estes profissionais.

Propomos uma pesquisa qualitativa para a área da saúde, em parceria com a OMS ou a Secretaria da Saúde, para perceber, sentir e analisar como está a saúde dos jornalistas e como esta influencia seu trabalho na mesma profissão. A pesquisa tentaria descobrir a morbidade dos jornalistas, por exemplo, nos últimos dez anos. Quais as queixas mais comuns? Que problemas psicossomáticos são mais freqüentes? Enfim, fazer um alerta para esses profissionais que contribua para a conscientização da QVI porque ela é o ar que oxigena, a cada dia, nossos corpos e mentes. Como poderíamos contribuir para a conscientização dos jornalistas de que é necessário trabalhar sua QVI?

Um caminho importante e que foi sugestão do grupo pesquisado é a criação de um projeto de qualidade de vida no trabalho do repórter. Acreditamos que seria um grande passo para todos aqueles que permanecem comprometidos com seu emprego. A QVT seria o mediador para que os jornalistas possam alcançar sua QVI. Assim, o trabalho jornalístico se construiria no espaço de reconhecimento, de auto-estima, de realização, de identidade e tomada de consciência no **ser**, **fazer** e **agir**.

Eis a importância da QVT no enfoque da mediação como propomos no capítulo primeiro, sendo conveniente para nossas vidas a sincronização entre mente e corpo, cultura e vida social e vida pragmática e instantes, sob o paradigma de visão abrangente, na qual o trabalho, aos poucos, pode dispor uma profunda dimensão de transformação no ser humano. O seja, a QVT como mediação (resultante da permanente negociação de sentidos no espaço-tempo da produção) e construção de identidade no processo das forças sociais de sentidos operadas pela sociedade e que convergem e emergem do campo do trabalho, para desembocar numa mediação maior, a QVI, fundadora do humano ser e dos processos e dinâmicas sociais.

Vem acontecendo uma reconfiguração não só do papel profissional do repórter, mas também do seu papel social. Nisso importa considerar sempre o uso individual das possibilidades inerentes à interação complexa dos tempos e espaços que exigem do jornalista uma nova mentalidade, capaz de criar sua Narrativa da Contemporaneidade de forma original e consistente.

[1] ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. Boitempo Editorial, São Paulo, 1999.

[2] FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo, Contexto, 2003, pp. 56-60.

[3] "É o nome com que hoje se denomina o que na sociedade excede a ordem da razão institucional. Socialidade é a trama que formam os sujeitos e os atores em suas lutas por furar a ordem e redesenhá-la, mas também suas negociações cotidianas com o poder e as instituições. Dela emergem os movimentos que deslocam e recompõem o mapa dos conflitos sociais, dos modos de interpelação e constituição dos atores e das identidades". [Tradução de Janis Shirley Gelves P.]. MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las prácticas. **In**: *La Comunicación desde las Prácticas Sociales. Reflexiones em torno a su investigación*. México: Universidad Iberoamericana, 1999, p. 12.

[4] "Mas qualquer interação ou troca é só duradoura se toma forma. E todo movimento que não seja simples explosão ou agitação gera regularidades e rotinas. A ritualidade é o que nas práticas sociais fala, ao mesmo tempo, da repetição e da operabilidade. Ao religar a ação aos ritmos do tempo e aos eixos do espaço, a ritualidade põe regras ao jogo da significação, introduzindo gramaticalidade e fazendo, assim, possível a expressão do sentido." [Tradução de Janis Shirley Gelves P.]. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Idem nota 3, p.12.

[5] "Durante muito tempo, a redução da técnica a instrumento há opacificado o que ela tem de sedimentação de saber, e nos impedido de assumir, como dimensão constitutiva das práticas, o que os antropólogos como M. Mauss denominaram tecnicidade. O pensamento ocidental não há podido saldar ainda a separação que opõe interior ao exterior, a essencialidade da verdade ou a ação ao acessório de sua manifestação. Em sua análise da "atrofia da aura", na obra de arte por causa da reprodutividade W. Benjamin, será pioneiro em questionar a instrumentalidade da técnica, conectando as inovações da tecnicidade com as transformações do sensorium, dos modos de percepção e experiência social." [Tradução de Janis Shirley Gelves P.]. MARTÍN-BARBERO, Jesús. Idem nota 3, p.13.

[6] "(...) a arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, a inteligência humana organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui outra realidade: a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital. A contemporaneidade, tal qual as percepções traduzem em narrativas, oferece inúmeros desafios não só ao cidadão nela situado com relativo conforto, mas também ao que carrega o fardo da marginalização de qualquer origem – social, étnica, cultural ou religiosa. Enunciar um texto que espelhe o dramático presente da história é, a princípio, um exercício doloroso de inserção no tempo da cidadania e da construção de oportunidades democráticas. Ao se dizer, o autor se assina como humano com personalidade; ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas; ao traçar a poética intimista, que aflora do seu e do inconsciente dos contemporâneos, o artista conta a história dos desejos. Da perspectiva individual, sociocomunicacional ou artística, a produção simbólica oxigena os impasses do caos, da entropia, das desesperanças, e sonha com um cosmos dinâmico, emancipatório." MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003. pp. 47-48.

[7] FALASCHI, Celso Luiz. *Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro*. Tese de Doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Solange Múglia Wechsler. Campinas: PUC, 2005.

[8] FALASCHI, Celso Luiz. Idem nota 7.

BIBLIOGRAFIA

ACKERMAN, Diane. *Una historia natural de los sentidos*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1993.

ALBUQUERQUE, Sandra Márcia Ribeiro Lins de. *Qualidade de vida do idoso*: a assistência domiciliar faz a diferença?. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda: Cedecis, 2003.

ALBUQUERQUE, Lindolfo Galvão de., *Competitividade e recursos humanos*. Concurso de professor titular. Universidade de São Paulo - Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade, São Paulo, 1992.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1999.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. **In**: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Abril Cultura, 1978.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. 2ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

CAETANO, Miriam Lins. *Lágrimas de Álcool: as diversas faces experimentadas pelo alcoólatra*. Livro-reportagem apresentado para obtenção do título de bacharel na habilitação Jornalismo. Orientador: Prof. Dr. Raul Osório Vargas. Curso de Comunicação Social – Universidade de Uberaba. Uberaba, dezembro de 2003.

CURY, Augusto. *12 semanas para mudar uma vida*. Colina, São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2004.

CHEVALIER Jean & GREERBRANT Alain. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução: Vera da Costa e Silva...[et al]. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1990.

DAVIS, Keith & NEWSTROM, Jhon W. *Comportamento humano no trabalho: uma abordagem psicológica*. Tradução: CODA, Roberto & BERGAMINI, Cecília W., V.1, São Paulo: Pioneira Editora, 1992.

DAVIS, Louis & CHERNS, A.. Goal for enhancing the quality of working life. **In**: *The quality of working life*. New York: Ed. Free Press, 1975.

DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.* Trad. PARAGUAY Ana Isabel & FERREIRA Lúcia L, 3ª edição, São Paulo: Cortes Editora Oboré, 1988.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, E & JAYET C. *Psicodinâmica do trabalho*. Coord. BETIOL, Ma Irene Stocco. CEPT - Centro de Estudos e Pesquisa do Trabalho. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

DELAMOTTE, Yves & TAKEZAWA Shin-ichi. *Quality of working life in international perspective*. Switzarland, International Labour Office Geneva, 1984.

FAERMAN, Marcos. **In**: *Repórteres* / Audálio Dantas organizador. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

FALASCHI, Celso Luiz. *Identificação de narrativas e características criativas no jornalismo impresso diário brasileiro*. Tese de Doutorado. Orientadora: Profa. Dra. Solange Múglia Wechsler. Apresentada na Faculdade de Psicologia. Campinas: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2005.

FERRARI, Pollyana. *Jornalismo Digital*. São Paulo: Contexto, 2003.

FERNANDES, Eda Conte. *Qualidade de Vida no Trabalho*. Salvador, BA. Editora: Casa da Qualidade, 1996.

FONSECA, Antônio Manuel. *Personalidade, projetos vocacionais e formação pessoal e social*. Porto: Porto Editora, 1994.

FRANZINI, Renato Jr. O Vampiro dos Jardins. **In**: *Bem viver, mal viver*. São Paulo de Perfil no 19. Organizadora: Cremilda Medina. São Paulo: CJE/ECA/USP, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. Organização de Ana Mª Araújo Freire. São Paulo, Editora UNESP, 2001.

FREITAS, Sueli de & CAMARGO, José Augusto G. Pela realização do 1 Encontro Nacional de Saúde do Jornalista. **In**: *Saúde e Previdência*. XXXI Congresso Nacional dos Jornalistas, Hotel Tropical Tambaú, João Pessoa – Paraíba, 4 a 8 de agosto de 2004.

GELVES-PEÑA, Janis Shirley. *O âmago de um espinho adormecido: Análise da gestão de qualidade de vida no trabalho em um hospital psiquiátrico público*. Dissertação de Mestrado. Apresentada na Faculdade de Administração, Economia e Contabilidade – FEA, Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Limongi F, São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 10 de outubro de 2000.

GRECO, Milton. Fronteiras abertas da produção. **In**: *Projeto Plural - Novo Pacto da Ciência Nº 4: Sobre vivências no mundo do trabalho*. Organizadores: Cremilda Medina & Milton Greco. São Paulo, ECA/USP: CNPq, 1995.

GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: Editora FTD, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? **In**: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2ª ed. Organizado por: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000.

HOHENBERG, John. *O jornalista profissional*. São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1979.

HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio: século 21, o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.

LAGÔA, Ana. Ana C. Limongi F. Dedica-se à qualidade de vida no trabalho. **In**: *O impacto das mudanças*. JORNAL do Brasil, [Econômica, domingo 14 de março de 1999].

LIMA, Edvaldo Pereira. Da vigília ao sonho lúcido. **In**: *Saber Plural: O discurso fragmentalista da ciência e a crise de paradigmas*. Organizadores: Cremilda Medina, Milton Greco, São Paulo, ECA-USP, 1994.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Comportamento Organizacional – Conceitos e Práticas*. 1º Edição. São Paulo: Editora: SARAIVA, 2005.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Qualidade de vida no trabalho - Entrevista. **In**: *Jornal Segurança & Saúde no Trabalho*, São Paulo, v. 5, nº 82, junho de 2003, pp. 6-7.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Qualidade de Vida no Trabalho - Conceitos e práticas nas empresas da sociedade pós-industrial*. 2ª Edição. São Paulo, Ed. Atlas, 2003.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. É hora de agregar valor à vida – Entrevista. **In**: *Banas Qualidade*. São Paulo, v. 9, nº 97, junho de 2000.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Ambiente de trabalho é valorizado. **In**: *Zero hora: Empregos*. Porto Alegre, 28 de novembro de 1999, p. 1.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Trabalhando com o stress. [Depoimento] **In**: *Jornal Amanhã*. Porto Alegre, v. 12, nº 148, novembro de 1999, pp.48-53.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. Cuide de sua Qualidade de Vida. [Depoimento] São Paulo, 30 de junho de 1997, p. 5E.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Indicadores empresariais de qualidade de vida no trabalho: esforço empresarial e satisfação dos empregados no ambiente de manufaturas com certificação ISSO 9000*. Tese de Doutorado. Apresentada à Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina & RODRIGUES, Avelino Luiz. *Stress e trabalho: Guia Básico com abordagem psicossomática*. ATLAS, São Paulo, 1996.

LIMONGI-FRANÇA, Ana Cristina. *Era uma vez um certo LAMBARI*. Dissertação de Mestrado. Apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 1989.

LOPES, Aloísio. Regulamentação e Ética. **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003.

MACHADO, Nílson José. "*Sobre a idéia de projeto*". Faculdade de Educação: Universidade de São Paulo, março de 2000. [mimeógrafo]

MALDONADO, Mauro. *A subversão do ser. Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MARINOVICH, Greg Silva, João. *O clube do bangue-bangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARCHI, Ricardo de. *Gestão pessoal de saúde – realidades e desafios*. Documento apresentado no 1º Encontro Internacional de Gestão de Competências em QVT, 1998, [mimeógrafo]

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. De los medios a las prácticas. **In**: *La Comunicación desde las Prácticas Sociales. Reflexiones en torno a su investigación*. México: Universidad Iberoamericana, 1999.

MATTAR, Fauze Najib. *Pesquisa de Marketing*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MEDINA, Cremila. As múltiplas faces da censura. **In**: *Communicare*. Revista de Pesquisa/Faculdade Cásper Líbero. Edição especial: 40 anos do Golpe de Estado de 1964. Vol. 4 n° 2 – 2° semestre 2004.

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Profissão jornalista: responsabilidade social*. Rio de Janeiro: Editora Forense-Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. Jornalismo e Epistemologia da Complexidade. **In**: *Novo pacto da ciência: a crise dos paradigmas. Anais do 1° Seminário Transdisciplinar.* Coordenadora e organizadora Cremilda Medina. São Paulo: ECA-USP, 1991.

MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Cremilda. Novas estratégias de comunicação. **In**: *Sobre vivências no mundo do trabalho*. Organizadores Cremilda Medina, Milton Greco. São Paulo: ECA/USP: CNPq, 1995.

MEDINA, Cremilda. *Símbolos & narrativas: rodízio 97 na cobertura jornalística*. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 1998.

MEDINA, Sinval. Riquezas e injustiças do Brasil. **In**: *Planeta Inquieto: direito ao século XXI*. Organizadores Cremilda Medina, Milton Greco. Projeto Plural. Novo Pacto da Ciência N° 6. São Paulo: ECA/USP; 1998.

MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Editora Freitas Bastos, 1971.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. 5ª ed. São Paulo: Summus editorial, 1988.

MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. Tradução: Bergamini Cecília W. & Coda Roberto. São Paulo, Editora ATLAS, 1996.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. **In**: *Ensaios de Complexidade*. Coordenação de Gustavo de Castro. Porto Alegre: Sulina, 1997.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1984.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. Para além do Iluminismo. **In**: *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, Edipucrs, N° 26, abril de 2005.

NOGUEIRA, Adriana. Desejo de ser mãe. **In**: *Contigo*. São Paulo: Editora Abril, maio de 2005.

NORDENFELT, Lennart. Towards a theory of happiness: a subjectivist notion of quality of life. **In:** NORDENFELT, Lennart., ed. *Concepts and measurement of quality of life in health care*. London, Kluwer Academic Puc, 1994.

PRIGOGINE, Ilya. *El nacimiento del tiempo*. Tradução: Janis Shirley Gelves P. Barcelona: Tusquets Editores, 1993.

PASCHOAL, Sergio Marcio Pacheco. *Qualidade de vida do idoso: construção de um instrumento de avaliação através do método do impacto clínico*. Tese de Doutorado. Orientador: Julio Litvoc. Apresentada na Faculdade de Medicina Preventiva. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 2 de fevereiro de 2005.

PASCHOAL, Sergio Marcio Pacheco. *Qualidade de vida do idoso: elaboração de um instrumento que privilegia sua opinião*. Dissertação de Mestrado. Orientador: Julio Litvoc. Apresentada na Faculdade de Medicina. São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 19 de março de 2001.

RIBEIRO, Jorge Cláudio N. Júnior. *As condições e contradições do trabalho jornalístico - Sempre alerta*. Tese de Doutorado. Apresentada no Departamento de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 1992.

ROCHA Délio. Casos do antanho... Foi assim. Ora se não foi.... **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais – SJPMG, No 141. Belo Horizonte, Julho, 2003.

RODRIGUES, Glauco Cortes. *O pensamento negado*: *o jornalista entre a razão e a desrazão*. Dissertação de mestrado. Apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoriação da Escola de Comunicações e Artes - ECA, São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 1992.

ROTTERDAM, Erasmo de. *Elogio de la locura*. Traducción del latín y prólogo de A Rodriguez Bachiller. 4ª ed. Madrid-España: Editora Aguilar, 1960.

SACKS, Oliver W. *Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAGRERA, Martín. Función social del mito. **In**: *Mitos y sociedad*. Barcelona: Editorial Labor. s/d.

SALOMÃO, Mozahir. O homem não pode ser contrariado... **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003.

SANTOS, Mônica. Perseguição política de volta ao Palácio da Liberdade. Comissão de Ética e Liberdade de Imprensa, SJPMG. **In**: *Jornal Pauta*. Publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, Nº 141. Belo Horizonte, Julho, 2003.

SEASHORE, Stanley E. Indicateurs de la qualité de i'environnement et de la qualité de la vie. **In**: *Rapports et documents de sciences sociles*. Nº38. Publications de L'UNESCO: Agents Génëraux, 1976.

SEN, Amartya Kumar. *Desigualdade reexaminada*. Tradução: MENDES, Ricardo Doninelli. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. " Development as freedom". Tradução: MENDES, Ricardo Doninelli. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Pessoa e Existência*. São Paulo, Editora Autores Associados: Cortez 1983.

SÍPOLI, Cól Ana Flávia e BONI, Paulo César. A insustentável leveza do clique fotográfico. **In**: *Discursos fotográficos*. Revista do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005.

SITE: http://www.fenaj.org.br

SITE: http://www.jornalistasdeminas.org.br/site_novo/codigo.asp "Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2005".

SITE: http://www.jornaldotocantins.com.br/anteriores/04julh2000/artevida/art1.htm. "Sem estresse no trabalho e nas relações humanas". [Depoimento de Ana Cristina Limongi]

SITE: http://www.ead.fea.usp.br/wpapers. *Treinamento e Qualidade de vida*. Ana Cristina Limongi França. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), Universidade de São Paulo – USP. Nº 01/007.

SITE: http://www.ead.fea.usp.br/wpapers. *Paradigmas de qualidade de vida no trabalho e sistemas de gestão participativa em pesquisa tecnológica.* Milton de Abreu Campanário & Ana Cristina Limongi França. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), Universidade de São Paulo – USP. Nº 01/006.

TALESE, Gay. *O reino e o poder: uma história do New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRINCA, Walter. *A etérea leveza da experiência*. São Paulo: Edições Siciliano, 1991.

TRINCA, Walter. *O espaço mental do homem novo*. Campina, São Paulo: Papirus Editora, 1997.

TRINCA, Walter. *Psicanálise e expansão de consciência: apontamento para o novo milênio*. São Paulo, Vetor Editora, Psico-pedagógica – Ltda, 1999.

VARGAS, Raul H. Osorio. *O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: "O homem das areias", um flagrante do diálogo oratura-escritura*. Tese de Doutorado. Orientadora: Cremilda Medina. Apresentada ao Departamento de Jornalismo e Editoriação da Escola de Comunicações e Artes - ECA, São Paulo: Universidade de São Paulo – USP, 29 fevereiro de 2003.

VILAS, Sérgio Boas. Perseguição no trabalho é assédio moral. **In**: *Revista Equilíbrio*. Folha de São Paulo, 21 de fevereiro de 2002.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **In**: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2ª ed. Organizado por: Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2000.

ZIGGIATTI, Manoela M. Entrevista com a repórter Mônica Teixeira. **In**: *Mulheres Jornalistas: Opções Profissionais para a Construção da Cidadania*. Organização: Alice M. Koshiyama. São Paulo: Com-Arte, 2000.

ANEXOS

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte **ANEXO 1**

QUESTIONÁRIO DE QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL

UMA PESQUISA PARA RE-PENSAR O SER REPÓRTER

ESCLARECIMENTOS

O presente questionário ensaia mapear a Qualidade de Vida do Repórter Brasileiro, proveniente de metodologia desenvolvida na área de administração. A freqüência de suas respostas, para cada uma das declarações, irá refletir sua vida individual, profissional e social.

Da sua sinceridade nascerá a consistência dos resultados da presente pesquisa. Ela será útil para fazer dela um caminho possível, tanto para você como para os colegas novatos que estão entrando na trilha profissional. Ela, também, fará você refletir sobre seu jeito de ser repórter.

Por favor, dê liberdade a seus pensamentos, relaxe antes de responder e deixe que fluam suas respostas.

INSTRUÇÕES PARA O PREENCHIMENTO

A seguir, você encontrará uma lista de frases que visam a identificar sua percepção sobre seu jeito de agir, pensar e ser, tanto com você mesmo e, como você se projeta aos outros em situações pessoais, familiares ou profissionais. O interesse básico é avaliar em que grau se encontra sua qualidade de vida. É importante fazer-lhe este chamado para que trabalhe com seu ser interior, assim, conseguirá ser mais você e uma pessoa mais aberta nas suas respostas. **Tente se afastar de fórmulas, ideais e esquemas que atuam como modelos em nossas vidas; deixe seus sentimentos guiarem** suas respostas e, por favor, certifique-se que todas as questões formuladas foram respondidas. Não deixe nenhuma sem responder. No questionário, você encontrará vários quadros. Cada quadro tem uma série de frases.

Em cada frase, indique a freqüência com que se apresentam as situações em seu dia-a-dia. Você precisa dar um grau de importância às respostas, por isso, utilizamos números que têm um significado de acordo com as respostas. Leia cuidadosamente e dê sua opinião, marcando com um "X" sua resposta correspondente no quadro.

Lembre-se que esta pesquisa não é um teste, não existem respostas certas ou erradas. **Não precisa dar seu nome. Aqui estão as informações necessárias.**

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

Eis o significado de cada número segundo sua percepção. Esta lista de respostas aparecerá no começo de cada quadro, para facilitar suas respostas:

1. Nunca 2. Raramente 3. Às vezes 4. Freqüentemente 5. Sempre

- *V ejamos um Exemplo:*

	1	2	3	4	5	
Qualquer problema me deixa paralisado, mas me desbloqueio com facilidade.				X		
Qualquer problema me deixa paralisado, minha criatividade fica nula.		X				

(Na codificação avalia o erro: não respondeu no código 91 equivalente a 0)

OBRIGADO POR SUA COLABORAÇÃO

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

N° Questionário

(Não preencher este campo)

1) Idade

2) Sexo M 1 F 2

(Neste item pode marcar mais de um)

3) Estado Civil:

Solteiro 1 Casado 3 Desquitado 5

Viúvo 2 Divorciado 4 Separado 6

4) Tempo de casa anos

meses

5) Tempo no cargo anos

meses

6) Escolaridade (Além de ser formado como jornalista e atuado profissionalmente como repórter)

Superior Completo..... 1

Superior Incompleto 2

Mestrado..... 3

Doutorado..... 4

Pós-doutorado 5

Outros estudos, qual..... 6

7) Nome do cargo que ocupa na atualmente:

8) Seu salário oscila entre:

Até 500 1

De 501 a 801 2

De 802 a 1100 3

De 1101 a 1400 4

De 1401 a 1700 5

De 1701 a 2000 6

De 2001 a 2300 7

De 2301 a 2600 8

De 2601 a 2900 9

De 2901 a 3200 10

De 3201 a 3500 11

De 3501 a 3800 12

De 3801 a 4100 13

De 4101 a 4400 14

De 4401 a 4700 15

De 4701 a 5000 16

De 5001 a 5300 17

De 5601 a 5900 19
De 5901 a 6200 20
Acima de 6201 21

****

O Significado de cada número segundo sua percepção.
1. N unca **2.** Raramente **3.** Às vezes **4.** Freqüentemente **5.** Sempre

1. Atividade

	1	2	3	4	5
1.1.Manter-se informado sobre novos conteúdos, avanços da ciência e acontecimentos recentes.					
1.2.Participar regularmente de eventos de estudo e atualização da profissão.					
1.3.Manter-se atualizado sobre assuntos de sua área de especialização ou atuação.					
1.4.Farei tudo o que a vida exigir de mim. Darei todas as contribuições que estiverem ao meu alcance.					
1.5.O ambiente de trabalho é estável, as relações profissionais são boas, sinto-me seguro e protegido.					
1.6.Sou capaz de observar e abordar fatos e assuntos de diferentes ângulos em busca de conteúdos mais plurais e complexos.					
1.7.Separo relações pessoais e profissionais quando estou em contato de trabalho com as fontes.					
1.8.Trabalho com afinco, mas espero ser recompensado e elogiado pelo que faço.					
1.9.Recebo incentivos em meu trabalho.					
1.10.Consigo administrar minha visão de mundo (crenças e valores pessoais), quando da e scolha e contato com as fontes de informação.					
1.11.Tenho possibilidades de crescimento no trabalho.					
1.12.Considero-me uma pessoa perfeccionista e crítica com o que faço e com o que fazem os outros.					
1.13.Em meu trabalho, fico constantemente em estresse.					
1.14.Sempre ultrapasso em horas extras de trabalho e às vezes levo trabalho para casa.					
1.15.A empresa onde trabalho oferece oportunidades de lazer em geral.					
1.16.Começo várias coisas ao mesmo tempo, às vezes duas, e não acabo nenhuma.					
1.17.Trabalho com afinco, mas não espero ser recompensado ou elogiado pelo que faço.					
1.18.Mantenho meu esforço para enfrentar desafios, pois quero ser bem-sucedido.					

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

O Significado de cada número segundo sua percepção.

1. Nunca **2.** Raramente **3.** Às vezes **4.** Freqüentemente **5.** Sempre

2. Criatividade

	1	2	3	4	5
2.1.Facilmente entro em depressão.					
2.2.Qualquer problema me deixa paralisado, minha criatividade fica nula.					
2.3.Vivo constantemente cansado. Acho que é meu estado natural.					
2.4.Sofro de insônia quando estou ansioso ou com problemas.					
2.5.Fico um tempão rolando na cama, pensando em tudo que tenho para fazer no dia seguinte.					
2.6.Sofro de insônia mesmo sem estar angustiado.					
2.7.Durmo bem sem problema.					
2.8.Encontro-me fazendo o que gosto, surgem novas idéias e trabalho com prazer.					
2.9.Vivo constantemente em tensão emocional.					
2.10.Durmo bem, mas acordo sempre cansado.					
2.11.Meu sono é muito leve, acordo com qualquer barulho.					
2.12.No dia-a-dia consigo fazer o que eu gosto, consigo colocar minhas idéias em prática e meu talento.					
2.13.O tempo e os desafios ensinaram-me a lutar e tenho consciência de que esses tempos estão difíceis.					
2.14.Tenho percepção da necessidade de equilíbrio entre características e manifestações emocionais e racionais.					
2.15.Procuro realizar ações que geram prazer pessoal, com reflexos positivos na atuação profissional.					
2.16.Qualquer problema me deixa paralisado, mas me desbloqueio com facilidade.					
2.17.Sinto-me eu mesmo quando estou criando algo novo.					

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

O Significado de cada número segundo sua percepção.

1. N unca **2.** Raramente **3.** Às vezes **4.** Freqüentemente **5.** Sempre

3. Tempo

	1	2	3	4	5
3.1.Tenho tempo disponível para o lazer.					
3.2.Percebo com facilidade quais hobbies me satisfazem e estão sendo prazerosos.					
3.3.Tenho tempo disponível para dedicar-me à m inha família.					
3.4.Faço qualquer atividade física com dedicação, e isso me faz sentir renovado.					
3.5.Vivo tão puxado de trabalho que não consigo espaço para compartilhar momentos com minha família.					
3.6.Tenho conseguido uma boa relação com o mundo, com meu trabalho, com minha família e comigo mesmo.					
3.7.Sou inquieto pelo aspecto espiritual, procuro uma verdadeira filosofia de vida.					
3.8.Tento trabalhar com freqüência meu eu interior, conquistando maior equilíbrio interno e cultivando a paciência e coragem.					
3.9.Busco autenticidade, procuro ser sempre verdadeiro comigo mesmo e com o outro.					
3.10.Abro um espaço para trabalhar minha auto-estima e controlar minhas emoções.					
3.11.Nas férias, faço o possível para atender a todos os meus desejos (assistir a todos os cinemas que puder, viajar, ir ao teatro, etc.) pois logo não terei tempo pra mais nada.					
3.12.Participo de cultos religiosos, procuro desenvolver-me espiritualmente.					
3.13.Apesar dos dias puxados de trabalho, pratico alguma atividade física ou de relax, mesmo que por curto tempo.					
3.14.Sinto que o trabalho que faço é “útil” para os outros.					
3.15.Sou uma pessoa com muitas ocupações, não tenho tempo para nada.					
3.16.Gosto de ignorar temporariamente os pensamentos e/ou lembranças que me trazem preocupação.					
3.17.Nunca chego a lugar algum na hora marcada. Já tive até descontos no salário por causa de atrasos.					
3.18.Sinto que o que faço não é “útil” para os outros.					
3.19.Sei administrar situações de desgaste pessoal nas mais diferentes relações.					

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

O Significado de cada número segundo sua percepção.

1. Nunca **2.** Raramente **3.** Às vezes **4.** Freqüentemente **5.** Sempre

4. Consciência

	1	2	3	4	5
4.1.Sinto bem-estar em meu trabalho.					
4.2.Faço o possível para melhorar meu comportamento.					
4.3.Percebo características negativas em meu perfil profissional, ao ver que não aceito essas mesmas características nos outros.					
4.4.Evito situações de estresse que possam prejudicar-me.					
4.5.Faço o possível para estar bem com as pessoas que me rodeiam.					
4.6.Modifico certas atitudes perante a vida; assim, sinto-me melhor.					
4.7.Evito relacionamentos que me causem distúrbios emocionais.					
4.8.Controlo minha saúde com freqüência.					
4.9.Sou uma pessoa atenta em tudo o que como, preocupo-me muito com minha alimentação.					
4.10.Procuro formas de me conhecer melhor, sentimentos e convicções mais íntimas.					
4.11.Tenho consciência dos níveis de pressão que resultam da relação de tempo e produtividade.					
4.12.Faço uso de drogas para aumentar o ânimo e sentir-me melhor.					
4.13.Utilizo as compras, o trabalho ou alguma atividade frenética a fim de esquecer meus problemas.					
4.14.Quando sou traído ou tratado injustamente, procuro esforçar-me para ser justo com os outros.					
4.15.Preservo boas relações com colegas de profissão, independente de níveis hierárquicos.					
4.16.Fico mal-humorado com facilidade, mais ainda quando tenho muitas coisas a fazer.					
4.17.Mantenho-me sintonizado com a cultura organizacional e política da empresa na qual atuo.					
4.18.Reconheço limitações de colegas de profissão, sem acentuá-las, e mantenho espírito de colaboração e equipe.					
4.19.Há dias em que sinto dores em qualquer parte do corpo (dor de cabeça, dor de costas, dor de pernas, dor de nuca, etc.)					
4.20.De vez em quando, principalmente quando estou tenso, sinto uma vontade desesperada de comer alguma coisa.					
4.21.Todos os meus problemas, sejam pessoais ou profissionais, são pequenas cascas em meu caminho para amadurecer, crescer e sentir o amor de Deus afirmando a perfeição do universo.					
4.22.Há dias em que me sinto neurótico, não gostaria falar com ninguém.					
4.23.Constantemente me sinto sem forças e como doente.					
4.24.Procuro manter níveis de autocrítica em relação à qualidade do próprio trabalho sem massacrar-me.					
4.25.Quem me vê imagina que nada me abala. Não consigo expressar minha raiva.					

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

O Significado de cada número segundo sua percepção.

1. Nunca **2.** Raramente **3.** Às vezes **4.** Freqüentemente **5.** Sempre

5. Identidade

	1	2	3	4	5
5.1.Sinto-me uma pessoa feliz com minha profissão.					
5.2.Conheço minhas frustrações e procuro meios e possibilidades de superá-las.					
5.3.Não tenho um pingo de paciência. Muitas vezes, me pego com vontade de bater nas pessoas.					
5.4.Mantenho-me aberto a diferentes possibilidades de compreensão e aceitação das diferenças entre mim e as outras pessoas.					
5.5.Sinto-me perdido profissionalmente. Não sei que tipo de jornalista sou e para que serve aquilo que faço.					
5.6.Gosto de beber; o álcool provoca relaxamento imediato.					
5.7.Não sei como agir em situações em que sou confrontado. Deixou-me intimidar com facilidade.					
5.8. Sinto-me que não aprecio oq ue estou fazendo profissionalmente.					
5.9.Em cada coisa que faço, penso que posso dar mais de mim mesmo. Há dias em que me sinto frustrado por isso.					
5.10.Acho normal pensar que sou superior às outras pessoas, pois tenho muitas qualidades (boa educação, dinamismo, disciplina), além de ter grandes valores por causa de minha classe social, realizações e crenças.					
5.11.Sinto-me feliz comigo mesmo e agradecido por minha vida.					
5.12.Caio facilmente no fumo para sentir-me mais relaxado.					
5.13.Neste momento, o m ais importante para mim são as questões de identidade. Não sei quem sou.					
5.14.Luto com todas as forças por causas, idéias, valores em que acredito e sou contra aqueles que são errados ou nocivos.					
5.15.Penso que devo ser amado e cuidado					
5.16.Sinto-me frustrado com o que eu sou.					
5.17.Aprecio o que estou fazendo profissionalmente.					
5.18.Sou uma pessoa muito sensível e qualquer coisa me deixa triste.					
5.19.Quando desafiado, enfrento a situação e, se necessário, luto para me defender.					
5.20.Meu trabalho tem-se convertido num estilo de vida, não consigo parar de trabalhar.					
5.21.Saio com facilidade das crises e sigo em frente numa boa.					
5.22.Gosto de encarar sempre os problemas, não sou pessoa de fugir deles.					
5.23.Sinto-me uma pessoa frustrada com minha profissão.					

Este questionário só pode ser utilizado para outras pesquisas desde que se cite a fonte. **ANEXO 1**

As seguintes perguntas podem ser respondidas em conjunto ou separadamente. Use o espaço que desejar.

A) O que é para você Qualidade de Vida Individual?

B) O que você faz para driblar sua ansiedade do dia?

C) Como diminui a tensão do dia-a-dia?

D) O que significa seu trabalho?

E) A profissão de jornalista é estressante? Se sim, que "válvulas de escape" utiliza para superar os problemas?

F) Que ações poderiam ser implementadas para melhorar a qualidade de vida individual do repórter, em nosso dia-a-dia?

G) Poderia contar um fato marcante de sua vida de repórter que mudou seu rumo profissional?

MUITO OBRIGADO PELA SUA VALIOSA COLABORAÇÃO

FREQÜÊNCIA DOS JORNALISTAS POR FAIXA ETÁRIA

ESTATÍSTICA	ANOS	INTERVALOS
Amostra	54	54
Media	34	3,09
Moda	32	3
Range	31	5
Mínimo	21	1
Máximo	52	6

IDADES	Freqüência	Percentual
21	1	1,85
23	3	5,56
24	2	3,70
25	2	3,70
26	1	1,85
27	1	1,85
28	2	3,70
29	1	1,85
30	3	5,56
31	1	1,85
32	5	9,26
33	4	7,41
34	4	7,41
35	3	5,56
36	3	5,56
38	2	3,70
40	3	5,56
41	3	5,56
42	1	1,85
44	1	1,85
45	2	3,70
47	1	1,85
48	1	1,85
50	1	1,85
51	2	3,70
52	1	1,85
Total	54	100

INTERVALOS	Freqüência	Percentual
Áte 25 anos	9	16,67
26 a 31	8	14,81
32 a 37	19	35,19
38 a 43	9	16,67
44 a 49	5	9,26
50 a 55	4	7,41
Total	54	100

ANEXO 3

FREQÜÊNCIA DOS JORNALISTAS POR ESTADO CIVIL E ASPECTO EDUCACIONAL.

ESTATÍSTICA	SEXO	CIVIL	GRAU DE ESTUDO
Amostra	54	54	54
Median	2	3	1
Mode	2	1	1
Range	1	6	7

ESTADO CIVIL	Freqüência	Percentual
Solteiro	25	46,29
Casado	21	38,88
Divorciado	3	5,55
Desquitado	2	3,70
Separado	2	3,70
Não respondeu	1	1,85
Total	54	100

GRAU DE ESTUDOS	Freqüência	Percentual
Superior Completo	35	64,81
Superior Incompleto	4	7,41
Mestrado	6	11,11
Doutorado	2	3,70
Segundo grau	2	3,70
Não respondeu	5	9,26
Total	54	100

ANEXO 4

FREQÜÊNCIA DOS JORNALISTAS POR TEMPO NO CARGO E TEMPO DE CASA

TEMPO NO CARGO	Freqüência	Percentual
Até 3 anos	17	31,48
4 a 6 anos	11	20,37
7 a 9 anos	2	3,70
10 a 12 anos	7	12,96
16 a 18 anos	3	5,56
19 a 21 anos	1	1,85
Mais de 25 anos	2	3,70
Poucos meses	2	3,70
Não respondeu	7	12,96
Mais de 5 meses	2	3,70
Total	54	100

TEMPO DE CASA	Freqüência	Percentual
Até 3 anos	16	29,63
4 a 6 anos	12	22,22
7 a 9 anos	2	3,70
10 a 12 anos	5	9,26
13 a 15 anos	2	3,70
16 a 18 anos	1	1,85
19 a 21 anos	1	1,85
22 a 24 anos	1	1,85
Poucos meses	4	7,41
Não respondeu	7	12,96
Mais de 5 meses	2	3,70
Free-lance há 3 anos	1	1,85
Total	54	100

ANEXO 5

FREQÜÊNCIA DOS JORNALISTAS POR CARGO QUE OCUPAM E REMUNERAÇÃO.

CARGO QUE OCUPAM	Freqüência	Percentual
Repórter	8	14,81
Repórter e Pauteira	1	1,85
Assistente de redação	1	1,85
Diretor de redação	1	1,85
Repórter Cinematográfico	1	1,85
Editor de área/repórter	2	3,70
Editor chefe	2	3,70
Desempregado	1	1,85
Diretor Dpt. de comunicações	1	1,85
Assessor de imprensa	5	9,26
Colaborador	1	1,85
não respondeu	10	18,52
Assessor de comunicações	3	5,56
Editor	4	7,41
Jornalista	4	7,41
Editor regional	1	1,85
Produtor de reportagens	1	1,85
Editor e apresentador	1	1,85
Produção	1	1,85
Analista suporte	1	1,85
Diretor jornalístico	1	1,85
Coordenador	1	1,85
Coordenador artístico	1	1,85
Locutor entrevistador	1	1,851852
Total	54	100

UNIFICAÇÃO DAS FUNÇÕES	Freqüência	Percentua
Desempregado	1	1,8
Não respondeu	10	18,5
Diretor de Redação	2	3,7
Repórter	16	29,6
Editor	14	25,9
Assessor de Imprensa	9	16,6
Free-lance	2	3,7
Total	54	10

Estatística		Oscilação do salário
Amostra	54	
	Missing	2
Median		5
Mode		3
Std. Deviation		3,65
Variance		13,34
Range		20

OSCILACÃO DO SALÁRIO		Freqüência	Percentual
	áte 500	5	9,26
	De 501 a 801	3	5,56
	De 802 a 1100	10	18,52
	De 1101 a 1400	7	12,96
	De 1401 a 1700	7	12,96
	De 1701 a 2000	5	9,26
	De 2001 a 2300	3	5,56
	De 2301 a 2600	3	5,56
	De 2601 a 2900	3	5,56
	De 2901 a 3200	3	5,56
	De 3501 a 3800	1	1,85
	De 3801 a 4100	1	1,85
	Acima de 6201	1	1,85
	Total	52	96,30
Missing	Não respondeu	2	3,70
Total		54	100

ANEXO 6

FREQUÊNCIA DAS VARIÁVEIS EM SUAS RESPECTIVAS NOÇÕES. "MISSING" E PERCENTUAL GERAL.

1. NOÇÃO DE ATIVIDADE

1.1.INFORMAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0	0.00		
2. Raramente	1	1.96		1
3. As vezes	4	7.4	3	1
4. Freqüentemente	20	37	8	12
5. Sempre	29	53.74	15	14
6. Não respondeu	0	0.00		
Total	54	100	26	28
			26	28

1.2.PARTICIPAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	3	5.68235294	1	2
2. Raramente	15	27.82	6	9
3. As vezes	15	27.82	5	10
4. Freqüentemente	14	25.9401961	8	6
5. Sempre	7	13.0254902	6	1
6. Não respondeu	0	0.00		
Total	54	100	26	28
			26	28

1.3.ATUALIZAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843	1	
2. Raramente	2	3.7215686	1	1
3. As vezes	7	13.02549	1	6
4. Freqüentemente	15	27.82	9	6
5. Sempre	28	51.980392	13	15
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

1.4.CONTRIBUIÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0	0.00		
2. Raramente	2	3.92156863	1	1
3. As vezes	9	16.72	5	4
4. Freqüentemente	16	29.6117647	7	9
5. Sempre	27	50.0039216	13	14
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.5.AMBIENTE TRABALHO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.3039216	2	3
2. Raramente	11	20.407843	5	6
3. As vezes	20	37.024118	10	10
4. Freqüentemente	12	22.229412	6	6
5. Sempre	5	9.3039216	2	3
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

1.6.OBSERVAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431	1	
2. Raramente	0	0		
3. As vezes	8	14.8862745	4	4
4. Freqüentemente	27	50.0588235	12	15
5. Sempre	18	33.333333	9	9
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.7.SEPARAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	7	13.02549	4	3
4. Freqüentemente	10	18.547059	3	7
5. Sempre	37	68.527451	19	18
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.8.RECOMPENSA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	3	5.88235294	3	
3. As vezes	9	16.727451	2	7
4. Freqüentemente	18	33.3333333	8	10
5. Sempre	24	44.4080392	13	11
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			52	28

1.9.INCENTIVOS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	7	13.02549	3	4
2. Raramente	12	22.2	8	4
3. As vezes	21	38.92549	9	12
4. Freqüentemente	9	16.747059	3	6
5. Sempre	4	7.4431373	2	2
6. Não respondeu	1	1.96	1	
Total	54	100	25	24
			26	24

1.10.ADMINISTRAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431	1	
2. Raramente	0			
3. As vezes	5	9.30392157	3	2
4. Freqüentemente	22	40.7156863	11	11
5. Sempre	26	48.1960784	11	15
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.11.CRESCIMENTO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	6	11.164706	2	4
2. Raramente	12	22.224314	8	4
3. As vezes	18	33.333333	10	8
4. Freqüentemente	13	24.101961	3	10
5. Sempre	5	9.3039216	3	2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.12.PERFEIÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431	1	
2. Raramente	2	3.72156863	1	1
3. As vezes	12	22.2294118	8	4
4. Freqüentemente	20	37.0941176	9	11
5. Sempre	19	35.2941176	7	12
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

ANEXO 6

1.13.ESTRESSE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843		1
2. Raramente	13	24.129412	6	7
3. As vezes	15	27.85098	7	8
4. Freqüentemente	16	29.637255	10	6
5. Sempre	9	16.762745	3	6
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.14.HORAS EXTRAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.72156863	1	1
2. Raramente	10	18.5470588	5	5
3. As vezes	15	27.8490961	4	11
4. Freqüentemente	13	24.1401961	9	4
5. Sempre	13	24.1401961	7	6
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	27
			26	28

1.15.LAZER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	21	38.901961	10	11
2. Raramente	18	33.333333	9	9
3. As vezes	11	20.468627	5	6
4. Freqüentemente	3	5.6823529	1	2
5. Sempre	0			
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

1.16.VÁRIAS COISAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	24	44.4080392	12	12
2. Raramente	14	25.9411765	7	7
3. As vezes	10	18.5313725	5	5
4. Freqüentemente	3	5.62352941	2	1
5. Sempre	2	3.72156863		2
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	27
			26	28

1.17.NÃO RECOMPENSA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	18	33.333333	9	9
2. Raramente	9	16.705882	4	5
3. As vezes	11	20.447059	5	6
4. Freqüentemente	8	14.862745	5	3
5. Sempre	8	14.862745	3	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

1.18.ESFORÇO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	2	3.74313725	1	1
4. Freqüentemente	17	31.5254902	7	10
5. Sempre	34	63.0588235	18	16
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	27
			26	28

2. NOÇÃO DE CRIATIVIDADE

2.1.DEPRESSÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	22	40.764706	15	7
2. Raramente	11	20.407843	3	8
3. As vezes	13	24.129412	4	9
4. Freqüentemente	3	5.6235294	1	2
5. Sempre	3	5.6235294	1	2
6. Não respondeu	2	3.7215686	2	
Total	54	100	9	28
			11	28

2.2.CRIATIVIDADE NULA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	15	27.8039216	9	6
2. Raramente	26	48.1235294	12	14
3. As vezes	10	18.5431373	5	5
4. Freqüentemente	2	3.745098		2
5. Sempre	1	1.96078431		1
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.3.CANSAÇO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	16	29.647059	10	6
2. Raramente	15	27.803922	7	8
3. As vezes	16	29.647059	6	10
4. Freqüentemente	3	5.6235294	2	1
5. Sempre	4	7.4313725	1	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	12	22.2941176	8	4
2. Raramente	14	25.9019608	9	5
3. As vezes	14	25.9019608	4	10
4. Freqüentemente	7	13.0196078	4	3
5. Sempre	7	13.0196078	1	6
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.5.PENSAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	10	18.523529	6	4
2. Raramente	18	33.333	11	7
3. As vezes	15	27.803922	6	9
4. Freqüentemente	6	11.103922	2	4
5. Sempre	5	9.3921569	1	4
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.6.INSÔNIA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	31	57.4509804	17	14
2. Raramente	11	20.4566275	5	6
3. As vezes	7	13.0470588	3	4
4. Freqüentemente	2	3.72156863	1	1
5. Sempre	3	5.62352941		3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

ANEXO 6

2.7.DORMIR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	4	7.4313725		4
2. Raramente	6	11.103922	4	2
3. As vezes	7	13.019608	3	4
4. Freqüentemente	22	40.756863	9	13
5. Sempre	15	27.811765	10	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.8.PRAZER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	2	3.78431373		2
3. As vezes	10	18.5431373	4	6
4. Freqüentemente	20	37.098	12	8
5. Sempre	22	40.745098	10	12
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.9.TENSÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	7	13.019608	6	1
2. Raramente	20	37.019608	8	12
3. As vezes	18	33.333333	9	9
4. Freqüentemente	5	9.3921569	1	4
5. Sempre	3	5.6235294	1	2
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

2.10.ACORDAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	13	24.1901961	7	6
2. Raramente	19	35.254902	8	11
3. As vezes	14	25.9803922	6	8
4. Freqüentemente	6	11.1647059	5	1
5. Sempre	1	1.96078431		1
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	101	26	28
			26	29

2.11.SONO LEVE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	13	24.101961	7	6
2. Raramente	16	29.647059	9	7
3. As vezes	9	16.747059	2	7
4. Freqüentemente	7	13.019608	5	2
5. Sempre	9	16.72549	3	6
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.12.FAZER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	5	9.39215686	3	2
3. As vezes	16	29.6490196	9	7
4. Freqüentemente	24	44.4705882	10	14
5. Sempre	8	14.8627451	4	4
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.13.LUTAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843	1	
2. Raramente	0			
3. As vezes	10	18.5294	5	5
4. Freqüentemente	21	38.964706	13	8
5. Sempre	22	40.745098	7	15
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.14.EQUILÍBRIO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	1	1.96078431	1	
3. As vezes	7	13.0196078	3	4
4. Freqüentemente	24	44.4098039	13	11
5. Sempre	22	40.7215686	9	13
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.15.AÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	3	5.6235294	2	1
3. As vezes	7	13.019608	4	3
4. Freqüentemente	27	50.039216	14	13
5. Sempre	17	31.511765	6	11
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.16.DESBLOQUEIO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	14	25.9803922	9	5
2. Raramente	11	20.4078431	3	8
3. As vezes	18	33.3333333	5	13
4. Freqüentemente	9	16.7470588	9	0
5. Sempre	2	3.72156863		2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

2.17.EU MESMO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	1	1.9607843	1	
3. As vezes	11	20.405882	6	5
4. Freqüentemente	14	25.945098	7	7
5. Sempre	28	51.941176	12	16
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3. NOÇÃO DE TEMPO

3.1.LAZER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	3	5.627451		3
2. Raramente	9	16.705882	5	4
3. As vezes	22	40.72549	11	11
4. Freqüentemente	16	29.645098	7	9
5. Sempre	2	3.745098	1	1
6. Não respondeu	2	3.745098	2	
Total	54	100	24	28
			26	28

3.2.PERCEBER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.745098		2
2. Raramente	2	3.745098	1	1
3. As vezes	11	20.4568627	6	5
4. Freqüentemente	23	42.6470588	13	10
5. Sempre	15	27.8039216	6	9
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	27
			26	28

3.3.FAMÍLIA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.745098		2
2. Raramente	8	14.85098	5	3
3. As vezes	20	37.019608	11	9
4. Freqüentemente	20	37.019608	8	12
5. Sempre	4	7.4235294	2	2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.4.ATIVIDADE FÍSICA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	6	11.1470588	3	3
2. Raramente	11	20.4313725	7	4
3. As vezes	15	27.8411765	9	6
4. Freqüentemente	13	24.1509804	5	8
5. Sempre	6	11.1470588	2	4
6. Não respondeu	3	5.62352941		3
Total	54	100	26	25
			26	28

.5.EXCESSO DE TRABALH	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.3921569	2	3
2. Raramente	20	37.033	8	12
3. As vezes	17	31.53333	10	7
4. Freqüentemente	6	11.147059	3	3
5. Sempre	5	9.3921569	2	3
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.6.BOA RELAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.745098	1	1
2. Raramente	6	11.1470588	3	3
3. As vezes	16	29.6470588	7	9
4. Freqüentemente	26	48.1058824	13	13
5. Sempre	4	7.43137255	2	2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	10	18.582353	5	5
2. Raramente	7	13.058824	5	2
3. As vezes	8	14.862745	3	5
4. Freqüentemente	18	33.333333	6	12
5. Sempre	9	16.705882	6	3
6. Não respondeu	2	3.745098	1	1
Total	54	100	25	27
			26	28

3.8. EU INTERIOR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	3	5.62352941	2	1
3. As vezes	10	18.5823529	1	9
4. Freqüentemente	18	33.3333333	10	8
5. Sempre	21	38.9215686	12	9
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.9.AUTENTICIDADE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	1	1.9607843	1	
4. Freqüentemente	22	40.721569	9	13
5. Sempre	30	55.627451	15	15
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.10.AUTO-ESTIMA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	3	5.63529412	1	2
3. As vezes	11	20.4	3	8
4. Freqüentemente	29	53.7039216	16	13
5. Sempre	9	16.7058824	5	4
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.11.DESEJOS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	4	7.4313725	2	2
2. Raramente	4	7.4313725	2	2
3. As vezes	15	27.84314	8	7
4. Freqüentemente	15	27.84	7	8
5. Sempre	16	29.647059	7	9
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.12.CULTOS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	7	13.0196078	4	3
2. Raramente	11	20.4470588	6	5
3. As vezes	11	20.4	4	7
4. Freqüentemente	10	18.5431373	5	5
5. Sempre	14	25.9019608	7	7
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	27
			26	28

3.13.ATIVIDADE FÍSICA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	6	11.147059	2	4
2. Raramente	14	25.909804	9	5
3. As vezes	15	27.803922	8	7
4. Freqüentemente	12	22.207843	5	7
5. Sempre	6	11.164706	1	5
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.14.TRABALHO ÚTIL	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	3	5.62352941	1	2
2. Raramente	1	1.96078431		1
3. As vezes	1	1.96078431		1
4. Freqüentemente	23	42.6470588	11	12
5. Sempre	26	48.1196078	14	12
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.15.OCUPAÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	8	14.862745	5	3
2. Raramente	10	18.523529	4	6
3. As vezes	22	40.758824	10	12
4. Freqüentemente	10	18.523529	6	4
5. Sempre	3	5.6235294		3
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	4	7.43137255	2	2
2. Raramente	8	14.8627451	4	4
3. As vezes	23	42.654902	10	13
4. Freqüentemente	11	20.4784314	5	6
5. Sempre	8	14.8254902	5	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.17.ATRASOS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	33	61.145098	17	16
2. Raramente	10	18.527451	4	6
3. As vezes	6	11.147059	4	2
4. Freqüentemente	2	3.7568627	1	1
5. Sempre	2	3.7568627		2
6. Não respondeu	1	1.9607843		1
Total	54	100	26	27
			26	28

3.18.NÃO É ÚTIL	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	41	75.941	21	20
2. Raramente	7	13.0470588	3	4
3. As vezes	4	7.43137255	2	2
4. Freqüentemente	2	3.72156863		2
5. Sempre	0			
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.7745098	1	1
2. Raramente	3	5.62353	1	2
3. As vezes	19	35.2146	5	14
4. Freqüentemente	18	33.33333	11	7
5. Sempre	12	22.2999	8	4
6. Não respondeu	0			
Total	54	100.25	26	28
			26	28

4. NOÇÃO DE CONSCIÊNCIA

4.1.BEM-ESTAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	2	3.7431373		2
2. Raramente	1	1.9607843		1
3. As vezes	11	20.4	5	6
4. Freqüentemente	30	55.6	16	14
5. Sempre	7	13	2	5
6. Não respondeu	3	5.6	3	
Total	54	100	23	28
			26	28

4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	6	11.1	2	4
4. Freqüentemente	28	51.9	11	17
5. Sempre	19	35.2	12	7
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

4.3.CARACTERÍSTICAS *NEGATIVAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	6	11.147059	3	3
2. Raramente	12	22.227451	4	8
3. As vezes	20	37.019608	12	8
4. Freqüentemente	11	20.427451	5	6
5. Sempre	5	9.3137255	2	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.4.EVITAR SITUAÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	3	5.6	1	2
2. Raramente	4	7.4	2	2
3. As vezes	19	35.2	8	11
4. Freqüentemente	16	29.6	8	8
5. Sempre	12	22.2	7	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.5.ESTAR BEM	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	2	3.7	1	1
4. Freqüentemente	20	37	10	10
5. Sempre	32	59.3	15	17
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.6.MODIFICAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	1	1.96078431	1	
3. As vezes	13	24.1	6	7
4. Freqüentemente	25	46.3	14	11
5. Sempre	14	25.9	5	9
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	3	5.6	1	2
2. Raramente	2	3.7	1	1
3. As vezes	18	33.3	10	8
4. Freqüentemente	14	25.9	6	8
5. Sempre	17	31.5	8	9
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.8.SAÚDE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	6	11.1058824	5	1
3. As vezes	19	35.2	12	7
4. Freqüentemente	16	29.6470588	5	11
5. Sempre	12	22.2843137	4	8
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.9.ALIMENTAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843		1
2. Raramente	8	14.8	4	4
3. As vezes	15	27.8	7	8
4. Freqüentemente	18	33.3	8	10
5. Sempre	11	20.4	6	5
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

4.10.CONHECIMENTO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	5	9.3	3	2
3. As vezes	13	24.1	5	8
4. Freqüentemente	23	42.6	11	12
5. Sempre	13	24.1	7	6
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	1	1.9607843		1
3. As vezes	9	16.7	4	5
4. Freqüentemente	24	44.4	11	13
5. Sempre	19	35.2	10	9
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

4.12.DROGAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	44	81.5	21	23
2. Raramente	6	11.1	4	2
3. As vezes	2	3.7	1	1
4. Freqüentemente	0	0		
5. Sempre	2	3.7		2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.13.ESQUECER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	25	46.352941	14	11
2. Raramente	10	18.588235	4	6
3. As vezes	11	20.443137	6	5
4. Freqüentemente	6	11.164706	2	4
5. Sempre	2	3.7156863		2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.14.JUSTIÇA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.33921569	3	2
2. Raramente	7	13.0254902	2	5
3. As vezes	11	20.4568627	8	3
4. Freqüentemente	17	31.572549	7	10
5. Sempre	14	25.9411765	6	8
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.15.BOAS RELAÇÕES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	1	1.9607843	1	
4. Freqüentemente	16	29.647059	8	8
5. Sempre	36	66.756667	16	20
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

4.16.MAL-HUMORADO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	6	11.1	1	5
2. Raramente	23	42.6	13	10
3. As vezes	19	35.2941176	9	10
4. Freqüentemente	4	7.43137255	2	2
5. Sempre	2	3.745098	1	1
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.17.SINTONIZAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	1	1.9607843		1
3. As vezes	11	20.4	4	7
4. Freqüentemente	29	53.7	17	12
5. Sempre	13	24.1	5	8
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.18.COLABORAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	1	1.96078431	1	
3. As vezes	13	24.1	7	6
4. Freqüentemente	23	42.6	12	11
5. Sempre	16	29.6	6	10
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.19.DORES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.3	4	1
2. Raramente	14	25.9	5	9
3. As vezes	19	35.2	10	9
4. Freqüentemente	11	20.4	4	7
5. Sempre	5	9.3	3	2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.20.DESESPERO DE COMER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	7	13	4	3
2. Raramente	21	38.9	9	12
3. As vezes	15	27.8	9	6
4. Freqüentemente	5	9.3	3	2
5. Sempre	6	11.1	1	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.21.PEQUENAS CASCAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843		1
2. Raramente	3	5.6	1	2
3. As vezes	13	24.1	6	7
4. Freqüentemente	14	25.901961	7	7
5. Sempre	22	40.7	12	10
6. Não respondeu	1	1.9607843		1
Total	54	100	26	28
			26	29

4.22.NEUROSES	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	14	25.9	9	5
2. Raramente	17	31.5	10	7
3. As vezes	16	29.6	6	10
4. Freqüentemente	4	7.4	1	3
5. Sempre	3	5.6		3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.23.SEM FORÇAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	22	40.7	13	9
2. Raramente	18	33.3	6	12
3. As vezes	10	18.5	7	3
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	2	3.7		2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.24.AUTOCRÍTICA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431	1	
2. Raramente	4	7.4		4
3. As vezes	17	31.5	6	11
4. Freqüentemente	27	50.0392157	17	10
5. Sempre	5	9.3	2	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

4.25.NADA ME ABALA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	7	13	4	3
2. Raramente	8	14.8	4	4
3. As vezes	20	37	9	11
4. Freqüentemente	11	20.4	6	5
5. Sempre	8	14.8	3	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5. NOÇÃO DE IDENTIDADE

5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.9607843	1	
2. Raramente	1	1.9607843		1
3. As vezes	7	13	3	4
4. Freqüentemente	21	38.9	10	11
5. Sempre	23	42.6	11	12
6. Não respondeu	1	1.9607843	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

5.2.SUPERAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	11	20.4	3	8
4. Freqüentemente	24	44.4	14	10
5. Sempre	18	33.3	8	10
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

5.3.IMPACIÊNCIA	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	20	37	13	7
2. Raramente	19	35.2	7	12
3. As vezes	12	22.2	5	7
4. Freqüentemente	1	1.9607843		1
5. Sempre	2	3.7	1	1
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	1	1.96078431		1
2. Raramente	1	1.96078431	1	
3. As vezes	11	20.4	6	5
4. Freqüentemente	26	48.1	13	13
5. Sempre	15	27.8	6	9
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	35	64.8	20	15
2. Raramente	12	22.2	5	7
3. As vezes	4	7.4	1	3
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	1	1.9607843		1
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.6.BEBER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	18	33.3333333	9	9
2. Raramente	12	22.2	6	6
3. As vezes	14	25.9	8	6
4. Freqüentemente	6	11.1	2	4
5. Sempre	4	7.4	1	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.7.INTIMIDAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	18	33.33	10	8
2. Raramente	19	35.2	11	8
3. As vezes	12	22.2	4	8
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	3	5.6	1	2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.8.NÃO APRECIO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	29	53.7	13	16
2. Raramente	12	22.2	7	5
3. As vezes	11	20.4	6	5
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	0			
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.9.FRUSTRAÇÃO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.3	3	2
2. Raramente	13	24.1	6	7
3. As vezes	20	37	11	9
4. Freqüentemente	11	20.4	4	7
5. Sempre	5	9.3	2	3
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.10.SUPERIOR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	27	50	12	15
2. Raramente	15	27.8	9	6
3. As vezes	7	13	4	3
4. Freqüentemente	3	5.6	1	2
5. Sempre	2	3.7		2
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.11.FELIZ COMIGO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	10	18.5	2	8
4. Freqüentemente	22	40.7	12	10
5. Sempre	22	40.7	12	10
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.12.FUMO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	44	81.5	20	24
2. Raramente	2	3.7	1	1
3. As vezes	3	5.6	2	1
4. Freqüentemente	1	1.96078431	1	
5. Sempre	3	5.6	1	2
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

5.13.QUEM SOU	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	45	83.3	22	23
2. Raramente	5	9.3	3	2
3. As vezes	1	1.9607843		1
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	1	1.9607843	1	
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.14.MINHAS IDÉIAS	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	9	16.7	6	3
2. Raramente	5	9.3	4	1
3. As vezes	7	13	3	4
4. Freqüentemente	17	31.5	7	10
5. Sempre	16	29.6	6	10
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.15.AMADO E CUIDADO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	4	7.4	2	2
2. Raramente	7	13	5	2
3. As vezes	7	13	5	2
4. Freqüentemente	12	22.2	8	4
5. Sempre	24	44.4	6	18
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	34	63	18	16
2. Raramente	12	22.2	6	6
3. As vezes	4	7.4	1	3
4. Freqüentemente	2	3.7		2
5. Sempre	1	1.96078431		1
6. Não respondeu	1	1.96078431	1	
Total	54	100	25	28
			26	28

5.17.APRECIO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	2	3.7		2
3. As vezes	5	9.3	3	2
4. Freqüentemente	22	40.7	10	12
5. Sempre	25	46.3	12	13
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	25	29
			25	29

5.18.SENSIBILIDADE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	12	22.2	7	5
2. Raramente	15	27.8	7	8
3. As vezes	14	25.9	5	9
4. Freqüentemente	8	14.8	6	2
5. Sempre	4	7.4	1	3
6. Não respondeu	1	1.96078431		1
Total	54	100	26	28
			26	29

5.19.DEFENDER	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	1	1.9607843		1
3. As vezes	8	14.8	4	4
4. Freqüentemente	24	44.4	11	13
5. Sempre	21	38.9	11	10
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.20.TRABALHO	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	5	9.3	5	
2. Raramente	8	14.8	3	5
3. As vezes	14	25.9	5	9
4. Freqüentemente	18	33.3	9	9
5. Sempre	9	16.7	4	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.21.SAIR CRISE	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	4	7.4	1	3
3. As vezes	14	25.9	7	7
4. Freqüentemente	28	51.9	15	13
5. Sempre	8	14.8	3	5
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.22.ENCARAR	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	0			
2. Raramente	0			
3. As vezes	9	16.7	5	4
4. Freqüentemente	26	48.1	12	14
5. Sempre	19	35.2	9	10
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	Freqüência geral	Percentual geral	Freqüências	
			Masculino	Feminino
1. Nunca	36	66.7	17	19
2. Raramente	6	11.1	4	2
3. As vezes	8	14.8	3	5
4. Freqüentemente	3	5.6	2	1
5. Sempre	1	1.9607843		1
6. Não respondeu	0			
Total	54	100	26	28
			26	28

ANEXO 7

PORCENTAGENS DE FREQÜÊNCIA DAS VARIÁVEIS EM SUAS RESPECTIVAS NOÇÕES POR GÊNERO.

MASCULINO					
Variáveis	Noções				
	1	2	3	4	5
1.1.INFORMAÇÃO	0	0	5.6	15	28
1.2.PARTICIPAÇÃO	-2	11	9.3	15	11
1.3.ATUALIZAÇÃO	-2	1.9	1.9	17	24
1.4.CONTRIBUIÇÕES	0	1.9	9.3	13	24
1.5.AMBIENTE TRABALHO	-4	9.3	19	11	3.7
1.6.OBSERVAÇÃO	-2	0	7.4	22	17
1.7.SEPARAÇÃO	0	0	7.4	5.6	35
1.8.RECOMPENSA	0	-6	-4	-15	-24
1.9.INCENTIVOS	-6	15	17	5.6	3.7
1.10.ADMINISTRAR	-2	0	5.6	20	20
1.11.CRESCIMENTO	-4	15	19	5.6	5.6
1.12.PERFEIÇÃO	**1.9**	-2	-15	-17	-13
1.13.ESTRESSE	0	-11	-13	-19	-6
1.14.HORAS EXTRAS	**1.9**	-9	-7	-17	-13
1.15.LAZER	-19	17	9.3	1.9	0
1.16.VÁRIAS COISAS	**22**	-13	-9	-4	0
1.17.NÃO RECOMPENSA	-17	7.4	9.3	9.3	5.6
1.18.ESFORÇO	0	0	1.9	13	33
2.1.DEPRESSÃO	**28**	-6	-7	-2	-2
2.2.CRIATIVIDADE NULA	**17**	-22	-9	0	0
2.3.CANSAÇO	**19**	-13	-11	-4	-2
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	**15**	-17	-7	-7	-2
2.5.PENSAR	**11**	-20	-11	-4	-2
2.6.INSÔNIA	**32**	-9	-6	-2	0
2.7.DORMIR	0	7.4	5.6	17	19
2.8.PRAZER	0	0	7.4	22	19
2.9.TENSÃO	**11**	-15	-17	-2	-2
2.10.ACORDAR	**13**	-15	-11	-9	0
2.11.SONO LEVE	**13**	-17	-4	-9	-6
2.12.FAZER	0	5.6	17	19	7.4
2.13.LUTAR	-2	0	9.3	24	13
2.14.EQUILÍBRIO	0	1.9	5.6	24	17
2.15.AÇÕES	0	3.7	7.4	26	11
2.16.DESBLOQUEIO	-17	5.6	9.3	17	0
2.17.EU MESMO	0	1.9	11	13	22
3.1.LAZER	0	9.3	20	13	1.9
3.2.PERCEBER	0	1.9	11	24	11
3.3.FAMÍLIA	0	9.3	20	15	3.7
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	-6	13	17	9.3	3.7
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	**3.7**	-15	-19	-6	-4
3.6.BOA RELAÇÃO	-2	5.6	13	24	3.7
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	-9	9.3	5.6	11	11
3.8. EU INTERIOR	0	3.7	1.9	19	22
3.9.AUTENTICIDADE	0	0	1.9	17	28
3.10.AUTO-ESTIMA	0	1.9	5.6	30	9.3
3.11.DESEJOS	**3.7**	-4	-15	-13	-13
3.12.CULTOS	-8	11	7.4	9.3	13
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	-4	17	15	9.3	1.9
3.14.TRABALHO ÚTIL	-2	0	0	20	26
3.15.OCUPAÇÕES	**9.3**	-7	-19	-11	0
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMEN	-4	7.4	19	9.3	9.3
3.17.ATRASOS	**32**	-7	-7	-2	0
3.18.NÃO É ÚTIL	**39**	-6	-4	0	0
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	-2	1.9	9.3	20	15

FEMININO					
Variáveis	Noções				
	1	2	3	4	5
1.1.INFORMAÇÃO	0	1.9	1.9	22	26
1.2.PARTICIPAÇÃO	-4	17	19	11	1.9
1.3.ATUALIZAÇÃO	0	1.9	11	11	28
1.4.CONTRIBUIÇÕES	0	1.9	7.4	17	26
1.5.AMBIENTE TRABALHO	-6	11	19	11	5.6
1.6.OBSERVAÇÃO	0	0	7.4	28	17
1.7.SEPARAÇÃO	0	0	5.6	13	33
1.8.RECOMPENSA	0	0	-13	-19	-20
1.9.INCENTIVOS	-7	7.4	22	11	3.7
1.10.ADMINISTRAR	0	0	3.7	20	28
1.11.CRESCIMENTO	-7	7.4	15	19	3.7
1.12.PERFEIÇÃO	0	-2	-7	-20	-22
1.13.ESTRESSE	**2**	-13	-15	-11	-11
1.14.HORAS EXTRAS	**2**	-9	-20	-7	-11
1.15.LAZER	-20	17	11	4	0
1.16.VÁRIAS COISAS	**22**	-13	-9	-2	-4
1.17.NÃO RECOMPENSA	-17	9.3	11	6	9.3
1.18.ESFORÇO	0	0	1.9	19	30
2.1.DEPRESSÃO	**13**	-15	-17	-4	-4
2.2.CRIATIVIDADE NULA	**11**	-26	-9	-4	-2
2.3.CANSAÇO	**11**	-15	-19	-2	-6
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	**7**	-9	-19	-6	-11
2.5.PENSAR	**7**	-13	-17	-7	-7
2.6.INSÔNIA	**26**	-11	-7	-2	-6
2.7.DORMIR	-7	3.7	7.4	24	9.3
2.8.PRAZER	0	3.7	11	15	22
2.9.TENSÃO	**2**	-22	-17	-7	-4
2.10.ACORDAR	**11**	-20	-15	-2	-2
2.11.SONO LEVE	**11**	-13	-13	-4	-11
2.12.FAZER	-2	3.7	13	26	7.4
2.13.LUTAR	0	0	9.3	15	28
2.14.EQUILÍBRIO	0	0	7.4	20	24
2.15.AÇÕES	0	1.9	5.6	24	20
2.16.DESBLOQUEIO	-9	15	24	0	3.7
2.17.EU MESMO	0	0	9.3	13	30
3.1.LAZER	-6	7.4	20	17	1.9
3.2.PERCEBER	-4	1.9	9.3	19	17
3.3.FAMÍLIA	-4	5.6	17	22	3.7
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	-6	7.4	11	15	7.4
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	**6**	-22	-13	-6	-6
3.6.BOA RELAÇÃO	-2	5.6	17	24	3.7
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	-9	3.7	9.3	22	5.6
3.8. EU INTERIOR	-2	1.9	17	15	17
3.9.AUTENTICIDADE	0	0	0	24	28
3.10.AUTO-ESTIMA	-2	3.7	15	24	7.4
3.11.DESEJOS	**4**	-4	-13	-15	-17
3.12.CULTOS	-6	9.3	13	9	13
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	-7	9.3	13	13	9.3
3.14.TRABALHO ÚTIL	-4	1.9	1.9	22	22
3.15.OCUPAÇÕES	**6**	-11	-22	-7	-6
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMEN	-4	7.4	24	11	5.6
3.17.ATRASOS	**30**	-11	-4	-2	-4
3.18.NÃO É ÚTIL	**37**	-7	-4	-4	0
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	-2	3.7	26	13	7.4

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	0	0	9.3	30	3.7
4.2.MELHORAR COMPORTAMENT	0	0	3.7	20	22
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVA	**5.6**	-7	-22	-9	-4
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	-2	3.7	15	15	13
4.5.ESTAR BEM	0	0	1.9	19	28
4.6.MODIFICAR	0	1.9	11	26	9.3
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	-2	1.9	19	11	15
4.8.SAÚDE	0	9.3	22	9.3	7.4
4.9.ALIMENTAÇÃO	0	7.4	13	15	11
4.10.CONHECIMENTO	0	5.6	9.3	20	13
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	0	0	7.4	20	19
4.12.DROGAS	**39**	-7	-2	0	0
4.13.ESQUECER	**26**	-7	-11	-4	0
4.14.JUSTIÇA	-6	3.7	15	13	11
4.15.BOAS RELAÇÕES	0	0	1.9	15	30
4.16.MAL-HUMORADO	**1.9**	-24	-17	-4	-2
4.17.SINTONIZAR	0	0	7.4	32	9.3
4.18.COLABORAÇÃO	0	1.9	13	22	11
4.19.DORES	**7.4**	-9	-19	-7	-6
4.20.DESESPERO DE COMER	**7.4**	-16	-17	-6	-2
4.21.PEQUENAS CASCAS	0	1.9	11	13	22
4.22.NEUROSES	**17**	-19	-11	-2	0
4.23.SEM FORÇAS	**24**	-11	-13	0	0
4.24.AUTOCRÍTICA	-2	0	11	32	3.7
4.25.NADA ME ABALA	-7	7.4	17	11	5.6
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	-2	0	5.6	19	20
5.2.SUPERAÇÃO	0	0	5.6	26	15
5.3.IMPACIÊNCIA	**24**	-13	-9	0	-2
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	0	1.9	11	24	11
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMEN	**37**	-9	-2	0	0
5.6.BEBER	**17**	-11	-15	-4	-2
5.7.INTIMIDAR	**19**	-20	-7	0	-2
5.8.NÃO APRECIO	**24**	-13	-11	0	0
5.9.FRUSTRAÇÃO	**5.6**	-11	-20	-7	-4
5.10.SUPERIOR	**22**	-17	-7	-2	0
5.11.FELIZ COMIGO	0	0	3.7	22	22
5.12.FUMO	**37**	-2	-4	-2	-2
5.13.QUEM SOU	**41**	-6	0	0	-2
5.14.MINHAS IDÉIAS	**11**	-7	-6	-13	-11
5.15.AMADO E CUIDADO	**3.7**	-9	-9	-15	-11
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	**33**	-11	-2	0	0
5.17.APRECIO	0	0	5.6	19	24
5.18.SENSIBILIDADE	**13**	-13	-9	-11	-2
5.19.DEFENDER	0	0	-7	-20	-20
5.20.TRABALHO	**9.3**	-6	-9	-17	-7
5.21.SAIR CRISE	0	1.9	13	28	5.6
5.22.ENCARAR	0	0	9.3	22	17
5.23.FRUSTRAÇAO PROFISSIONA	**32**	-7	-6	-4	0

4.1.BEM-ESTAR	-4	1.9	11	26	9.3
4.2.MELHORAR COMPORTAMEN	0	0	7.4	32	13
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIV	**6**	-15	-15	-11	-6
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	-4	3.7	20	15	9.3
4.5.ESTAR BEM	0	0	1.9	19	32
4.6.MODIFICAR	-2	0	13	20	17
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	-4	1.9	15	15	17
4.8.SAÚDE	-2	1.9	13	20	15
4.9.ALIMENTAÇÃO	-2	7.4	15	19	9.3
4.10.CONHECIMENTO	0	3.7	15	22	11
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	0	1.9	9.3	24	17
4.12.DROGAS	**43**	-4	-2	0	-4
4.13.ESQUECER	**20**	-11	-9	-7	-4
4.14.JUSTIÇA	-4	9.3	5.6	19	15
4.15.BOAS RELAÇÕES	0	0	0	15	37
4.16.MAL-HUMORADO	**9**	-19	-19	-4	-2
4.17.SINTONIZAR	0	1.9	13	22	15
4.18.COLABORAÇÃO	-2	0	11	20	19
4.19.DORES	**2**	-17	-17	-13	-4
4.20.DESESPERO DE COMER	**6**	-22	-11	-4	-9
4.21.PEQUENAS CASCAS	-2	3.7	13	13	19
4.22.NEUROSES	**9**	-13	-19	-6	-6
4.23.SEM FORÇAS	**17**	-22	-6	-4	-4
4.24.AUTOCRÍTICA	0	7.4	20	19	5.6
4.25.NADA ME ABALA	-6	7.4	20	9	9.3
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	0	1.9	7.4	20	22
5.2.SUPERAÇÃO	0	0	15	19	19
5.3.IMPACIÊNCIA	**13**	-22	-13	-2	-2
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	-2	0	9.3	24	17
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMEN	**28**	-13	-6	-4	-2
5.6.BEBER	**17**	-11	-11	-7	-6
5.7.INTIMIDAR	**15**	-15	-15	-4	-4
5.8.NÃO APRECIO	**30**	-9	-9	-4	0
5.9.FRUSTRAÇÃO	**4**	-13	-17	-13	-6
5.10.SUPERIOR	**28**	-11	-6	-4	-4
5.11.FELIZ COMIGO	0	0	15	19	19
5.12.FUMO	**44**	-2	-2	0	-4
5.13.QUEM SOU	**43**	-4	-2	-4	0
5.14.MINHAS IDÉIAS	**6**	-2	-7	-19	-19
5.15.AMADO E CUIDADO	**4**	-4	-4	-7	-33
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	**30**	-11	-6	-4	-2
5.17.APRECIO	0	3.7	3.7	22	22
5.18.SENSIBILIDADE	**9**	-15	-17	-4	-6
5.19.DEFENDER	0	-2	-7	-24	-19
5.20.TRABALHO	0	-9	-17	-17	-9
5.21.SAIR CRISE	0	5.6	13	24	9.3
5.22.ENCARAR	0	0	7.4	26	19
5.23.FRUSTRAÇAO PROFISSIONA	**35**	-4	-9	-2	-2

ANEXO 8

ÍNDICE NO NÍVEL BAIXO E ALTO DAS FREQÜÊNCIAS EM PERCENTUAL POR GENERO.

MASCULINO	Noções						
Variáveis	2	3	ÍNDICE	4	5	1	ÍNDICE
1.1.INFORMAÇÃO	0	5.6	5.6	14.8	27.8	0	42.6
1.2.PARTICIPAÇÃO	11.1	9.3	20.4	14.8	11.1	-1.9	24
1.3.ATUALIZAÇÃO	1.9	1.9	3.8	16.7	24.1	-1.9	38.9
1.4.CONTRIBUIÇÕES	1.9	9.3	11.2	13	24.1	0	37.1
1.5.AMBIENTE TRABALHO	9.3	18.5	27.8	11.1	3.7	-3.7	11.1
1.6.OBSERVAÇÃO	0	7.4	7.4	22.2	16.7	-1.9	37
1.7.SEPARAÇÃO	0	7.4	7.4	5.6	35.2	0	40.8
1.8.RECOMPENSA	-5.6	-3.7	-9.3	-14.8	-24.1	0	-38.9
1.9.INCENTIVOS	14.8	16.7	31.5	5.6	3.7	-5.6	3.7
1.10.ADMINISTRAR	0	5.6	5.6	20.4	20.4	-1.9	38.9
1.11.CRESCIMENTO	14.8	18.5	33.3	5.6	5.6	-3.7	7.5
1.12.PERFEIÇÃO	-1.9	-14.8	-16.7	-16.7	-13	**1.9**	-27.8
1.13.ESTRESSE	-11.1	-13	-24.1	-18.5	-5.6	0	-24.1
1.14.HORAS EXTRAS	-9.3	-7.4	-16.7	-16.7	-13	**1.9**	-27.8
1.15.LAZER	16.7	9.3	26	1.9	0	-18.5	-16.6
1.16.VÁRIAS COISAS	-13	-9.3	-22.3	-3.7	0	**22.2**	18.5
1.17.NÃO RECOMPENSA	7.4	9.3	16.7	9.3	5.6	-16.7	-1.8
1.18.ESFORÇO	0	1.9	1.9	13	33.3	0	46.3
2.1.DEPRESSÃO	-5.6	-7.4	-13	-1.9	-1.9	**27.8**	24
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-22.2	-9.3	-31.5	0	0	**16.7**	16.7
2.3.CANSAÇO	-13	-11.1	-24.1	-3.7	-1.9	**18.5**	12.9
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-16.7	-7.4	-24.1	-7.4	-1.9	**14.8**	5.5
2.5.PENSAR	-20.4	-11.1	-31.5	-3.7	-1.9	**11.1**	5.5
2.6.INSÔNIA	-9.3	-5.6	-14.9	-1.9	0	**31.5**	29.6
2.7.DORMIR	7.4	5.6	13	16.7	18.5	0	35.2
2.8.PRAZER	0	7.4	7.4	22.2	18.5	0	40.7
2.9.TENSÃO	-14.8	-16.7	-31.5	-1.9	-1.9	**11.1**	7.3
2.10.ACORDAR	-14.8	-11.1	-25.9	-9.3	0	**13**	3.7
2.11.SONO LEVE	-16.7	-3.7	-20.4	-9.3	-5.6	**13**	-1.9
2.12.FAZER	5.6	16.7	22.3	18.5	7.4	0	25.9
2.13.LUTAR	0	9.3	9.3	24.1	13	-1.9	35.2
2.14.EQUILÍBRIO	1.9	5.6	7.5	24.1	16.7	0	40.8
2.15.AÇÕES	3.7	7.4	11.1	25.9	11.1	0	37
2.16.DESBLOQUEIO	5.6	9.3	14.9	16.7	0	-16.7	0
2.17.EU MESMO	1.9	11.1	13	13	22.2	0	35.2
3.1.LAZER	9.3	20.4	29.7	13	1.9	0	14.9
3.2.PERCEBER	1.9	11.1	13	24.1	11.1	0	35.2
3.3.FAMÍLIA	9.3	20.4	29.7	14.8	3.7	0	18.5
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	13	16.7	29.7	9.3	3.7	-5.6	7.4
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-14.8	-18.5	-33.3	-5.6	-3.7	**3.7**	-5.6
3.6.BOA RELAÇÃO	5.6	13	18.6	24.1	3.7	-1.9	25.9
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	9.3	5.6	14.9	11.1	11.1	-9.3	12.9
3.8. EU INTERIOR	3.7	1.9	5.6	18.5	22.2	0	40.7
3.9.AUTENTICIDADE	0	1.9	1.9	16.7	27.8	0	44.5
3.10.AUTO-ESTIMA	1.9	5.6	7.5	29.6	9.3	0	38.9
3.11.DESEJOS	-3.7	-14.8	-18.5	-13	-13	**3.7**	-22.3
3.12.CULTOS	11.1	7.4	18.5	9.3	13	-7.8	14.5
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	16.7	14.8	31.5	9.3	1.9	-3.7	7.5
3.14.TRABALHO ÚTIL	0	0	0	20.4	25.9	-1.9	44.4
3.15.OCUPAÇÕES	-7.4	-18.5	-25.9	-11.1	0	**9.3**	-1.8
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	7.4	18.5	25.9	9.3	9.3	-3.7	14.9
3.17.ATRASOS	-7.4	-7.4	-14.8	-1.9	0	**31.5**	29.6
3.18.NÃO É ÚTIL	-5.6	-3.7	-9.3	0	0	**38.9**	38.9
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	1.9	9.3	11.2	20.4	14.8	-1.9	33.3

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	0	9.3	9.3	29.6	3.7	0	33.3
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	0	3.7	3.7	20.4	22.2	0	42.6
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-7.4	-22.2	-29.6	-9.3	-3.7	**5.6**	-7.4
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	3.7	14.8	18.5	14.8	13	-1.9	25.9
4.5.ESTAR BEM	0	1.9	1.9	18.5	27.8	0	46.3
4.6.MODIFICAR	1.9	11.1	13	25.9	9.3	0	35.2
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	1.9	18.5	20.4	11.1	14.8	-1.9	24
4.8.SAÚDE	9.3	22.2	31.5	9.3	7.4	0	16.7
4.9.ALIMENTAÇÃO	7.4	13	20.4	14.8	11.1	0	25.9
4.10.CONHECIMENTO	5.6	9.3	14.9	20.4	13	0	33.4
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	0	7.4	7.4	20.4	18.5	0	38.9
4.12.DROGAS	-7.4	-1.9	-9.3	0	0	**38.9**	38.9
4.13.ESQUECER	-7.4	-11.1	-18.5	-3.7	0	**25.9**	22.2
4.14.JUSTIÇA	3.7	14.8	18.5	13	11.1	-5.6	18.5
4.15.BOAS RELAÇÕES	0	1.9	1.9	14.8	29.6	0	44.4
4.16.MAL-HUMORADO	-24.1	-16.7	-40.8	-3.7	-1.9	**1.9**	-3.7
4.17.SINTONIZAR	0	7.4	7.4	31.5	9.3	0	40.8
4.18.COLABORAÇÃO	1.9	13	14.9	22.2	11.1	0	33.3
4.19.DORES	-9.3	-18.5	-27.8	-7.4	-5.6	**7.4**	-5.6
4.20.DESESPERO DE COMER	-16	-16.7	-32.7	-5.6	-1.9	**7.4**	-0.1
4.21.PEQUENAS CASCAS	1.9	11.1	13	13	22.2	0	35.2
4.22.NEUROSES	-18.5	-11.1	-29.6	-1.9	0	**16.7**	14.8
4.23.SEM FORÇAS	-11.1	-13	-24.1	0	0	**24.1**	24.1
4.24.AUTOCRÍTICA	0	11.1	11.1	31.5	3.7	-1.9	33.3
4.25.NADA ME ABALA	7.4	16.7	24.1	11.1	5.6	-7.4	9.3
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	0	5.6	5.6	18.5	20.4	-1.9	37
5.2.SUPERAÇÃO	0	5.6	5.6	25.9	14.8	0	40.7
5.3.IMPACIÊNCIA	-13	-9.3	-22.3	0	-1.9	**24.1**	22.2
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	1.9	11.1	13	24.1	11.1	0	35.2
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	-9.3	-1.9	-11.2	0	0	**37**	37
5.6.BEBER	-11.1	-14.8	-25.9	-3.7	-1.9	**16.7**	11.1
5.7.INTIMIDAR	-20.4	-7.4	-27.8	0	-1.9	**18.5**	16.6
5.8.NÃO APRECIO	-13	-11.1	-24.1	0	0	**24.1**	24.1
5.9.FRUSTRAÇÃO	-11.1	-20.4	-31.5	-7.4	-3.7	**5.6**	-5.5
5.10.SUPERIOR	-16.7	-7.4	-24.1	-1.9	0	**22.2**	20.3
5.11.FELIZ COMIGO	0	3.7	3.7	22.2	22.2	0	44.4
5.12.FUMO	-1.9	-3.7	-5.6	-1.9	-1.9	**37**	33.2
5.13.QUEM SOU	-5.6	0	-5.6	0	-1.9	**40.7**	38.8
5.14.MINHAS IDÉIAS	-7.4	-5.6	-13	-13	-11.1	**11.1**	-13
5.15.AMADO E CUIDADO	-9.3	-9.3	-18.6	-14.8	-11.1	**3.7**	-22.2
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-11.1	-1.9	-13	0	0	**33.3**	33.3
5.17.APRECIO	0	5.6	5.6	18.5	24.1	0	42.6
5.18.SENSIBILIDADE	-13	-9.3	-22.3	-11.1	-1.9	**13**	0
5.19.DEFENDER	0	-7.4	-7.4	-20.4	-20.4	0	-40.8
5.20.TRABALHO	-5.6	-9.3	-14.9	-16.7	-7.4	**9.3**	-14.8
5.21.SAIR CRISE	1.9	13	14.9	27.8	5.6	0	33.4
5.22.ENCARAR	0	9.3	9.3	22.2	16.7	0	38.9
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-7.4	-5.6	-13	-3.7	0	**31.5**	27.8

FEMININO	Noções						
Variáveis	2	3	ÍNDICE	4	5	1	ÍNDICE
1.1.INFORMAÇÃO	1.9	1.9	3.8	22.2	25.9	0	48.1
1.2.PARTICIPAÇÃO	16.7	18.5	35.2	11.1	1.9	-3.7	9.3
1.3.ATUALIZAÇÃO	1.9	11.1	13	11.1	27.8	0	38.9
1.4.CONTRIBUIÇÕES	1.9	7.4	9.3	16.7	25.9	0	42.6
1.5.AMBIENTE TRABALHO	11.1	18.5	29.6	11.1	5.6	-5.6	11.1
1.6.OBSERVAÇÃO	0	7.4	7.4	27.8	16.7	0	44.5
1.7.SEPARAÇÃO	0	5.6	5.6	13	33.3	0	46.3
1.8.RECOMPENSA	0	-13	-13	-18.5	-20.4	0	-38.9
1.9.INCENTIVOS	7.4	22.2	29.6	11.1	3.7	-7.4	7.4
1.10.ADMINISTRAR	0	3.7	3.7	20.4	27.8	0	48.2
1.11.CRESCIMENTO	7.4	14.8	22.2	18.5	3.7	-7.4	14.8
1.12.PERFEIÇÃO	-1.9	-7.4	-9.3	-20.4	-22.2	0	-42.6
1.13.ESTRESSE	-13	-14.8	-27.8	-11.1	-11.1	**1.9**	-20.3
1.14.HORAS EXTRAS	-9.3	-20.4	-29.7	-7.4	-11.1	**1.9**	-16.6
1.15.LAZER	16.7	11.1	27.8	3.7	0	-20.4	-16.7
1.16.VÁRIAS COISAS	-13	-9.3	-22.3	-1.9	-3.7	**22.2**	16.6
1.17.NÃO RECOMPENSA	9.3	11.1	20.4	5.6	9.3	-16.7	-1.8
1.18.ESFORÇO	0	1.9	1.9	18.5	29.6	0	48.1
2.1.DEPRESSÃO	-14.8	-16.7	-31.5	-3.7	-3.7	**13**	5.6
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-25.9	-9.3	-35.2	-3.7	-1.9	**11.1**	5.5
2.3.CANSAÇO	-14.8	-18.5	-33.3	-1.9	-5.6	**11.1**	3.6
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-9.3	-18.5	-27.8	-5.6	-11.1	**7.4**	-9.3
2.5.PENSAR	-13	-16.7	-29.7	-7.4	-7.4	**7.4**	-7.4
2.6.INSÔNIA	-11.1	-7.4	-18.5	-1.9	-5.6	**25.9**	18.4
2.7.DORMIR	3.7	7.4	11.1	24.1	9.3	-7.4	26
2.8.PRAZER	3.7	11.1	14.8	14.8	22.2	0	37
2.9.TENSÃO	-22.2	-16.7	-38.9	-7.4	-3.7	**1.9**	-9.2
2.10.ACORDAR	-20.4	-14.8	-35.2	-1.9	-1.9	**11.1**	7.3
2.11.SONO LEVE	-13	-13	-26	-3.7	-11.1	**11.1**	-3.7
2.12.FAZER	3.7	13	16.7	25.9	7.4	-1.9	31.4
2.13.LUTAR	0	9.3	9.3	14.8	27.8	0	42.6
2.14.EQUILÍBRIO	0	7.4	7.4	20.4	24.1	0	44.5
2.15.AÇÕES	1.9	5.6	7.5	24.1	20.4	0	44.5
2.16.DESBLOQUEIO	14.8	24.1	38.9	0	3.7	-9.3	-5.6
2.17.EU MESMO	0	9.3	9.3	13	29.6	0	42.6
3.1.LAZER	7.4	20.4	27.8	16.7	1.9	-5.6	13
3.2.PERCEBER	1.9	9.3	11.2	18.5	16.7	-3.7	31.5
3.3.FAMÍLIA	5.6	16.7	22.3	22.2	3.7	-3.7	22.2
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	7.4	11.1	18.5	14.8	7.4	-5.6	16.6
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-22.2	-13	-35.2	-5.6	-5.6	**5.6**	-5.6
3.6.BOA RELAÇÃO	5.6	16.7	22.3	24.1	3.7	-1.9	25.9
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	3.7	9.3	13	22.2	5.6	-9.3	18.5
3.8. EU INTERIOR	1.9	16.7	18.6	14.8	16.7	-1.9	29.6
3.9.AUTENTICIDADE	0	0	0	24.1	27.8	0	51.9
3.10.AUTO-ESTIMA	3.7	14.8	18.5	24.1	7.4	-1.9	29.6
3.11.DESEJOS	-3.7	-13	-16.7	-14.8	-16.7	**3.7**	-27.8
3.12.CULTOS	9.3	13	22.3	9.3	13	-5.6	16.7
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	9.3	13	22.3	13	9.3	-7.4	14.9
3.14.TRABALHO ÚTIL	1.9	1.9	3.8	22.2	22.2	-3.7	40.7
3.15.OCUPAÇÕES	-11.1	-22.2	-33.3	-7.4	-5.6	**5.6**	-7.4
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	7.4	24.1	31.5	11.1	5.6	-3.7	13
3.17.ATRASOS	-11.1	-3.7	-14.8	-1.9	-3.7	**29.6**	24
3.18.NÃO É ÚTIL	-7.4	-3.7	-11.1	-3.7	0	**37**	33.3
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	3.7	25.9	29.6	13	7.4	-1.9	18.5

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	1.9	11.1	13	25.9	9.3	-3.7	31.5
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	0	7.4	7.4	31.5	13	0	44.5
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-14.8	-14.8	-29.6	-11.1	-5.6	**5.6**	-11.1
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	3.7	20.4	24.1	14.8	9.3	-3.7	20.4
4.5.ESTAR BEM	0	1.9	1.9	18.5	31.5	0	50
4.6.MODIFICAR	0	13	13	20.4	16.7	-1.9	35.2
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	1.9	14.8	16.7	14.8	16.7	-3.7	27.8
4.8.SAÚDE	1.9	13	14.9	20.4	14.8	-1.9	33.3
4.9.ALIMENTAÇÃO	7.4	14.8	22.2	18.5	9.3	-1.9	25.9
4.10.CONHECIMENTO	3.7	14.8	18.5	22.2	11.1	0	33.3
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	1.9	9.3	11.2	24.1	16.7	0	40.8
4.12.DROGAS	-3.7	-1.9	-5.6	0	-3.7	**42.6**	38.9
4.13.ESQUECER	-11.1	-9.3	-20.4	-7.4	-3.7	**20.4**	9.3
4.14.JUSTIÇA	9.3	5.6	14.9	18.5	14.8	-3.7	29.6
4.15.BOAS RELAÇÕES	0	0	0	14.8	37	0	51.8
4.16.MAL-HUMORADO	-18.5	-18.5	-37	-3.7	-1.9	**9.3**	3.7
4.17.SINTONIZAR	1.9	13	14.9	22.2	14.8	0	37
4.18.COLABORAÇÃO	0	11.1	11.1	20.4	18.5	-1.9	37
4.19.DORES	-16.7	-16.7	-33.4	-13	-3.7	**1.9**	-14.8
4.20.DESESPERO DE COMER	-22.2	-11.1	-33.3	-3.7	-9.3	**5.6**	-7.4
4.21.PEQUENAS CASCAS	3.7	13	16.7	13	18.5	-1.9	29.6
4.22.NEUROSES	-13	-18.5	-31.5	-5.6	-5.6	**9.3**	-1.9
4.23.SEM FORÇAS	-22.2	-5.6	-27.8	-3.7	-3.7	**16.7**	9.3
4.24.AUTOCRÍTICA	7.4	20.4	27.8	18.5	5.6	0	24.1
4.25.NADA ME ABALA	7.4	20.4	27.8	9.3	9.3	-5.6	13
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	1.9	7.4	9.3	20.4	22.2	0	42.6
5.2.SUPERAÇÃO	0	14.8	14.8	18.5	18.5	0	37
5.3.IMPACIÊNCIA	-22.2	-13	-35.2	-1.9	-1.9	**13**	9.2
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	0	9.3	9.3	24.1	16.7	-1.9	38.9
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	-13	-5.6	-18.6	-3.7	-1.9	**27.8**	22.2
5.6.BEBER	-11.1	-11.1	-22.2	-7.4	-5.6	**16.7**	3.7
5.7.INTIMIDAR	-14.8	-14.8	-29.6	-3.7	-3.7	**14.8**	7.4
5.8.NÃO APRECIO	-9.3	-9.3	-18.6	-3.7	0	**29.6**	25.9
5.9.FRUSTRAÇÃO	-13	-16.7	-29.7	-13	-5.6	**3.7**	-14.9
5.10.SUPERIOR	-11.1	-5.6	-16.7	-3.7	-3.7	**27.8**	20.4
5.11.FELIZ COMIGO	0	14.8	14.8	18.5	18.5	0	37
5.12.FUMO	-1.9	-1.9	-3.8	0	-3.7	**44.4**	40.7
5.13.QUEM SOU	-3.7	-1.9	-5.6	-3.7	0	**42.6**	38.9
5.14.MINHAS IDÉIAS	-1.9	-7.4	-9.3	-18.5	-18.5	**5.6**	-31.4
5.15.AMADO E CUIDADO	-3.7	-3.7	-7.4	-7.4	-33.3	**3.7**	-37
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-11.1	-5.6	-16.7	-3.7	-1.9	**29.6**	24
5.17.APRECIO	3.7	3.7	7.4	22.2	22.2	0	44.4
5.18.SENSIBILIDADE	-14.8	-16.7	-31.5	-3.7	-5.6	**9.3**	0
5.19.DEFENDER	-1.9	-7.4	-9.3	-24.1	-18.5	0	-42.6
5.20.TRABALHO	-9.3	-16.7	-26	-16.7	-9.3	0	-26
5.21.SAIR CRISE	5.6	13	18.6	24.1	9.3	0	33.4
5.22.ENCARAR	0	7.4	7.4	25.9	18.5	0	44.4
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-3.7	-9.3	-13	-1.9	-1.9	**35.2**	31.4

ANEXO 9

ÍNDICE DE INCERTEZA (NÍVEL BAIXO) DAS FREQÜÊNCIAS DA QVI DOS JORNALISTAS.

JORNALISTAS			
Variáveis	2	3	ÍNDICE
1.1.INFORMAÇÃO	1.9	7.4	9.3
1.2.PARTICIPAÇÃO	27.8	27.8	55.6
1.3.ATUALIZAÇÃO	3.7	13	16.7
1.4.CONTRIBUIÇÕES	3.7	16.7	20.4
1.5.AMBIENTE TRABALHO	20.4	37	57.4
1.6.OBSERVAÇÃO	14.8	0	14.8
1.7.SEPARAÇÃO	13	0	13
1.8.RECOMPENSA	-5.6	-16.7	-22.3
1.9.INCENTIVOS	22.2	38.9	61.1
1.10.ADMINISTRAR	9.3	0	9.3
1.11.CRESCIMENTO	22.2	33.3	55.5
1.12.PERFEIÇÃO	-3.7	-22.2	-25.9
1.13.ESTRESSE	-24	-27.8	-51.9
1.14.HORAS EXTRAS	-19	-27.8	-46.3
1.15.LAZER	33.3	20.4	53.7
1.16.VARIAS COISAS	-26	-18.5	-44.4
1.17.NÃO RECOMPENSA	16.7	20.4	37.1
1.18.ESFORÇO	3.7	0	3.7
2.1.DEPRESSÃO	-20	-24.1	-44.5
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-48	-18.5	-66.6
2.3.CANSAÇO	-28	-29.6	-57.4
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-26	-25.9	-51.8
2.5.PENSAR	-33	-27.8	-61.1
2.6.INSÔNIA	-20	-13	-33.4
2.7.DORMIR	11.1	13	24.1
2.8.PRAZER	3.7	18.5	22.2
2.9.TENSÃO	-37	-33.3	-70.3
2.10.ACORDAR	-35	-25.9	-61.1
2.11.SONO LEVE	-30	-16.7	-46.3
2.12.FAZER	9.3	29.6	38.9
2.13.LUTAR	0	18.5	18.5
2.14.EQUILÍBRIO	1.9	13	14.9
2.15.AÇÕES	5.6	13	18.6
2.16.DESBLOQUEIO	20.4	33.3	53.7
2.17.EU MESMO	1.9	20.4	22.3
3.1.LAZER	16.7	40.7	57.4
3.2.PERCEBER	3.7	20.4	24.1
3.3.FAMÍLIA	14.8	37	51.8
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	20.4	27.8	48.2
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-37	-31.5	-68.5
3.6.BOA RELAÇÃO	11.1	29.6	40.7
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	13	14.8	27.8
3.8. EU INTERIOR	5.6	18.5	24.1
3.9.AUTENTICIDADE	0	1.9	1.9
3.10.AUTO-ESTIMA	5.6	20.4	26
3.11.DESEJOS	-7.4	-27.8	-35.2
3.12.CULTOS	20.4	20.4	40.8
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	25.9	27.8	53.7
3.14.TRABALHO ÚTIL	1.9	1.9	3.8
3.15.OCUPAÇÕES	-19	-40.7	-59.2
3.16.IGNORAR TEMPORARIAME	14.8	42.6	57.4
3.17.ATRASOS	-19	-11.1	-29.6
3.18.NÃO É ÚTIL	-13	-7.4	-20.4
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	5.6	35.2	40.8

ANEXO 9

CONTINUAÇÃO

JORNALISTAS			
Variáveis continuação	2	3	ÍNDICE
4.1.BEM-ESTAR	1.9	20.4	22.3
4.2.MELHORAR COMPORTAMENT	0	11.1	11.1
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVA	-22.2	-37	-59.2
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	7.4	35.2	42.6
4.5.ESTAR BEM	0	3.7	3.7
4.6.MODIFICAR	1.9	24.1	26
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	3.7	33.3	37
4.8.SAÚDE	11.1	35.2	46.3
4.9.ALIMENTAÇÃO	14.8	27.8	42.6
4.10.CONHECIMENTO	9.3	24.1	33.4
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	1.9	16.7	18.6
4.12.DROGAS	-11.1	-3.7	-14.8
4.13.ESQUECER	-18.5	-20	-38.9
4.14.JUSTIÇA	13	20.4	33.4
4.15.BOAS RELAÇOES	0	1.9	1.9
4.16.MAL-HUMORADO	-42.6	-35	-77.8
4.17.SINTONIZAR	1.9	20.4	22.3
4.18.COLABORAÇÃO	1.9	24.1	26
4.19.DORES	-25.9	-35	-61.1
4.20.DESESPERO DE COMER	-38.9	-28	-66.7
4.21.PEQUENAS CASCAS	5.6	24.1	29.7
4.22.NEUROSES	-31.5	-30	-61.1
4.23.SEM FORÇAS	-33.3	-19	-51.8
4.24.AUTOCRÍTICA	7.4	31.5	38.9
4.25.NADA ME ABALA	14.8	37	51.8
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	1.9	13	14.9
5.2.SUPERAÇÃO	0	20.4	20.4
5.3.IMPACIÊNCIA	-35.2	-22	-57.4
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	1.9	20.4	22.3
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENT	-22.2	-7.4	-29.6
5.6.BEBER	-22.2	-26	-48.1
5.7.INTIMIDAR	-35.2	-22	-57.4
5.8.NÃO APRECIO	-22.2	-20	-42.6
5.9.FRUSTRAÇÃO	-24.1	-37	-61.1
5.10.SUPERIOR	-27.8	-13	-40.8
5.11.FELIZ COMIGO	0	18.5	18.5
5.12.FUMO	-3.7	-5.6	-9.3
5.13.QUEM SOU	-9.3	-1.9	-11.2
5.14.MINHAS IDÉIAS	-9.3	-13	-22.3
5.15.AMADO E CUIDADO	-13	-13	-26
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-22.2	-7.4	-29.6
5.17.APRECIO	3.7	9.3	13
5.18.SENSIBILIDADE	-27.8	-26	-53.7
5.19.DEFENDER	-1.9	-15	-16.7
5.20.TRABALHO	-14.8	-26	-40.7
5.21.SAIR CRISE	7.4	25.9	33.3
5.22.ENCARAR	0	16.7	16.7
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONA	-11.1	-15	-25.9

ANEXO 10

ÍNDICE DE CERTEZA (NÍVEL ALTO) DAS FREQÜÊNCIAS DA QVI DOS JORNALISTAS.

JORNALISTAS				
Variáveis	4	5	1	ÍNDICE
1.1.INFORMAÇÃO	37	53.7	0	90.7
1.2.PARTICIPAÇÃO	25.9	13	-5.6	33.3
1.3.ATUALIZAÇÃO	27.8	51.9	-1.9	77.8
1.4.CONTRIBUIÇÕES	29.6	50	0	79.6
1.5.AMBIENTE TRABALHO	22.2	9.3	-9.3	22.2
1.6.OBSERVAÇÃO	50	33.3	-1.9	81.4
1.7.SEPARAÇÃO	18.5	68.5	0	87
1.8.RECOMPENSA	-33	-44	0	-77.7
1.9.INCENTIVOS	16.7	7.4	-13	11.1
1.10.ADMINISTRAR	40.7	48.1	-1.9	86.9
1.11.CRESCIMENTO	24.1	9.3	-11.1	22.3
1.12.PERFEIÇÃO	-37	-35	**1.9**	-70.3
1.13.ESTRESSE	-30	-17	**1.9**	-44.4
1.14.HORAS EXTRAS	-24	-24	**3.7**	-44.5
1.15.LAZER	5.6	0	-38.9	-33.3
1.16.VÁRIAS COISAS	-5.6	-3.7	**44.4**	35.1
1.17.NÃO RECOMPENSA	14.8	14.8	-33.3	-3.7
1.18.ESFORÇO	31.5	63	0	94.5
2.1.DEPRESSÃO	-5.6	-5.6	**40.7**	29.5
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-3.7	-1.9	**27.8**	22.2
2.3.CANSAÇO	-5.6	-7.4	**29.6**	16.6
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-13	-13	**22.2**	-3.8
2.5.PENSAR	-11	-9.3	**18.5**	-1.9
2.6.INSÔNIA	-3.7	-5.6	**57.4**	48.1
2.7.DORMIR	40.7	27.8	-7.4	61.1
2.8.PRAZER	37	40.7	0	77.7
2.9.TENSÃO	-9.3	-5.6	**13**	-1.9
2.10.ACORDAR	-11	-1.9	**24.1**	11.1
2.11.SONO LEVE	-13	-17	**24.1**	-5.6
2.12.FAZER	44.4	14.8	-1.9	57.3
2.13.LUTAR	38.9	40.7	-1.9	77.7
2.14.EQUILÍBRIO	44.4	40.7	0	85.1
2.15.AÇÕES	50	31.5	0	81.5
2.16.DESBLOQUEIO	16.7	3.7	-25.9	-5.5
2.17.EU MESMO	25.9	51.9	0	77.8
3.1.LAZER	29.6	3.7	-5.6	27.7
3.2.PERCEBER	42.6	27.8	-3.7	66.7
3.3.FAMÍLIA	37	7.4	-3.7	40.7
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	24.1	11.1	-11.1	24.1
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-11	-9.3	**9.3**	-11.1
3.6.BOA RELAÇÃO	48.1	7.4	-3.7	51.8
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	33.3	16.7	-18.5	31.5
3.8. EU INTERIOR	33.3	38.9	-1.9	70.3
3.9.AUTENTICIDADE	40.7	55.6	0	96.3
3.10.AUTO-ESTIMA	53.7	16.7	-1.9	68.5
3.11.DESEJOS	-28	-30	**7.4**	-50
3.12.CULTOS	18.5	25.9	-13	31.4
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	22.2	11.1	-11.1	22.2
3.14.TRABALHO ÚTIL	42.6	48.1	-5.6	85.1
3.15.OCUPAÇÕES	-19	-5.6	**14.8**	-9.3
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMEN	20.4	14.8	-7.4	27.8
3.17.ATRASOS	-3.7	-3.7	**61.1**	53.7
3.18.NÃO É ÚTIL	-3.7	0	**75.9**	72.2
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	33.3	22.2	-3.7	51.8

ANEXO 10

CONTINUAÇÃO

JORNALISTAS				
Variáveis continuação	4	5	1	ÍNDICE
4.1.BEM-ESTAR	55.6	13	-3.7	64.9
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	51.9	35	0	87.1
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-20	-9.3	**11**	-18.6
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	29.6	22	-56	-4.2
4.5.ESTAR BEM	37	59	0	96.3
4.6.MODIFICAR	46.3	26	-1.9	70.3
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	25.9	32	-5.6	51.8
4.8.SAÚDE	29.6	22	-1.9	49.9
4.9.ALIMENTAÇÃO	33.3	20	-1.9	51.8
4.10.CONHECIMENTO	42.6	24	0	66.7
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	44.4	35	0	79.6
4.12.DROGAS	0	-3.7	**82**	77.8
4.13.ESQUECER	-11	-3.7	**46**	31.5
4.14.JUSTIÇA	31.5	26	-9.3	48.1
4.15.BOAS RELAÇÕES	29.6	67	0	96.3
4.16.MAL-HUMORADO	-7.4	-3.7	**11**	0
4.17.SINTONIZAR	53.7	24	0	77.8
4.18.COLABORAÇÃO	42.6	30	-1.9	70.3
4.19.DORES	-20	-9.3	**9.3**	-20.4
4.20.DESESPERO DE COMER	-9.3	-11	**13**	-7.4
4.21.PEQUENAS CASCAS	25.9	41	-1.9	64.7
4.22.NEUROSES	-7.4	-5.6	**26**	12.9
4.23.SEM FORÇAS	-3.7	-3.7	**41**	33.3
4.24.AUTOCRÍTICA	50	9.3	-1.9	57.4
4.25.NADA ME ABALA	20.4	15	-13	22.2
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	38.9	43	-1.9	79.6
5.2.SUPERAÇÃO	44.4	33	0	77.7
5.3.IMPACIÊNCIA	-1.9	-3.7	**37**	31.4
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	48.1	28	-1.9	74
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENT	-3.7	-1.9	**65**	59.2
5.6.BEBER	-11	-7.4	**33**	14.8
5.7.INTIMIDAR	-3.7	-5.6	**33**	24
5.8.NÃO APRECIO	-3.7	0	**54**	50
5.9.FRUSTRAÇÃO	-20	-9.3	**9.3**	-20.4
5.10.SUPERIOR	-5.6	-3.7	**50**	40.7
5.11.FELIZ COMIGO	40.7	41	0	81.4
5.12.FUMO	-1.9	-5.6	**82**	74
5.13.QUEM SOU	-3.7	-1.9	**83**	77.7
5.14.MINHAS IDÉIAS	-32	-30	**17**	-44.4
5.15.AMADO E CUIDADO	-22	-44	**7.4**	-59.2
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-3.7	-1.9	**63**	57.4
5.17.APRECIO	40.7	46	0	87
5.18.SENSIBILIDADE	-15	-7.4	**22**	0
5.19.DEFENDER	-44	-39	0	-83.3
5.20.TRABALHO	-33	-17	**9.3**	-40.7
5.21.SAIR CRISE	51.9	15	0	66.7
5.22.ENCARAR	48.1	35	0	83.3
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-5.6	-1.9	**67**	59.2

ANEXO 11

PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL POR GÊNERO.

MASCULINO			
Variáveis	**ÍNDICE INCERTEZA**	**ÍNDICE CRESCIMENTO**	**PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QVI**
1.1.INFORMAÇÃO	5.6	42.6	37
1.2.PARTICIPAÇÃO	20.4	24	3.6
1.3.ATUALIZAÇÃO	3.8	38.9	35.1
1.4.CONTRIBUIÇÕES	11.2	37.1	25.9
1.5.AMBIENTE TRABALHO	27.8	11.1	-16.7
1.6.OBSERVAÇÃO	7.4	37	29.6
1.7.SEPARAÇÃO	7.4	40.8	33.4
1.8.RECOMPENSA	-9.3	-38.9	-29.6
1.9.INCENTIVOS	31.5	3.7	-27.8
1.10.ADMINISTRAR	5.6	38.9	33.3
1.11.CRESCIMENTO	33.3	7.5	-25.8
1.12.PERFEIÇÃO	-16.7	-27.8	-11.1
1.13.ESTRESSE	-24.1	-24.1	0
1.14.HORAS EXTRAS	-16.7	-27.8	-11.1
1.15.LAZER	26	-16.6	-42.6
1.16.VÁRIAS COISAS	-22.3	18.5	40.8
1.17.NÃO RECOMPENSA	16.7	-1.8	-18.5
1.18.ESFORÇO	1.9	46.3	44.4
2.1.DEPRESSÃO	-13	24	37
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-31.5	16.7	48.2
2.3.CANSAÇO	-24.1	12.9	37
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-24.1	5.5	29.6
2.5.PENSAR	-31.5	5.5	37
2.6.INSÔNIA	-14.9	29.6	44.5
2.7.DORMIR	13	35.2	22.2
2.8.PRAZER	7.4	40.7	33.3
2.9.TENSÃO	-31.5	7.3	38.8
2.10.ACORDAR	-25.9	3.7	29.6
2.11.SONO LEVE	-20.4	-1.9	18.5
2.12.FAZER	22.3	25.9	3.6
2.13.LUTAR	9.3	35.2	25.9
2.14.EQUILÍBRIO	7.5	40.8	33.3
2.15.AÇÕES	11.1	37	25.9
2.16.DESBLOQUEIO	14.9	0	-14.9
2.17.EU MESMO	13	35.2	22.2
3.1.LAZER	29.7	14.9	-14.8
3.2.PERCEBER	13	35.2	22.2
3.3.FAMÍLIA	29.7	18.5	-11.2
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	29.7	7.4	-22.3
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-33.3	-5.6	27.7
3.6.BOA RELAÇÃO	18.6	25.9	7.3
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	14.9	12.9	-2
3.8. EU INTERIOR	5.6	40.7	35.1
3.9.AUTENTICIDADE	1.9	44.5	42.6
3.10.AUTO-ESTIMA	7.5	38.9	31.4
3.11.DESEJOS	-18.5	-22.3	-3.8
3.12.CULTOS	18.5	14.5	-4
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	31.5	7.5	-24
3.14.TRABALHO ÚTIL	0	44.4	44.4
3.15.OCUPAÇÕES	-25.9	-1.8	24.1
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	25.9	14.9	-11
3.17.ATRASOS	-14.8	29.6	44.4
3.18.NÃO É ÚTIL	-9.3	38.9	48.2
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	11.2	33.3	22.1

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	9.3	33.3	24
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	3.7	42.6	38.9
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-29.6	-7.4	22.2
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	18.5	25.9	7.4
4.5.ESTAR BEM	1.9	46.3	44.4
4.6.MODIFICAR	13	35.2	22.2
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	20.4	24	3.6
4.8.SAÚDE	31.5	16.7	-14.8
4.9.ALIMENTAÇÃO	20.4	25.9	5.5
4.10.CONHECIMENTO	14.9	33.4	18.5
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	7.4	38.9	31.5
4.12.DROGAS	-9.3	38.9	48.2
4.13.ESQUECER	-18.5	22.2	40.7
4.14.JUSTIÇA	18.5	18.5	0
4.15.BOAS RELAÇÕES	1.9	44.4	42.5
4.16.MAL-HUMORADO	-40.8	-3.7	37.1
4.17.SINTONIZAR	7.4	40.8	33.4
4.18.COLABORAÇÃO	14.9	33.3	18.4
4.19.DORES	-27.8	-5.6	22.2
4.20.DESESPERO DE COMER	-32.7	-0.1	32.6
4.21.PEQUENAS CASCAS	13	35.2	22.2
4.22.NEUROSES	-29.6	14.8	44.4
4.23.SEM FORÇAS	-24.1	24.1	48.2
4.24.AUTOCRÍTICA	11.1	33.3	22.2
4.25.NADA ME ABALA	24.1	9.3	-14.8
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	5.6	37	31.4
5.2.SUPERAÇÃO	5.6	40.7	35.1
5.3.IMPACIÊNCIA	-22.3	22.2	44.5
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	13	35.2	22.2
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	-11.2	37	48.2
5.6.BEBER	-25.9	11.1	37
5.7.INTIMIDAR	-27.8	16.6	44.4
5.8.NÃO APRECIO	-24.1	24.1	48.2
5.9.FRUSTRAÇÃO	-31.5	-5.5	26
5.10.SUPERIOR	-24.1	20.3	44.4
5.11.FELIZ COMIGO	3.7	44.4	40.7
5.12.FUMO	-5.6	33.2	38.8
5.13.QUEM SOU	-5.6	38.8	44.4
5.14.MINHAS IDÉIAS	-13	-13	0
5.15.AMADO E CUIDADO	-18.6	-22.2	-3.6
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-13	33.3	46.3
5.17.APRECIO	5.6	42.6	37
5.18.SENSIBILIDADE	-22.3	0	22.3
5.19.DEFENDER	-7.4	-40.8	-33.4
5.20.TRABALHO	-14.9	-14.8	0.1
5.21.SAIR CRISE	14.9	33.4	18.5
5.22.ENCARAR	9.3	38.9	29.6
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-13	27.8	40.8

ANEXO 11

FEMININO			
Variáveis	ÍNDICE INCERTEZA	ÍNDICE CRESCIMENTO	PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QVI
1.1.INFORMAÇÃO	3.8	48.1	44.3
1.2.PARTICIPAÇÃO	35.2	9.3	-25.9
1.3.ATUALIZAÇÃO	13	38.9	25.9
1.4.CONTRIBUIÇÕES	9.3	42.6	33.3
1.5.AMBIENTE TRABALHO	29.6	11.1	-18.5
1.6.OBSERVAÇÃO	7.4	44.5	37.1
1.7.SEPARAÇÃO	5.6	46.3	40.7
1.8.RECOMPENSA	-13	-38.9	-25.9
1.9.INCENTIVOS	29.6	7.4	-22.2
1.10.ADMINISTRAR	3.7	48.2	44.5
1.11.CRESCIMENTO	22.2	14.8	-7.4
1.12.PERFEIÇÃO	-9.3	-42.6	-33.3
1.13.ESTRESSE	-27.8	-20.3	7.5
1.14.HORAS EXTRAS	-29.7	-16.6	13.1
1.15.LAZER	27.8	-16.7	-44.5
1.16.VÁRIAS COISAS	-22.3	16.6	38.9
1.17.NÃO RECOMPENSA	20.4	-1.8	-22.2
1.18.ESFORÇO	1.9	48.1	46.2
2.1.DEPRESSÃO	-31.5	5.6	37.1
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-35.2	5.5	40.7
2.3.CANSAÇO	-33.3	3.6	36.9
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-27.8	-9.3	18.5
2.5.PENSAR	-29.7	-7.4	22.3
2.6.INSÔNIA	-18.5	18.4	36.9
2.7.DORMIR	11.1	26	14.9
2.8.PRAZER	14.8	37	22.2
2.9.TENSÃO	-38.9	-9.2	29.7
2.10.ACORDAR	-35.2	7.3	42.5
2.11.SONO LEVE	-26	-3.7	22.3
2.12.FAZER	16.7	31.4	14.7
2.13.LUTAR	9.3	42.6	33.3
2.14.EQUILÍBRIO	7.4	44.5	37.1
2.15.AÇÕES	7.5	44.5	37
2.16.DESBLOQUEIO	38.9	-5.6	-44.5
2.17.EU MESMO	9.3	42.6	33.3
3.1.LAZER	27.8	13	-14.8
3.2.PERCEBER	11.2	31.5	20.3
3.3.FAMÍLIA	22.3	22.2	-0.1
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	18.5	16.6	-1.9
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-35.2	-5.6	29.6
3.6.BOA RELAÇÃO	22.3	25.9	3.6
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	13	18.5	5.5
3.8. EU INTERIOR	18.6	29.6	11
3.9.AUTENTICIDADE	0	51.9	51.9
3.10.AUTO-ESTIMA	18.5	29.6	11.1
3.11.DESEJOS	-16.7	-27.8	-11.1
3.12.CULTOS	22.3	16.7	-5.6
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	22.3	14.9	-7.4
3.14.TRABALHO ÚTIL	3.8	40.7	36.9
3.15.OCUPAÇÕES	-33.3	-7.4	25.9
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	31.5	13	-18.5
3.17.ATRASOS	-14.8	24	38.8
3.18.NÃO É ÚTIL	-11.1	33.3	44.4
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	29.6	18.5	-11.1

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	13	31.5	18.5
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	7.4	44.5	37.1
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-29.6	-11.1	18.5
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	24.1	20.4	-3.7
4.5.ESTAR BEM	1.9	50	48.1
4.6.MODIFICAR	13	35.2	22.2
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	16.7	27.8	11.1
4.8.SAÚDE	14.9	33.3	18.4
4.9.ALIMENTAÇÃO	22.2	25.9	3.7
4.10.CONHECIMENTO	18.5	33.3	14.8
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	11.2	40.8	29.6
4.12.DROGAS	-5.6	38.9	44.5
4.13.ESQUECER	-20.4	9.3	29.7
4.14.JUSTIÇA	14.9	29.6	14.7
4.15.BOAS RELAÇÕES	0	51.8	51.8
4.16.MAL-HUMORADO	-37	3.7	40.7
4.17.SINTONIZAR	14.9	37	22.1
4.18.COLABORAÇÃO	11.1	37	25.9
4.19.DORES	-33.4	-14.8	18.6
4.20.DESESPERO DE COMER	-33.3	-7.4	25.9
4.21.PEQUENAS CASCAS	16.7	29.6	12.9
4.22.NEUROSES	-31.5	-1.9	29.6
4.23.SEM FORÇAS	-27.8	9.3	37.1
4.24.AUTOCRÍTICA	27.8	24.1	-3.7
4.25.NADA ME ABALA	27.8	13	-14.8
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	9.3	42.6	33.3
5.2.SUPERAÇÃO	14.8	37	22.2
5.3.IMPACIÊNCIA	-35.2	9.2	44.4
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	9.3	38.9	29.6
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	-18.6	22.2	40.8
5.6.BEBER	-22.2	3.7	25.9
5.7.INTIMIDAR	-29.6	7.4	37
5.8.NÃO APRECIO	-18.6	25.9	44.5
5.9.FRUSTRAÇÃO	-29.7	-14.9	14.8
5.10.SUPERIOR	-16.7	20.4	37.1
5.11.FELIZ COMIGO	14.8	37	22.2
5.12.FUMO	-3.8	40.7	44.5
5.13.QUEM SOU	-5.6	38.9	44.5
5.14.MINHAS IDÉIAS	-9.3	-31.4	-22.1
5.15.AMADO E CUIDADO	-7.4	-37	-29.6
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-16.7	24	40.7
5.17.APRECIO	7.4	44.4	37
5.18.SENSIBILIDADE	-31.5	0	31.5
5.19.DEFENDER	-9.3	-42.6	-33.3
5.20.TRABALHO	-26	-26	0
5.21.SAIR CRISE	18.6	33.4	14.8
5.22.ENCARAR	7.4	44.4	37
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-13	31.4	44.4

ANEXO 12

VERFICAÇÃO DA PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL POR GÊNERO.

	JORNALISTAS		
Variáveis	ÍNDICE INCERTEZA	ÍNDICE CRESCIMENTO	PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QVI
1.1.INFORMAÇÃO	9.3	90.7	81.4
1.2.PARTICIPAÇÃO	55.6	33.3	-22.3
1.3.ATUALIZAÇÃO	16.7	77.8	61.1
1.4.CONTRIBUIÇÕES	20.4	79.6	59.2
1.5.AMBIENTE TRABALHO	57.4	22.2	-35.2
1.6.OBSERVAÇÃO	14.8	81.4	66.6
1.7.SEPARAÇÃO	13	87	74
1.8.RECOMPENSA	-22.3	-77.7	-55.4
1.9.INCENTIVOS	61.1	11.1	-50
1.10.ADMINISTRAR	9.3	86.9	77.6
1.11.CRESCIMENTO	55.5	22.3	-33.2
1.12.PERFEIÇÃO	-25.9	-70.3	-44.4
1.13.ESTRESSE	-51.9	-44.4	7.5
1.14.HORAS EXTRAS	-46.3	-44.5	1.8
1.15.LAZER	53.7	-33.3	-87
1.16.VÁRIAS COISAS	-44.4	35.1	79.5
1.17.NÃO RECOMPENSA	37.1	-3.7	-40.8
1.18.ESFORÇO	3.7	94.5	90.8
2.1.DEPRESSÃO	-44.5	29.5	74
2.2.CRIATIVIDADE NULA	-66.6	22.2	88.8
2.3.CANSAÇO	-57.4	16.6	74
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	-51.8	-3.8	48
2.5.PENSAR	-61.1	-1.9	59.2
2.6.INSÔNIA	-33.4	48.1	81.5
2.7.DORMIR	24.1	61.1	37
2.8.PRAZER	22.2	77.7	55.5
2.9.TENSÃO	-70.3	-1.9	68.4
2.10.ACORDAR	-61.1	11.1	72.2
2.11.SONO LEVE	-46.3	-5.6	40.7
2.12.FAZER	38.9	57.3	18.4
2.13.LUTAR	18.5	77.7	59.2
2.14.EQUILÍBRIO	14.9	85.1	70.2
2.15.AÇÕES	18.6	81.5	62.9
2.16.DESBLOQUEIO	53.7	-5.5	-59.2
2.17.EU MESMO	22.3	77.8	55.5
3.1.LAZER	57.4	27.7	-29.7
3.2.PERCEBER	24.1	66.7	42.6
3.3.FAMÍLIA	51.8	40.7	-11.1
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	48.2	24.1	-24.1
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	-68.5	-11.1	57.4
3.6.BOA RELAÇÃO	40.7	51.8	11.1
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	27.8	31.5	3.7
3.8. EU INTERIOR	24.1	70.3	46.2
3.9.AUTENTICIDADE	1.9	96.3	94.4
3.10.AUTO-ESTIMA	26	68.5	42.5
3.11.DESEJOS	-35.2	-50	-14.8
3.12.CULTOS	40.8	31.4	-9.4
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	53.7	22.2	-31.5
3.14.TRABALHO ÚTIL	3.8	85.1	81.3
3.15.OCUPAÇÕES	-59.2	-9.3	49.9
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	57.4	27.8	-29.6
3.17.ATRASOS	-29.6	53.7	83.3
3.18.NÃO É ÚTIL	-20.4	72.2	92.6
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	40.8	51.8	11

ANEXO 12

CONTINUAÇÃO

Variáveis continuação	JORNALISTAS		
	ÍNDICE INCERTEZA	ÍNDICE CRESCIMENTO	PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QVI
4.1.BEM-ESTAR	22.3	64.9	42.6
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	11.1	87.1	76
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	-59.2	-18.6	40.6
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	42.6	-4.2	-46.8
4.5.ESTAR BEM	3.7	96.3	92.6
4.6.MODIFICAR	26	70.3	44.3
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	37	51.8	14.8
4.8.SAÚDE	46.3	49.9	3.6
4.9.ALIMENTAÇÃO	42.6	51.8	9.2
4.10.CONHECIMENTO	33.4	66.7	33.3
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	18.6	79.6	61
4.12.DROGAS	-14.8	77.8	92.6
4.13.ESQUECER	-38.9	31.5	70.4
4.14.JUSTIÇA	33.4	48.1	14.7
4.15.BOAS RELAÇÕES	1.9	96.3	94.4
4.16.MAL-HUMORADO	-77.8	0	77.8
4.17.SINTONIZAR	22.3	77.8	55.5
4.18.COLABORAÇÃO	26	70.3	44.3
4.19.DORES	-61.1	-20.4	40.7
4.20.DESESPERO DE COMER	-66.7	-7.4	59.3
4.21.PEQUENAS CASCAS	29.7	64.7	35
4.22.NEUROSES	-61.1	12.9	74
4.23.SEM FORÇAS	-51.8	33.3	85.1
4.24.AUTOCRÍTICA	38.9	57.4	18.5
4.25.NADA ME ABALA	51.8	22.2	-29.6
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	14.9	79.6	64.7
5.2.SUPERAÇÃO	20.4	77.7	57.3
5.3.IMPACIÊNCIA	-57.4	31.4	88.8
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	22.3	74	51.7
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	-29.6	59.2	88.8
5.6.BEBER	-48.1	14.8	62.9
5.7.INTIMIDAR	-57.4	24	81.4
5.8.NÃO APRECIO	-42.6	50	92.6
5.9.FRUSTRAÇÃO	-61.1	-20.4	40.7
5.10.SUPERIOR	-40.8	40.7	81.5
5.11.FELIZ COMIGO	18.5	81.4	62.9
5.12.FUMO	-9.3	74	83.3
5.13.QUEM SOU	-11.2	77.7	88.9
5.14.MINHAS IDÉIAS	-22.3	-44.4	-22.1
5.15.AMADO E CUIDADO	-26	-59.2	-33.2
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	-29.6	57.4	87
5.17.APRECIO	13	87	74
5.18.SENSIBILIDADE	-53.7	0	53.7
5.19.DEFENDER	-16.7	-83.3	-66.6
5.20.TRABALHO	-40.7	-40.7	0
5.21.SAIR CRISE	33.3	66.7	33.4
5.22.ENCARAR	16.7	83.3	66.6
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	-25.9	59.2	85.1

ANEXO 13

PROBABILIDADE DO PESO DAS FREQÜÊNCIAS POR GÊNERO.

MASCULINO		
Variáveis	REQÜÊNCIAS	PROBABILIDADE DO PESO DAS FQ.
1.1.INFORMAÇÃO	26	0.48
1.2.PARTICIPAÇÃO	26	0.48
1.3.ATUALIZAÇÃO	25	0.46
1.4.CONTRIBUIÇÕES	26	0.48
1.5.AMBIENTE TRABALHO	25	0.46
1.6.OBSERVAÇÃO	26	0.48
1.7.SEPARAÇÃO	26	0.48
1.8.RECOMPENSA	26	0.48
1.9.INCENTIVOS	25	0.46
1.10.ADMINISTRAR	26	0.48
1.11.CRESCIMENTO	26	0.48
1.12.PERFEIÇÃO	26	0.48
1.13.ESTRESSE	26	0.48
1.14.HORAS EXTRAS	26	0.48
1.15.LAZER	25	0.46
1.16.VÁRIAS COISAS	26	0.48
1.17.NÃO RECOMPENSA	26	0.48
1.18.ESFORÇO	26	0.48
2.1.DEPRESSÃO	24	0.44
2.2.CRIATIVIDADE NULA	26	0.48
2.3.CANSAÇO	26	0.48
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	26	0.48
2.5.PENSAR	26	0.48
2.6.INSÔNIA	26	0.48
2.7.DORMIR	26	0.48
2.8.PRAZER	26	0.48
2.9.TENSÃO	25	0.46
2.10.ACORDAR	26	0.48
2.11.SONO LEVE	26	0.48
2.12.FAZER	26	0.48
2.13.LUTAR	26	0.48
2.14.EQUILÍBRIO	26	0.48
2.15.AÇÕES	26	0.48
2.16.DESBLOQUEIO	26	0.48
2.17.EU MESMO	26	0.48
3.1.LAZER	24	0.44
3.2.PERCEBER	26	0.48
3.3.FAMÍLIA	26	0.48
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	26	0.48
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	25	0.46
3.6.BOA RELAÇÃO	26	0.48
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	25	0.46
3.8. EU INTERIOR	25	0.46
3.9.AUTENTICIDADE	25	0.46
3.10.AUTO-ESTIMA	25	0.46
3.11.DESEJOS	26	0.48
3.12.CULTOS	26	0.48
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	25	0.46
3.14.TRABALHO ÚTIL	26	0.48
3.15.OCUPAÇÕES	25	0.46
3.16.IGNORAR TEMPORARIAME	26	0.48
3.17.ATRASOS	26	0.48
3.18.NÃO É ÚTIL	26	0.48
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	26	0.48

ANEXO 13

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	23	0.43
4.2.MELHORAR COMPORTAME	25	0.46
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATI	26	0.48
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	26	0.48
4.5.ESTAR BEM	26	0.48
4.6.MODIFICAR	26	0.48
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	26	0.48
4.8.SAÚDE	26	0.48
4.9.ALIMENTAÇÃO	25	0.46
4.10.CONHECIMENTO	26	0.48
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	25	0.46
4.12.DROGAS	26	0.48
4.13.ESQUECER	26	0.48
4.14.JUSTIÇA	26	0.48
4.15.BOAS RELAÇÕES	25	0.46
4.16.MAL-HUMORADO	26	0.48
4.17.SINTONIZAR	26	0.48
4.18.COLABORAÇÃO	26	0.48
4.19.DORES	26	0.48
4.20.DESESPERO DE COMER	26	0.48
4.21.PEQUENAS CASCAS	26	0.48
4.22.NEUROSES	26	0.48
4.23.SEM FORÇAS	26	0.48
4.24.AUTOCRÍTICA	26	0.48
4.25.NADA ME ABALA	26	0.48
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	25	0.46
5.2.SUPERAÇÃO	25	0.46
5.3.IMPACIÊNCIA	26	0.48
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃ	26	0.48
5.5.PERDIDO PROFISSIONALME	26	0.48
5.6.BEBER	26	0.48
5.7.INTIMIDAR	26	0.48
5.8.NÃO APRECIO	26	0.48
5.9.FRUSTRAÇÃO	26	0.48
5.10.SUPERIOR	26	0.48
5.11.FELIZ COMIGO	26	0.48
5.12.FUMO	25	0.46
5.13.QUEM SOU	26	0.48
5.14.MINHAS IDÉIAS	26	0.48
5.15.AMADO E CUIDADO	26	0.48
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	25	0.46
5.17.APRECIO	26	0.48
5.18.SENSIBILIDADE	26	0.48
5.19.DEFENDER	26	0.48
5.20.TRABALHO	26	0.48
5.21.SAIR CRISE	26	0.48
5.22.ENCARAR	26	0.48
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSION	26	0.48

FEMININO		
Variáveis	FREQÜÊNCIAS	PROBABILIDADE DO PESO DAS FQ.
1.1.INFORMAÇÃO	28	0.52
1.2.PARTICIPAÇÃO	28	0.52
1.3.ATUALIZAÇÃO	28	0.52
1.4.CONTRIBUIÇÕES	28	0.52
1.5.AMBIENTE TRABALHO	28	0.52
1.6.OBSERVAÇÃO	28	0.52
1.7.SEPARAÇÃO	28	0.52
1.8.RECOMPENSA	28	0.52
1.9.INCENTIVOS	28	0.52
1.10.ADMINISTRAR	28	0.52
1.11.CRESCIMENTO	28	0.52
1.12.PERFEIÇÃO	28	0.52
1.13.ESTRESSE	28	0.52
1.14.HORAS EXTRAS	27	0.50
1.15.LAZER	28	0.52
1.16.VÁRIAS COISAS	27	0.50
1.17.NÃO RECOMPENSA	28	0.52
1.18.ESFORÇO	27	0.50
2.1.DEPRESSÃO	28	0.52
2.2.CRIATIVIDADE NULA	28	0.52
2.3.CANSAÇO	28	0.52
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	28	0.52
2.5.PENSAR	28	0.52
2.6.INSÔNIA	28	0.52
2.7.DORMIR	28	0.52
2.8.PRAZER	28	0.52
2.9.TENSÃO	28	0.52
2.10.ACORDAR	27	0.50
2.11.SONO LEVE	28	0.52
2.12.FAZER	28	0.52
2.13.LUTAR	28	0.52
2.14.EQUILÍBRIO	28	0.52
2.15.AÇÕES	28	0.52
2.16.DESBLOQUEIO	28	0.52
2.17.EU MESMO	28	0.52
3.1.LAZER	28	0.52
3.2.PERCEBER	27	0.50
3.3.FAMÍLIA	28	0.52
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	25	0.46
3.5.PUXADO	28	0.52
3.6.BOA RELAÇÃO	28	0.52
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	27	0.50
3.8. EU INTERIOR	28	0.52
3.9.AUTENTICIDADE	28	0.52
3.10.AUTO-ESTIMA	28	0.52
3.11.DESEJOS	28	0.52
3.12.CULTOS	27	0.50
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	28	0.52
3.14.TRABALHO ÚTIL	28	0.52
3.15.OCUPAÇÕES	28	0.52
3.16.IGNORAR TEMPORARIAME	28	0.52
3.17.ATRASOS	27	0.50
3.18.NÃO É ÚTIL	26	0.48
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	28	0.52

ANEXO 13

CONTINUAÇÃO

4.1.BEM-ESTAR	28	0.52
4.2.MELHORAR COMPORTAME	28	0.52
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATI	28	0.52
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	28	0.52
4.5.ESTAR BEM	28	0.52
4.6.MODIFICAR	28	0.52
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	28	0.52
4.8.SAÚDE	28	0.52
4.9.ALIMENTAÇÃO	28	0.52
4.10.CONHECIMENTO	28	0.52
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	28	0.52
4.12.DROGAS	28	0.52
4.13.ESQUECER	28	0.52
4.14.JUSTIÇA	28	0.52
4.15.BOAS RELAÇÕES	28	0.52
4.16.MAL-HUMORADO	28	0.52
4.17.SINTONIZAR	28	0.52
4.18.COLABORAÇÃO	28	0.52
4.19.DORES	28	0.52
4.20.DESESPERO DE COMER	28	0.52
4.21.PEQUENAS CASCAS	28	0.52
4.22.NEUROSES	28	0.52
4.23.SEM FORÇAS	28	0.52
4.24.AUTOCRÍTICA	28	0.52
4.25.NADA ME ABALA	28	0.52
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	28	0.52
5.2.SUPERAÇÃO	28	0.52
5.3.IMPACIÊNCIA	28	0.52
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃ	28	0.52
5.5.PERDIDO PROFISSIONALME	28	0.52
5.6.BEBER	28	0.52
5.7.INTIMIDAR	28	0.52
5.8.NÃO APRECIO	28	0.52
5.9.FRUSTRAÇÃO	28	0.52
5.10.SUPERIOR	28	0.52
5.11.FELIZ COMIGO	28	0.52
5.12.FUMO	28	0.52
5.13.QUEM SOU	28	0.52
5.14.MINHAS IDÉIAS	28	0.52
5.15.AMADO E CUIDADO	28	0.52
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	28	0.52
5.17.APRECIO	28	0.52
5.18.SENSIBILIDADE	27	0.50
5.19.DEFENDER	28	0.52
5.20.TRABALHO	28	0.52
5.21.SAIR CRISE	28	0.52
5.22.ENCARAR	28	0.52
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSION	28	0.52

ANEXO 14

ÍNDICE GERAL DE CRESCIMENTO DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DOS JORNALISTAS.

DEFINIÇÃO DO IGC -ÍNDICE GERAL DE CRESCIMENTO DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DOS JORNALISTAS

MASCULINO Variáveis	PRECISÃO DO ÍNDICE DE CRESCIMENTO DA QVI	PROBABILIDADE DO PESO DAS FQ.	TOTAL PRECISÃO DO CRESCIMENTO X PPF
1.1.INFORMAÇÃO	37	0.48	17.81481481
1.2.PARTICIPAÇÃO	3.6	0.48	1.733333333
1.3.ATUALIZAÇÃO	35.1	0.46	16.25
1.4.CONTRIBUIÇÕES	25.9	0.48	12.47037037
1.5.AMBIENTE TRABALHO	-16.7	0.46	-7.731481481
1.6.OBSERVAÇÃO	29.6	0.48	14.25185185
1.7.SEPARAÇÃO	33.4	0.48	16.08148148
1.8.RECOMPENSA	-29.6	0.48	-14.25185185
1.9.INCENTIVOS	-27.8	0.46	-12.87037037
1.10.ADMINISTRAR	33.3	0.48	16.03333333
1.11.CRESCIMENTO	-25.8	0.48	-12.42222222
1.12.PERFEIÇÃO	-11.1	0.48	-5.344444444
1.13.ESTRESSE	0	0.48	0
1.14.HORAS EXTRAS	-11.1	0.48	-5.344444444
1.15.LAZER	-42.6	0.46	-19.72222222
1.16.VÁRIAS COISAS	40.8	0.48	19.64444444
1.17.NÃO RECOMPENSA	-18.5	0.48	-8.907407407
1.18.ESFORÇO	44.4	0.48	21.37777778
2.1.DEPRESSÃO	37	0.44	16.44444444
2.2.CRIATIVIDADE NULA	48.2	0.48	23.20740741
2.3.CANSAÇO	37	0.48	17.81481481
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	29.6	0.48	14.25185185
2.5.PENSAR	37	0.48	17.81481481
2.6.INSÔNIA	44.5	0.48	21.42592593
2.7.DORMIR	22.2	0.48	10.68888889
2.8.PRAZER	33.3	0.48	16.03333333
2.9.TENSÃO	38.8	0.46	17.96296296
2.10.ACORDAR	29.6	0.48	14.25185185
2.11.SONO LEVE	18.5	0.48	8.907407407
2.12.FAZER	3.6	0.48	1.733333333
2.13.LUTAR	25.9	0.48	12.47037037
2.14.EQUILÍBRIO	33.3	0.48	16.03333333
2.15.AÇÕES	25.9	0.48	12.47037037
2.16.DESBLOQUEIO	-14.9	0.48	-7.174074074
2.17.EU MESMO	22.2	0.48	10.68888889
3.1.LAZER	-14.8	0.44	-6.577777778
3.2.PERCEBER	22.2	0.48	10.68888889
3.3.FAMÍLIA	-11.2	0.48	-5.392592593
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	-22.3	0.48	-10.73703704
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	27.7	0.46	12.82407407
3.6.BOA RELAÇÃO	7.3	0.48	3.514814815
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	-2	0.46	-0.925925926
3.8. EU INTERIOR	35.1	0.46	16.25
3.9.AUTENTICIDADE	42.6	0.46	19.72222222
3.10.AUTO-ESTIMA	31.4	0.46	14.53703704
3.11.DESEJOS	-3.8	0.48	-1.82962963
3.12.CULTOS	-4	0.48	-1.925925926
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	-24	0.46	-11.11111111
3.14.TRABALHO ÚTIL	44.4	0.48	21.37777778
3.15.OCUPAÇÕES	24.1	0.46	11.15740741
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENT	-11	0.48	-5.296296296
3.17.ATRASOS	44.4	0.48	21.37777778
3.18.NÃO É ÚTIL	48.2	0.48	23.20740741
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	22.1	0.48	10.64074074

CONTINUAÇÃO 1

4.1.BEM-ESTAR	24	0.43	10.22222222
4.2.MELHORAR COMPORTAMENT	38.9	0.46	18.00925926
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVA	22.2	0.48	10.68888889
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	7.4	0.48	3.562962963
4.5.ESTAR BEM	44.4	0.48	21.37777778
4.6.MODIFICAR	22.2	0.48	10.68888889
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	3.6	0.48	1.733333333
4.8.SAÚDE	-14.8	0.48	-7.125925926
4.9.ALIMENTAÇÃO	5.5	0.46	2.546296296
4.10.CONHECIMENTO	18.5	0.48	8.907407407
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	31.5	0.46	14.58333333
4.12.DROGAS	48.2	0.48	23.20740741
4.13.ESQUECER	40.7	0.48	19.5962963
4.14.JUSTIÇA	0	0.48	0
4.15.BOAS RELAÇÕES	42.5	0.46	19.67592593
4.16.MAL-HUMORADO	37.1	0.48	17.86296296
4.17.SINTONIZAR	33.4	0.48	16.08148148
4.18.COLABORAÇÃO	18.4	0.48	8.859259259
4.19.DORES	22.2	0.48	10.68888889
4.20.DESESPERO DE COMER	32.6	0.48	15.6962963
4.21.PEQUENAS CASCAS	22.2	0.48	10.68888889
4.22.NEUROSES	44.4	0.48	21.37777778
4.23.SEM FORÇAS	48.2	0.48	23.20740741
4.24.AUTOCRÍTICA	22.2	0.48	10.68888889
4.25.NADA ME ABALA	-14.8	0.48	-7.125925926
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	31.4	0.46	14.53703704
5.2.SUPERAÇÃO	35.1	0.46	16.25
5.3.IMPACIÊNCIA	44.5	0.48	21.42592593
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	22.2	0.48	10.68888889
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENT	48.2	0.48	23.20740741
5.6.BEBER	37	0.48	17.81481481
5.7.INTIMIDAR	44.4	0.48	21.37777778
5.8.NÃO APRECIO	48.2	0.48	23.20740741
5.9.FRUSTRAÇÃO	26	0.48	12.51851852
5.10.SUPERIOR	44.4	0.48	21.37777778
5.11.FELIZ COMIGO	40.7	0.48	19.5962963
5.12.FUMO	38.8	0.46	17.96296296
5.13.QUEM SOU	44.4	0.48	21.37777778
5.14.MINHAS IDÉIAS	0	0.48	0
5.15.AMADO E CUIDADO	-3.6	0.48	-1.733333333
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	46.3	0.46	21.43518519
5.17.APRECIO	37	0.48	17.81481481
5.18.SENSIBILIDADE	22.3	0.48	10.73703704
5.19.DEFENDER	-33.4	0.48	-16.08148148
5.20.TRABALHO	0.1	0.48	0.048148148
5.21.SAIR CRISE	18.5	0.48	8.907407407
5.22.ENCARAR	29.6	0.48	14.25185185
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAI	40.8	0.48	19.64444444

ANEXO 14

DEFINIÇÃO DO IGC -ÍNDICE GERAL DE CRESCIMENTO
DA QUALIDADE DE VIDA INDIVIDUAL DOS JORNALISTAS

FEMININO Variáveis	PRECISÃO DO CRESCIMENTO DA QVI	PROBABILIDADE DO PESO DAS FQ.	TOTAL PRECISÃO DO CRESCIMENTO X PPF	ÍNDICE GERAL
1.1.INFORMAÇÃO	44.3	0.52	22.97037037	40.78518519
1.2.PARTICIPAÇÃO	-25.9	0.52	-13.42962963	-11.6962963
1.3.ATUALIZAÇÃO	25.9	0.52	13.42962963	29.67962963
1.4.CONTRIBUIÇÕES	33.3	0.52	17.26666667	29.73703704
1.5.AMBIENTE TRABALHO	-18.5	0.52	-9.592592593	-17.32407407
1.6.OBSERVAÇÃO	37.1	0.52	19.23703704	33.48888889
1.7.SEPARAÇÃO	40.7	0.52	21.1037037	37.18518519
1.8.RECOMPENSA	-25.9	0.52	-13.42962963	-27.68148148
1.9.INCENTIVOS	-22.2	0.52	-11.51111111	-24.38148148
1.10.ADMINISTRAR	44.5	0.52	23.07407407	39.10740741
1.11.CRESCIMENTO	-7.4	0.52	-3.837037037	-16.25925926
1.12.PERFEIÇÃO	-33.3	0.52	-17.26666667	-22.61111111
1.13.ESTRESSE	7.5	0.52	3.888888889	3.888888889
1.14.HORAS EXTRAS	13.1	0.50	6.55	1.205555556
1.15.LAZER	-44.5	0.52	-23.07407407	-42.7962963
1.16.VÁRIAS COISAS	38.9	0.50	19.45	39.09444444
1.17.NÃO RECOMPENSA	-22.2	0.52	-11.51111111	-20.41851852
1.18.ESFORÇO	46.2	0.50	23.1	44.47777778
2.1.DEPRESSÃO	37.1	0.52	19.23703704	35.68148148
2.2.CRIATIVIDADE NULA	40.7	0.52	21.1037037	44.31111111
2.3.CANSAÇO	36.9	0.52	19.13333333	36.94814815
2.4.INSÔNIA ANSIEDADE	18.5	0.52	9.592592593	23.84444444
2.5.PENSAR	22.3	0.52	11.56296296	29.37777778
2.6.INSÔNIA	36.9	0.52	19.13333333	40.55925926
2.7.DORMIR	14.9	0.52	7.725925926	18.41481481
2.8.PRAZER	22.2	0.52	11.51111111	27.54444444
2.9.TENSÃO	29.7	0.52	15.4	33.36296296
2.10.ACORDAR	42.5	0.50	21.25	35.50185185
2.11.SONO LEVE	22.3	0.52	11.56296296	20.47037037
2.12.FAZER	14.7	0.52	7.622222222	9.355555556
2.13.LUTAR	33.3	0.52	17.26666667	29.73703704
2.14.EQUILÍBRIO	37.1	0.52	19.23703704	35.27037037
2.15.AÇÕES	37	0.52	19.18518519	31.65555556
2.16.DESBLOQUEIO	-44.5	0.52	-23.07407407	-30.24814815
2.17.EU MESMO	33.3	0.52	17.26666667	27.95555556
3.1.LAZER	-14.8	0.52	-7.674074074	-14.25185185
3.2.PERCEBER	20.3	0.50	10.15	20.83888889
3.3.FAMÍLIA	-0.1	0.52	-0.051851852	-5.444444444
3.4.ATIVIDADE FÍSICA	-1.9	0.46	-0.87962963	-11.61666667
3.5.EXCESSO DE TRABALHO	29.6	0.52	15.34814815	28.17222222
3.6.BOA RELAÇÃO	3.6	0.52	1.866666667	5.381481481
3.7.ASPECTO ESPIRITUAL	5.5	0.50	2.75	1.824074074
3.8. EU INTERIOR	11	0.52	5.703703704	21.9537037
3.9.AUTENTICIDADE	51.9	0.52	26.91111111	46.63333333
3.10.AUTO-ESTIMA	11.1	0.52	5.755555556	20.29259259
3.11.DESEJOS	-11.1	0.52	-5.755555556	-7.585185185
3.12.CULTOS	-5.6	0.50	-2.8	-4.725925926
3.13.ATIVIDADE FÍSICA	-7.4	0.52	-3.837037037	-14.94814815
3.14.TRABALHO ÚTIL	36.9	0.52	19.13333333	40.51111111
3.15.OCUPAÇÕES	25.9	0.52	13.42962963	24.58703704
3.16.IGNORAR TEMPORARIAMENTE	-18.5	0.52	-9.592592593	-14.88888889
3.17.ATRASOS	38.8	0.50	19.4	40.77777778
3.18.NÃO É ÚTIL	44.4	0.48	21.37777778	44.58518519
3.19.ADMINISTRAR SITUAÇÕES	-11.1	0.52	-5.755555556	4.885185185

CONTINUAÇÃO 2

4.1.BEM-ESTAR	18.5	0.52	9.592592593	19.81481481
4.2.MELHORAR COMPORTAMENTO	37.1	0.52	19.23703704	37.2462963
4.3.CARACTERÍSTICAS NEGATIVAS	18.5	0.52	9.592592593	20.28148148
4.4.EVITAR SITUAÇÕES	-3.7	0.52	-1.918518519	1.644444444
4.5.ESTAR BEM	48.1	0.52	24.94074074	46.31851852
4.6.MODIFICAR	22.2	0.52	11.51111111	22.2
4.7.DISTÚRBIOS EMOCIONAIS	11.1	0.52	5.755555556	7.488888889
4.8.SAÚDE	18.4	0.52	9.540740741	2.414814815
4.9.ALIMENTAÇÃO	3.7	0.52	1.918518519	4.464814815
4.10.CONHECIMENTO	14.8	0.52	7.674074074	16.58148148
4.11.NÍVEIS DE PRESSÃO	29.6	0.52	15.34814815	29.93148148
4.12.DROGAS	44.5	0.52	23.07407407	46.28148148
4.13.ESQUECER	29.7	0.52	15.4	34.9962963
4.14.JUSTIÇA	14.7	0.52	7.622222222	7.622222222
4.15.BOAS RELAÇÕES	51.8	0.52	26.85925926	46.53518519
4.16.MAL-HUMORADO	40.7	0.52	21.1037037	38.96666667
4.17.SINTONIZAR	22.1	0.52	11.45925926	27.54074074
4.18.COLABORAÇÃO	25.9	0.52	13.42962963	22.28888889
4.19.DORES	18.6	0.52	9.644444444	20.33333333
4.20.DESESPERO DE COMER	25.9	0.52	13.42962963	29.12592593
4.21.PEQUENAS CASCAS	12.9	0.52	6.688888889	17.37777778
4.22.NEUROSES	29.6	0.52	15.34814815	36.72592593
4.23.SEM FORÇAS	37.1	0.52	19.23703704	42.44444444
4.24.AUTOCRÍTICA	-3.7	0.52	-1.918518519	8.77037037
4.25.NADA ME ABALA	-14.8	0.52	-7.674074074	-14.8
5.1.FELIZ PROFISSIONALMENTE	33.3	0.52	17.26666667	31.8037037
5.2.SUPERAÇÃO	22.2	0.52	11.51111111	27.76111111
5.3.IMPACIÊNCIA	44.4	0.52	23.02222222	44.44814815
5.4.COMPREENSÃO ACEITAÇÃO	29.6	0.52	15.34814815	26.03703704
5.5.PERDIDO PROFISSIONALMENTE	40.8	0.52	21.15555556	44.36296296
5.6.BEBER	25.9	0.52	13.42962963	31.24444444
5.7.INTIMIDAR	37	0.52	19.18518519	40.56296296
5.8.NÃO APRECIO	44.5	0.52	23.07407407	46.28148148
5.9.FRUSTRAÇÃO	14.8	0.52	7.674074074	20.19259259
5.10.SUPERIOR	37.1	0.52	19.23703704	40.61481481
5.11.FELIZ COMIGO	22.2	0.52	11.51111111	31.10740741
5.12.FUMO	44.5	0.52	23.07407407	41.03703704
5.13.QUEM SOU	44.5	0.52	23.07407407	44.45185185
5.14.MINHAS IDÉIAS	-22.1	0.52	-11.45925926	-11.45925926
5.15.AMADO E CUIDADO	-29.6	0.52	-15.34814815	-17.08148148
5.16.FRUSTRAÇÃO COMIGO	40.7	0.52	21.1037037	42.53888889
5.17.APRECIO	37	0.52	19.18518519	37
5.18.SENSIBILIDADE	31.5	0.50	15.75	26.48703704
5.19.DEFENDER	-33.3	0.52	-17.26666667	-33.34814815
5.20.TRABALHO	0	0.52	0	0.048148148
5.21.SAIR CRISE	14.8	0.52	7.674074074	16.58148148
5.22.ENCARAR	37	0.52	19.18518519	33.43703704
5.23.FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL	44.4	0.52	23.02222222	42.66666667

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo